

CAMILO CASTELO BRANCO
MEMÓRIAS
DO CÁRCERE



N I M P R E N S A
N A C I O N A L

CAMILO CASTELO BRANCO
MEMÓRIAS
DO CÁRCERE



Edição de Ivo Castro e Raquel Oliveira

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

LISBOA - 2020

© **N** I M P R E N S A
N A C I O N A L

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
prelo.incm.pt
editorial.apoiocliente@incm.pt

Design da coleção: Undo
Paginação e capa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Tipos de letra: Znikomit e Minion Pro

Edição digital gratuita, abril de 2020
© Imprensa Nacional-Casa da Moeda

MEMORIAS DO CARCERE

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

SEGUNDA EDIÇÃO REVISTA PELO AUTHOR

PORTO

EM CASA DA VIÚVA MORÉ — EDITORA

1864

PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

As *Memórias do Cárcere* foram escritas na convalescença duma grande enfermidade moral. Conheci quanto pode o homem sobre si próprio, em quarenta dias de laboriosa provação, que tantos empreguei em ordenar estes quadros, que constituíram dois pequenos volumes da primeira publicação. Consistiu a minha luta em fingir uma estoica serenidade, que, tão ao revés da minha índole, vinguei e dissimulei. Assim mesmo haviam relanços no livro em que o propósito não lograra sopesar o espírito. Esses relanços desagradam-me agora, e hei de cancelá-los espontaneamente. Ainda bem que de mui pouco incomoda o arrependimento. Se me disserem que outro homem poderia dar mais louvável exemplo de cordura e mansidão, responderei que exemplo mais louvável só poderia dá-lo quem se calasse, em analogia de circunstâncias. Isso, a tê-lo eu feito, me seria agora motivo de muito orgulho — o orgulho de quem se alevanta superior às dores e às afrontas.

Este livro esteve a naufragar, quando eu cuidava que ele ia velejando em mar de leite. O título dera esperanças, que o texto desmentira. Afizera-se o venerando público à ideia de que as *Memórias do Cárcere* eram uma diatribe eriçada de injúrias, sarcasmos e glosas ao escândalo, que desgraçadamente as dispensava: tão à luz do Sol se desnudara arrastado por praças e tribunais. Saiu o livro, mentindo às esperanças de muita gente, que o esperava à feição

de sua vontade para ter o prazer de me condenar. O resultado foi condenarem-me porque raras vezes estas páginas se enlamearam no assunto lastimável que as sugeriu.

Para contrafazer ao desconceito que algumas pessoas votaram ao livro, saiu-me favorável o parecer doutras, que mostraram desejo de ver esta obra expurgada de algumas manchas que lhe afeiam a continente placidez com que discorre quasi sempre arredada da minha questão toda pessoal, e por isso mesmo odiosíssima.

Desgostos mais graves me sobrevieram. Inimigos mais estúpidos que maus quiseram ver, no modo como falei do meu prestante e obsequiador amigo José Cardoso Vieira de Castro, uma intencional e pouco rebuçada desconsideração. Doeu-me deveras isto, mormente porque Vieira de Castro, de feito, se quis ver desconsiderado nesses períodos, que vão agora integralmente reproduzidos. A calúnia do gentio, empenhado em desatar os laços de muita estima e obrigação que me ligam àquele cavalheiro, enojava-me; porém, o assentimento do moço ilustrado às aleivosias dos lorpas doeu-me no mais sensível da minha alma. Se eu agora retocasse alguma das palavras referidas ao meu amigo, quem maior testemunho dava da sua miséria seria eu. Os alarves batiam as palmas, e Vieira de Castro pasmaria!

A imprensa periódica foi benigna com este livro. Nenhuma crítica, ao menos das que eu li, me infamou de escandaloso o escrito. Grande número dos censores notaram e louvaram a inofensiva contextura destas historietas, que, em geral, miravam a fazerem-se ler alegremente. Se o consegui, esta suprema violência, que fiz ao meu espírito, deverá ser tida em conta, não de habilidade, mas de muitíssima força d' alma.

CAMILO CASTELO BRANCO

DISCURSO PRELIMINAR

Quem vir, em obra de tão pouca monta, o empavesado introitoidum *discurso preliminar*, entra logo também a sorrir do desvanecimento com que um fútil romancista vem com sua obra arreada de composturas, que só concertam ao justo em escritos de ciência, de filosofia, de história, e algumas vezes nos reportórios.

Acudo eu logo, por minha modéstia e bom juízo, alegando que *discurso preliminar*, neste caso, quer dizer que o autor, antes de folhear os seus apontamentos do cárcere, há de entreter-se algum pouco espaço com recordações, nem mais saudosas, nem gratas, que as dos ferros, mas benquistas do espírito e da gratidão, que as reservou para esta hora. De gratidão, digo, e depois virá o porquê.

Em uma risonha tarde de maio de 1860 chilreavam as aves o seu hino crepuscular e de despedida ao formoso sol daquele dia. Os coretos dos alados cantores eram as amoreiras e acácias floridas da Praça de D. Pedro, as quais vaporavam de suas urnas de branco e rosa aromas suavíssimos. Por entre o arvoredos andavam passeando e deliciando os amantes da natureza; e ela, deles namorada, parecia guardar-lhes para a noite os seus enfeites de mais primor, como fina amante, que mais se poetiza e doura, e entenece ao pálido luzir das estrelas.

E estava eu contemplativo e devaneando nisto, quando a carta de um amigo me avisou de uma sentença que me privava de

contemplar as acácias, e aspirar os aromas, e escutar arrobado os hinos das aves. Ao aviso acrescia o conselho da imediata saída do Porto, antes que os aguazis me levassem a sítio onde os perfumes das árvores em flor da Praça de D. Pedro deviam chegar muito degenerados.

Pareceu-me razoável este argumento de perfumes, e aceitei o alvitre do desterro, desterro voluntário para onde quer que a superabundância de getas me desse azo a julgar-me em parêlhas com Ovídio, comparação em que tanto Ovídio como as nossas províncias do norte se deviam magoar por igual, se o autor não estivesse gracejando.

Às nove horas da noite desse dia, aí perto da Igreja do Bonfim, senti a consolação das lágrimas, não minhas, lágrimas estranhas, que são, em alma adusta, como a nuvem, que o céu abriu em vertentes sobre a terra rescaldada. Este chorar consolador era de homem, que vai a meio caminho da vida com a mimosa sensibilidade dos quinze anos. Era Custódio José Vieira, o fervente tribuno, o cavalheiro pundonoroso até à bravura, o jornalista virulento, o advogado incendiado em seus raptos de energia.

Quem dirá que chora Custódio José Vieira? Quantas vezes eu tenho pedido aos seus maus julgadores, que o reputem menos sanhudo que o leão da Numídia e o tigre de Bengala! Os que o viram tribuno, nas praças e na imprensa, dizem que ele seria capaz de devorar uma família real inteira como quem come um pastelão de pombos. Os que o ouviram nos tribunais, pedindo aos próceres da república que se lavassem de nódoas indecorosas à sua memória, aventaram nele o sanguinário orador romano, que pedia a cabeça de Catilina. Os que o viram ir a longes terras pedir desafronta, se por ventura dois talentos podem sair-se com afrontamento digno de reparação, cuidaram que o timbroso moço queria ensopar as mãos em sangue, e formar no seu gabinete pavoroso uma galeria de crânios.

Ora vejam que mal o julgava o mundo! Custódio José Vieira, se visse um rei em perigo de cair nas garras de algum Cromwell, o primeiro em quem ele batia era no Cromwell. Se Custódio José Vieira

visse a desonra dum estadista — imerecida desonra — promulgada pelo triunfo caviloso de sua eloquência, o mais atormentado pela calúnia não seria o réu. O acusador, cedo ou tarde convencido de sua iniquidade, iria buscar o holocausto de alheios vícios para lhe dizer no pináculo das honras, ou no raso da sepultura: «Na minha voz repercutiu a voz do mundo, por isso te acusei. Podias lançar de ti o estigma. Não quiseste: sabias que o segredo revelado da tua comiseração te restauraria a honra, acrescentada em outras que se não alcançam por trilhas vulgares. Enquanto os teus mais grados malsins de inventados crimes te gemem elegias ao pé do esquife, sem rasgarem as páginas em que te marearam a velhice, venho eu aqui dizer-te, ó grande que ora és nada, que iniquamente foste infamado, e eu, na torrente dos injustos, injusto fui contigo. Aqui deixo em pó, ao lado de tuas cinzas, a página, que dei para o falso apreço de tua vida pública e íntima. Se deste ato me converterem a dignidade em peçonha, tragá-la-ei, para que assim pela expiação se vá remindo a consciência inquieta.»

Assim faria... Assim fez Custódio José Vieira. Tragou a peçonha. Na mansidão com que respondia à crueza dos que a miúdo lha emborcavam, é que se transluzia a máxima virtude da serenidade na expiação.

Já todos, aqueles ao menos que viram as últimas pelejas dos ódios políticos, sabem que se alude aqui a Rodrigo da Fonseca Magalhães, o homem que ainda viram mais mal julgado por homens os fastos das nações; o eleito da Providência para morrer já quando as sanhas das fações partidárias estrebuchavam debaixo de seus pés, tendo ele nos lábios o sorriso de Hércules, que despedaçava serpentes no berço, como quem com elas se estava divertindo*.

* Em 1852, o ministro Fonseca de Magalhães foi vigorosamente ultrajado por um escritor de vasto engenho e absoluta carência de juízo. Ainda não esqueceu D. João de Azevedo, o virulento autor de *Costa Cabral em relevo*, e outros opúsculos de petulante e excruciante ódio político. Este era o implacável inimigo de R. da Fonseca Magalhães. D. João de Azevedo morreu de congestão cerebral, no afogo de seu rancor ao ministro, e morreu tão pobre que não havia com que pagar a sege que levasse

Hão de dizer-me que mal cerzida veio para aqui esta nesga impertinente. Não me defendo da censura, que é justa, e vou atar o fio, certo que mereci, por minha humildade, granjear outra vez a atenção de quem sabe perdoar a velhos as delongas e desvios por onde o espírito lhes anda derramado.

Era tudo, e tudo veio para dizer que Custódio José Vieira é uma nobre e compassiva alma. Nunca vi chorar outro homem por minhas dores.

Ali, sob os muros do átrio da igreja, me embarquei na «diligência» que partia, mais duvidosa do seu destino, para a Régua, do que a nau de Cristóvão Colombo para o novo mundo.

Éramos seis os audaciosos passageiros. Os irmãos Montgolfier, primeiros invasores das regiões da águia, das nuvens, e dos relâmpagos, teriam de invejar-nos a coragem, se ela fosse menos obscura. A cada estalido do chicote as parelhas davam o que podiam — um gemido com suas variantes de couce, no qual invidavam quanta força lhes dava a cólera do ultraje, que os cerros eram surdos, como os dos épicos cavalos de Tolentino.

Os meus companheiros iam pasmados do vagar da carroça, e do estrondo das molas, que simulavam o incessante levar de amarras duma nau de três pontes. Estes pasmos eram todos exclamativos, mas a miúdo cortados pelos solavancos do carro. À minha mão direita estava um sujeito, o qual me fez começar ensaios de paciência, que me foram grande bem na inteireza de ânimo com que depois me afrontei a trabalhos maiores. Recebia-lhe a cabeça como o adarve de fortaleza receberia os embates compassados dum aríete. Quando, à luz matutina, lhe vi a cabeça, achei razoável a dureza da pancada.

o cadáver ao cemitério. Rodrigo recebeu a notícia da morte e da pobreza do morto, e logo escreveu a um amigo incumbindo-o de ocorrer, a ocultas, às despesas dum decente enterro. Nesta carta, que conservo autógrafa entre os meus papéis, que deixei em Lisboa, o ministro engrandece o talento de D. João, e lamenta que os infortúnios e desconcertos da razão o encaminhassem por tão errada vereda. Este facto, ignorado dos biógrafos do grande liberal, dispensa a resenha doutros. Está nele definida a nobilíssima condição daquele homem, que foi uma honra nacional. *(Nota da segunda edição.)*

Era o sujeito um presbítero dos arrabaldes de Penafiel, que viera a concurso numa igreja ao Porto, e aqui deixara a porção imaterial de sua cabeça, o elemento fosfórico * , que era certamente a teologia. O que levava para casa, na grande caixa craniana, enquanto a mim e às contusões do meu ombro direito, devia ser o encéfalo pesado como chumbo. Não tive tempo de perguntar ao clérigo o que prometiam os teólogos a quem sofria com paciência as marradas do próximo. Vi-o apear em Penafiel, e, a seu pedido, dei-lhe um saquito, que ficara no desvão do banco. «São naturalmente os breviários» disse eu comigo; mas, como eu tomasse o saco pelo fundo, o conteúdo saiu pela boca: era uma rosca de pão-de-ló, e um queijo flamengo.

Os outros companheiros eram cinco pessoas, que denunciavam boa gente da lavoira, aí das cercanias de Amarante e Mesão Frio. Saudaram o sol com um trejeito de desdém, e continuaram a dormir. O meu vizinho fronteiro remediou parte das incomodidades do leito, estendendo a perna direita sobre os meus joelhos. Logo que despertou, disse-lhe eu que podia ele estender a outra perna, se tinha gosto nisso. O homem redobrou de delicadeza para comigo, retirando-as ambas, e praguejando contra o carro. Apearam em Amarante alguns dos passageiros, e entraram outros. Era um destes, pessoa de venerável sombra e muitos anos marcados pela alvura das barbas, que lhe cobriam o peito. Não me lembra bem como caiu a propósito o conversarmos: penso que foi por amor dum livro, que o velho, a espaços, abria e fechava meditativo. Relanceei a vista a furto, e divisei que era livro de versos. Dobrou a curiosidade. A poesia naquela decrepidez, a meu ver, só acertava bem tendo o travo lagrimoso dos salmos penitentes. Reparei novamente. O velho deu conta da minha espionagem, e disse afetuosamente:

— Pode ver, se quiser.

* Teorias psicológicas da Alemanha asseveram, em nome da química, que o elemento intelectual do cérebro é o *fósforo*. A química é terrível! (*Nota da segunda edição.*)

Eram poesias do senhor João Joaquim de Almeida Braga, poeta bracarense, que eu já conhecia como mancebo de muito boa índole literária e incansável estudo de livros úteis. Acertei de abrir a brochura em página, cuja poesia começava sob a epígrafe — PORTUGAL — , se bem me lembro. As margens desta e das seguintes páginas estavam anotadas por miúda e cerrada caligrafia. Li de fugida algumas notas, que me pareceram pueris. Eram apóstrofes ao mau uso que os homens faziam da sua liberdade, e aos ingratos que deixavam morrer de míngua os melhores soldados da restauração. Isto não é pueril; o modo como aquelas ideias estavam formuladas é que tinha ares de objurgatória de criança.

— Estes comentários são do senhor? — disse eu ao velho.

— São meus.

E daqui principiou a contar-me uma história que durou cinco horas, e que eu resumo em dois minutos.

O velho era um fidalgo do Alto Douro, que residia no Porto, onde esmolava para si e sua velha consorte a parca subsistência, que algumas famílias nobres lhes davam. Servira a pátria na guerra peninsular, e armara e arreara à sua custa um esquadrão de cavalaria. Saudara a ideia da liberdade, e desterrara-se por amor dela. Voltando à pátria encontrara sua mulher desapossada de quatro vínculos, e senhora apenas de propriedades incapazes de ocorrer à sustentação de ambos. Litigou os bens, que eu não sei se de justiça lhe pertenciam, e perdeu os pleitos, consumindo o restante de seus haveres no custeio da justiça. Agora ia ele à Régua cometer conciliação ao possuidor da última quinta litigada. Foi infeliz na tentativa, porque, decorridos meses, me visitou na cadeia, pedindo-me lhe escrevesse uma petição ao Senhor D. Pedro V, que demorava então no Porto, solicitando da piedade d'el-rei uma esmola.

Soube eu que o venerando ancião se apresentara ao monarca, e fora reconhecido do senhor marquês de Ficalho, e de crer é que a compassiva alma do íntimo amigo do rei consolasse as amarguras do seu velho camarada da Terceira.

Nas minhas voltas pela província de Trás-os-Montes procurei, todas as vezes que passei na Régua, o pobre comentador das poesias do senhor Almeida Braga, e encontrei-o sempre escrevendo e declamando, a seu modo, contra as injustiças dos homens, e a ingratidão dos seus camaradas.

É possível que a mordança da fome já tenha a esta hora desapressado o género humano das censuras do velho. Não sei no Porto a casa em que vivia, nem o cômodo do cemitério onde possa estar.

Despedi-me do fidalgo pobre, na estalagem da Régua, e cavalguei em direção a Vila Real, pátria de meu pai, e a minha primeira paragem depois que a orfandade, aos nove anos, com a sua escolta de infortúnios começou a andar comigo de inferno em inferno. Na primeira aldeia intermédia à Régua e Vila Real, olhei dum alto para a cúpula azulada do céu, que poderia ser o do Porto. Estava no ocidente o sol, e cintado de escarlate o horizonte. Parei, contemplei, e ouvi o zumbido dos insetos, que brincavam na folhagem dos vinhedos. Levei a vista do coração aos sítios onde correrá a minha infância, não ditosa, mas despreocupada do seu mau destino. Cuidava eu que o anjo da minha infantil poesia me chamaria lá. Avoquei todas as reminiscências gratas: eram poucas; mas essas mesmas se esquivaram.

Não avultaria de certo mais de negro e repelente a perspetiva do desterro a um condenado, do que a mim, naquela hora, se afigurou a terra que eu, de muito, trazia no desejo de ver, cuidando remoçar e aquecer, em certas relvadas da margem do Corgo, e sob a copa de relembradas árvores, a parte do coração avelhentada e tolhida pelo gear do meu prematuro inverno. O criado, que me seguia, imparveceu quando viu o meu súbito retrocesso para a Régua. Seguiu-me, sem discutir comigo a topografia da localidade. Na Régua entreguei-lhe o cavalo, e mandei-o para a minha família, donde viera.

— Que hei de eu dizer lá em casa?! — perguntava pela terceira vez o criado.

— Diz que me deixaste doido.

— A falar a verdade... — retrucou o moço — se o não está, parece-o. Que hei de dizer eu a sua irmã?

— Diz-lhe que fiquei doido.

O criado foi jurar a minha demência. Que admira, se Custódio José Vieira nessa noite a jurou também, vendo um telegrama em que eu anunciava a minha volta às odoríferas acácias da Praça de D. Pedro?!

Ao outro dia encontrei Custódio José Vieira em Valongo, e com ele a pavorosa enumeração dos tormentos, que me estavam esperando no Porto. Não esqueceram ao meu amigo os calcinados areais d' África, nem a carneirada, que tudo, pelos modos, a sã moral me decretava. Em compensação, Custódio José Vieira destinava-me as águas-furtadas da sua casa, e a companhia de sua carinhosa mãe, alma de antiga têmpera, que adota como filhos de sua compaixão todos os infelizes.

Ali estive naquelas águas-furtadas um mês. Não li, não escrevi, nem pensei. Alguns amigos leais me levavam de dias a dias o seu medo da minha captura. No aspeto deles o terror assumia as proporções naturais em amigos, que visitassem um regicida. Olhavam para a minha cabeça, como se já cuidassem vê-la desencaixada das vértebras pelo repelão supremo do verdugo. Entrei em mim numa dessas misteriosas práticas com os meus amigos, vi a profundidade da voragem que ameaçava engolir-me, e deliberei fugir.

A este tempo, o marido de minha irmã chegava a procurar-me no Porto, chamado pelo telégrafo. Acompanhei-o, e não pude fugir-lhe do caminho. Vi minha família, que deixara doze anos antes. Desconheci-a. A irmã de meu pai, decrépita e cadavérica, disse-me que era necessário ser desgraçado para não contradizer os fados de nossa família. Minha irmã, que eu deixara viçosa e bela com duas crianças a brincarem-lhe no regaço, mostrou-me a filha em projetos de casamento, e o filho, pouco depois, académico do primeiro ano jurídico. Ai! ela quáo depressa envelhecera! Como o coração me chorava em saudades do tempo que ela tinha bonecas aos catorze anos, as quais eram casadas com uns bonecos, que eu tinha aos nove anos!

— Lembra-se como se chamava o seu boneco? — disse-me ela.

— Não.

— Era Gervásio. E a minha boneca, lembra-se?

— Também não.

— Era Gervásia. Talvez que o mano se não lembre do modo de vida que eles tinham.

— Os bonecos?! Pois eles tinham modo de vida?

— Tinham: eram boticários. Pois não se recorda que as garrafas dos remédios eram pevides d' abóbora?!

— Agora me lembro; e a mana desavinha-se comigo por eu querer que o marido exercitasse o seu natural domínio da família.

— É verdade, até por sinal uma vez o Camilo vingou o boticário, atirando com a esposa ao teto da casa, de modo que a arreventou, e saíram-lhe pelas costas as entranhas, que eram de farelo. Recorda-se?

— Do farelo não me recordava; mas é uma encantadora recordação essa, minha irmã!

Estes colóquios eram interrompidos a miúdo pelos cavalheiros de Vila Real, a quem devo tamanhos afetos de estima, que seria baldo empenho encarecer palavras de reconhecimento.

Mas, nestas visitas, que impressões melancólicas! Sabiam-me velhos os sócios da infância, e graves e circunspectos, com óculos de prata e caixa de rapé, uns rapazes que tinham sido meus émulos na destreza e pontaria da pedrada, em que venci muitas vezes os primeiros.

Estive dois dias com minha irmã. Ao terceiro, a inquietação insofrida, o espinho fatal, que me rasga as cicatrizes do coração apenas fecham, cerrou-me os ouvidos às razões amoráveis e judiciosas da minha família, e de sinceros amigos. Quasi fugido, voltei para o Porto, e vi as amoreiras e as acácias da Praça de D. Pedro mais floridas e aromáticas que nunca.

Refrigerados os ardores da quasi infantil saudade da terra em que entrevira o crepúsculo, o crepúsculo somente do meu primeiro dia feliz, saí do Porto, e fui a Guimarães não sei para quê, nem com que destino.

Não sei como é que os desgraçados se consolam viajando! Penso que a dor da alma venda aos olhos do rosto o que há belo na natureza, e na mudança das cenas dela. Só bem contempla, e folga de contemplar, o juízo que bem regula, e os sentidos desapaixonados e desprendidos de afetos, que mandam connosco a mortificação da saudade.

Vi lá em baixo, entre florestas e jardins, o berço da monarquia, a faustuosa cidade que teve academia de sábios, que rivalizava com as mais graduadas, em seu tempo, na capital. Nada me lembrou de Guimarães, ao descortiná-la por entre a abóbada do arvoredo, senão que ali haveria um leito onde eu encostasse a cabeça esvaída de febre. Nem sequer me ocorreu que as mais lindas mulheres, que um viajante francês encontrara na península, eram de Guimarães; e que, numa aldeia daqueles arrabaldes, também ao senhor A. Herculano se depararam as mais formosas.

Muita coisa haveria bonita em Guimarães; mas o que não houve lá para mim foi um leito onde encostasse a cabeça.

Guiaram-me para, o primeiro hotel da terra, denominado *o da Joanhinha*.

Este nome soara-me como de bom agouro.

Muita gente desadora o nome *Joana*. Eu também tinha esse capricho de mera eufonia, antes de Almeida Garrett lhe dar foros de lindeza, que os não tem de maior melodia Beatriz ou Laura. Antes das *Viagens na minha terra* todas as Joanas, excetuada a santa, vistas à luz da história, me pareciam viragos, mulheres-homens refratárias a ternuras, e desenfeitadas de seus naturais adornos.

Aí vai erudição a froixo, como é moda:

Joana de Navarra espostejou o exército do conde de Bar, como qualquer senhora de sua casa rasga peças de bretanha para o seu bragal.

Joana, mãe de Henrique IV, introduziu o calvinismo em França, e teve por isso o desgosto de morrer empeçonhada pelos católicos. Calvinista! Deus nos defenda.

Outra Joana Henriques, rainha de Navarra, morreu em guerra, defendendo uma praça da Catalunha.

Lembro-me agora duma Joana, que me faz piedade. Era a mãe de Carlos V, denominada a *Louca*. Ensandeceu-a o desprezo do marido, o arquiduque d' Áustria, que a teve em ferros cinquenta anos!

Mas outra Joana me acode logo a desvanecer a piedade daquela: é Joana de Nápoles, que faz matar o marido, e casa com o assassino, e por isso veio a morrer esganada.

Uma outra Joana, sucessora daquela, é uma ladainha de reais escândalos e homicídios de amantes.

Com Joana d' Arc não simpatizo. Aquela heroica restauração de Orleães, se fosse obra miraculosa da donzela, nem assim a lustrava mais em minha opinião. Uma menina, que acutilla ingleses por ordem da divindade, dá ruim ideia de Deus, e do seu coração.

E que me dizem duma Joana, que teve o desaforo de fingir-se homem, e subir na hierarquia eclesiástica até fazer-se papa, e denominar-se João VIII?! A esta hora estava este João canonizado, se Joana, quando ia em procissão, não dá à luz do dia e dos círios um robusto menino! Ora vejam por que mãos tem andado a tiara de S. Pedro! *

Não me lembram outras Joanas execráveis, senão a senhora Joaninha da estalagem de Guimarães.

O diminutivo aqui é figura que os retóricos nomeiam antífrase. Joaninha é duma velhez repelente, e está curtida em camadas de lixo empedrado. A sua casa é um pântano de miasmas, e os seus leitos guardam nas furnas, roídas pelo dente dos séculos, muito bicho, coevo do rei Bamba, que lhe cravou a oliveira à porta. O repasto, que ali se dá na banca de pinho contígua ao leito, seria um cozinhado de Locusta, se tivesse a subtileza dos celebrados venenos da romana. É coisa que puxa pelo estômago, e o desmancha febra a febra.

* Isto corre assim contado em algumas histórias eclesiásticas. É fábula engenhada pelos protestantes, no intuito de desvirtuarem o pontificado. Agora os próprios protestantes rebatem a invenção da papisa Joana. (*Nota da segunda edição.*)

Não vi onde encostar a cabeça febril, e lembrou-me que tinha ali um conhecido, um poeta, um homem de existência amargurada. Procurei o conhecido, e achei um amigo, como usam raramente ser os irmãos, em Francisco Martins.

Dera-mo a Providência. Os infelizes todos têm uma. Deus sonda os corações; dói-se dos que expiam culpas suas; e desce até eles, na imagem dum homem, quando todos os abandonam.

Pernoitei no ergástulo da senhora Joaquina, e fui no dia seguinte para as Caldas das Taipas, esperar que Francisco Martins me lá desse um leito em sua casa, e um talher à sua mesa.

Este remanso deu-me alma para ir de rosto contra os novos trabalhos. Francisco Martins consolava inadvertidamente contando desgostos incomensuráveis da sua vida, tão em princípio ainda. Entretinha praticando em coisas de literatura amena, que a tem copiosa e variada. O meu quarto estava abastecido de bons livros, em que prelevavam clássicos portugueses, e os mais laureados romances da época. Algumas horas do entardecer passámo-las no rio Ave, em um barquinho, revezando-nos na fadiga de remar, e cismando cada um nas suas saudades, ou nas suas esperanças, mas ambos tristes, quanto o dizia o silêncio. Na vinda do rio, estanciávamos pela «Assembleia», cujo diretor, o senhor Matos, nos contava com veemências de espírito civilizador os seus projetos de dar um baile estrondoso, a despeito dos estorvos com que uma assembleia rival estava empecendo a tão digna manifestação da cultura da terra. Com justo orgulho nos dizia o senhor Matos, que seu primo, o senhor visconde de ***, não faltaria ao baile, e esta condicional nos dava azo a crer, que os esplendores do programa não eram de certo encarecidos.

A minha fortuna esquerda tolheu-me o prazer de tomar o meu quinhão no festival banquete que o senhor Matos deu aos amigos do progresso em Caldas, que, sem calemburgo, bem carece delas. Segundo, porém, o imparcial juízo do meu hospedeiro amigo, o baile esteve profuso em serviço, e as famílias saíram de madrugada penhoradas, como é de ver.

Não assisti ao baile, porque de certo não iria ali eu procurar, de vontade e propósito, um insulto à minha cruz. Se, porém, me aprouvesse ir ensopar a esponja do meu fel naquele brinquedo de pessoas alegres, não poderia fazê-lo, que a essa hora estava eu em fuga aos aguazis, concitados por grandes prémios a prenderem-me nas Taipas. Não sei por que artes me chegara às mãos uma carta ida do Porto, recomendando a minha captura. Dizia o cavalleiro portuense ao seu correspondente: «O criminoso é fácil de conhecer, porque tem buracos na cara.» Quando assim me vi denunciado por sinais tão rigorosos e evidentes, entendi que era necessário fugir. Deve ser coisa de costa acima escapar-se à espionagem sagaz da justiça um culpado com buracos na cara!

Fui de Santo António das Taipas para as cercanias de Fafe, quinta do Ermo, onde me esperava, com os braços abertos e o coração no sorriso, José Cardoso Vieira de Castro. Falseei a verdade. Vieira de Castro esperava-me a dormir, naquela madrugada dele, que era meio-dia no meu relógio.

Não me vá esquecer uma impressão, que muito tempo trouxe comigo por aquelas serranias, onde discorri três meses. Era a imagem duma mulher, que carregara de Guimarães ao Ermo o meu baú sobre a cabeça, por légua e meia de empinada serra.

Que formosura tão de corte, de palácio, de aristocracia! Que pureza e correção de linhas! que fidalguia de olhar e falar!

E descalça, a tressuar debaixo da carga, para ganhar a ratinhada paga em que se ajustara com o meu arreeiro.

— Foi sempre o que é agora? — perguntei-lhe.

A moça olhou-me por debaixo do baú, e sorriu-se. Voltei-me do lado do arreeiro, e disse-lhe:

— Conhece esta mulher?

— De a ver há coisa dum ano em Guimarães. Acho que ela veio para ali com a tropa. Vieste, ou não, rapariga?

— Vim — respondeu ela.

— E donde é natural? — perguntei.

— De Lisboa.

- Que modo de vida era lá o seu?
- Não tinha nenhum. Vivia com meus pais.
- Foi o amor que a perdeu?

Nada me disse em resposta; mas respondeu instada:

— Não me lembre a minha vida, senhor. Faça de conta que eu sou uma desgraçada, que vai ganhar seis vinténs com este baú à cabeça.

Refleti um instante. Pedi-lhe o baú para o colocar diante de mim, e dava-lhe a paga superior às suas melhores esperanças. Recusou-se a entregar-me o baú, dizendo que a deixasse ir para não voltar sozinha para Guimarães. Delicadamente quis chamá-la a revelações mais minuciosas da sua queda: em vão o fiz. No termo da caminhada pousou o baú, recebeu a paga, limpou o suor e as lágrimas, e partiu seguindo o arreeiro, que olhara por tudo aquilo indiferentemente.

Vi muitas vezes a imagem desta criatura, e pesava-me na consciência não lhe ter dito o meu nome, para ela, mais tarde, me procurar em situação de poder falar-lhe de Deus, e na esperança do orvalho, que o inexaurível céu goteja sempre para as desgraçadas, a quem o remorso e a ignomínia golpeia o seio, e abre o coração requeimado.

Aqui estou eu agora atravessando as salas ainda em trevas, no seguimento do criado, que me conduz ao quarto de Vieira de Castro. Às primeiras palavras, que tartamudeia o meu estremunhado amigo, conheço que o sono o não deixa «fazer estilo» à minha chegada. A sua linguagem é caseira e correntia, toda verdade e coração, sem metáforas, nem filintismos. No *Tesouro de meninos* não vem mais simples e sincero o: *destes campos, que são meus, podeis forragear à vossa vontade*. Dei-me logo como co-herdeiro daquela casa, e do conteúdo nela; que Vieira de Castro, cá fora, é o soberbo que sabem; em sua casa é um criado dos seus hóspedes.

A quinta do Ermo está situada no ponto mais despoético e triste do mapa-múndi. A casa é magnífica; mas os caminhos que

a ela vos conduzem são algares, barrocais, trilho de cabras, vielas tortuosas, e aspérrimos desfiladeiros. Os pinhais e arvoredos, que orlam parte da quinta, são infezados e desgraciosos. Os largos pontos de vista, assim mesmo monótonos, é preciso ganhá-los com grande fadiga de subida. A vizinhança do Ermo são casinhas de jornaleiros, que vieram ali procurar a sombra do afidalgado edifício.

Nesta casa nasceram o desembargador Luís Lopes Vieira de Castro, e o ministro dos estrangeiros e da marinha, António Manuel Lopes Vieira de Castro. Ora vão lá inferir do local onde o homem nasce os destinos para que nasce! Daquela natureza tão agra do Ermo, daquelas duas crianças, que por ali se criaram entre matagais, quem daria agouro de saídas tão excelentes!

Costumava eu sentar-me no escabelo da sala de espera. No espaldar do escabelo estão pintadas as insígnias episcopais, que o presbítero António Manuel Lopes Vieira de Castro revestira em Viseu, antes de ser ministro. Ali é que eu cismava nos dois homens, que nunca vira, e tinha saudades deles e do seu tempo, como se nos houvéssemos encontrado em dias de esperanças ou glórias comuns. Ajudava-me à tristeza usual das minhas cogitações a pêndula dum relógio de parede, que havia já marcado minuto a minuto, a passagem duma geração daquela família. Naquele mesmo ponteiro, quantas vezes os dois mancebos poriam os olhos andando o instante aprazado para alguma das afamadas aventuras, que os velhos ainda contam à mocidade pasmada dos homens e dos costumes que lá vão para sempre!

É de saber que Luís Lopes, António Manuel, e José Vieira, que ainda vive, foram, em anos verdes, três denodados jogadores de pau, e tamanho terror incutiram nas cercanias de Fafe, que bastaria a qualquer deles, para vencer a sua, mandar o pau e não ir, como o rei da Suécia fazia às botas. As mais memorandas façanhas dos Vieiras tinham o seu teatro na celebrada romaria da Senhora de Antime. Aí apareciam os três campeadores mascarados, como era d'uso em mancebos de famílias de alto porte. As máscaras

afiavam as chanças doutros chibantes, e deste gracejar de mau agouro procedia o partirem-se as caras por debaixo das máscaras, como se as não quisessem para outro mister, ou as sacrificassem à padroeira da romagem, como os índios se estiram sob as rodas das carroças dos seus ídolos.

A Senhora de Antime é de pedra, e pesa com a charola vinte e quatro arrobas. Os mais possantes moços da freguesia pegam ao banzo do andor. Aconteceu, anos há, ser um dos que puseram ombro ao andor malvisto dos outros, e de um principalmente. Ao dobrar duma esquina o moço odiado sentiu-se vergar sob as vinte e quatro arrobas de pedra, e morreu instantaneamente esmagado. O principal inimigo do morto foi logo conhecido, e varado por uma choupada, que lhe fez espirrar o sangue e a vida à charola da imagem. Tirem disto a limpeza de consciência e religiosidade daqueles sujeitos, que ali vão dar testemunho de seu fervor, com a Senhora de pedra aos ombros!

Nesta romagem é que os Vieiras, em diferentes anos, quando moços, escreveram com o pau a sua crónica imorredoura. Quem aventaria então que do pujante António Vieira sairia o ministro dileto da Senhora D. Maria II, o mestre dos liberais, o amigo e conselheiro dos Passos, do Silva Carvalho, e dos mais estremados estadistas da escola robustecida na emigração, por onde ele e seus irmãos alimentaram esperanças, que viram fenecidas ainda em botão no solo da pátria restaurada!... Luís Lopes, o desembargador, pai de José Cardoso Vieira de Castro, mal talhado parecia então para a investidura austera, que tão a primor de lustre e honra exercitou na judicatura da Relação do Porto, e em Angra do Heroísmo, onde estivera juiz de fora, quando emigrado. José Vieira, que ainda vive, e conserva extraordinário vigor de pulso, e afoitezas, muito de respeitar, dos seus vinte anos, aqui o vimos acaudilhando as forças populares de Fafe, no tempo da Junta do Porto. José Vieira é o homem principal do seu concelho. Será deputado quem ele quiser, será absolvido pelo júri o réu que ele proteger, será intangível das presas da justiça o culpado que as

suas telhas cobrirem. A casa dos Vieiras é a única, que mantém ainda, a despeito da equitativa carta constitucional, as prerrogativas e imunidades de coito.

O meu amigo Vieira de Castro, no que toca a jogo de pau, é o invés completo de seus tios. José Vieira, quando fala dele, diz: «Isto não presta para nada; não tem mais força que um canário.»

Se vinha a talho eu florear um marmeleiro inofensivo diante do meu amigo, para logo exclamava ele: «Está quieto, olha que me dá!»

Oferece-se-me cuidar que José Cardoso herdou o bravo ânimo de seu pai e tio; mas a educação nas alfombras, nas otomanas, nas denguiques de aias, e infezamentos de colégios, desnervou-lhe o pulso, e intanguiu-lhe o génio das proezas. Não me sai de todo absurdo o sistema das compensações quando penso que o ardimento da imaginação e atrevimentos de linguagem de Vieira de Castro, escritor, são, na ordem do esforço, o paralelo moral com a bravura de seus ascendentes. Por outro lado deço-me desta minha gratuita opinião, vendo que pai e tio foram grandes letrados, e deixariam valor de inteligência, se o desembargador não fosse sobejamente rico, e o ministro incansável obreiro nos encargos do seu ministério, e ambos falecidos no vigor da vida. De tudo, o certo e impugnável é que José Cardoso não joga o pau, nem enrista com firmeza de manejo uma bengalinha de unicórnio, sequer.

A sucessão da valentia corporal passou para o ramo feminino dos Vieiras. Tem José Cardoso três primos abades em igrejas do concelho de Fafe. Destes, dois revivem a tradição da família, mas não se exibem nas feiras e romarias. Algumas vezes, corre o boato de que em tal sítio se fez justiça de Fafe a bordoadada surda. O público forma o seu juízo, e engole-o para não ser deslombado. Os dois abades Vieiras é que sabem quem faz justiça sumária, e nunca injusta.

O terceiro destes abades é um insinuante e amorável modelo de sacerdotes. Está a sua igreja na crista dum montado, pobre igreja, que monta apenas a manter a decência do culto e a resignada

parcimónia do ministro. Vive com o pastor amado sua velha mãe, a companheira silenciosa das soledades do presbítero. Tem um dizer modesto e suave aquele homem, que vive de tudo alheio, de tudo que não é o seu ministério. Dizem lá que nunca as paixões lhe inquietaram as noites serenas do jornaleiro que bem acabou a tarefa do seu dia afadigado. Eu sei! Tem tanto de brandura e amor aquela fisionomia, espelha-se nela o coração com tanta suavidade, que a mim me quer parecer que ali há segredos abafados no seio da religião, seio único em que eles se depuram do agro da terra, e entram como celestial favo na colmeia dos anjos.

Assisti à festividade do orago da freguesia, pastoreada por este abade. O pregador, padre de negativa capacidade, descreveu o Inferno com aqueles combustíveis e minerais que o leitor sabe. Não me comoveu, nem assustou. Tive ensejo de ser apresentado ao teólogo, e não sei que cheiro de erva sardónica o meu nome tinha para ele que o fez rir a casquinadas guturais. Não lhe ouvi outra coisa, que me permitisse conceituar-lhe a sincera ideia, que ele formava do sulfuroso Inferno.

Ao fundo de uma colina, sobre a qual assenta a casa de Vieira de Castro, serpenteia uma ribeira de claras águas, que vão ajuntar-se ao Ave. As margens penhascosas deste córrego eram o nosso passeio de forçada predileção, que não tínhamos outro. Connosco ia *Neptuno*, o cão da Terra Nova, que eu dera ao meu amigo, como quem lhe dava um dos raros seres da criação por quem mais sentidos afetos tenho experimentado. *Neptuno* brincava na corrente do ribeiro, e assim nos dava horas de passatempo, quais o género humano não poderia dar-nos mais divertidas de entorpecidos pesares.

Há naquele ribeiro uma catadupa em que a torrente referve, estrondeia, e quebra com grande fragor numa bacia eriçada de rochas. As árvores marginais enredam-se em pavilhão escuro sobre a bacia, deixando pequenas margens de relva sobre escanos de granito em que nos sentávamos, eu pelo menos, enquanto Vieira de Castro dialogava em estilo de Fafe com a moleira da vizinha

azinha. Denomina-se o pitoresco sítio a «ponte do Barroco». Na minha carteira tenho oito linhas, lá escritas, no dia 15 de junho de 1860. Dizem assim:

*Ruge a tormenta espumosa;
Mas no mar serena entrou:
Tal a vida tormentosa:
Chega à campa, e serenou.*

*Triste imagem desta vida,
Que me Deus fadou a mim!
Diz-me, ó onda enfurecida,
Qual teu princípio e teu fim?*

Algumas vezes fui à vila de Fafe, cujos cavalheiros conheci no botequim da terra, estabelecimento indeciso entre o modesto e o sujo. Os cavalheiros alternavam as suas horas de ócio com o dominó e a sueca. Conheci aí o senhor José Maria Peixoto, moço de prestantes dotes, que exercia a administração do concelho, e o senhor Joaquim Ferreira de Melo, antigo e consecutivo deputado às cortes, e sujeito de muitos serviços à liberdade. Penso que já é falecido o prior de Fafe, grande latinista, e discreto em castíssima linguagem portuguesa. As suas práticas eram floreadas de lusitanismos, que, a meu ver, lhe não seriam mais entendidos dos paroquianos que os hieroglíficos de Mênfis.

Não falei ainda da minha convivência caseira de trinta dias com José Cardoso Vieira de Castro. Naquele tempo, o descuido deixara à mercê das ventanias de sucessivos invernos o telhado da casa. As chuvas em junho não eram copiosas; mas, como o ardor do sol fendesse a argamassa, o teto coava os chuveiros das trovoadas, e pingava sobre a minha cama como abóbada de caverna. Ao deitar-me, abria eu o guarda-chuva, e dormia assim. Se não fosse a constrição do ânimo, que regaladas noites seriam aquelas!

Vieira lia Filinto Elísio, e declamava-o com irónico entusiasmo na versão dos *Mártires* de Chateaubriand, versão que requer ser vertida para português. Eu de mim, em trinta dias, li duas páginas de La Rochefoucauld. Vieira de Castro era bastante criança para se espantar da infertilidade da minha imaginação. Instigava-me a escrever um livro, um folhetim, uma epopeia, uma história universal, uma anacreôntica, a crónica dum reinado, ou uma charada. Nada fiz... minto: aqui tenho uma quintilha: lá devia ser escrita, que está datada no Ermo em 1 de julho:

*Tudo trevas! e teu rosto
Me refulge luz maior.
Também no mar proceloso,
Quando o céu é pavoroso,
É que o fanal tem fulgor.*

Vejam que fecundidade! Razão tinha o viçoso Vieira de Castro para crer que as lágrimas haviam apagado a flama, à qual eu via tantas imagens de tantos mundos, umas denegridas da lama da terra, esplêndidas outras do raio ideal de Deus! E certo é que nunca mais reviveram as flores fenecidas naquele tempo. Então se ergueu a baliza que de mim fez duas existências inconciliáveis: um coração para a saudade, outro para a desesperação infinita.

Entre em terreno abrolhado: refugio dele, e volvo ao artifício, à dupla arte do sorriso.

A nossa mesa era lauta em coelhos. Façam ideia do montezinho da terra, sabendo que um criado saía fora de portas com dois cães e um pau, e voltava com uma braçada de coelhos, uns, a meu ver, filados pelos cães, outros derreados a bordoadada.

As cerejeiras arqueavam-se sobre as janelas do nosso quarto com os seus frutos de sedutor carmim; as laranjeiras eram lindas à vista; mas o travor do fruto degenerado era tal, que um guisado de coácia e fel seria doce de ovos em comparação com as laranjas

do Ermo. O que as densas árvores nos davam era a sua folhagem lustrosa e verde, e a luz coada por elas, e os raios do sol de julho esfriados na sua frescura.

Nos seculares castanheiros e olmos, que escurecem as gargantas daquelas quebradas, andava eu sempre entalhando iniciais e datas, — distração pueril, reminiscências simpáticas das pastoris dos nossos Bernardes e Ferreiras, já hoje velharias, que modernos amadores não usam. Decorridos cinquenta, cem anos, os netos de Vieira de Castro, se herdarem a poesia do avô, andarão por ali cismando e inquirindo do silêncio dos bosques quem foi que abriu na cortiça daquelas árvores as letras enigmáticas de alguma tragédia obscura. Se este livro vencesse o destino dos outros do autor, se o meu nome chegasse onde aquelas iniciais hão de ir, os netos de Vieira de Castro folgariam de achar o triste segredo delas.

Saí do Ermo, outra vez para as Taipas, a visitar Francisco Martins. Das Caldas fui a S. Torquato visitar a múmia do miraculoso santo. Comprei um livrinho que historiava conjeturalmente a vida e morte de Torquato, e um panegírico do mesmo pelo famoso Silos, que já passou desta vida. Beijei devotamente o pé do santo, e comprei umas nóminas, imagens e fitinhas milagrosas.

Comigo ia o meu barbeiro, investido das duplas qualidades de escanhoador e *jockey* pedestre. Mostrou-me ele a fontinha, que brotara do local, onde os frades do convento próximo, guiados por uma estrela cadente, descobriram o cadáver incorrupto do santo. Os milagres, de que não rezava o livro, contou-mos ele, de modo que nenhuma dúvida me podia ficar da sua autenticidade.

Chegámos a uma chã, onde estava arvorada cruz de pedra, chamada a *cruz de Lestoso*. O meu barbeiro rezou um padre-nosso por alma dum pintor vimaranense, que ali fora assassinado poucos anos antes. Dera-se que um pintor, chamado a retocar o oratório duma viúva, aconselhara a viúva, maltratada por seu filho, a segurar sua subsistência e independência por não sei que escritura, odiosa ao mau filho. Este, ciente do intento ou do facto de sua mãe, saiu

acamaradado ao caminho por onde o pintor ia de Guimarães a concluir sua obra, e matou-o a facadas. Se o meu barbeiro é, como creio, verdadeiro, a viúva do defunto compôs-se com o matador, e o ministério público com ambos, de modo que o homicida granjeia pacificamente suas terras.

Dei um abraço em Vieira de Castro, e fui para Vila Real, sabendo que os aguazis, expedidos do Porto, se acantoavam em Fafe, esperando ocasião segura de me capturarem. Era dever meu forrar o velho José Vieira ao desgosto de mandar a Fafe capturar os esbirros, e enforcá-los em galhos de sobreiros, como ele dizia com humana benevolência.

Passei a serra do Marão sob a tempestade famosa do dia 2 de julho de 1860. Estive naquele povo de Anta, onde vi o pardieiro da choupana do salteador em que falei num dos *Doze casamentos felizes*. Ao dobrar a serra tremi de ver cruzarem-se os coriscos, e perto de mim caiu um raio, cuja fenda na rocha eu fui examinar, e da rocha lascada colhi uma urze queimada, que ainda tenho. No coberto da capelinha da aldeia encravada no sopé da serra, vi o cadáver fulminado duma pastorinha, e mulheres em volta dela, amarelas de terror. Dali até Vila Real os viandantes, que encontrei, iam falando dos estragos de vidas e edifícios, que fizera a trovoada naquela tarde. O que eu vira na serra valia bem o medo pela sublimidade terrível. Que espetáculo! que vermezinhas somos em presença daquilo! Como Deus é grande nas tempestades do Marão, e como o homem ali se envergonha das tempestades de suas paixões!

Ao seguinte dia da minha chegada parti para a aldeia, onde passara alguns anos de minha infância na companhia de minha irmã. Ali era que me levavam memórias, que por aí estão escritas em livrinhos, de que o leitor se não lembra. Ali estava o crânio da Maria do Adro*, e aquela Luísa...

* *Duas horas de leitura.*

Ai! Luísa,

... a flor dentre as fragas,

que eu cantei num poema, escrito com as minhas últimas lágrimas, adoçadas de esperanças *! Passei por ela, e não a conheci. Meu sobrinho ia murmurando ao meu lado.

*Luísa, flor dentre as fragas,
Donairosa camponesa,
Tipo gentil de pureza,
Lindo esmalte das campinas,
Colhes, no prado, as boninas?
Brincas, à tarde, na espalda,
Onde verdeja a alameda
Da viva cor da esmeralda?
Brincas, Luísa, afagando
O que mais amas no bando,
O teu alvo cordeirinho?*

Encarei sorrindo tristemente em meu sobrinho, e ele disse-me:

— Não a vê?

— Luísa?

— Sim. Aquela que tem os braços cruzados. Contemplei-a, e vi uma velha.

— Aquela que me está olhando?! — repliquei.

— A mesma Luísa de há quinze anos.

E eu disse comigo: «Estará ela dizendo às outras: — Ele é aquele velho?!»

E passei avante.

* Um livro.

E meu sobrinho ia recitando com sentimental ironia os versos do meu poemeto, consagrado àquela Luísa, que fora nova e linda:

E eu amei-a muito!...
À tarde,
Quando o sol no ocidente
De escarlate as selvas tinge,
Com o brilho refulgente
Da floresta incendiada,
Fui sentar-me pensativo,
Sobre a agulha dos rochedos,
Decifrando em minha alma
Indecifráveis segredos.

Além, nas várzeas do val,
Tinha quanto o coração
Sonha de belo e imortal
Na sua ardente ambição.
Nem mais formosa que ela,
Nem mais pura o mundo a tinha!
Quisera vê-la, e não vê-la...
Antes fugir-lhe... ofendê-la...
Mais valera não ser minha!

— É, pois, aquela a Luísa... — murmurei eu tão de manso, que só a minha alma podia ouvir-se. E na noite daquele mesmo dia, quando a lua assomou das montanhas, fugi à aldeia da minha infância e da infância de Luísa. A minha família ficou num espasmo, e eu no reiterado conceito de louco.

Seguiu-me no trânsito de duas léguas meu sobrinho, alma de poeta, e coração... Deus sabe se fadado para entender a minha dor daquela noite!

Ao amanhecer do dia imediato fui para Amarante. Nas proximidades da Régua fui sacudido pelo meu cavalo contra uma pedra,

e cheguei à estalagem golfando sangue. Ali encontrei o fidalgo, glosador de poesias. Pedi-lhe que vendesse o cavalo, e achei que ele, vendendo-o, fizera um milagre, digno de arquivar-se ao par do outro que fez o alfaiate de Nicolau Tolentino.

Fui na «diligência» para Amarante, e ali encontrei cavalheiros, que me acompanharam ao pomar dos celestes pêssegos do meu amigo Vasco Peixoto. Dentre aqueles cavalheiros, um, Sebastião de Carapeços, falou-me muito do falecido José Augusto Pinto de Magalhães*; e outro brindou-me com três livros, que tinham sido do meu amigo, as obras de Lord Byron. Nos últimos meses de sua vida, José Augusto lia naqueles livros para entreter os últimos meses de vida de Fanny Owen, sua esposa...

Vi agora os retratos de ambos. Sempre que os contemplo, creio que me falam, e dizem: «E tu vives ainda! Nós, tão agourados da boa fortuna, caímos como duas flores da frente duma formosa, ao luzir a manhã e acabado o baile. E tu, cingido pelas roscas de tantas serpentes, estás aí, como ileso, perguntando às nossas imagens por que fraqueza morreremos!»

Não saberá ela que eu, tantas vezes, encostado às grades do seu sepulcro, na Lapa, lhe tenho contado o segredo desta minha pertinácia em viver?

Não me ouviria José Augusto, no cemitério do Alto de S. João, perguntar às auras coadas por ciprestes em qual daquelas rasas sepulturas estavam as cinzas do obscuro mártir da alma incompreensível, que Deus lhe dera!...

Eu deixo já estas melancolias para falar doutras, e depois direi um estilo alegre acerca do barbeiro de Amarante.

À meia-noite estava eu debruçado no parapeito da ponte, e não pensava nos feitos heroicos dos Angejas e Silveiras contra franceses naquela localidade. Pensava em medir o salto da ponte ao Tâmega, que derivava murmurando, e desenrolando as fitas de prata, que

* Veja *Duas horas de leitura* — Sete de maio —.

lhe emprestava a lua. O suicídio é-me ideia tão habitual, que já nem poesia nem grandeza tem para mim. Logo que este modo de morrer, à força de ser meditado e premeditado, se desprestigiou, penso no suicídio como numa anasarca, se os intestinos me doem, ou numa congestão cerebral, se me latejam as fontes. A este desprezo da morte vem de seu o desprezo da vida.

Nisto pensava eu, debruçado sobre o parapeito da ponte, quando de uma janelinha do antigo Mosteiro de S. Gonçalo saíram uns sons de flauta, e logo a toada da xácara dum meu drama, escrito catorze anos antes — *Agostinho de Ceuta* —. Não sei quem fez aquela música assim triste. Devo o benefício de duas lágrimas ao poeta que a tirou de sua alma, e ma guardou para aquela hora. O flautista sei eu que era o sargento da estação telegráfica. De muita fantasia amorosa da noite e da lua devia ser o impulso que ali o trouxe a tal hora; e com música tão ajustada às aflições de infelizes desconhecidos!

Ao dia seguinte fui procurado pelo barbeiro, que no dia anterior fora introduzido à minha intimidade. Disse-me ele que vinha ali, em comissão da irmandade, pedir-me uns versos.

— Uns versos, mestre! — atalhei, corrido da popularidade das minhas musas.

— Uns versos, sim, senhor.

— Pois vossemecê sabe que eu faço versos?!

— Pois não sei!... o senhor é muito conhecido cá na Amarante, e já ouvi dizer que o seu nome já chegou a Lisboa.

— Que me diz, mestre? Eu conhecido na Amarante! Estou pasmado de mim, e de vossemecê, que me não disse isso logo ontem!... Em que posso eu, pois, ser útil à irmandade, cujo delegado é vossemecê?

— Queríamos uns versinhos para as cavalladas do coração de Maria.

— Pois o coração de Maria é festejado com cavalladas em Amarante!? Conte-me isso, mestre. Como é que a irmandade mete cavalos e poetas na sua devoção?

— Eu lhe digo. Nas cavalhadas vai a gente a cavalo.

— Compreendo. Assim como a flor vai a fruto, nas cavalhadas vão vossemecês a cavalo.

— É verdade.

— E depois?

— Vai a música dos curiosos a tocar, que é um céu aberto, e de vez em quando param os cavalos, e...

— Falam os poetas.

— Tal e qual. Os poetas então pegam a dizer pr' aqui pr' acolá o que lhes lembra a respeito da festa.

— E o povo ri-se?

— Isso é consoante. Se a versalhada é de fazer rir, o povo ri-se; se é de devoção, então muda o caso de figura.

— Quem fez os versos na festa do ano passado?

— Não eram lá grande coisa! Foi um pantomineiro que anda a estudar para padre, e amanhou lá um palavreado que ninguém entendia. Os fidalgos diziam que os versos eram de ciência e obra acabada; mas o povo, a falar-lhe a verdade, estava com a boca aberta, e não sabia onde era o começo, nem o meio, nem o fim. Afinal de contas, o povo retirou-se assim a modo de embaçado, e foi dizendo à boca pequena que não dava um pataco este ano para a festança, se os versos não fossem coisa de risota.

— Então quer vossemecê que eu faça uns versos de risota para elogiar o coração de Maria.

— É como diz.

— Pois, meu caro senhor mestre barbeiro, sente-se aí vossemecê, e escreva lá, se sabe.

— Pouco escrevo, mas há de remediar.

— Ora escreva:

*Não bastava sermos parvos,
Somos ímpios também;
Uns dão couces, outros versos:
Cada qual dá o que tem.*

- Isto é que é! — exclamou o barbeiro, dando upas de júbilo.
 — Gosta, mestre?
 — Se gosto! Bem me diziam a mim que o senhor tinha cabe-
 cinha do diabo!...
 — Escreva lá:

*Com estas e outras asneiras
 A religião se pela;
 Se ninguém nos for à mão,
 Hemos de dar cabo dela.*

O barbeiro não se riu, e ficou a ruminar a ideia do quarteto. Acudi aos seus reparos, dizendo:

- Parece-me que lhe não soa bem, mestre!
 — A falar a verdade, isto cheira-me assim a modo de heresia!
 — Ora olhe: leve vossemecê essas duas quadras, como amostra, à confraria que o cá mandou. Se a confraria gostar delas, eu continuo a obra, e vossemecê dá-me ocasião de desbancar o poeta, que ninguém entendeu no ano passado.

Concordou o mestre, e saiu com as quadras. Nunca pude saber o conceito que elas mereceram aos confrades do imaculado coração de Maria, porque, ao anoitecer desse dia, parti para Guimarães.

A meia légua das Taipas, tem Francisco Martins uma quinta, chamada de Briteiros. Na casa magnífica da quinta vivia um par de cônjuges decrépitos, antiquíssimos criados de pais e avós do meu amigo. A extensão de salas, câmaras, corredores em longitude e forma conventual de tudo me senhoreei. Escolhi o quarto, cujas janelas faceavam com um recortado horizonte de arvoredos, e a cumeeira chã dum serro onde se divisam as relíquias de antiga povoação, que lá dizem ter sido Citânia, cidade de fundação romana.

Algumas horas ali passou comigo Francisco Martins; mas o máximo dos dias e as noites vivi diante de mim próprio, na solidade daquele quarto, ou em perigosas excursões à serra sobre um cavalo, que parecia vezado a passear sobre alcatifas.

Amanheci um dia entre as ruínas da presumida Citânia. Vi algumas pedras derruídas em cômodos, as quais denunciavam ausência de toda a arte, para de pronto desvanecer conjeturas de edificação regular. Existiam vestígios de cisterna, e descalçadas lajes dum caminho de pé posto, que sem dúvida tinha sido estrada. A meu parecer, não irá longe da fundação da monarquia portuguesa a construção daquele presídio, se tal nome lhe cabe em vista dos estreitos limites do terreno plano. Pode ser que, nas guerras de desmembração, sequentes às primeiras conquistas do conde Henrique, guerras tão cruamente pelejadas nas circunferências de Guimarães até às indeterminadas fronteiras, aquele ponto, onde os visionários veem cidades cartaginesas e romanas, fosse singelamente um ponto de observação, que abrangia grande parte do território convizinho de Guimarães, então foco das operações militares da recente monarquia. Como quer que seja, a chamada Citânia faria derrear um antiquário, sem ele descobrir nas ruínas dela pretexto a narcotizar com um in-fólio a porção do género humano, que ainda crê nas visualidades de antiquários, e decifrações arrevesadas de pedras, e quejandos defastios de sábios em medalhas e cipos — a gente mais estafadora do mundo.

O senhor Domingos e a senhora Rosa (eram os cônjuges meus familiares) contaram-me que lá em cima na Citânia estavam moiras encantadas, que eles tinham visto em certas noites vaguearem em torcicolos com luzinhas pelo pendor da serra. Não desfaço na palavra do senhor Domingos e da senhora Rosa; mas inclino-me a crer que os velinhos vissem pirlampos. O mesmo não direi doutra moira que viera num berço à flor do rio Ave; e no momento em que o encanto se lhe quebrou, o berço se converteu em alva fraga. Nenhuma dúvida há: lá está a fraga. A senhora Rosa sabia as lendas todas, que Almeida Garrett publicou, já desluzidas da campestre originalidade em que mas ela repetiu.

De Briteiros ao Senhor do Monte era passeio de uma hora. Ali fui com Francisco Martins, e de lá trouxe peçonha de saudades, que me ainda cabia no peito.

Àquelas florestas sinto eu atado ainda o coração por mui tragadoras lembranças. Em diversas estações da minha vida lá fui a conversar com o passado que aí me florira, ou a inflorar esperanças que reverdejavam do pó doutras desfeitas. À derradeira vez, porém, que fui ao meu éden, parece que o anjo do gládio me vedava o passo. A saudade, que me alanceava então, era serpe devorante; a esperança, mal o coração a desenhava nos longes da fantasia, acudia logo o demónio do *impossível* a sopesá-la. Em tudo se me afigurava escrito o lema horrível: NUNCA MAIS!

Sentei-me num dos degraus do escadós principal. Era lá que eu tinha visto...

Que tinha eu visto ali? O trajeto rápido de um anjo, que levava em chamas de infernal fogo as asas, já falidas de força para enfiar seu voo ao céu. E àquela hora em que me eu sentara no degrau, já o anjo se havia sumido na voragem, que raras vezes a desgraça abriu à mais diletta de suas vítimas!

Quis escrever nesta carteira, onde apenas encontro uma cruz e uma data.

— Não sei como você tem alma para tanto! — me disse o amigo.

— Alma para tanto?! Que faço eu?

— Escreve..., e aí!...

Fechei a carteira. Pejo ou orgulho, até dos meus amigos íntimos escondi sempre as lágrimas.

De Braga voltamos às Caldas.

Naqueles dias correu neste local um incidente cómico de muita alegria para os banhistas. Acaso passara, vindo de Braga, e pernoitara nas Caldas, um corpulento moço bem entrajado com seu fraque preto, e botas de água. Saiu na seguinte manhã o viandante a passear na carvalheira convidativa, e de golpe se vê rodeado de mulheres da terra, exclamando:

— É ele!

O homem, atónito, dizia:

— Ele! quem?

— É ele! — insistia uma.

— O maroto a fingir que não entende! — acudia outra.

— É que quer ver se a mulher o conhece. Deixai-o lá.

— Pois não falas à tua madrinha, José? — dizia uma velha, tirando-lhe pelas abas do fraque.

— Não te faças asno, que todos te conhecem.

Eram às dúzias as mulheres que sobrevinham, exclamando uma por cada vez, e todas a um tempo:

— É ele! É o José da Maria Lérias!

O reputado José da Maria Lérias pôde romper a mó do femeação, e foi indo caminho dos banhos.

— Lá vai para casa. — clamavam as mulheres — Olhem como ele sabe o caminho!...

Entrara o homem na alameda, que circunda a casa dos banhos, quando a chamada Maria Lérias, com dois filhos e duas velhas, lhe saiu ao encontro, bradando:

— Ai! O meu José! o meu querido marido!

E atirou-se-lhe ao pescoço, osculando-o com a pudica desenvoltura de carinhosa esposa.

E ele recebeu impassível os beijos.

Uma das velhas chegou-lhe à cara o rosto dum garotito mal-trapido, exclamando:

— Olha o teu Joaquim!

— E o teu Manuel! — bradou a outra velha, saindo-lhe do lado esquerdo com o outro rapaz.

E o homem das botas d' água corria as mãos pelas faces dos rapazes, e sorria a todos sem articular palavra.

A este tempo, muito povo, enternecido a lágrimas, rodeava o comovente grupo, posto que alguém reparasse na pouca expansibilidade do marido recém-chegado.

— Anda p'ra casa, meu Zé. Vamos cuidar do almoço! — dizia a esposa.

— Trazes tu bem cacau, meu afilhado! — perguntava a madrinha.

— Que lhe importa a vossemecê se o meu homem traz cacau? — acudiu a mulher do afilhado — Anda daí, Zé. Se trazes dinheiro, nosso é; e se o não trazes, havemos de viver como dantes.

— Olha lá — retrucou a madrinha — ouviste? Olha que eu não te vou pedir nada, minha abelha-mestra. Se tens muito, come duas vezes! Que me dizem vocês a isto? Já viram? Está a arrebentar de soberba, porque tem brasileiro em casa. Ainda ontem dei maçãs aos teus filhos, e tu aceitaste-as. Agora já não conhece ninguém, a pilharenga!

E o homem do fraque ouvia tudo atentivamente, e começava a espirrar grandes gargalhadas.

— Vens, homem? — dizia a mulher, puxando-lhe pelo fraque.

— Vai arranjar o almoço, que eu lá vou ter.

— Estás tolo, Zé?! Anda daí com Deus, senão junta-se aqui a freguesia.

E ele a rir, a rir, e a acender charuto sobre charuto.

Duma vez deu-lhe fogo Francisco Martins, e perguntou-lhe:

— O senhor é o marido daquela mulher?

— Se ela fosse tolerável, dizia-lhe que sim — respondeu ele.

— Então não é?!

— Não sou; mas deixe-me divertir.

— É melhor desenganar esta gentalha.

— Desenganá-la! Eram capazes de me apedrejar. Deixá-los. Isto assim está uma farsa acabada. Agora vi eu ali o Camilo, e é de crer que ele aproveite o episódio.

— O senhor conhece o Camilo?

— Perfeitamente, de vista.

Começou o viandante a enumerar as obras minhas que tinha lido, e não sei que relanços contou da minha vida.

Francisco Martins achou ajuizado desenganar o mulherio, e particularmente a esposa dum José, que não era aquele. Baldou-se a discrição do meu amigo. A população redobrava de convencimento, exclamando:

— É ele!

Acercou-se a senhora Maria Lérias de seu presumido esposo, e disse:

— Se não é ele, é o Diabo por ele!

— Então é o Diabo por ele! — vozearam todas em coro.

Voltou o sujeito acompanhado de Francisco Martins, com numerosa cauda da plebe, à mistura de pessoas sérias, atraídas pela singularidade do equívoco ou da apostasia marital do homem.

A autoridade local interveio naquela aparente questão de divórcio, que já emparelhava com assuada ao indivíduo por parte dalguns elegantes portuenses acaudilhados pelo facecioso filho do senhor visconde da ***.

A autoridade dialogou à puridade com o homem, e disse ao povo que a suposição era errada.

Debandaram mal capacitados os grupos, e o viandante, naquele ou no seguinte dia, fez sua jornada.

Fora o caso que a senhora Lérias tinha sido abandonada do marido, que três anos antes embarcara para o Brasil. O suposto brasileiro era um já serôdio estudante de Clérigo, de Cabeceiras de Basto ou Mondim. A meu juízo, mais que tudo, era ele um jovial farsola, que nunca virá a sair bom padre. A primeira resposta, que ele deu a Francisco Martins, não o abona muito, nem devia realçar-lhe as qualidades na justificação *pro moribus*, se é que a certidão de bons costumes ainda entra por alguma coisa na ordenação dum ministro do Altar.

Poucos dias demorei em Briteiros. Dali voltei a Vila Real, e lá passei vinte intermináveis dias de enfermidade, de desalento e de ânsias de morte. A hospitalidade dos cavalheiros daquela terra nunca esmoreceu para mim. Com outra alma, bem poderiam as minhas horas derivar, se não felizes, ao menos alternadas dos prazeres que se geram na convivência de parentes, e se recebem da mão desinteressada da amizade.

Faleceu-me ânimo para entrar no teatro de Vila Real, onde mancebos de primoroso engenho, que os há ali para tudo, representavam regularmente. Aquele teatro era de minha família: nunca

teria nascido, se eu não tivesse escrito um mau drama, que dediquei a meu tio. Mas que ambiente de mil aromas eu respirava naqueles meus vinte anos! Como as paixões de então me desabrochavam lindas e imaculadas! O que eu via, e esperava dos homens e de Deus!

Na primeira noite de récita, recordo-me eu que fiquei ouvindo de minha tia a história de meu avô assassinado, de meu tio morto no degredo, de meu pai levado pela demência a uma congestão cerebral.

Que delicioso recordar, quando eu me estava vigorizando para entrar nos cárceres da Relação do Porto, e estender os pulsos às gramalheiras d'ouro, que os meus inimigos batiam na bigorna da moral pública!

Saí dali, sem dizer à família o meu destino. Espavori algum raro amigo a quem o revelei. Era propósito que nem a perspectiva do patíbulo demoveria.

Cheguei ao Porto em meado de setembro de 1860. Custódio Vieira, Marcelino de Matos e Júlio Xavier sustiveram quinze dias a pressão dos esbirros, porque me viram com mais alma que corpo para encarar na morte da liberdade, e na outra que desprende a alma dos podres vínculos da matéria.

Terminado o prazo das tréguas, que os aguazis me concederam magnanimamente, fui ao tribunal do crime, pedi um mandado de prisão, mediante o qual obtive do carcereiro licença de recolher-me a uma das masmorras altas da Relação.

Era o primeiro dia de outubro de 1860. O céu estava azul como nos meses estivos. O sol parecia vestido das suas galas de abril. A bafagem do sul vinha ainda aquecida das últimas lufadas do outono. Que formoso céu, e sol; que suave respirar eu sentia, quando apeei da carruagem à porta da cadeia!

MEMÓRIAS DO CÁRCERE

*Vou escrevendo... estas regras em estilo alegre,
e fácil... bem que tão diverso do meu humor
e da minha fortuna.*

(D. FRANCISCO MANUEL — *C. de Guia.*)

Não estranhei o ar glacial e pestilento, nem as paredes pegajosas de humidade, nem as abóbadas profundas e esfumeadas dos corredores, que me conduziram ao meu quarto.

Em 1846 estive eu preso ali, desde nove até dezesseis de outubro. Foram sete dias de convivência com sujeitos conversáveis, que entraram comigo, ou poucos dias antes, por cúmplices na contrarrevolução, baldada pela captura do senhor duque da Terceira. Fora então meu companheiro de quarto um correligionário de Mac-Donnell, filho de Braga, excelente criatura, que me emprestou cinco cruzados novos, quando me viu desbaratar no jogo os últimos cobs de dez moedas, que eu levava para matricular-me no primeiro ano jurídico. Ganharam-me as dez moedas umas pessoas de grave aspeto, que, segundo ouvi, eram altamente graduadas nas coisas da república, e muito conversáveis, como já tive a honra de dizer.

No termo de sete dias deixei esta amorável companhia, e esqueci depressa o episódio dos meus vinte e dois anos. Quando, porém, contemplo uma filha que tenho, ainda me lembro dele. Hei de levá-la uma vez à cadeia, e dizer-lhe: «Tua mãe esteve naquele quarto.» Esta lição em silêncio, no limiar do mundo, há de aproveitar-lhe mais que a *Introdução à vida devota*, ou os exercícios espirituais das irmãs da caridade.

O que eu estranhei à segunda vez que entrei na cadeia, foi a gente que vi. Eram pessoas de má sombra, e olhar desconfiado.

Devo desde já excetuar desta qualificação, cuja injustiça mostrarei a tempo, um mancebo, que eu conhecera nos jantares de Custódio José Vieira, e ali na cadeia se tinha deixado resvalar pela rampa que arma o coração aos que vivem de seus enganos.

O senhor Marinho convizinhava do meu quarto, e contou-me a sua breve história. Amara anos uma senhora. Oferecera-se esposa aos pais dela. Fora repellido como pobre. Instaram ela e ele como apaixonados. Baldaram-se lágrimas e súplicas. A senhora fugiu da casa paterna, e acolheu-se ao amparo do cavalheiro. A justiça seguiu-lhes os passos: a filha foi entregue aos pais, e o sedutor ao carcereiro. Bem pudera o anjo da reabilitação cobrir de suas asas os dois infelizes, e começar do ato culposo um bom destino à vida de ambos; aquele anjo, porém, carecia dar-se as mãos com seu irmão, o anjo da misericórdia. Este só podia ser ali naquela hora, se o coração paternal lhe dissesse: «Vai, e perdoa, e levanta minha filha de sua queda nos braços do marido.» Não foi. Em vez dos anjos saíram os esbirros; em vez de honra e piedade, que abafasse a ignomínia, indultando a culpa, saiu a crueza pregoando a desonra nos tribunais.

Ao homem pobre, que pedia uma esposa, não rica de ouro, nem de linhagem, deram-lhe o epíteto de recetador de roubos. Acudiu ao injuriado a instância superior, e lavou-o da nódoa, livrando-o dos ferros. A desonra estava só na calúnia: o restante era o vilipêndio de amar muito.

A esse tempo a filha fugitiva estava judicialmente depositada. Na casa escolhida havia fome. As relações abastadas da menina desobediente negar-lhe-iam asilo, para se não desvaliarem aos olhos do pai, que é tido em conta de rico. Marinho repartia do seu pouquíssimo com a filha desamparada; mas o desafortunado moço não tinha profissão, nem sua família, empobrecida pelo depercimento da colheita do vinho, podia socorrê-lo.

Solicitou Marinho um emprego. Saíram em seu patrocínio pessoas valiosas, movidas pela generosa e honrada intenção do moço. O que ele rogava era a mediania, que abastasse à sua subsistência,

e de sua futura esposa, já quebrantada de desgostos, e provada nas mais despoetizadas dores da indignação. Não apareceu ocupação para o senhor Marinho. A razão, que seus padrinhos alegavam era forte e compadecedora; mas a ele mais lhe valera provar que, na última eleição, arranjara cem votos a favor do governo, ou escrevera uma grossa de artigos insultadores contra a oposição.

A senhora depositada fez vinte e cinco anos. Podia Marinho desprezar o pleito pendente, ajoelhar com ela no arco cruzeiro, e pedir a um sacerdote a purificação do amor, que, cego de sua muita vida, afrontara os bons costumes, e a filial obediência.

Podia, e devia; mas o senhor Marinho, na mesma hora de sua união, teria de ir pedir o pão de sua mulher e o seu. A sociedade ratificou o juízo injusto que formara do mancebo, e deu de falsa e como vã a razão de se não casarem os dois culpados por não terem casa onde se acolhessem ao saírem do templo, nem ela um vestido com que decentemente saísse do seu escondrijo. Redobram as diligências do senhor Marinho na obtenção do emprego; mas tardiamente frutificaram.

Adelaide, conforme as esperanças da sonhada ventura se iam vaporando, ao abrir-se o dia da realidade atroz das coisas deste mundo, ia por igual deperecendo em saúde, e já com sintomas graves de incurável moléstia. Marcelino de Matos, patrono dela, dizia-me, na cadeia, que em três meses a florida beleza da desditosa se tinha já desfolhado no túmulo, aberto já para ela. Eu conhecia o retrato de Adelaide adulta, e de onze anos a conhecera a ela.

Perdidas já as esperanças de salvá-la da tísica, os pais chamaram-na a si, e quiseram por ventura, com o perdão, restituí-la à vida. Não bastava isso à mulher que, apaixonada, se atirara ao abismo donde saiu moribunda. Seria necessário dar-lhe a comoção de esposa, ir com ela à luz do dia pela trilha, que ela furtivamente seguira de noite, e convencê-la de sua reabilitação ante o mundo, e no coração de seus pais.

Não foi assim: deram-lhe o arrependimento como remédio, e um leito onde morrer, se o remédio fosse ineficaz.

No entanto Marinho teimava com desesperada ansiedade em alcançar emprego. Abriu-se um coração às suas súplicas. O senhor Torres, que muito podia, e tem alma para entender alheias angústias, deu um lugar ao senhor Marinho na Beira Alta, em fiscalização do tabaco.

A mim me disse o senhor Marinho, em dezembro do ano passado, que não tinha pessoa que revelasse a Adelaide as circunstâncias dele, já então proporcionadas ao casamento. Uma senhora conseguiu falar com a enferma, e noticiar-lhe o que ela presumia ser-lhe grande prazer, e revivê-la.

Adelaide sorriu, e disse:

— Cala-te! Que me importa agora isso!...

E morreu, dois dias depois, em meado de dezembro de 1861. Está sepultada no cemitério da Lapa.

O senhor Marinho foi visto sucessivos dias ao pé daquele túmulo. Chorava; mas, ainda a olhos enxutos, a sua dor tê-la-ia eu sempre como sincera.

Contei, como devia ser contado o sucesso, muito de relance, e a medo de magoar... Quem? De magoar a sensibilidade do leitor, que não conheceu a pobre menina; mas que se há de já ter compenetrado do que seria aquele agonizar de um ano.

Eu não absolvo o senhor Marinho de uma culpa, e desde aqui lhe ofereço a minha vida franca para me ele condenar as minhas. Era nobre casar com aquela senhora, e morrer de fome ao lado dela. Eu de mim, se viesse da natureza privado de todos os dotes, que habilitam para o trabalho, sairia de noite a pedir esmola para sustentar a mulher que se houvesse despenhado dos afagos de sua família à desonra dos meus braços.

Tal vi eu um homem aqui no Porto, que só conhece os seus varões ilustrados pela riqueza, e não quer mesmo conhecer os que a pobreza assinalou com martírios de obscura honra. Apelidava-se aquele moço — Ferreira Sarmiento —. Escreveu em vários jornais até 1855. O estipêndio de seus escritos não bastava ao seu pão de cada dia. Tinha ele parentes remediados, que o desampararam, por

ele ter casado com uma menina pobre, forçado pelo coração, e já também pela honra. Lutou com admirável coragem alguns meses: chegou a escrever cartas a amigos (*amigos*, meu Deus!...) que lhe valeram uma vez, e não abriram as segundas cartas. Fecharam-se as portas dos dois esposos dum ano. Morreu primeiro ela, que era linda e débil; morreu em seguida ele, tendo já dado o valor do seu último casaco para sua mulher ser enterrada com um responso.

Quando perguntei por Ferreira Sarmento, em 1856, disseram-me que morrera tísico e a esposa também.

Como fiz esta pergunta a um que se nomeava noutro tempo amigo dele, o sujeito, a meu ver, teve pejo de dizer que o seu amigo, e a mulher do seu amigo, tinham morrido de fome.

O senhor Marinho não sabia de certo que a sociedade atual tem exemplos destes. Os jornais não fazem disto crónica. Anunciam os casamentos, dão gordura e robustez aos meninos que nascem, e orlam de tarja negra a notícia do óbito dalgum dos cônjuges, se eles não morrem para aí, desconhecidos dos armadores, dos cerieiros e dos padres.

Seja como for, eu queria antes ter morrido como Ferreira Sarmento, que viver e chorar como o senhor Marinho no cemitério da Lapa. E certo estou que esta minha escolha vai ser, no conceito de muita gente, a confirmação de minha tolice — conceito, que eu levo a bem, como todos os outros.

II

Antes de contar como passei a primeira noite de cárcere, perdi-me logo, como costume, em divagações, que o leitor, já afeito com o meu génio, aceita com benevolência.

Às nove horas da noite os guardas correram os ferrolhos, e rodaram a chave da pesada porta do meu cubículo, a qual rangia estrondosamente nos gonzos.

Estava sozinho. Sentei-me a esta mesma banca, e nesta mesma cadeira. Estavam aqui defronte de mim alguns livros. Recordo-me de Shakspeare, Plutarco, Senancourt, Bartolomeu dos Mártires, e uma *Tentativa sobre a arte de ser feliz* por J. Droz.

Folhei-os todos, e de todos me fugia o espírito para entrar no coração, e sair de lá em ânsias do inferno que lá ia.

À força de contenção d' alma consegui ler e meditar algumas páginas da *Arte de ser feliz*. Em que local eu buscava a árvore dos bons frutos! É este um livro de filosofia racional que preparou o ânimo de seu autor para mais seguras e levantadas crenças na filosofia de Jesus Cristo.

Fez-me bem esta leitura. Principiei logo a pôr em português as vinte páginas que lera, com o intento de fazer publicar o livro inteiro em folhetins.

Fui às três horas da manhã procurar no sono a restauração das forças corporais; que as do espírito, até esta hora, nunca as senti indignas da ousadia com que ele se arremessou a perigosas batalhas com o mundo.

Tinha adormecido às quatro horas, quando as sentinelas cessaram de bradar o *alerta*, que rompe em oito vozes, puxadas d' alma, de quarto em quarto d' hora.

Às cinco horas despertou-me o estrépito dos ferrolhos de muitas portas e também da minha, que se abriam. O primeiro acordar na cadeia é muito triste. Soaram logo sinetas em diversas repartições da cadeia, e começaram a entrar as famílias dos presos meus vizinhos dos quartos de malta.

Avaliei dos presos pelo pisar das suas esposas, e manas, e meninos. Vinham todos de tamancos, e pareciam desabafar seus ódios contra a justiça, batendo rijamente com os socos no pavimento sonoro.

Perguntei eu ao guarda, que me abria a porta, a razão por que a tinha fechado.

— É ordem — respondeu ele com severo laconismo.

— Os tamancos também são da ordem, senhor guarda?

— Não, senhor: cada qual anda como pode.

— É justo — redargui.

Passei a manhã desse dia com algumas raras pessoas, que me visitaram com visíveis sinais de piedade.

A horas de jantar, entrou o guarda a bater os ferros da minha janela.

Perguntei-lhe de que servia aquilo.

— É ordem — disse ele.

— Receia-se que eu tente a fuga?

— Não, senhor: é ordem.

Fui visitado pelo carcereiro, o defunto Nascimento, alferes de veteranos, bom homem, que lá morreu atassalhado de desgostos, com que os seus setenta anos não podiam.

Disse-lhe eu que achava justas todas as ordens, conquanto me parecessem dispensáveis a meu respeito, as do exame dos ferros e trancamento das portas.

O bom velho pediu-me perdão do descuido; e, à segunda noite, ficou a minha porta aberta, e nunca mais se desconfiou da minha fuga pela janela.

As minhas noites eram repartidas em escrever até às duas horas, e escutar do leito, até à madrugada, os pregões das sentinelas. Quando o coração e o espírito caíam extenuados da luta, e o benfazer do dormir me vinha das mãos da natureza misericordiosa, abriam-se as portas, e estalavam os tamancos.

Escrevi ao senhor Camilo Aureliano, procurador régio, pedindo-lhe a mercê de afastar de mim, enquanto eu não fosse condenado, o suplício dos socos, pior que as areias de Pungo-Andongo, e o cadafalso. O senhor procurador régio ordenou que ninguém subisse de tamancos aos quartos de malta. Esta ordem foi sofismada muito tempo pelos presos e por suas famílias. Não impugnei o sofisma. Fui-me habituando ao estridor, e transigi com a pobreza de pessoas, que não tinham para sapatos.

Achei muita graça a uma recalctração de um meu companheiro contra a ordem da autoridade no tocante a socos. Descalçou um, e deixou-se andar com o outro, alegando que tinha uma perna mais pequena, e carecia de auxiliá-la do tamanco para não coxear. Escutei maravilhado esta novidade em ortopedia, e perguntei ao meu companheiro se sua mercê não manquejava trazendo os dois tamancos, e igualando assim a altura das pernas desiguais. Entrou o homem em sua consciência, e respondeu-me que não. Fiquei satisfeito, e pedi-lhe que trouxesse tamancos mesmo nas mãos, se quisesse.

Principiei logo a publicar em folhetins d' *O Nacional* a versão do livro de Droz, e os artigos principais de política. Dava-me este pequeno trabalho duas horas de diversão em cada dia. E a diversão me bastava como estipêndio: nenhum outro pedi, nem aceitei, quando mo ofereceram. *O Nacional*, periódico onde experimentei a vocação, e a minha curta capacidade se desenvolveu, foi o único jornal do Porto que afrontou a injustiça e o ouro, levantando a voz em meu favor. Os outros jornais ou não esperaram que a lei me sentenciasse para me sacudirem a lama que vendem a dinheiro de contado, ou afivelaram nos lábios a mordação chamada da prudência. A todos venero, porque eu sei

em quantos escolhos roça o baixel da honra, quando as ondas da dependência se levantam a baldeá-lo do silêncio miserável para a miserável arguição.

Quando o senhor Marinho saiu com fiança por acórdão da Relação, fui transferido para o quarto que ele ocupara. Era aquele o melhor da cadeia. De lá saíra para a forca, em 1829, o conselheiro Gravito; ali estivera o duque da Terceira, durante o reinado provisório da Junta. Alguns coevos de Gravito, que estiveram simultaneamente presos, me disseram que num lanço da parede do meu quarto tinham sido escritos os nomes dos supliciados na *Praça Nova*, com belas e floreadas letras romanas, por um dos padecentes, na base duma imagem de Nossa Senhora da Esperança, pintada com mediana arte. Nenhum vestígio havia disso. Além de ser o quarto forrado a papel modernamente, constava que o carcereiro de 1829 mandara passar a brocha de cal sobre a imagem e sobre os nomes.

Inscrições vi só duas abertas na porta, e nas portadas da janela, com datas do século passado. Uma é o nome do preso, já carcomido como o seu proprietário; o outro é um espanhol, que se mostra descontente da sua situação, e declara ali estar há tempos infinitos e sem esperança de sair. Cobre este letreiro uma coroa ducal. Enquanto a mim, a insígnia nobliárquica, que o preso se deu não passa duma inocente distração de canivete. Não vá por aí algum romancista, à conta daquele duque, enganar a gente em quatro volumes.

Era o meu quarto virado ao nascente, e sobranceiro à porção da cidade velha. Aquém dum boleado horizonte de serras, acidentavam-se agradáveis pontos, e o mais dileto dos meus olhos, algumas vezes turvos de lágrimas, era a Igreja do Bonfim. Encontrara eu ali um dia a felicidade, e retive-a uma hora comigo. Fiquei depois olhando para lá, como a procurá-la, e de lá para o céu, onde eu cuidava que ela devia estar.

Deram-me flores inverniças, que eu alinhei no parapeito da janela. Duma japoneira cuidava eu com todo o esmero; mas o ar

de cárcere empestava-lhe os botões, que despegavam amarelcidos antes de desabotoarem. Também me deram uma avezinha, chamada *Viúva*. Tinha sido de Álvaro Ramos, que morrera delegado em Moçambique. O meu primeiro serviço de todas as manhãs era cuidar do asseio da gaiola, e do alimento da avezinha. Conhecia-me tanto, que já se deixava afagar. O cantar da *Viúva* era um encadeamento de notas gemebundas, e deste carpir penso eu que lhe vem o nome, como quem dá a entender que assim se lastima a viúva inconsolável. Foi ela a minha companhia de um ano. Direi bastante quanto lhe queria, contando com infantil ingenuidade que me já doía a ideia de que alguma vez havia de morrer a minha amiga.

Que triste fim teve ela nos primeiros dias da minha liberdade! Procurei-a uma noite na gaiola para lhe dizer o costumado adeus, e vi presas dos arames algumas penas ensanguentadas. Não sei se duas vezes na minha vida tenho sentido despegar-se-me o coração do peito a repelão tão doloroso! Da minha companheira de cárcere, que a cada amanhecer me dava uma elegia, restam-me as penas da cauda, que apareceram no escondrijo onde as unhas dum gato a desfizeram.

Tenha o leitor a bondade de não sorrir destas bugiarias, que eu dou ares de engrandecer às proporções de dor respeitável. Qual dor há aí que o não seja? O amor a uma ave parecerá a alguém mesquinhez de ânimo, e baixo emprego de sentir. Não sei que responder a quem tal disser. Será perfeição de espírito ou dom de temperamento desprender-se o coração de fúteis afetos a cousas que os não valem; será; mas eu tenho este grande aleijão de me afeiçoar a aves e cães, e a toda a bicharia, e a todas as feras, com tanto que elas sejam irracionais. Eu faço esta distinção em caracteres que diversificam dos da história natural. O facto esquisito de quatro pés, ou quatro mãos, com dous ou duas no ar, é distinção que repugna à minha zoologia, e não faço obra por ela, nem mediante ela escolho os meus amigos.

Um dos meus amigos escolhidos era este cão, que eu tenho aos pés. Todas as manhãs entrava ele na cadeia, quando se abriam as

portas, e saía espontaneamente ao toque da sineta. Nunca lá quis pernoitar. Era o instinto do seu pulmão, que o levava a respirar de noite o ar puro, e a voltar no dia seguinte, quando a atmosfera circulava nos corredores infectos da cadeia.

Já dei a enfadosa descrição da minha moradia no cárcere. Cuidaria o meu leitor que eu desenrolava aqui os canhenhos lá escritos sob a pressão excruciante das abóbadas, e com as garras da morte cravejadas no peito. Não, senhor. Lá vi de perto a morte, e sentei-me muitas vezes no leito para a receber com boa sombra e compostura. Tão graciosa me lá parecia ela, como há de parecer, se me visitar sobre colchões de penas com pavilhões de cetim e ouro, e uma chusma de lisonjeiros e escravos abjetos a contemplarem-me os paroxismos. As angústias, que lá não senti, é contra a minha índole imaginá-las cá de fora. Se más horas me quebraram o ânimo, alucinando-me ao ponto de chamar em meu favor o patrocínio de presumidos amigos, essas mesmas horas agradeço à divina Providência, que me mostrou o mundo sem máscara. Devo até julgá-las as mais profícuas de minha vida; e, sem desejá-las mesmo aos meus inimigos, digo que todo o homem enredado na trama duma larga convivência com os seus semelhantes devia experimentá-las, se lhe não sobra hipocrisia para enganá-los todos, ou farto ouro para abroquelar o seu despejo.

Poucas mais vezes falarei de mim, e nenhuma com referência a inimigos, cuja ferocidade estúpida nem então temi. Há uma coisa mais aviltadora que o desprezo: é o esquecimento. Antes de esquecer-los, pasmei de sua ignomínia, fiquei nisto, e já agora espero que as moscas me vinguem, quando a podridão lhes esvurmar nos coiros.

III

Defrontava com o meu quarto o de António José Coutinho.

Era a mais bela e majestosa cabeça de velho que ainda meus olhos viram!

Raros cabelos lhe orlavam o crânio; e, à minguia deles, sobressaía a ampla e brunida fronte. Em espirais de neve lhe serpeavam sobre o peito as barbas, que ele trazia sempre cuidadas e escovadas com o esmero de homem que todas as manhãs tinha a cumprir uma visita ceremoniosa. Era eu o preso visitado.

A medianeira, que nos servira a ambos, para nos relacionarmos, fora *Minerva*.

— A deusa da ciência?! — acode o leitor — Teremos algum quadro mitológico, ou dar-se-á caso de estar a divindade da sabedoria pagã presa, na Relação do Porto, por vadia, nesta época em que ela não tem que fazer, nem quem a conheça e abone no governo civil?

— Não, senhores; não era a deusa do Olimpo; era uma cadela chamada *Minerva*, nome este que até já anda pelos cães.

Hei de deter-me a falar nesta cadelinha nas três seguintes páginas. Neste aviso, dou aos meus colegas romancistas um bom exemplo. Todo o escritor sincero deve prevenir o seu leitor das estafas, que lhe estão iminentes. Aos aborrecidos de episódios caninos digo eu que saltem em claro as três páginas.

Quando, em 1855, foi preso António José Coutinho, e recolhido ao *segredo* da Relação, a cadelinha, que tinha então um ano, acompanhou-o, e deitou-se gemente à porta do *segredo*. Ali passou o primeiro dia e a primeira noite; porém, como o preso devia estar tempo indefinido ali, o guarda, a pedido dele, levou a cadela para casa de uma família, que lhe ministrava o alimento.

Depois de dezessete dias e dezesseis noites de cárcere incommunicável, saiu Coutinho da caverna para um quarto de malta, e pediu licença para ter consigo a cadela. O carcereiro era humano, e permitiu que *Minerva* visitasse seu amo. Era ela da inteligentíssima raça d' água, como se diz. Amestrada por alguém, saía todos os dias à tenda e ao açougue onde lhe confiavam os alimentos para o dono. Coutinho cuidava da sua amiga, como quem não tinha quem tanto lhe quisesse. Dava-lhe o mais macio do seu magro colchão, metade do seu jantar, aquecia-lhe à noite o caldo, e de três em três dias a ensaboava em banho de água tépida, e lhe desenriçava os velos do pelo.

Coutinho, como é de ver, tinha muitas horas de abertura d' alma, em que rompia em gemidos, e lágrimas lhe saltavam. *Minerva* contemplava-o naquela ansiedade, erguia-se até lhe assentar as mãos no seio, recebia ganindo brandamente os carinhos, e lambia-lhe as lágrimas.

— Muita noite — disse-me António José Coutinho — me assentei na cama em ânsias de morrer. A cadelinha despertava ao meu menor movimento; chegava-se para mim; e eu, abraçando-me com ela, sentia alívio, sentia uma companhia que me chorava: e acontecia adormecer afagando-a.

Subia, uma manhã, a cadela com a alcofa dos provimentos para seu dono; e, no ato em que tinha meio corpo adentro do gradão principal, o chaveiro, inimigo de cães, deu-lhe com a pesada chave na cabeça. A pobrezinha, posto que aturdida da pancada, e contorcendo-se no chão, susteve a alcofa na presa, e ali ficou até que seu dono a veio buscar.

Coutinho desceu ao gradão, tomou a cadela nos braços, convulsiva de dores, e disse apenas com os olhos embaciados de lágrimas:

— É muita crueldade!... Que mal faria ao senhor chaveiro este inofensivo animal?!

— São ordens — respondeu o funcionário — Esta casa é para cristãos, não é para cães.

O preso agasalhou *Minerva*, e lavou-lhe repetidas vezes a contusão. A cadelinha, ao terceiro dia, manifestou nos olhos uns pontos nublados; e, no fim de três semanas, estava inteiramente cega.

— Este infortúnio — disse-me Coutinho — cabia ainda nos largos limites da desgraça que o destino me marcara. Faltava-me a luz dos olhos da minha amiga, únicos que me viam chorar. Eu, às vezes, apertava-a contra o meu peito com tanta angústia, que não lhe sei dizer, nem isto lhe diria, se o não julgasse capaz de me desculpar o coração, pela muita amizade que tem aos seus cães. Sentia-me redobrar de afeição por ela, depois de cega, e ela por mim. Quando a via a farejar-me de longe, corria logo a festejá-la, com medo que ela se magoasse em busca de mim. Naquele tempo andavam obras de sobrado nestes corredores; e eu, receando que ela caísse em algumas das aberturas, levava-a ao colo, e ia pedir a alguma servente dos presos que ma levasse à rua, duas vezes em cada dia. Estava cega; mas via-me chorar pelos olhos do amor, ou adivinhava-me as lágrimas pelo soluçar da respiração. E assim era que vinha a mim, e me trepava aos joelhos e procurava a face, abrindo em vão as pálpebras. Cuidaria ela, e estará talvez cuidando que o seu viver tenebroso de quatro anos é um sonho? Esperará ver-me ainda?...

«Quando me escassearam os pequenos recursos com que entrei na cadeia, já faltava quem quisesse levar a cadelinha à rua; e tão desvalido eu estava, que, até pelo facto de sustentar a cadela inútil, me acusavam de tolo, e aconselhavam a mandá-la afogar.

«Vi-me na dura precisão de pedir a uma compadecida família de Cima-do-Muro que me deixasse ir a cadelinha para sua casa.

Aceitaram-ma, e eu despedi-me dela às escondidas, para que me não vissem beijá-la, e dizer-lhe as palavras, que eu julgava as últimas. Como eu sofri as duas primeiras noites em que lhe não sentia o peso no cobertor da minha cama!

«Ao terceiro dia, *Minerva*, que pouco alimento aceitara, saiu da casa de Cima-do-Muro, e veio ter sozinha à cadeia. Quando a vi entrar no meu quarto cuidei que vinha alguém da família trazer-ma a espairecer saudades. Ninguém vi; mas, ainda assim, não acreditava que viesse sozinha. Horas depois apareceu um criado da boa gente, perguntando-me se a cadela estaria ali; e então soube que algumas pessoas a viram passar na Rua das Flores, e deram fé de sua cegueira, a ponto de pedirem a outras que lhe não impecessem o caminho.

«Mandei-a segunda e terceira vez para Cima-do-Muro; mas nem lá comia, nem se afazia às festas da família. Afinal, os meus companheiros e o coroável carcereiro me disseram, comovidos de tamanha prova de amor, que a deixasse ficar, e lhe não fosse ingrato.»

Aqui termina a exposição do senhor Coutinho, cortada a intervalos por silêncios em que falavam as lágrimas.

Seriam vinte os presos dos quartos de malta; o quarto único, porém, que a cadela visitava era o meu, quando seu dono, temendo importunar-me, a não privava. Mediante ela, é que eu acareei as simpatias do meu vizinho, cujos relanços especiais de sua vida vou esboçar.

Os pais de António José Coutinho eram da província transmontana, de uma aldeia chamada Pontido, além da serra do Mezio, encostada ao Castelo de Aguiar, onde a tradição diz que vivera Duarte d' Almeida, o pugnacíssimo alferes da bandeira, que a sustentou nos dentes, quando lhe cortaram os pulsos, na celebrada batalha do Toro, em tempos de Afonso V. Queira o leitor desculpar estas impertinentes notícias: procedem estas paragens de eu ter gastado alguns anos da mocidade por aqueles sítios, e ficar-me às vezes a rememorar um pensamento, que

por lá me nasceu, ao pé duma árvore ou fragedo, que ainda estou vendo.

Os pais de Coutinho para se unirem tiveram de fugir ao recíproco ódio de suas famílias. Foram dar a Lisboa, onde o fugitivo tinha parentes pobres e virtuosos. Em Lisboa, por intercessão dos parentes, celebraram o casamento, e lá ficaram, desesperados um e outro de alcançarem de suas famílias subsistência.

Esqueceu-me o teor da vida que teve em Lisboa o chefe de família. Sei que vivia benquisto e relacionado de pessoas nobres, mormente dos morgados dos Olivais, ascendentes de outros que figuram na minha novela, intitulada *O romance de um homem rico*, cujas miudezas, e entretcho dela, me foram ministrados pelo meu companheiro de cadeia.

António José Coutinho nascera em 1796. Estudou primeiras letras, destinado a entrar na congregação oratoriana, por vontade de sua mãe, e contra a do pai. Concertaram os bons esposos que decidisse o pequeno o seu destino, quando completasse os doze anos. Consultado, na idade convencionada, respondeu o moço que queria seguir um ofício, e preferiu o da ourivesaria, levado de sua vocação.

Com pouco mais de um ano de aprendizagem na sua arte querida, adoeceu António, à força de muito aplicar-se e idear extremos de génio, que mal podia dilatar-se na área restrita de sua lavra. Dissuadiram-o do ofício os médicos e os pais; ele, porém, a sós consigo, e com os utensílios escassos, que seus pais lhe davam, prosseguiu no aperfeiçoamento, e achou-se de repente apto para estabelecer-se. Ganhava o artista de sobra para suas despesas, e lograva por isso mesmo certa independência, que os pais não impediam, e as pessoas de suas relações acolhiam com admiração e estima.

Não me lembra com qual dos conjurados, na tentativa do general Gomes Freire, vivia em intimidade António José Coutinho. É certo que no seu quarto se tinham armazenado armas, e de lá

saíram alguns militares para sublevar os quartéis, na noite em que foram subitamente presos. Instaurada a devassa, Coutinho foi indigitado, preso e processado. À hora em que o general Freire era enforcado em S. Julião, estava Coutinho, moço de vinte e um anos, esperando que lhe dessem a alva, e o mandassem saldar contas com Deus no oratório.

Salvaram-o os valiosos amigos de seu pai, o qual, macerado pelo terror de ver seu filho ir à forca, pouco sobreviveu à notícia do perdão.

O livramento do suposto conjurado custara, sobre os esforços d' amigos, grosso cabedal. Os patrimónios dos dois esposos, bem que desmerecessem nome de riqueza, devorou-os então a garganta dos nossos fiéis aliados, e nesse trago também foram todas as economias de vinte anos de trabalho.

Ficou a encargo de António José Coutinho sua mãe, a *santa que me perdeu*, dizia ele todas as vezes que me falava dela.

— A santa que o perdeu? — atalhei, à primeira vez que ele me apresentou ideias tão discordes — Mãe, e santa pode perder um filho?!

— Perdeu-me, querendo salvar-me...

E explicou desta forma o aparente contrassenso:

— A ourivesaria dava mesquinhos interesses. Para objetos de luxo só reina a inclinação e o gosto quando há paz e contentamento nas nações. Desde 1810, Portugal esteve em permanente ebulição. Estabilidade havia somente a do terror de uns falsos amigos, que se alternavam as máscaras, e assim andavam em volta do leito moribundo da pátria, tripudiando-a.

Não cuidem que estou assoprando a linguagem de Coutinho: o seu dizer, quasi sempre figurado, era aquele. Pautava e pausava as ideias, como se estivesse vendo as imagens antes de avultá-las na palavra. Tamanhas eram às vezes as delongas, e os prefácios de coisas simplíssimas, que necessário fora estimá-lo muito e ser dotado de basta paciência, para não sair com enfado de suas palestras. Costumava ele atalhar-se a miúdo, dizendo-me: «Quando vir que

eu desvaio, tenha a bondade de chamar-me à ordem. Como não converso há cinco anos, perdi o hábito de falar, e afiz-me a pensar. O resultado é falar agora como penso.»

E continuou assim as suas primeiras revelações:

— Escassearam os recursos, e pensei em me dar a outro género de trabalho, a ocultas de minha mãe. Ensaiei-me no fabrico do rapé, e fui feliz. Aluguei casa fora de portas, associei-me a um homem abastado, e conseguiria enriquecer-me em dez anos, se não fossem os escrúpulos de minha mãe. Sabia ela que eu abandonara a ourivesaria, e instava por saber a fonte misteriosa dos meus recursos. Dilatei quanto pude o responder-lhe; até que um dia, vendo-a presumir de mim crimes que a seus olhos me envergonhavam, e rejeitar a abundância em que eu a tinha, contei-lhe o meu segredo.

«Ouvii-me minha mãe com espasmo, e de tamanho medo se transiu, que adoeceu, exclamando que necessariamente eu havia de vir a acabar numa masmorra ou no suplício.

«À custa de reiteradas promessas de abandonar o fabrico do rapé consegui arrancar minha mãe à morte. Incrédula ainda do meu bom propósito, fez-me jurá-lo por alma de meu pai, juramento sacratíssimo, que eu não violaria em extrema penúria.

«Tentou o meu sócio vencer a minha pueril repugnância em quebrantar o juramento, logo que minha mãe convalesceu. Era impossível. Consegui de mim apenas aceitar o valor de metade dos utensílios, e amestrar um artista para a continuação da indústria.

«Minha mãe, para me furtar à tentação, ordenou que saíssemos de Lisboa, e fôssemos à província visitar os parentes. Fomos para a aldeia de seu nascimento, e para a companhia de um meu tio padre, irmão dela, o qual nos recebeu como se recebem parentes pobres.

«Aí estivemos alguns meses vivendo uma vida de humilhações, que muitas vezes me fizeram encarar em minha mãe com olhos acusadores. A santa mulher lia-me na alma, e dizia-me: ‘Antes isto,

antes o sofrimento, meu filho. Quero ser humilhada, desprezada e reduzida a pedir esmola; mas não quero a abundância com as mordeduras da consciência, e os sobressaltos de te ver perdido para mim e para ti.’

«Pedi licença a minha mãe para buscar algum modo de vida que me desse independência com honra. Contei-lhe que em Vila Real havia um escrivão que precisava dum amanuense, a quem daria oito vinténs diários, casa e cama. Pedi-lhe que me acompanhasse, que eu lhe dava a ela o dinheiro, e abastaria para mim a outra paga do trabalho. ‘Vai tu, filho — respondeu ela — converte em teu bem o que puderes ganhar. Eu tenho forças para sofrer, e irei sofrendo já agora o resto da vida para ganhar a ventura de morrer na casa onde nasci.’

«Fui assoldadar-me ao escrivão... Não me há de esquecer contar-lhe um singular sucesso que me sobreveio no caminho. Entre Vila Real e a aldeia de meus pais está uma povoação chamada Gravelos. Aí tinha eu uma tia casada, irmã de minha mãe. Diziam minhas primas, filhas dela, que a pobre mulher estava possessa do demónio, e tinha horas de fúria indomável a forças humanas. Quis eu vê-la numa dessas horas; e com efeito a vi estrebuchar entre os braços musculosos dos filhos e dos criados, derribando-os ao chão pálidos de terror. Ouvi os exorcismos dum franciscano que pernoitava acaso na aldeia. Demónio era aquele que nem o frade respeitou! Se lhe não acudissem, poderia o frade sinceramente dizer que o demónio lhe respeitara o espírito, mas lhe fizera a cara em estilhas! Exauridas as forças dos circunstantes, acerquei-me da energúmena, fitei-a nos olhos com severo aspeto, e disse-lhe: ‘Que fúrias são estas? Esteja quieta, minha tia, quando não amarramo-la com cordas de pés e mãos.’ A indemoninhada fitou-me com olhar flamejante, que nem carbúnculos vistos ao resplendor da luz, e exclamou, depois de soltar uma gargalhada de arripiar: ‘De ti estou eu bem vingada! Hás de morrer numa cadeia, assim como esta mulher há de morrer entre as minhas garras.’ Era pois o espírito que falava. Riu-se ainda, debateu-se

menos furiosa nos braços das filhas, e foi-se extenuando até ficar serena. Olhou-me com brandura, chamou-me a si, tomou-me a mão, e rompeu em choro. Perguntei-lhe porque me estava assim contemplando e chorando? Respondeu: ‘Meu pobre António, que desgraçado acabamento há de ter!...’

«Eu já lhe quis contar isto doutras vezes — prosseguiu o preso — mas receei dar-lhe de mim uma baixa ideia. Não era orgulho de inteligência, que a não tenho; era o amor-próprio que nos vem dos cabelos brancos. Mas já agora, que tão sincero fui, peço-lhe que seja sincero também comigo. Que pensa o senhor deste acontecimento?»

Recolhi-me alguns segundos, e respondi:

— Eu não sei nada de telhas acima, senhor Coutinho. Ignoro se existem espíritos maus. O Evangelho diz que sim, e o Evangelho diz umas coisas tão verdadeiras, que será desatino supor que ele mente em outras. Se existiram espíritos maus, e às legiões, como eles se incorporaram nos porcos, e nos centenares de possessos mencionados no Novo Testamento, não há razão para supor que essa raça maldita esteja extinta. Se existe, como induzem a crer tantas probabilidades, é de crer que continue a funcionar na humanidade, segundo a sua maléfica condição e providencial ofício. Que um desses espíritos maus entrasse no corpo de sua tia, não duvido eu acreditá-lo, firmado na verdade da exposição que o senhor Coutinho me fez. Se o Demónio é profeta, não sei, nem a Bíblia me autoriza a julgá-lo tal; porém, não posso deixar de sentir que o demónio, que profetizou em sua tia, dê ares de ter pelo menos adivinhado a sua vinda à cadeia. Eu queria destruir-lhe a sua preocupação; mas em verdade lhe digo que a minha ciência me não ensina argumentos contra o que seus olhos viram. Já lhe confessei que não sei nada de telhas acima, nem tenho aqui à mão filósofo algum que me convença da falsidade do Evangelho, nem da inutilidade dos exorcismos dados pela sabedoria dos legisladores da igreja, e impressos nos rituais com a sanção dos pontífices. Isto não é bem dizer-lhe que acredito na obsessão de sua tia: é desejo

de persuadi-lo da sinceridade com que lhe digo que não sei nada.

.....

.....

.....

Cortou-se o capítulo acintemente para dar azo a que o leitor medite o assunto, e vá de conclusão em conclusão à mais racional, que por ventura será esta: «tão inepto era o franciscano que exorcismava o demónio, como o sobrinho da indemoninhada, o qual erige o demónio às honrarias de profeta, como tu, romancista, que tens o descoco de contar essa crendice, sem nos convenceres de que és o menos parvo dos três.»

Curvo a cabeça humildemente, e fico em acreditar que há demónios para tudo e para todos: o meu inquestionavelmente é um demónio que abrucece, e me desmemoriou do meu Voltaire — que manda rir de tudo — na ocasião em que o preso me contou o singular caso que lhe aconteceu, ao ir do Pontido para casa do escrivão de Vila Real.

— Entrei ao serviço do escrivão — prosseguiu António José Coutinho — e ali estive cinco anos, primeiro como amanuense, depois como regente do cartório. Nunca se me varreram do espírito umas preleções de liberdade, que me fizera o amigo, morto na malograda conspiração do general Freire. Se acertava de falar eu em política dos estados, desembuçava as minhas ideias, e francamente me alistava a favor do sistema representativo, e da extinção de certos privilégios nocivos ao comum do género humano. Estas franquezas iam-me sendo fatais, e mais ainda o júbilo com que eu saudara a constituição dada por D. Pedro IV, e o malogro das tentativas do Silveira, abjeto escravo dos caprichos de D. Carlota Joaquina.

«Quando rebentou a revolução de 1828, pensei que a planta da liberdade tinha vingado, e lavrado raízes no coração dos portugueses. Pronunciei-me com tamanha imprudência, que andei a recrutar em Vila Real pessoas para levantar o grito na província. A planta

da liberdade carecia ainda de muita rega de sangue, e os realistas da terra pensaram em me fazerem logo ali pagar o meu tributo... Permitisse Deus que eu tivesse morrido então!...»

O preso ficou-se meditativo, e prosseguiu em voz trémula de lágrimas:

— Que morte tão digna dum homem,... morrer por amor dos outros homens!... Até Deus a escolheu para o seu enviado!... A quantas ignomínias se teria forrado a minha velhice!... Este lento agonizar, senhor... uma gota de sangue do coração a cada cabelo que me embranqueceu debaixo destas abóbadas...

Coutinho chorava em soluços. Ergueu-se, e murmurou:

— Fiquemos hoje aqui. Não posso, nem o senhor já poderá, talvez... O restante, que pouco é, amanhã.

Coutinho continuou assim:

— Avisado dos perigos que me ameaçavam a liberdade, evadi-me furtivamente para o Porto, e vivi ignorado, ou a minha presunção me instigou a esconder-me numa casinhola infecta ao rés da rua, aí atrás da Sé. Apesar de ir ratinhando cada vez mais a minha subsistência, em obra de dois meses experimentei a fome. Fugiram os sustos, e saí à luz do dia a procurar trabalho. Fui de escritório em escritório de tabelião pedindo autos para copiar; como, porém, me pedissem fiança, que eu não podia dar, baldaram-se as minhas diligências por este lado. Lembrou-me subitamente que eu fora ourives, e fui oferecer-me a um da Rua das Flores, que me aceitou, e, vendo o meu trabalho, me estipendiou generosamente.

«Aí demorei um ano, sem vontade, mas resignado. A vocação mudara com as mudanças da idade. A arte era o meu amor, amor único de toda a minha vida; amor que devia perder-me, como todos aos quais o homem cega e exclusivamente se aliena. Não era, porém a arte do ourives que me enlevava. Acanhado me parecia o espaço para afoitezas do talento que me abrasava, deixe-me este pobre orgulho, que me queimava a vida com o fogo que ele não podia converter em clarões de sua glória.

«Dediquei-me clandestinamente à gravura. Dois anos consumi em ensaios para levar à perfeição os cunhos do papel selado. Saí-me brilhantemente na última experiência. Admirável mecanismo o

do homem! Parece que a perfeição da minha obra, desajudada dos utensílios mais indispensáveis, me incutiu não sei que horror, que presságio, que misteriosa agitação, semelhante à que deve sentir o homem pactuado com o Inferno, e vendido na alma eternamente a troco duma glória, dum contentamento temporário!

«Afastei de mim os cunhos por alguns dias; mas, a cada hora, o agulhão da cobiça, e não sei mesmo se outro, igualmente penetrante, o do engenho, me davam batalha, reservando para maiores resistências os desgostos da vida de ourives, numa obscuridade onde me não chegava quinhão de louvor às peças, que eu lavrava.

«Captara minha confiança um sujeito, que frequentava a loja de meu patrão. Revelei-lhe o segredo, sem contudo confessar que pensava em aplicá-lo a uso criminoso. Era abastado e ambicioso de maiores abundâncias o meu confidente. Esporeou a minha parva inépcia com sedutoras razões, a ponto de me conjurar no fabrico do papel selado, para o qual ministrou ele todos os adiantamentos, casa, papel especial, utensílios e um operário seguro.

«Os meus trabalhos eram noturnos: os dias passava-os ao marçarico, para que a minha falta não ocasionasse suspeitas.

«No primeiro ano repartimos cinco contos de reis para os dois. Isto excedeu a minha expectativa; mas faltou-me a saúde, sempre débil, no afogo do trabalho, e com as muitas noites desveladas ao pé do balancé.

«Despedi-me do patrão, colorindo a saída com estabelecer-me, mediante o empréstimo de alguns amigos.

«No segundo ano cresceram os lucros da falsificação do papel selado, e até aos da ourivesaria me bafejara a fortuna caprichosa, a qual tem às vezes índole de abutre, que folga de levantar a presa a alturas donde a deixa precipitar sobre penedias, e de novo a levanta até fazê-la pedaços, que facilmente devora.

«A este tempo me escreveu minha mãe, noticiando-me a morte de seu irmão padre, e a intimação, que recebera dos sobrinhos, de desalojar da casa, que a constrangida caridade do irmão lhe

dera. Perguntava-me se Deus me tinha ajudado de maneira que ela pudesse quinhoar do meu pão, sem sustos. Respondi-lhe que partia logo na próxima semana para trazê-la comigo, jurando-lhe que o meu pão era nobremente ganhado.

«Mentia-lhe; mas sofismava a mentira diante da minha própria consciência, dizendo que o pão do ourives era honradamente ganhado, e do pão do falsificador não daria quinhão a minha mãe.

«Remoçou a ditosa mulher quando viu o meu estabelecimento em pequeno ponto, a minha assiduidade nele, e os lucros bastantes à decente sustentação da pequena família.

«Decorridos os primeiros quinze dias observou minha mãe que eu pernoitava fora continuadas noites, e recolhia ante manhã. O juízo que ela formou deste seu reparo poderia ser motivo a censuras; mas não era de certo suposição de crime. Tomou o sucesso à conta de desvarios da minha idade, e ficou-se em dizer-me que eu seguia diversa trilha da de meu pai na mocidade. E acrescentou: ‘Procura uma boa esposa, meu filho, e não desperdices a tua mocidade nesses afetos perigosos, que se escondem da luz do dia.’ Acolhi a censura com ar de quem a merecia.

«Observou depois minha mãe que eu era a miúdo visitado por um sujeito que se fechava comigo num quarto reservado. A curiosidade natural no timorato e desconfiado coração de mãe, moveu-a a espreitar-nos, em ocasião que o meu sócio, enfiado de pavor, me estava dizendo que as autoridades policiais farejavam uma fábrica de papel selado no Porto, em consequência de terem recebido de Lisboa ordens de devassarem na pista de todos os indícios. Eu recebi aterrado semelhante nova, cujo medo nunca me assaltara. Combinámos logo ali transferir a máquina para fora da cidade, onde o meu sócio tinha uma quinta, que de muito servia de escala para os contrabandos desembarcados na costa.

«Terminada a conferência, casualmente perguntei por minha mãe, e a criada me disse que ela se fechara em seu quarto.

«Pareceu-me a reclusão extraordinária, e fui chamá-la. Como não me respondesse, fiz saltar a fechadura, e encontrei-a prostrada

diante do santuário com os sentidos perdidos. Tomei-a nos braços, transportei-a à cama, e esperei a vida, que lentamente se recobrou.

«Seguiu-se um diálogo de ânsias e gritos. Minha mãe ouvira tudo, e adivinhara o que não ouviu. Lançou-se a meus pés de joelhos, suplicando-me que abandonasse a criminoso habilidade, que me havia de levar ao abismo. Ergui-a desta postura, em que era eu o humilhado, o criminoso arrependido. Nesse mesmo dia procurei o meu sócio, e contei-lhe a dolorosa cena. O homem, mal reparado ainda do susto, nem me viu as lágrimas, nem o coração. Achava que o perigo era grande; mas, a cada instante, se lembrava do muito liberalmente que ele era pago. ‘Vejo as coisas dispostas — me dizia o ricoço — a ganharmos este ano oito contos de reis! O correspondente de Lisboa manda ir duzentas resmas a quinze mil reis. Veja você duma assentada três contos de reis, não falando nas comissões das províncias, e no consumo do Porto.’

«— Pois bem — repliquei eu — continue o senhor com a fábrica: lá tem quem me substitua; e desligue-me desta sociedade que é a morte de minha mãe. ‘Mas engane-a!’ — retrucou ele. ‘Não posso, nem devo. Hei de dar-lhe conta de todos os minutos da minha vida de ora em diante, para que ela se não envergonhe nunca de se ter lançado aos pés de seu mau filho.’

«Cumprido, e salvei, pela segunda vez, minha mãe.

«O meu sócio removeu a máquina, e continuou a indústria, a despeito da espionagem da polícia. Explorou-a alguns anos, e sempre com prosperidade; até que, pressentindo a morte nos achaques da velhice, enterrou os cunhos, desfez a máquina, e vendeu as peças a peso. Não há oito anos ainda que ele morreu; e o seu nome, conquanto viva honrado na memória de muita gente, nunca será proferido por meus lábios com desonra. O operário que nos auxiliava retirou-se também rico, e não sei dizer-lhe se a esta hora é titular, porque não leio gazetas há cinco anos. Preso é que eu lhe assevero que ele não está.

«Fiquei portanto ourives, com alguns contos de reis em moeda, bastantes a comprar uma quinta, onde eu e minha mãe

passássemos anos de pacífica e regalada mediania. Consultei-a. Abriu-me os braços na veemência de sua alegria; mas retraiu-os logo perguntando-me que modo de vida me dera dinheiro para comprar uma quinta. Não pude mentir-lhe; achei mais digno de impugnar-lhe a demasia dos escrúpulos, chamando-a a ideias menos religiosas acerca do que ela chamava um crime. Defini-lhe em boa razão o que era crime, em respeito à lei que protege os monopólios da chamada fazenda nacional. Quis convencê-la de que nenhum peso tinha na balança da divina justiça a culpa de quem prejudica os interesses do erário, ou, como agora se diz por irrisão, do tesouro público. Fiz-lhe ver que meia dúzia de contos de reis, em que eu tinha desfalcado o Estado, eram como uma gota d' água lançada num tanque.

«— Mas é crime! — atalhou ela, e não saía desta espavorida interrupção, contra a qual afroixou a minha inválida, e um pouco sofisticada, razão das coisas, e explicação libérrima do livro 5.º das ordenações.

«Não compreí a quinta, nem distribuí o dinheiro em obras de caridade, como era a vontade de minha santa mãe. Dei-me todo ao trabalho de minha oficina; e resisti à violência dos ímpetos que me estavam sempre impelindo... para aqui, meu amigo!...

«Minha mãe morreu há catorze anos, com sessenta e oito de idade. Fortíssima devia ser aquela compleição, que resistiu a tantos abalos! Na véspera de seu trespasse, me disse ela as últimas palavras, que vejo escritas com fogo nas trevas do meu cárcere. Foram estas: 'Eu morria contente, se Deus te levasse diante de mim. Ficas no mundo para muitas dores, e morte de muitas agonias. Sejam quais forem, sofre-as com paciência, filho; e lembra-te de tua mãe, que a essa hora estará pedindo ao Senhor te dê a salvação, e desconte em tuas culpas as torturas, que os homens te derem.'»

Coutinho esforçou-se por abafar as lágrimas. Conheci quanto lhe era opressiva a violência. Abracei-o com transporte de natural compunção, e rompi a represa do pranto ao desgraçado velho. Seguiu-se ao soluçar uma estranha quietação, e logo um sorriso, que lhe

iluminava a face. Tirou o preso das orelhas os óculos embaciados de lágrimas, limpou-os, e repôs os aros vagarosamente, aconchegou do encorreado seio as lapelas da véstia de peles, e prosseguiu:

— Achei-me só. Quis comprar a quinta, e fugir à sociedade. Era-me alívio na minha soledade pensar nisto. Porque o não fiz eu, meu Deus!? Não sei. A Providência não o quis. Era necessário que eu viesse aqui realizar a profecia de minha mãe, e chamá-la do Céu a testemunhar as surdas agonias da minha decrepitude.

«Oiça-me com complacência uma infantil revelação. Eu tinha quarenta e cinco anos, quando amei pela primeira vez. E que desgraçado amor!... Era uma mulher, que eu conhecera na abundância, e no descuido das dissipações do marido. Bela era ainda, mas já pobre quando a eu amei. Primeiro, o meu amor foi um reflexo da caridade desinteressada, e imaculada como ela desceu do céu à terra. Adiante do coração mandei àquela família a restauração da abundância, velei na educação dos filhos, amimei-lhe os instintos maus, aconcheguei-os de mim, quando os pais queriam castigar nos moços adultos a péssima educação que lhes deram na infância.

«O crime veio depois: a caridade perdeu todo o sabor que tinha em minha consciência. Mas o tripulante em calmaria, abrasado de sede, chega a gostar o acre da água do mar, e vive a incendiar-se com ela, e a apagar uns incêndios com outros. Assim é o vício repetido. As chagas abertas já não enjoam quem se afez a olhá-las em si. Hoje o crime; amanhã o remorso: depois, a conformidade com o remorso, aconselhada pelo exemplo de iguais criminosos, depois a indiferença; e às vezes, por último, um galardão interior, que devera chamar-se o desprezo em que o homem a si mesmo se tem.

«Quando minha mãe expirou, fugiu de ao pé de mim o bom anjo que me ensinava a caridade sem usura, a abnegação sem buscar, na trilha de nossos passos honrosos, alguém que nos viesse admirando.

«A queda é posterior à ascensão de minha santa mãe. Não sei que prazer sinto em relembrar-me disto, que parece coisa indiferente ao crime ou à virtude!...

«Quatro anos depois da morte da santa, eu já não tinha loja de ourives. A minha oficina estava resumida a trabalhos de gravura, insignificantes trabalhos, à primeira vista; mas tão aprimorados, que eram sempre mal pagos. Gastei o dinheiro que tinha na sustentação, na abundância e nas prodigalidades da família que eu sustentava. O chefe da família renunciara totalmente à sua honra, contanto que o preço da tácita convenção da renúncia mantivesse a sua pontualidade. Os filhos cresceram em anos e vícios, anos que reagiam aos meus conselhos, e vícios que medravam nos meus recursos, nunca denegados. A mulher fatal, empeçonhada pela indignidade do marido, perdera a pouco e pouco os direitos de mãe, e com sua tolerância parecia estar pedindo indulto do crime, se por ventura a ideia de crime não estava de todo obliterada naquela alma.

«Desgraçada senhora! que queda, e que abismo!»

Voltaram outra vez as lágrimas aos olhos do preso, e as ânsias, que desabafavam em soluços. Contemplei-o, e esperei com o coração angustiado. Eu já sabia a história que me ele estava contando. Conhecia a mulher, que ali vinha todos os dias, enroupada num velho capote, e lhe ajudava a comer os feijões do caldo e a broa negra da santa casa da misericórdia. Observei-lhe que se abstivesse de me contar o restante daquele episódio da sua vida, que me não era estranho.

— Pois sim — disse ele comovido — não contarei... que não posso... que não devo... Receio que me rebente do coração alguma palavra de queixume. Basta-me vê-la tão infeliz, e todos com ela, todos quantos viveram à sombra do seu opróbrio!... O marido vaga aí, esquecido do que foi, quando estende a mão descarnada à esmola... Os filhos não a conhecem, e procuram o pão da tardia dignidade no trabalho;... mas não a conhecem, nem a mim... Providência divina! onde estarias tu, se esta expiação me faltasse...

Estas últimas palavras saíram entrecortadas de aspirações arrancadas do peito exausto de vigor.

Pedi ao preso que deixasse para o dia seguinte a continuação de suas revelações.

— Pouco mais tenho que lhe diga — respondeu ele — Deixe-me fazer um esforço, e o senhor faça outro de paciência. Quando me vi ameaçado pela pobreza, e carregado da sustentação de uma família dispendiosa, abri as portas ao demónio tentador. Ajuntei as relíquias do dinheiro do crime, e apliquei-as para ensaios doutro mais sedento de riqueza. Fiz as primeiras tentativas no fabrico da moeda. Cunhei moedas de prata, atirei-as ao giro, e auferi poucos interesses. Tentei o dinheiro-papel; mas faltavam-me máquinas: o que por aí se fabricava era sujo, estúpido, e só capaz de enganar a boa-fé dum comerciante vezado a lidar com ele. Dominava-me a mim o estólido brio da arte; o timbre de me não deixar acusar de imperfeições pela minha própria razão. Eu conhecia gravadores ineptos, sem faísca de engenho, materialíssimos nas suas obras, e ricos. Muitas vezes me demorei a contemplar os seus trabalhos, e exclamava: «Parece incrível que o mundo se engane com estas notas!» Quando alguns desses me precederam nesta casa, não me espantei. Entendi que vinham expiar a rudeza do seu ofício, e a temeridade de entrarem em competência com artistas, que não queriam mentir à arte para mentir ao mundo.

Não pude ouvir sem sorriso a veemência apaixonada com que Coutinho arguia a inaptidão dos seus colegas. Impostura de certo não havia naquele zelo da arte, e na continuação da história verã cada leitor a certeza disso.

Continuou:

— Apliquei-me aos cunhos da moeda d'ouro espanhola e portuguesa. Tirei-os perfeitíssimos, saíram-me primorosos na fundição, mas galvanizá-los a primor, com a liga que eu descobrira em incansáveis estudos de química aplicada, isso é que eu mal podia fazer sem aparelhos e máquinas. Algumas construí eu por minhas mãos; faltavam-me, porém, balancés de força maior, que as fábricas de fundição nacional não podiam dar-me, segundo os meus modelos. Pessoa ou pessoas associadas comigo encarregaram-se

de pedir as máquinas do estrangeiro. Cheguei a recebê-las, a experimentá-las, e a tirar excelentes provas, que as autoridades encontraram. Quinhentas seriam ou mais, admiravelmente perfeitas, perfeitíssimas, senhor, como nunca saíram da casa da moeda, cujos operários têm tempo sobejo e bem remunerado para estudos! Abstenho-me de lhe falar em termos técnicos nesta matéria, porque o meu amigo os não entenderia; mas se eu pudesse passo a passo, linha a linha, melhoramento a melhoramento, graduar-lhe a escala da perfectibilidade a que eu tinha levado as onças espanholas, as peças portuguesas e as libras esterlinas! A gravura irrepreensível! A serrilha sem uma cisura duvidosa! O peso!... o peso, senhor, o mesmo, o mesmíssimo na mais ponteira balança!

Neste ponto Coutinho pendeu a cabeça para o seio, levou as mãos à frente, abriu os dedos sobre a calva, e recurvou-os como se quisesse com as unhas arrancar aquele amor artístico, que exasperava o seu suplício.

Então foi que ele se levantou de golpe, exclamando:

— Agora de certo não posso continuar... Está comigo o demónio... o demónio da arte! Infernal magia é esta! Creio que até na força a veria a dar-me graças de a ter amado!...

Soou a sineta que marca a hora do recolhimento.

Vi entrar no seu quarto António José Coutinho, e receber distraído as carícias de *Minerva*, que o estivera chamando em pungentes uivos. Fecharam-lhe por fora os ferrolhos; e um dos empregados neste mister, entrando no meu quarto a dar-me as boas noites, disse-me com circunspecto riso:

— Que grande maçada lhe deu o patarata do Coutinho!... O pobre parvo não a soube fazer limpa!...

A pouco mais se alonga a história do artista.

Fortaleçam-se os espíritos fatigados, que vem aí a catástrofe que há de ser para ele a redenção, se lha desejam os compadecidos leitores.

Coutinho, quando principiava a auferir lucros animadores da sua terceira arremetida ao código penal, teve aviso das suspeitas das autoridades administrativas, informadas por denúncia de pessoa cúmplice nas tentativas dele.

Ajuntou em pequeno fardo os cunhos, as provas, os utensílios, indicativos do crime, e pediu à mulher, denominada *fatal*, que fosse enterrar o pacote. As razões da recusa não me lembram. Ficaram os objetos indiciadores, que o artista escondeu, e um acaso fez descobrir num gavetão aberto debaixo da forja, sem sinal exterior de entalhe. O moedeiro já estava no seu oitavo dia de segredo, quando soube que as provas irrecusáveis de seu crime tinham aparecido. Deu-se como perdido, e protestou diante de Deus, a quem pediu a morte, não perder alguém mais. Foi interrogado brandamente com promessas de futura liberdade, se denunciasse os seus cúmplices ou as pessoas a quem vendera a moeda falsa. O preso respondia sempre: «As autoridades têm obrigação de serem tão espertas com os outros como o foram comigo. Eu não sou denunciante.» Estas promessas e interrogatórios repetiram-se muitas vezes antes do julgamento. O réu, por último, respondia com um sorriso.

Coutinho, no penúltimo dia de prisão incomunicável, tentou matar-se, incendiando a enxerga no estreito recinto, onde o ar não penetrava, e o asfixiamento seria inevitável. No supremo instante lembrou-se que a mulher fatal estava presa, e como ele em cárcere privado. O braço convulsivo, que achegava a luz às palhas, caiu.

— Se eu lhe falto — disse ele à sua inalterada razão — quem há de alimentá-la?

O preso, transferido aos quartos de malta, tinha consigo dezesseis libras, seus únicos haveres. Estimava ele as máquinas apreendidas em dois contos de reis, afora a última, que lhe custara em Paris dous mil e quinhentos francos, e ele não chegara a ver, porque lhe foi tomada na alfândega.

As dezesseis libras estavam exauridas antes do julgamento. António José Coutinho escreveu a um dos seus amigos emparceirados no fabrico da moeda, pedindo-lhe cem mil reis para pagar a sua defesa a Custódio José Vieira. O amigo não lhe respondeu, e foi viajar em Espanha. Vieira defendeu o réu gratuitamente; mas o milagre do discurso não podia converter em provas da inocência do réu os cunhos e as moedas encontradas. O desgraçado já tinha a sentença lavrada quando se assentou no banco.

No tribunal, o aspeto do velho compadecia, e a dignidade de suas respostas assombrava o júri. Um corrêu rompeu contra ele em acusações vituperosas. Perguntado Coutinho se com o corrêu tinha ligações de moeda falsa, respondeu: «Não: esse homem nunca teve comigo tais ligações: eu era sozinho.» Replicavam-lhe: — Mas ele confessa que as teve. «Embora — redarguia o interrogado — Este homem está mentindo, ou está demente.» O júri olhava pasmado para o juiz, e o juiz maravilhava-se de tamanha proibidade tão inconciliável com o crime.

Coutinho foi condenado a degredo perpétuo com trabalhos públicos. O corrêu, que mais contribuíra para esclarecer funestamente o crime, colheu o prémio de dez anos de degredo, com trabalhos, pena que o tribunal da Relação acrescentou em perpetuidade.

O condenado não tinha amigos, que o socorressem na cadeia, nem podia trabalhar no seu ofício de gravador ou ourives, em razão de lhe tirarem as ferramentas e máquinas indispensáveis. Os seus emparceirados no crime ministravam-lhe alguns instrumentos de cercear moedas de prata e ouro. Disse-me Coutinho que em dous anos passaram por suas mãos cerca de trinta contos de reis para serem desfalcados; e ajuntou que durante uma noite conseguiu ele muitas vezes cercear cinquenta moedas em cruzados novos, recebendo setenta reis de cada moeda. As autoridades, suspeitosas do crime, assaltaram de improviso algumas vezes o quarto de Coutinho, a diversas horas da noite. Buscavam e rebuscavam inutilmente; até que, por insinuações do preso, que o delatara, encontraram os instrumentos, e quinze moedas em prata no oco do cepo, onde ele tinha cravada uma pequena bigorna. Instado para nomear os seus cúmplices, o preso manteve sempre o glacial silêncio e o aspeto resignado de quem toma sobre si a responsabilidade inteira do crime.

Quando Coutinho me revelou esta meia-confidência, que as autoridades souberam, e que eu não escrupulizo por isso em divulgar, citei-lhe eu, um por um, os nomes dos seus cúmplices, e ele empalideceu, e tartamudeou:

— Diga-me... peço-lhe que por compaixão me diga como sabe esses nomes.

Era um conto muito breve e natural. Uma criada da casa onde eu estava hospedado em 1856, vindo da rua, entregou-me uma volumosa carta, dizendo que a vira cair do cesto de uma lavradeira, quando esta tirava umas chinelas.

— E porque não chamou a mulher para lhe dar a carta? — perguntei à criada.

— Chamei muitas vezes; mas ela não ouviu.

Li o sobrescrito da carta, que não tinha direção. Abri-a, depois de pensar na impossibilidade de a encaminhar a seu destinatário. Incluía-se quatro cartas no mesmo envoltório. Uma, não assinada, era escrita em termos cabalísticos a um sujeito que a

remetia com a tradução do enigma. O tradutor, como mais *esperto*, assinava a sua interpretação. Decifrado o aranzel, inferia-se que o preso, encarregado de cercar a moeda, estava sob a incansável vigilância das autoridades, e não podia trabalhar. Uma das outras duas cartas era de terceira pessoa, acusando a receção de *quatro grosas de botões amarelos*, os quais estavam à disposição da pessoa indicada no sobrescrito. A última carta era vinda de Coimbra ao tradutor do preso, pedindo-lhe seis dúzias de *formas para botões grandes*.

Compreendi, sem consultar o intérprete, que os botões amarelos eram *libras*, e as formas de botões grandes, *peças*. O senhor Coutinho concordou depois com o meu penetrante juízo nesta matéria.

Alguém dirá que eu desservi a república e a moral não indo logo apresentar às autoridades aquelas cartas. Consultei o coração, e rasguei as cartas, conservando não sei porque nem para quê os nomes dos indivíduos, que ainda agora não conheço pessoalmente. Escassamente sei, por mo dizer Coutinho, que são sujeitos de boa nomeada e costumes irrepreensíveis, o que eu sinceramente desejo, para que a raça dos bons sujeitos sobrenade a este cataclismo de lama em que uns mais que outros nos imos todos a pique, se Deus não acode.

Coutinho, animado por esta prova de bom natural que eu lhe contara, revelou-me o que mais inviolável tinha na sua alma. Tive então de pasmar duns homens, e da boa-fé de outros homens, e mais que tudo da assombrosa virtude daquele preso, ali abandonado de tantos que ele podia com uma palavra atrair a fazerem-lhe companhia no cárcere!

O que ele me disse devolvi-lho numa hora que vou dizer logo; tudo lhe dei, a ponto de nada me lembrar do que tive de suas confidências.

Depois de tais descobrimentos, António José Coutinho, privado de quantos utensílios lhe podiam ainda valer à fome em trabalhos lícitos, deu-se a fazer caixinhas para banha, que os boticários lhe

pagavam a doze vinténs a grosa. Vejam que indústria tão animadora! Além destas, fazia doutras em tamanho e perfeição superiores, com adornos de papel dourado, e imaginosos feitios, as quais tiveram um tempo grande voga, e desmereceram no mercado com a concorrência dos artistas, rivais de Coutinho. Afora isto, Coutinho compunha ratoeiras, e louça quebrada, e outras miudarias, como caixas de tabaco e encaixes de óculos e tesouras. Inventou ele nesse tempo um engenho de fazer colchetes. Ofereceu o seu invento à mulher fatal, como um legado de pão escasso, mas certo na velhice. Queixava-se-me ele de que a sua ideia fosse mal acolhida como obra de arte, e como meio de produção.

Coutinho, na qualidade de *escrivão dos quartos de malta*, recebia diariamente meia broa e quatro tigelas de caldo. Do caldo escolhia ele os raros feijões, que lavava em duas águas, e adubava com azeite. A broa, que o próprio Ugolino do Dante não comeria, trocava-a ele a outro pão, para si e para a cadelinha, que não queria aquele.

Quando entrei na cadeia, o alquebrado velho queixava-se de dores do coração, e turvações de cabeça; parecia porém descuidado da morte. Frequentes vezes me disse esperava lhe anulassem no supremo tribunal o processo, para ele poder, ainda uma vez, falar aos jurados, e explicar-lhes, sem perigo de alguém, o que era em Portugal a moeda falsa.

— Se o Estado me perdoasse, e me quisesse aproveitar os últimos anos da vida! — exclamava ele.

— Em que ocupação, senhor Coutinho? — inquiria eu.

— Na minha, na única vocação que me impele e abrasa, no fabrico da moeda, que eu levantaria a invejável perfeição, com grandes economias no consumo da matéria-prima.

Era este dizer o ordinário introito de longas tiradas acerca da arte, e de encarecimentos, talvez despropositados, das muitíssimas vantagens que o Estado poderia haurir da habilidade dele.

Os padecimentos de Coutinho, apesar dos cuidados e aconchego dalgum preso que o fez seu comensal, pioravam incessantemente.

Eu muitas noites saí do meu quarto, noite alta, para ir colar, nas trevas, o ouvido aos ferrolhos do seu. Ouvia-o gemer, sentia-lhe os passos no pavimento, e até os soluços ofegantes das lágrimas lhe estremava naquele sepulcral silêncio das abóbadas.

Algumas manhãs, entrou cadavérico no meu quarto, contando-me que golfara sangue, e se julgava livre da serpente que lhe enroscava o coração. Morria-lhe a ilusão à primeira mordedura da sua serpente, cada vez mais pungitiva.

Em fevereiro do ano passado, num dia de sol e céu alegre, Coutinho, encostado às grades da minha janela, falou-me assim:

— A minha vida está por pouco. Parece que a alma já luta para romper e fugir deste miserável corpo. Antevejo a morte, e creio que me não engano, porque li, não sei onde, que o lembrar-se o homem dela com resignação e até prazer, é infalível sinal de sua chegada. A Providência divina leva o desgosto da vida ao espírito, quando o chama a julgamento.

— Não se lembre de tal, senhor Coutinho — atalhei eu com um dos ditos comuns, que não consolam, nem despersuadem nada. — O senhor há de melhorar na primavera que está connosco, e nos há de mandar aqui dentro o seu ar balsâmico e o aroma das suas flores.

— Já passei aqui seis primaveras, meu amigo. A primavera passa por cima destas abóbadas como sobre as lajes das sepulturas. Aqui reina o eterno frio, como dizem que no Inferno reina o eterno fogo. Estas paredes porejam sempre o mesmo salitre, e as enxovias estão sempre vaporando a sua podridão para esta atmosfera. Do meu antro, que está eminente ao foco dos miasmas, nem as flores tenho visto. Há seis anos que não vejo flores, nem espero ver as que hão de abrir nos vasos que uma encarcerada, fronteira à minha janela, dispôs ontem no parapeito da sua. Quando a vi naquele trabalho, disse entre mim: «Pobre senhora! como tens coração para flores!... Como te concede ainda o céu essa memória da tua infância no jardim de teus pais!» Queria eu dizer-lhe que, se eu viver quinze dias com algumas horas de dores menos aflitivas, hei de escrever

um resumo da minha vida, como eu puder escrevê-la. Será uma história sem interesse para pessoas felizes; mas o senhor há de achar-lhe o sabor de fel que se converte em doçura para desgraçados impacientes e maus juizes da superioridade da sua desgraça. Se assim, como o senhor, forem muitos os infelizes, concedo-lhe que conte a minha história, como eu lha escrever, sem as confidências ligadas com o meu crime.

Agradei ao velho a sua promessa, instando pelo cumprimento dela.

Penso que, desde aquele dia, António José Coutinho principiou a escrever; mas as dores e ânsias, a cada hora, o interrompiam e desanimavam. Esteve de cama duas semanas, medicando-se contra os mais vulgares e intuitivos preceitos de medicina caseira. Quando o peito se lhe fendia em dores, banhava-o de água tépida, ou tomava grandes quantidades de chá. A cuidado dum preso, algumas vezes foi examinado por um médico, que, ao primeiro exame, me disse a mim que o velho estava livre da cadeia em poucos dias, e ficaria em terra da pátria...

Quando o eu visitava, dizia-me sempre:

— Não posso, e creio que já não poderei escrever os apontamentos, nem sequer ditá-los. Tenho muitas lembranças; mas todas são da meninice: sinal de morte próxima. O espírito, ao sair, está a recordar-se dos anos em que entrou.

Não sei como um desentranhado e falso espião pôde naqueles supremos dias atribular o moribundo, denunciando-o em trabalhos noturnos de moeda falsa. Coutinho, sabendo que andava nas garras do seu implacável inimigo, requereu ao procurador régio uma busca ao seu quarto. A autoridade não podia furtar-se à condescendência, e mandou examinar miudamente o quarto do preso. Pareceu-me indiscreto o requerimento.

— Não é — disse-me Coutinho. — Receio que o meu espião me insinue pela entreaberta da porta algum vestígio de crime, para que eu não vá deste mundo sem ter de descer a uma enxovia.

Desde este dia nunca mais se levantou Coutinho. *Minerva* erguia-se com a tarimba, punha-lhe as patas no seio, como a pedir-lhe que a levasse a passear nos corredores. O velho anediava-lhe o pelo da cabeça, e dizia:

— Estou a morrer, minha amiga... Se tivesses tua vista, ver-me-ias os vermes no rosto.

Uma vez, estava eu sentado na cadeira única do quarto dele, à cabeceira do catre. Aos pés da cama estava, sobre o pavimento, sentada a chorar, aquela mulher que caíra com ele à extrema penúria. Não sei como eu falei de Lisboa, e dos arrabaldes, e dos laranjais daquelas formosas povoações da margem direita do Tejo.

— E as flores? — exclamou Coutinho, abrindo desmesuradamente os olhos, que pareciam amoróticos, ao faltar-lhes o luzimento dos vidros. — As flores! — clamou com maior veemência, levantando os braços descarnados e pondo as mãos trementes. — Naquela quinta dos Olivais haviam anémolas... Como era fresca e bela aquela candidez das anémolas! Nas ruínas os cachos das trepadeiras; as cilindras na rampa que subia para o olival; as acácias na circunferência do tanque; as laurentinas e as madressilvas!... Oh! que saudade eu tenho daqueles sítios, onde a minha alma era tão pura e inocente como as flores!... Quando, há dez anos, fui a Lisboa, e visitei aquelas ruínas, e por ali andei com o padre Álvaro, como eu chorava, senhor, como eu me sentia bem chorando ao pé de cada árvore envelhecida, que nascera comigo!... Onde eu vim, meu Deus! onde eu vim morrer!... Nem agora um pouco de ar livre! Que perderia o mundo, se me deixasse agonizar e morrer onde visse o céu! Quem me dera um bocadinho de ar, que a esta hora tem o desamparado que morre na serra, ou nas tormentas do mar!...

O enfermo revolvía-se na cama, e sacudia vertiginosamente a manta esfarrapada. Aquietei-o, invocando a sua exemplar paciência. Ao frenesi seguiu-se o espasmo, e depois uma torrente de lágrimas, que eram as últimas.

No dia seguinte, por ordem do médico da Santa Casa da Misericórdia, foi Coutinho transferido para a enfermaria da cadeia. Transportaram-no sobre a enxerga, que os carreteiros apanharam pelas quatro pontas. Acompanhei-o à enfermaria; vi que o deitavam entre os outros doentes. Pedi ao enfermeiro que lhe desse algum quarto reservado. Não havia; mas consegui que o recolhessem a um recanto da cozinha, onde se fez um quarto de biombos.

Ao quinto dia de tratamento, o doente reconheceu-me, estendeu-me a mão, e murmurou:

— É tempo de lhe dizer adeus.

Acrescentou algumas expressões de reconhecimento, que o desgraçado, por efeito da febre e turvação de ânimo, imaginou que me devia; e tão íntimas do coração lhe vinham, que primeiro que as palavras acudiam as lágrimas.

Não lhe vi nem ouvi outras, depois de lhe dizer que ali lhe restituía os segredos que me confiara. António José Coutinho agonizou quinze dias na enfermaria, e morreu em princípios de abril, quando o sol da primavera e o perfume das flores vinham à grade, onde me ele falara da morte dois meses antes.

Nesse mesmo dia foi envolvido num lençol, e enviado por dois galegos ao cemitério de Agramonte, onde em redor da sua cova o estavam esperando as enfezadas florinhas, que a esta hora estão revicando da leiva de carne e sangue e podridão daquele velho, que chorava de saudade delas.

A cadelinha vivia não sei aonde, quando seu amo morreu. Dois dias depois do passamento, ouvi gemidos dela nos corredores, e fui encontrá-la sentada à porta do quarto donde saíra o moribundo. Chamei-a, afaguei-a, reconheceu-me, e seguiu-me ao meu quarto. Levantou as patas à cadeira, onde o velho costumava sentar-se: farejou-a, e gemeu. Então reparei com os olhos marejados de lágrimas na pobrezinha. Estava descarnada, e coberta de imundícia. Tão nédia e alva que o dono a trazia sempre! Dei-lhe de comer, que ela repeliu, apenas o conheceu no faro. Voltava a mim ganindo, e tropeçando com a cabeça nos móveis. Não pude retê-la no quarto.

Deixei-a ir outra vez lastimar-se à porta do seu quarto, e pedi à Providência, compadecida das almas fracas, que me desviasse dali aquele espetáculo.

A cadelinha foi tirada pela senhora que outro legado não tivera do moedeiro falso; mas, ao outro dia voltou, e ao outro, e oito dias seguidos, até que, prostrada de fraqueza, ao erguer-se para buscar de novo seu amo, caiu morta sobre as palhinhas em que tivera sua agonia de saudade.

Prende com o bosquejo biográfico dos anteriores capítulos uma sucinta notícia doutros fabricantes e passadores de moeda falsa, já todos condenados. Três deles, a esta hora estão caminho d' África, e não mais para eles aquele ardente céu lhes dará monção de voltarem à pátria. Um era o senhor Máximo, que, ao tempo de sua prisão, tinha no Largo do Carmo um botiquim.

Contristava-me e maravilhava-me o viver deste homem. Trabalhava ele incansavelmente desde o arraiar da manhã até alta noite na manufatura de caixinhas para as boticas, e fazia trezentas por dia. O lucro de cada tarefa diária orçava por quatrocentos e oitenta reis. Bem podia o senhor Máximo alimentar-se abundantemente deste ganho, que ninguém lá o auferia maior de semelhante arte; mas o preso vivia do caldo e do pão que a Santa Casa da Misericórdia lhe dava, e este foi o seu quotidiano e inalterável alimento de seis anos, exceto em dias de comunhão geral, que então festejava a solenidade do dia com uma pequena posta de bacalhau comprada ao enfermeiro.

Dir-me-ão que o meu vizinho de quarto aferrolhara cabedal em seis anos, bastante a ir no degredo estabelecer-se mercantilmente. Avaliam de improviso a economia suicida do senhor Máximo: suicida direi, porque o infeliz, com o péssimo passadio e vida sedentária, sem hora de repouso durante o dia, e poucas da noite, ganhara enfermidades que lá fora lhe serão, por ventura dele, termo à desgraça, como favor da Providência.

Que pouca fé seria a minha, se eu descesse da benquerença do Céu àquele encarcerado, que tanto sofria e trabalhava por amor de sua família!

Quando foi preso tinha ele em começos de formatura na escola médico-cirúrgica um filho; tinha outro em latinidade, e projetava educar o terceiro também na carreira das letras. Sua mulher tinha nascido senhora, e recatada se mantivera sempre como exemplar esposa e mãe. O senhor Máximo, preso e pobre, não desanimou ante a presunção de estar irremediavelmente perdido. Deu-se todo ao único labor, que dispensava aprendizagem e inteligência — o das caixinhas para banha. E com os ganhos delas continuou a formatura de seu filho mais velho, e esperou que ele se formasse para lhe dar na cadeia a sua derradeira bênção, e entregar-lhe sua mãe e irmãos. Recordo-me da alegria com que o bom pai entrou no meu quarto, anunciando-me que seu filho defendera teses, e fora plenamente aprovado, como em todas as aulas do seu curso: nadavam-lhe em lágrimas os olhos, como se a nova de sua liberdade o surpreendesse na desesperação de volver ao seio da família.

— E agora — lhe disse eu — vai mais contente para o degredo?

— Vou, como iria para a sepultura, deixando protegida mulher e filhos. Sinto-me arruinado de trabalho e desgostos; mas d' ora avante já se me não dá de morrer aqui ou no degredo. Fui pai enquanto pude sê-lo. Levo comigo a consciência desta virtude, que me será desconto nas virtudes que me faltaram.

Quando me despedi do senhor Máximo, recebi de sua mão uns difusos apontamentos concernentes à injustiça da sua condenação. Abstenho-me de publicá-los, como era vontade dele, porque a divulgação de secretas ignomínias não melhoraria a sorte do degredado, nem a de futuros infelizes da sua condição. Pode ser que o tempo faça o que a prudência me priva de fazer. Antes isso. Contra o tempo ninguém conspira; e contra mim abrir-se-iam os odres da cólera, e seriam tantas e tão desencontradas as ventanias, que não seria cousa de pasmo ir eu, nas asas duma, contar ao senhor Máximo, a Cabo Verde, o ganho que tirei de ser seu editor.

Outro condenado era o senhor Soares, não sei de que terra de Trás-os-Montes. Contaram-me que este homem ia inocente a degredo perpétuo com trabalhos públicos para salvar um seu cunhado, verdadeiro criminoso, correspondente de António José Coutinho. A ser certo o equívoco, o senhor Soares declarara ser sua a assinatura arrevesada duma carta incluída nos papéis de Coutinho, e com esta declaração desviara suspeitas do marido de sua irmã. Perguntei a Coutinho se era verdadeira a abnegação heroica do seu cúmplice. Respondeu-me ele que Soares era inocente, e nisto ficou.

De camaradagem com este, e pelo mesmo crime, estava o senhor Guimarães, sujeito que passava por abastado na cadeia, e que aos domingos se entrajava com muito esmero, e acabava estes festivos dias em libações de mau vinho, que o faziam esquecer de seu mau destino, e também do caminho do seu cubículo, onde chegava por acerto, com a cabeça contusa de apalpar as arcadas dos corredores. Tirante os dias santos, o senhor Guimarães era homem sério e sóbrio; e gastava as horas em atalaiar uma caixa de pinho, em que os seus amigos imaginavam tesouros fabulosos, adquiridos no Brasil, onde ele desempenhara difíceis e gananciosas comissões de espalhar notas.

Era outro o senhor Dias, que exercitara primeiro o comércio, no qual fora desventuroso, e abriu depois escola de meninos, aqui no Porto. Fora-lhe sempre esquerda a sorte, mesmo no magistério, onde o visitara a fome pela porta que sua insuficiência deixara aberta. Sorriu-lhe um dia a fortuna nos lábios duma viúva remediada. O senhor Dias casou aos quarenta e tantos anos, e contava com outros quarenta de vida remansosa, quando a polícia administrativa lhe descobriu no muro do quintal um canudo de lata com alguns contos de reis em notas falsas.

Contou-me o senhor Dias a sua história. Asseverou-me que estava inocente naquela intriga maquinada contra a sua virtude e desprendimento de ambições. Não me abalanço a condizer na inocência do senhor Dias, porque não ouvi as testemunhas, que o fizeram parecer criminoso aos olhos dos jurados. A triste verdade

é que o desventurado homem foi condenado em cinco anos de prisão, os quais não começou ainda a cumprir, em virtude de ter levado, como nulo e iníquo, o processo e o julgamento às instâncias superiores. Praza a Deus que a inocência, ou a misericórdia o restituam à liberdade*.

O senhor Dias exercia na cadeia as funções de mestre-escola pelo sistema repentino. Os alunos, em número de dezoito, eram os gaiatos, que a polícia removeu para ali da Porta de Carros, e dos ajuntamentos, em que os lenços e caixas de rapé se tornam mui duvidosa propriedade de seus donos. Estavam ali rapazinhos de oito a dezoito anos, conglobados todos num pequeno recinto. O senhor procurador régio providenciara caritativa e inteligentemente, ordenando que os rapazes fossem estremados da companhia dos presos nas enxovias. Ali é que a perdição moral das crianças se consumava, com as lições dos ladrões recalcitrantes, e matadores condenados a pena última. Contaram-me que, nas enxovias, alguns maiorais davam preleções e cursos regulares de engenhosas ladroeiros. Dos discípulos alguns primavam tanto em agudeza e fina compreensão, que não era raro ser o mestre roubado, enquanto prelecionava. Daquela escola saiu, há meses, uma leva de grumetes para a marinha de guerra portuguesa. Não nos parece coisa dura de tragar, se um dia a imprensa nos disser que eles meteram a marinha portuguesa na algibeira: tão pequena é ela, ou tão grandemente astuciosos eles são!

Estava, pois, o senhor Dias ensinando os rapazes a ler pelo sistema em parte repentino, e em parte misto, segundo o nomeava o professor. Eu ouvia do meu quarto o estrondo da pronúncia dos aprendizes de leitura, e pareceu-me que eles levavam aquilo de risada, exceto nos intervalos em que o senhor Dias, contra as proscições humanitárias do senhor António Feliciano de Castilho,

* O senhor Dias, contra as minhas funestas previsões, saiu livre em 1863, por absolvição do júri em segundo julgamento. (Nota da segunda edição.)

lhes aplicava a palmatória. Devemos crer que o senhor Dias usava da palmatoada para esporear o repente do sistema, ou a tomava dos velhos usos para poder chamar *misto* ao seu método. Aqui, e sendo assim, o elemento da mistura era a pancada, de que a meu ver os gandaieiros eram muito dignos.

Pedi ao atilado professor a sua opinião acerca da esperançosa inteligência dos seus alunos. O senhor Dias não agourava coisa que preste de nenhum deles, nem mesmo se lastimava de não vir a ser honrado na perspicácia de tais discípulos.

Não era gratuito o professor. O senhor Dias percebia do seu magistério oito tigelas de caldo e duas broas por dia! Como querem que haja instrução na cadeia com tal recompensa! Oito tigelas de caldo! Se o pobre mestre tivesse oito estômagos para elas, morreria oito vezes em cada dia! O que valia ao senhor Dias era vendê-las todas, e aplicar o produto a iguarias, que lhe não toldassem o cérebro dos vapores crassos do feijão rajado. Seria impossível, com tal alimento, conservar-se límpida a inteligência do mestre para o funcionalismo docente. Vejam o que diz dos feijões Filinto Elísio numa ode do tomo 3.º de suas obras.

O laborioso professor, com o intento de ter sempre ocupadas as suas horas, tomava também parte nos trabalhos do escritório da cadeia. Devo-lhe a fineza de ter rebuscado nos velhos livros, e encontrado a notícia do encarceramento de meu tio Simão Antônio Botelho, que talvez o leitor já conheça do *Amor de perdição*.

Nenhum preso tinha as lágrimas tão à flor dos olhos, quando falava de sua mulher. Abria-se em torrentes de pranto, quando via o sol na Cordoaria, e lhe saía em ânsias do coração a palavra LIBERDADE.

Se o meu leitor for jurado, no segundo julgamento daquele pobre homem, deixe-o ir morrer ao pé de sua mulher, e faça-o sem receio de deixar desvingadas as vítimas do crime dele. Se a intenção do crime existiu, o que eu não sei, deixem ir em paz o desgraçado que expiou duramente o mau intento com três anos

de cárcere. E, se isto é pouco, perdoem-lhe pelo muito que ele tem aturado àqueles gaiatos, sem auferir daí proveito, que não seja caldo a disputar negridão ao de Esparta, e nem sequer a honra, em esperanças, de iniciar letrados para a república das letras.

O último moedeiro era o senhor Braga, antigo gravador, preso em 1849, se bem me lembro. Sobre ser um homem de bronze com setenta anos, é uma crónica dos últimos cinquenta, em que um espírito curioso pode esmiuçar coisas, que a ninguém lembram, que a mais desbocada imprensa nunca disse, e ninguém sabe. Conhece a procedência de muitas fortunas, apanhadas pelo calcanhar, desde 1810 até nós. Narra os antigos acontecimentos com a frescura do colorido do momento. Diz francamente que homens ele ajudou a enriquecer com a sua arte — os locais em que assentou as suas máquinas — as quintas onde esteve encerrado anos a trabalhar sem respiro — as quantias que nunca lhe pagaram os ricaços feitos por sua habilidade.

Duma família de grande luzimento em nossos dias, me contava ele esta breve passagem:

— Mandei Douro acima um baú, em que iam cinquenta contos de reis em papel...

— Falso?

— Falso como o diabo. Andavam açodados os espiões, e o chanceler mandou do Porto, na esteira do barco, uma escolta comandada por um oficial, e um meirinho dos mais graduados. Poucos minutos depois que o baú entrou em casa de seu dono, saltaram em terra os soldados e cercaram a casa. O dono da casa era homem de presença de espírito. Deixou entrar e recebeu afavelmente o alferes e o meirinho, dizendo-lhes: 'O baú é aquele; vamos logo abri-lo; mas, antes disso, queiram sentar-se à vista do baú, e almoçaremos os três.' Almoçaram os enviados com certa desconfiança; mas almoçaram. No fim, disse o meu amigo: 'Agora esperem, que eu volto já.' E, voltando, acrescentou: 'Fui buscar os palitos, que tinham esquecido; aqui tem cada qual o seu.' Os palitos do meu amigo eram cartuxos com duzentas peças cada um. Os da diligência encararam um no outro, e disseram: 'Não há que

ver.' Quando tal disseram, o meu amigo já também não via os dois cartuxos. Chegou a uma janela, e mandou ao criado da adega que desse aos soldados o vinho que eles quisessem.

Ria-se o velho, e acrescentava:

— Os moedeiros falsos d' agora não sabem dar nem fazer destes palitos, meu caro senhor; por isso chegam a não terem que tirar dos dentes com esses que custam cinco reis cada papeliço.

Disse eu que era de bronze o senhor Braga. É de notar, em primeiro de tudo, que está preso há doze anos. Tinha um filho e duas filhas que extremosamente amava. Uma das filhas morreu-lhe nos braços ali na Relação; o filho morreu tísico. Seguiu-se à morte do filho ser ele julgado e condenado a dez anos de degredo, com trabalhos.

E a tudo resistiu de pé, afrontando estoicamente a desgraça, e teimando em comer às suas horas, invariavelmente, os sadios e substanciosos alimentos, que o seu estômago digere com a pontualidade dum cronómetro.

O senhor Braga tinha a bondade de repetir-me todos os dias os seus aforismos de estômago, cuja supremacia sobre os meus eu reconhecia no vermelhão oleoso da sua face, em que a saúde andava como a estostrar de contente.

Se acontecia eu estar doente, o senhor Braga, obrigando-me sempre com a sua visita, capitulava as minhas moléstias de fraqueza, e aconselhava-me as azeitonas como milagrosas para o apetite, e o vinho do Porto, como primeiro drástico da medicina dos anjos. Estando eu com um começo de pneumonia, fui brindado pelo meu dedicado amigo com uma broinha de Avintes, que tinha um sabor especial, segundo ele.

Há oito anos que o senhor Braga foi desta cadeia para a de Lisboa, a esperar que o transportassem à África. Nessa ocasião, o condenado comprou umas muletas, e parece que as muletas o salvaram de ir degredado, comutando-lhe a pena em prisão. Decerto foram as muletas, a não terem sido palitos da fábrica do seu velho amigo do Alto Douro. A tal respeito me disse ele:

— Quando fui para Lisboa, na dúvida de alcançar a comutação da sentença, ia resolvido a fugir, se ma negassem.

— Fugir! e ser-lhe-ia fácil?

— Facilímo. A minha ideia era fugir num balão aéreo.

Ri, cuidando que o velho galhofava; mas desagradei-lhe com o meu sorriso.

— Pois duvida? essa é boa! o senhor não parece deste século, nem sabe que invenções modernamente se fizeram!

— Realmente eu não sabia da invenção dos balões, em que se pode fugir da cadeia.

— Pois saiba que eu tinha o meu pronto para o que desse e viesse.

— E onde tencionava o senhor encher o balão?

— No meu quarto... Parece que ficou pasmado?!

— Sinceramente pasmado, senhor Braga.

— Eu me explico. As grades da janela fazia eu cair com trabalho de duas horas. Depois de noite, já se vê, punha fora da janela ao ar livre o bojo do balão, e enchia-o de gás. Cheio o balão, sentava-me no cesto, que vai pendurado... O senhor — exclamou ele de golpe — nunca viu subir um homem num balão?!

— Vi, sim senhor; e também vi subir um burro.

— Pois aí tem! que mais quer?

— É verdade... à primeira vista, parece que onde vai um burro, aereamente falando, possa ir um homem; todavia, o burro ia dirigido pelo engenho de Poitevin...

— Isso não é razão para que eu carecesse de diretor.

— Certamente; mas o senhor Braga, entregue às correntes do ar, quer-me parecer que não seria muito feliz sobre o telhado do Limoeiro. Que direção era a sua?

— A minha ideia era fugir; depois que o balão baixasse, eu tomaria o destino que me parecesse.

E acrescentou com ar magoado:

— Não o fiz, depois da comutação, porque minha filha entrou a chorar, e a pedir-me que a levasse comigo. Ora, como o balão não tinha capacidade para duas pessoas, deixei-me ficar, esperando a liberdade, que já agora perto está.

Sou de parecer que é menos engenhosa a fuga aerostática do senhor Braga, que a obtenção de cumprir na pátria os anos do degredo. O senhor Braga cumpre num dos próximos meses a sua sentença; finda a qual, tenciona ir remoçar numa bela quinta, que tem nos arrabaldes de Barcelos, onde já depois de preso, mandou edificar uma casa de bom aspeto, com as necessárias regalias, gizadas no cárcere.

Ao senhor Braga foi cometida a fundição e amoedamento de alguns sinos e pratas das igrejas, durante o cerco do Porto. É ele um dos liberais que primeiro emigraram. Vem já de 1817 o perseguirem-no; e conta ele que nessa crise, fugira para a Terra Santa, — peregrinação enquanto a mim tão rebelde ao critério como a outra que ele tencionava fazer em balão. É certo que ele dá notícia do monte Olivete, do Cedron, do lago de Tiberíades e de Jerusalém; eu, porém, conheço melhor que ele a topografia da Palestina, de a ter lido no padre Pantaleão d' Aveiro.

Entre as muitas histórias que o meu companheiro me contou, uma me lembra, que vou dar de fugida, por ser a explicação duns ferros que lá vi na cadeia, e me deram que pensar.

VII

Um ou dois anos depois da invasão francesa, foi processado como jacobino, e encarcerado na Relação, um tenente de infantaria, Salazar de apelido.

Conforme a descrição que me fez o senhor Braga, o tenente era realmente um sincero jacobino, inimigo do Trono e do Altar, republicano gafado da lepra de Robspierre, qualidades estas que em nossos dias fariam um jornalista de fôlego, um tribuno em lavaredas de amor da humanidade, e a final de muito arder e luzir, *ardere et lucere*, como dizia o apóstolo, vê-lo-íamos o mais ordeiro, quieto e ortodoxo amanuense de secretaria.

Naquele tempo, porém, os demagogos eram-no de entranhas, e deixavam-se morrer na boa-fé de mártires duma segunda revelação, complementar da do Calvário.

Ora, o tenente Salazar, se bem que preso e condenado a degredo de quinze anos para a Índia, longe de esmorecer e desmaiar-se, ia alumiando os seus dias escuros ao resplendor dos olhos lúcidos e meigos de uma menina, sobrinha do cónego Barreto, que morava defronte da cadeia, na Rua de S. Bento.

Ao fundo do corredor principal dos quartos de malta está uma janela gradeada, olhando ao nascente, e sobranceira à casa onde morou o defunto cónego.

Desta janela, cujos quadrados, entre os varões de ferro, eram então espaçosos e bastantes a receberem a cabeça do jacobino, é

que o enamorado demorava as horas do dia, e as da noite que podia, contemplando Rosinha.

Da contemplação passaram aos colóquios, e estes não adiantavam decerto nada ao que os olhos tinham dito. Olhos de amantes são a retórica do coração: prevalecem à linguagem articulada como os raptos de Demóstenes e Cícero ao palavreado vulgar da Grécia e Roma.

Quem não gostava de contemplações nem palavreado, era o cónego Barreto, tio da órfã sedutora. Aconteceu por vezes surprender o prebendado o tenente remirando sua janela para baixo como açor eminente que espreita a descuidada codorniz. Encarava-o então o cónego em rosto, e dizia-lhe:

— Jacobino!

E o tenente tirava a cabeça, transigindo com o insultador por amor da sobrinha.

As intenções do preso eram honestíssimas. Afigurava-se-lhe um éden o desterro, levando consigo a Eva para as florestas virgens da Índia. A liberdade como ele a lera em J. J. Rousseau, a primitiva liberdade dos patriarcas, achava ele que fora banida da Europa, e levada a empurrões da civilização para os sertões asiáticos. Sorria-lhe a vegetação luxuriante e formosa daquelas regiões; e já, em sonhos de febril amor, o poeta se vira com Rosinha, chapotando ramagens nos bosques, para edificarem a sua cabana no respaldo de uma colina, perpendicular a um arroio de águas claras e auríferas.

Teve ele ensejo de revelar a Rosa os seus sonhos; e, em resposta, maravilhou-se de achar no coração da moça tanta poesia, tanto amor da soledade, e tão subtil entendimento dos arrobos dele, que bem-disse o tenente a desgraça de ser preso, e condenado a exilar-se da Europa, velha, verminosa, lacerada de ódios, e empapada no sangue das guerras fratricidas.

Isto era antes das visagens que lhe fazia o precavido cónego, ao denominá-lo jacobino. Começou depois a parecer-lhe impossível realizar-se o casamento contra a vontade do padre, posto que a menina lhe asseverava iria ter com ele ao degredo, mendigando a sua subsistência.

Rosinha não tinha lido romances: era o coração que os fazia. Ir à Índia em busca do seu amado, achar em cada terra de seu trânsito uma alma simpática de quem recebesse agasalho e alimentos para a jornada, dizia-lhe a inocência que eram coisas naturais e sacrifícios ordinários.

O tenente é que via já o mundo sublunar ao invés de Rosa, exceto na Índia, que aí lhe prometiam os filósofos a felicidade, filósofos que, se alguma vez romantizaram a ventura da solidão, como Bernardim de Saint-Pierre, é porque a humanidade é tão vã e pueril, que para aceitar o fruto do bem, requer que lho envolvam das flores inúteis da árvore.

Dizia ele desanimado a Rosa que perdera a esperança de ligá-la às sonhadas delícias do seu destino, desde que o cónego o maltratava com olhares e nomes iracundos; que, não obstante, acrescentava o tenente, ia pedi-la, mediante uma carta humilde, sem mais dote que as virtudes naturais à boa índole dela e esmerada educação de que seu respeitável tio a dotara.

Leu o cónego a carta, e rompeu em gritos, passado o momento da estupefação. Saiu a mostrar a carta ao seu amigo chanceler, pedindo prontas providências contra o jacobino que lhe seduzia a sobrinha, e ousava pedi-la como companheira na expiação de suas atrocíssimas maldades.

Nesse mesmo dia o chanceler foi à cadeia, chamou de lado o preso, e disse-lhe, nestes ou semelhantes termos, que tivesse juízo, aliás os seus protetores não poderiam embarçar por mais tempo a sua ida para o degredo.

Releva saber que o tenente Salazar era patrocinado por personagens que esperavam obter da corte, residente no Brasil, perdão para o delinquente, sentenciado pelo facto de ter acutilado alguns homens da ínfima ralé, no ato em que o general Bernardim Freire fora assassinado em Carvalho d' Este.

O chanceler, afeiçoado aos protetores do tenente, e até certo ponto admirador de sua nobre coragem, também rebufadamente o protegia, e desejava livrar. Ainda assim, temendo-se do cónego e

de seus apaniguados nas ideias exaltadas de patriotismo sanguinariamente estúpido, algumas providências deu para cortar o namoro do tenente. Essas providências lá estão ainda, e estarão séculos, marcadas nos seis varões de ferro chumbados sobre os intervalos por onde o tenente coava a cabeça.

Vendo, porém, o chanceler as lágrimas nos olhos do preso, quando era dada a ordem ao carcereiro, disse-lhe em secreto:

— Escreva-lhe quando quiser, e mande-me as cartas. Onde está o coração dispensam-se os olhos.

Não parecia alma de chanceler aquela! Continuou a correspondência, sem a mediação do magistrado. Tinha a menina pessoa segura que entrava na cadeia a toda a hora, e era recadeira dos presos.

O cónego Barreto, suspeito da correspondência, deu na ameijoada de estar Rosinha recebendo da recadeira uns papulchos de rebuçados. Fez-se tolo o padre, e tomou os embrulhos dizendo que vinham muito a propósito os rebuçados para amolecer com eles o seu catarro. Quedara-se pálida a menina, e daria a fugir sem destino, se o tio não fecha a porta da rua. Entre os rebuçados ia a cartinha, que o cónego soletrou, através dos óculos, os quais limpou três vezes para prolongar o suplício da convulsiva moça.

Finda a leitura, regougou o padre:

— Muito bem. Tenho visto. Agora é preciso pôr-lhe os ferros nos braços para que ele te não escreva, mulher perdida! Foi para isso que eu te mandei aprender a ler, Rosa? Bem me diziam a mim, que te quebrasse o espinhaço debaixo do trabalho da lavoura... Tu não sabes que este maroto que te escreve é jacobino? Responde, Rosa! não sabias?

— Não, senhor... — balbuciou a menina, com uma das mãos no peito, a outra caída ao longo do corpo, e os olhos no chão.

O cónego rebramiu:

— Não te tenho eu dito que ele é jacobino? Responde, Rosa!

— Tem, sim senhor.

— E então?!

— Eu cuidei que ele já não era.

— Cuidavas!... Olha que bruta tu me saístes! Não era, e está condenado a quinze anos de degredo para a Índia! Que me dizes tu a isto? Responde, Rosa!

— Eu perguntei-lhe... se ele...

— Se ele quê! que lhe perguntaste tu?

— Perguntei-lhe se era cristão, e ele disse-me que sim.

— Mentiu o patife! Cristão de Bonaparte que nos roubou as pratas da igreja! Cristão de Bonaparte que não respeitou o papa! Não está mau o cristão! que te parece? Achas que é um santo o tal sujeito, que deu espadeirada de bota abaixo nos amigos do Trono e do Altar? Responde a isto, Rosa!

— Eu não sabia...

— Não sabias! Achas que ele está ali por ter ido três vezes à missa, heim? E querias casar com ele... querias casar com um ímpio, e ir direita com ele para as profundas do Inferno!... Querias casar com o jacobino! Responde, Rosa.

— Se meu tio deixasse... casava.

O cónego saltou de golpe, estirou os braços contra a sobrinha, e ululou:

— Ó desalmada! não sei onde estou que te não viro de dentro para fora! Não és do meu sangue, maldita! És a minha vergonha e a da minha posteridade!

Disse, e saiu, talvez a desafogar os apertos d' alma no seio da sua posteridade.

Nesse mesmo dia voltou o cónego ao chanceler, e encontrou-o algum tanto enfadado ou indiferente às suas aflições. Lera o magistrado a carta, e dissera-lhe:

— Deixe-os casar, que é o mais acertado. Eu creio que o ex-tenente Salazar alcançará perdão e o posto. Sendo assim, sua sobrinha casa com um homem digno dela, e que mais tarde será digno da estima de vossa senhoria.

Era isto rosalgar nas úlceras do cónego.

Saiu dali a tratar com o governador militar, o qual lhe disse que não tinha que ver com os namoros de sua sobrinha. Foi ao juiz do crime, que o acolheu rindo das frases alambicadas do preso, e lhe pediu alguns dos rebuçados circunjacentes à epístola amatória.

Repelido com a simulada mofa das autoridades, faltava-lhe recorrer ao regedor das justiças, o qual foi de parecer que o melhor era deixar casar os namorados, para eles irem colonizar as nossas despovoadas possessões asiáticas.

Resolveu afinal o cónego ir a Lisboa, onde tinha amigos, queixar-se à Regência, e pedir a imediata remessa do condenado para o seu destino. Os esforços do padre foram contrabalançados por outros não menos poderosos dos padrinhos do tenente. Assim mesmo conseguiu o cónego que o preso fosse removido para Almeida, até à sua definitiva partida para a Índia.

Enquanto o amigo do Trono e do Altar agenciava em Lisboa a desgraça do preso, estranhas ousadias de amor praticou Rosinha por cá.

Tinha o beneficiado uma irmã, seráfica senhora que não sabia deste mundo mais que o necessário para o ter em grande desamor, e desejar ferventemente a bem-aventurança. Era o seu viver continuada oração mental, jejuns, cilícios, e o mais que é já vida do Céu neste brejo da terra, onde há mui pouco quem por tal preço queira ser elogiado pelos futuros romancistas. Era, pois, uma santa a senhora D. Tecla, nome já de si recendente a perfumes da *Flor dos santos* onde a nomenclatura dos eleitos parece que já desceu a nós rebatizada de cima.

Sabia a santinha que Rosa andava namorada do jacobino; ouviu os agravos que seu irmão recebia de tal afeto; mas não dava toda a ponderação, que o cónego queria, a tal delicto.

— Olha, Tomás — dizia ela, dando um nó nas suas camândulas interrompidas. — Deus sabe quem é ímpio e quem morreu inocente com o nome de ímpio. O que devemos fazer para merecermos nome de bons cristãos, é pedir ao Senhor a conversão dos ímpios, e não persegui-los com o nosso ódio. Jesus Cristo perdoou a quem

o matou; não é muito que nós perdoemos a quem nos escandaliza. Se esse preso estiver arrependido de tomar parte nas malfetorias dos franceses, amemo-lo como nosso irmão, e não andemos a afastá-lo cada vez mais do arrependimento sincero com o nosso rancor.

Era esta a linguagem de Tecla, sempre que seu irmão raivava contra os jacobinos, e especialmente contra o tenente Salazar.

Na companhia desta sua tia ficara Rosa, enquanto o cónego ia e vinha de Lisboa. A beata morava na Cordoaria, em casa, de cujas janelas se viam as da cadeia, menos o lanço em que era o quarto do tenente.

Contou miudamente Rosa a sua tia o começo, o desenvolvimento e o estado de sua correspondência com o preso; leu-lhe as cartas dele, em que a palavra *Deus* era frequente, porque em toda a sincera poesia de coração é uma necessidade iluminar a linguagem com revérberos das coisas divinas. D. Tecla chorava de compungida e edificada dos virtuosos sentimentos do moço, desumanamente julgado e sentenciado. No relanço de uma carta em que ele dizia: «Teremos na Índia uma cabana com o céu por firmamento, e a nossa alegria por adornos. Será nosso altar a natureza, e veremos Deus em tudo, e nas majestosas obras da sua criação, como nas mais insignificantes, o adoraremos» — nesta passagem a devota senhora derramava-se em lágrimas e suspiros, inclinando os olhos à imagem de Cristo do seu santuário, como a pedir-lhe remédio aos amores de sua sobrinha, e um toque de sua divina vontade no ânimo do cónego.

Rosa, maravilhada da condolência da tia, pediu-lhe licença para escrever ao tenente, o que a velha consentiu da melhor vontade; acrescentando à carta um período por sua conta, e era que se apegasse o preso com a Senhora dos Remédios, e com o Bom Jesus dos Perdões, pedindo-lhes que amolentassem o coração do cónego. Em *post scriptum* remetia Rosa ao seu amado, como lembrança de sua tia, uma Regra do Patriarca S. Bento, recomendando-lhe que a lançasse ao pescoço, dentro da saquinha de veludo carmesim que lhe mandava.

Salazar estava medianamente relacionado com a corte celestial, e não tinha extrema fé na Regra do Patriarca S. Bento; mas leu parte do miraculoso livrinho, e beijou a saquita devotamente, ato este que eu hesito em atribuir a milagre do fundador dos monges negros.

Correram dias venturosos aos dois amantes, em que um a outro se mutuavam esperanças, bem ou mal fundadas no patrocínio da tia Tecla, e de suas eficazes orações pela boa sorte deles. Assaltava-os porém, a revezes o temor das traças que o cónego lhes andava tramando em Lisboa.

Os amigos de Salazar souberam logo a concessão feita pela Regência ao padre, e avisaram disso o preso. Faltou ao infeliz coragem para rebater a pontada que o feria no coração. Caiu de cama, e desafogou a sua agonia em cartas que escreveu a Rosa, despedindo-se dela para sempre, como quem ia morrer em Almeida inevitavelmente.

Passada de cruéis angústias, mostrava a menina as cartas à tia e esta desentranhava-se em fervorosas preces ao Senhor, pedindo o milagre de abençoar na extrema desesperança o amor dos dois desventurados.

Em supremo requinte de dor, Rosa sentiu-se impelida por invencível força para a cadeia e para os braços do condenado. Preveniu-o de que iria vê-lo, e dar-lhe ânimo com a sua arriscada temeridade.

D. Tecla costumava dormir em dias de inverno desde as cinco até às oito da tarde, hora em que se erguia para continuar suas interrompidas orações até ao dia.

Às cinco horas duma dessas tardes, Rosa entrou no quarto de sua tia, fez oração à imagem do oratório, beijou-lhe a mão insensível, e saiu sozinha.

Subiu as lóbregas e húmidas escadas da Relação, invocou o favor do carcereiro para falar com *seu primo* Salazar, perdoável fraude, que o carcereiro perdoou primeiro que o leitor. Farto estava ele de saber quem era a priminha; mas Salazar fora-lhe recomendado pelo chanceler, e pelas liberalidades do preso e de seus amigos.

Foi a menina guiada ao quarto de malta, que, segundo o senhor Braga me disse, era aquele em cujas portadas estão entalhados os nomes de alguns dos padecentes de 1829.

Agora tu, Calíope, me ensina o que disseram aquelas duas criaturas, doidas de júbilo, amantíssimas e enleadas como deviam de estar, no paraíso terrestre, os nossos primeiros pais, à primeira hora em que se viram; à primeira digo acintemente, porque à segunda aposto eu com Moisés que já não estavam contentes.

— Tu aqui, Rosa, meu santo amor! — exclamou ele; e ela não respondia, tremia, contraía-se como sensitiva flor ao tato, sempre brutal, do mais ideal, mais afinado, mais subtil amante. — Como desceste a este inferno, anjo celestial!? — prosseguiu ele com estilo levantado à altura de seu amor — Fala, Rosa... diz-me que não é esta a derradeira vez que nos encontramos. Se o teu coração te diz que podemos ainda esperar algum dia de contentamento, anima-me, ampara-me, afasta de mim esta morte, mil vezes mais horrenda que a forca. Rosa!... as tuas lágrimas desalentam-me... Vens dizer-me que está tudo perdido!...

— Não venho — murmurou ela...

Não era murmurar, era um melodiar de angélicas harpas a voz de Rosinha, que o tenente nunca ouvira senão em movimentos de lábios ajudados por acenos. Como cobra-cascavel que roja fascinada após do som da flauta do iroquês, assim os lábios do tenente deram um salto aos lábios de Rosa como atraídos da magia daqueles sons.

Por força de mal engenhado símile, fui chamar cobra-cascavel ao apaixonado Salazar! Eu bem sei onde está o segredo desta bela comparação; e vou desvendá-lo em abono do meu bom gosto literário, e respeito à moral.

Sou tão avesso, e tamanho asco tenho a beijos, como aquele frade da mesa censória, que mandava riscar *beijo*, e escrever *ósculo*. Os teólogos casuístas, e nomeadamente S. Afonso Maria de Ligório, conjuram unânimes contra o beijo, inscrevendo-o

no catálogo das desonestidades. Não digo tanto. Entendo que beijo pode ser ato inocente, mas não pode ser nunca limpo e asseado. É um contacto de extrema materialidade, com toda a sua grosseria corpórea.

Não sei quando se deram os primeiros beijos no mundo. Aqueles de que fala a Bíblia significavam quasi sempre desenvoltura. Nos amores de Sara, de Raquel, de Rute e doutras criaturas santificadas não se mencionam beijos. Os irmãos de José, quando o venderam aos midianitas, beijaram-no. Judas Escariotes, quando malsinou Jesus, beijou-o. Não tenho dos livros primordiais mais agradáveis reminiscências de beijos.

Nos poetas gregos e latinos sei eu que eles simbolizavam muita podridão moral, de Laís, de Lésbias, de Frineas, de Márcias e de Cláudias. Um dos poetas coevos delas disse que os próprios deuses de mármore se anojavam de tais lábios.

A reforma cristã caminhou e irá indo sempre ladeada do paganismo. Permanecem os beijos: a impureza de muitos não tem inveja à de Roma. E como os ídolos se baquearam, há imagens de santos para os mesmos lábios, que automaticamente se regelam, no pau, dos brasumes da carnalidade. Madalena beijou os pés de Cristo; mas primeiro lhos lavou de lágrimas. Também Marta lhos beijou, mas primeiro lhos perfumou com o incenso, em que vaporava o melhor de seus haveres. O beijo, após as lágrimas e o incenso, eram um pacto da alma contrita com o seu regenerador. Madalena, depois daquele ósculo, penitenciou-se quarenta anos nas brenhas do deserto.

Mas estes beijos de sôfrega ânsia, saídos como dizem em faíscas do coração, afiguram-se-me golfos de peçonha que arreversa a cobra-cascavel... Chegamos ao segredo da comparação. Aí tem o leitor como muitas belezas se escondem e despercebem nos escritos de quem se não dá à canseira de ser escoliastes de si próprio.

Bem hajas tu, Rosinha, que retraíste o rosto mimoso e virgem de beijos, ao arremesso daqueles lábios do tenente, que outro

romancista havia de chamar aveludados, e eu chamo sujos das impurezas do tabaco, e doutras cujo monopolizador encartado é o espírito imundo, o Demónio, Deus me perdoe!

Pasmou Salazar da esquivança da moça, e do poder da virtude. Abriu-se em rosas nacaradas a face dela, por milagre do pudor, que, mesmo em avançados anos, infeita e inflora as cútis mais desmaiadas. Muito a amava ele para que a não amasse ainda mais assim purpureada. Naquele instante gerou-se o respeito do amor, e tanto que mais segura de sua virtude não estaria Rosa ao pé do tio cônego.

— Se eu for para Almeida, que farás tu, Rosa? — disse o preso.

— Seguir-te-ei, se mo consentires.

— Se to consentirem, minha querida... Prender-te-iam, apenas dessem falta de ti.

— Não importa... Morrerei, acabarei este martírio, e irei pedir a Deus por ti.

— Não vás, não me sigas, Rosa. Espera, que eu posso ainda ser perdoado. O meu primeiro dia de liberdade será o da nossa eterna união. A tua vinda deu-me forças. Agora sim: deixas-me a certeza da tua constância e força de alma. Era essa a que me faltava. Cuidei que te faria medo a minha desgraça, Rosa. Levo, como um depósito sagrado, o teu coração para os cárceres d' Almeida. É preciso que eu viva para to restituir, e que tu vivas para me dares a minha esperança, a minha vida, que deixo a teus pés.

E ajoelhou-se com aquele rigor dramático em que muita gente não acredita, porque os amantes destes nossos dias, com receio de fazerem vincos e joelheiras nas pantalonas, não ajoelham à mais pintada. O homem atual tem o coração na cabeça, e a cabeça no aprumo esticado do coleirinho. Aperta a mão sem força, porque o retesado da luva lhe empece as articulações dos dedos. Entra por muito na plástica do alfaiate a mímica do amor. Esta verdade escapou a Henry Beile, a Balzac e a Karr. Pertence-me o descobrimento. É a única originalidade que levo deste mundo, e a outra de ter o leitor à espera e impaciente de saber o que dizem e o que resolvem afinal os gementes pombinhos dos meus romances.

Pouco mais disseram, porque a campainha tocou às sete horas e meia.

Concordaram em dissimular esquecer-se de Salazar a menina, para que o cónego não sugerisse embaraços ao perdão.

Concordaram em corresponder-se mediante a proteção do carcereiro.

Concordaram, afinal, em se ver uma vez ainda, se o cónego demorasse a vinda para o Porto.

O cónego Barreto chegou dias depois, quando Rosa, animada pelo bom êxito da sua temeridade, se preparava para nova sortida. Foi ele o portador da ordem que mandava remover o condenado para Almeida. Não se demorou a execução da vingança do padre, cujo orgulho resfolegava em filauciosas injúrias aos protetores do infeliz.

Rosa voltou para a companhia do velho com grandes saudades de D. Tecla, a qual ousara dizer ao irmão, em palavras humildes, que ela se empenhava mais com o Senhor na salvação da alma dele, que na dos mais heréticos jacobinos.

— A tua religião é de boa casta! — disse-lhe o beneficiado com irónico riso.

— E a tua é a dos Fariseus, que pagavam o tributo da arruda, e deixavam morrer de fome os indigentes, e assoalhavam a torpeza do seu orgulho — respondeu ela.

D. Tecla era mais lida no Evangelho que seu irmão. O que ele sabia a fundo era que, não rezando no coro da Sé, não lhe pagavam; e por isso ia lá todos os dias gargantear os engrazados salmos penitenciais, e cabecear sobre a harpa de David, de que ele entendia tanto como de flauta o burro do fabulista.

Foi Salazar transferido para Almeida. Fiou demasiadamente de suas forças, quando prometeu ser homem a Rosinha. Adoentaram-no as saudades, a solidão e a vaidade da sua valia esmagada pelos sapatos do cónego.

No entanto, as cartas de Rosa lutavam com as sombras da morte, que lhe andavam em redor do leito, e conseguiram espancá-las.

Salazar viveu um ano nos cárceres d' Almeida, agolpeado por desesperanças no perdão, suplicando a parentes e amigos que o não desamparassem. Neste longo espaço de tempo, o cónego três vezes tentou casar a sobrinha com três pretendentes, que aforavam grosso cabedal ao padre. De todas elas se mostrou Rosa mulher heroica, e desprezadora da riqueza, e inabalável às ameaças de ficar pobre, sem a herança do tio.

Tratava ele já de legar os bens a um de seus afilhados, filhos duma peixeira que os ensinava a chamar pai ao cónego, quando uma indigestão de lagosta o pilhou desapercibido de genebra, e o matou.

A herdeira do cónego foi a irmã. Acharam-lhe muito dinheiro em ouro, muitas joias que deviam ter caído naquele abismo de sordícia pela rampa da usura, e — caso raro! — não lhe acharam brevíários, nem sequer um ripanço!

— Agora podes casar, minha sobrinha — disse D. Tecla a Rosa — Eu faço-te doação de tudo que era de teu tio, e por minha morte virás buscar o pouco que tenho.

O preso estava em ânsias pela falta da costumada carta de Rosa, quando lhe anunciaram uma menina que o procurava. Viu o seu bom anjo vestido de luto. Disse-lhe o coração o que era; mas não ousava interrogá-la.

— Estou livre! — exclamou Rosa — Morreu meu tio. Aqui me tens velha, acabada de desgostos, que tu nunca soubeste, mas fiel à minha palavra. Agora vamos para a Índia, vamos para onde Deus quiser, que em toda a parte seremos felizes.

Esperaram que os papéis para o casamento se legalisassem. Rosa hospedou-se, a pedido de Salazar, em casa do governador da fortaleza, e ia passar com o preso algumas horas do dia.

Quando os papéis chegaram, chegou com eles ordem de voltar para o Porto o ex-tenente Salazar, e recolher-se ao castelo da Foz, como prisão mais digna. Os amigos do cónego defunto entenderam que não merecia a pena serem fiéis à vindicta do amigo morto; e os protetores do preso conseguiram tudo da Regência, salvo a liberdade.

Receberam-se em Almeida os noivos, e desceram logo para o Porto, alegres e descuidados do futuro incerto, como se a fonte incessante da peçonha, que meandra por entre as flores da vida, estivesse exaurida para eles.

Rosa conseguiu viver no castelo com seu marido, e não contava os dias de cárcere: todos lhe corriam felizes, desde que a aurora lhe aclarava o seu quarto como um sorriso do céu, até que as águas do mar reverberavam aos últimos lampejos do sol-poente.

Ao cabo de três meses chegou da corte a notícia triste de que o rei não perdoava ao tenente Salazar.

Rosa foi forte, e ele fraco.

Já o não encantavam visões das florestas indianas: queria a liberdade: queria mostrar-se ao mundo rico da mulher formosa, e dos bens de sua mulher. Assim é feito o coração; e deste jeito, que Deus lhe deu, procede o não estarem povoados aqueles formosíssimos e virgens arvoredos da Índia, tão convidativos nas descrições de Humboldt e nos romances orientais de Mery.

Abriu sua alma, toda consolações e bálsamos, a extremosa esposa; mas o fraco chorava, e antevia a morte dela no inóspito clima, onde meses antes imaginara a hospedeira e cariciosa natureza a recebê-los com incógnitos regalos.

Rosa meditou, e resolveu um arrojão.

Estava a sair um navio para o Brasil. Disse ela ao marido que ia visitar sua tia, e demorar-se com ela algumas horas. Beijou-o com desusada sofreguidão, e lágrimas, que ele não compreendeu. Valeu-se Rosa da proteção do chanceler; legalizou a passagem, enfiou um pacotinho de roupa, que furtivamente tirara do castelo, escreveu uma longa carta a seu marido, longa, porque as frases saíam do coração com as lágrimas, e umas deliam as outras no papel. Depois embarcou sozinha, sem mais proteções que uma carta do chanceler para um dos ministros de D. João VI.

A primeira impressão que fez a carta em Salazar foi uma síncope. Recobrou os sentidos, correu aos adarves do castelo, e viu, mar fora, um navio com as velas cheias. No tombadilho entreviu um

acenar de lenço branco. Devia ser ela... Era!... O infeliz ajoelhou, e ergueu as mãos. Mal sabia ele o que fazia; mas que sublime lance aquele! Que espetáculos de imensa dor a palheta dos grandes génios não inventou ainda!

Iam com ela os anjos. Foi de boa monção a viagem, e a bordo todos os passageiros se desvelavam em atenções à esposa que ia implorar do rei o perdão de seu marido.

Acolheu-a benignamente o ministro; e, antes de apresentá-la, mostrou ao rei a tocante e lastimosa carta do chanceler.

D. João perdoou ao tenente, antes de ver a esposa suplicante; quando, porém, a viu, disse ao ministro: «Nada lhe falta! É perfeita de alma e de corpo.»

Voltou Rosa, no espaço de quatro meses e meio, com o perdão. Quando o castelo da Foz se lhe desenhou entre as brumas numa manhã de inverno, Rosa, enganada pelo coração, proferiu alto o nome do esposo, cuidando que ele devia ouvi-la. Uns dos ouvintes sorriram, choraram outros, e todos invejaram a sorte do preso.

Saltou Rosa numa catraia em frente da Foz, correu ao castelo, pediu silêncio às sentinelas, atravessou subtilmente os corredores, colou o ouvido à porta do quarto do esposo, para lhe ouvir a respiração. Nem um leve rumor se coava na fechadura. Levantou de mansinho o fecho, espreitou pela fresta, e viu o jacobino, o perverso, o condenado, de joelhos diante dum crucifixo com as mãos erguidas.

Entrou de golpe, exclamando:

— Estás livre! Estás perdoado!

O tenente ergueu-se, fitou-a; mas naquele olhar vislumbrava o espasmo do idiotismo. Nos braços dela é que os diques das lágrimas se romperam; e então conheceu Salazar que não estava sonhando.

Não há mais que dizer.

Estas duas criaturas gozaram vinte e cinco anos a felicidade que está nas condições humanas. A primeira que morreu poucos meses esperou a outra no Céu. Deixaram filhos: não sei se existem, nem onde existiram.

Salazar atingiu uma alta patente no exército português; mas essas glórias são tão vulgares, que não valem a consideração de amiudá-las. O que há grande na vida deste homem é a obscuridade das suas virtudes. Parece que os anjos, para serem felizes, se escondem dos homens!

VIII

Descoroçoá-me a má vontade que sinto na história que segue a outra, tão peregrina, tão linda, se fosse bem contada!

Estoutra é nauseosa, e rebelde às graças, aos infeites, e às folhas de parra com que mais destro pintor cansasse em cobrir-lhe a repulsiva nudez.

Vejamos o que pode minha pobre arte sobre a realidade hedionda.

A senhora D. Benedita era uma mulher de quarenta e cinco anos, que eu conheci enfermeira das presas na cadeia. O dom, que eu lhe deixo, não lho davam na cadeia; mas eu sei que ela o recebia na sua terra, e principio por onde Benedita principiou.

Nascera na Beira, e fora educada com duas tias num convento de Lamego, para onde entrara órfã.

Era extremamente delicada de estrutura, e menos de mãe. Tinha pequeníssimo pé, e quebrava-se com gentil graça nos mais desafetados meneios. De formosura, escassos sinais lhe vi, salvo o quebrado da vista, a cor ainda retinta dos cabelos, e a pupila coruscante, qualidades, que, em meu juízo, dizem muito na beleza, se a tez é pálida, como a dela, mas sem as incruzadas rugas, que já tinha.

No convento gozava a estima das tias e das outras religiosas, todas cativas de sua docilidade, canseira de trabalho e boa postura de modos e dizeres.

Tinha Benedita, cinco léguas distante de Lamego, um tio abade, que vivia sozinho, e abundantemente no seu passal. Pediu o abade a suas cunhadas que lhe dessem a sobrinha para casa, a suavizar-lhe com as graças da juventude os últimos e dissaboridos anos da decrepidez. Acederam as tias à vontade do velho e da menina, que foi, se não alegre, ao menos complacente.

Não se enganara em suas esperanças o abade. Benedita amaciou-lhe as asperezas da soledade com a sua juvenil conversação; recompôs o aconchego da casa; cuidou no bem-estar do velho, e chamou a si todas as obrigações que andavam repartidas por mãos mercenárias e descuidosas. Enlevava-se o tio em louvores a Deus, que mandara o anjo à sua velhice, como o carinho da infância aos anos provectoros de Abraão.

Volvidos os dias sempre ditosos de um ano, Benedita reparou nos olhares dum mancebo, lavrador rico da terra, e noivo que muitos pais traziam d'olho para suas filhas. O muito reparar é inclinação a amar. Benedita amou o lavrador, e fez patente a seu tio o que não era de razão nem honesto esconder.

E o velho pastor, que batizara o moço, e lhe conhecia o viver, disse:

— Minha sobrinha, o António Mendes é um perfeito rapaz. Foi sempre bom filho, bom amigo, paroquiano exemplar, e de esperar é que seja bom marido. Deus sabe quanto me dói ceder-te a outrem o coração que eu queria para mim, como luz que tão precisa me era para este curto caminho da sepultura; porém, má velhice seria a minha, se eu te impecesse ao coração, filha, que tem outros pendores e outros destinos. Se houveres de casar, seja com ele. Levarei comigo o prazer de vos ter abençoado a ambos, e vós depois falareis muito a vossos filhos no velho tio, que vaticinou venturas a eles e à sua posteridade.

Chorava o ancião, rematando a fala.

Benedita abraçou-o com amorável veemência, e consolou-o dizendo-lhe que, se casassem, viveriam sempre em sua companhia.

António Mendes era deveras o bom moço que o abade ajuizava. Tão depressa ele conheceu a correspondência de Benedita, foi logo pedi-la a seu tio, depois de a consultar.

O velho fez o elogio de sua sobrinha, e cerrou o discurso lastimando que ela não fosse rica para sobredourar as naturais virtudes.

— Eu já o sabia — disse o lavrador — De mais tenho para vivermos com decência e fartura, senhor abade.

Fez-se o casamento, com surdas invejas das moças abastadas das três freguesias em volta. Quiseram os noivos levar para si o velho, sendo impossível ficarem na residência dele, que era pequena casa para utensílios da lavoura, gados, tulhas e criados. O abade agradeceu o amor de seus sobrinhos; mas não aceitou a hospedagem, dizendo que o bom pastor era obrigado a não desamparar a choça que lhe deram, para vigiar o rebanho.

Abençoada união! dizia o velho quando, um ano depois, batizava uma filha de sua sobrinha. Ditosos casados! diziam até as invejosas, sabendo que nunca entre aquelas duas almas houvera a menor alteração! O abade sobreviveu alguns meses ao batismo da menina, legando a Benedita um *agnus dei*, encastado em medalhão de prata, e um rosário de lava, benzido pelo vigário de Cristo. O restante eram roupas e algum pouco dinheiro, que mandou repartir pela pobreza da freguesia.

Ao segundo ano de casados, a casa de António Mendes era visitada por um doutor, fidalgo das cercanias, padrinho da primogénita.

Este homem tinha mau nome, granjeado em veleidades de rapaz, e crimes impunes. Os pais das moças, cuja reputação ele sacrificara a momentos os caprichos de sua libertinagem, temiam-se do valimento dele, e, a cada revés na vida, iam submeter-se dependentes à sua proteção.

António Mendes conhecia o carácter de seu compadre, e supunha conhecer o de sua mulher. Nunca lhe anuviou o ânimo sombra de suspeita, nem talvez lhe parecesse possível compadecer-se o crime e o parentesco espiritual que os ligava.

Benedita, lisonjeada pelas novidades de linguagem que o compadre trazia para lhe realçar a beleza; crendo-se realmente bela sem que seu marido lho tivesse dito alguma vez; resistindo, primeiro, com o pudor, e depois com a razão; lutando porventura com a consciência, menos vigorosa que a pertinácia... como direi eu o resvalar da desgraçada? quem soube contar estas quedas, sem dizer que o anjo da virtude se refugiou no Céu, velando o rosto lagrimoso com suas asas?

Se Benedita sustivesse a sua queda nesta primeira caverna do abismo, erguer-se-ia como tantas despenhadas, que de lá se erguem, rebatizadas por suas lágrimas, e redimidas pelo remorso para a comunhão da honra.

Não.

Aqueles pés haviam de resvalar até se empoçarem em sangue; o levantar-se daquela mulher devia ser para o tablado da força.

Já nos custa a rebater o enojo de semelhante história; mas já agora o grande mal foi começá-la. A leitora é que ainda pode lançar de si o livro, e ir em cata de inocentes contos noutra obra, que não tenha sido escrito em masmorras.

O doutor tinha um afilhado, por nome José Maria, moço de vinte e cinco anos, seu confidente, companheiro noturno, destemido, provado em todos os distúrbios de feiras e romarias, e presuntivo herdeiro dos bens de seu padrinho.

Era este o portador de cartas para Benedita, em ocasiões que o doutor tinha outros destinos.

António Mendes via com desprazer este homem em sua casa, e pedia à mulher que lhe desse de mão. Não era temor de desonra que o indispunha; era o descrédito do moço, e o geral conhecimento de suas manhas de alcaiete do padrinho.

Prometeu Benedita impontá-lo; mas faltou uma e muitas vezes à promessa, até que o lavrador pessoalmente disse a José Maria que as suas visitas sem motivo o enfadavam.

José Maria não voltou; mas os vizinhos de António Mendes o encontraram mal disfarçado, de noite, rodeando a casa de Benedita,

com uma clavina nas mãos. Levados de natural e até maliciosa curiosidade, espiaram os movimentos do noturno passeante, e viram-no saltar ao quinteiro do lavrador, depois que em certa janela aparecia uma toalha, ou coisa semelhante.

Foi o lavrador avisado a medo, porque todos se temiam de José Maria: ocultaram o nome do homem, e recomendaram-lhe que vigiasse por sua honra. Não teve mão de si o lavrador, e contou a sua mulher o aviso que recebera. Benedita, levemente perturbada, disse que não era sua culpa, se alguma das criadas tinha seu conversado, ou pior do que isso. António despediu as criadas, que perguntaram pasmadas a razão da despedida, e com isto respondeu às pessoas que lhe haviam dado o aviso.

Estas, porém, continuaram em suas espreitas, e viram que José Maria repetia os saltos ao quinteiro, quando a toalha alvejava na janela. Já tão zelosos da honra do vizinho, como dos créditos da sua esperteza, deram novo aviso ao lavrador, e esperaram o resultado.

António nada disse a sua mulher. Fez-se saído para feira distante, e escondeu-se de noite em casa dum vizinho. Duas noites correram sem que o homem suspeito aparecesse. António, quasi irritado contra o amigo, disse-lhe que ele se enganara, se atribuía a sua mulher alguma deslealdade. O vizinho sorriu-se, e pediu-lhe que ficasse mais um dia.

De feito, à terceira noite apareceu nos arredores da casa o vulto, e o lavrador conheceu-o logo. Viu-o parar em frente do quinteiro; mas não saltou, depois de esperar uma hora. Benedita já tinha a esperteza que a malvadez aconselha: não deu o sinal, suspeitosa das delongas desacostumadas do marido.

José Maria voltou costas à casa, e cortou por um quinchoso de mau piso, que desembocava numa touça de carvalhos.

Da casa do lavrador havia atalho para aquele ponto, e António Mendes, armado duma foice roçadeira, apesar do parecer do vizinho, correu a cortar-lhe o passo, e o lavrador denunciante seguiu-o de perto.

Este, dado depois como testemunha no processo, disse que António Mendes saíra à frente de José Maria, e lhe perguntara o que ia ali fazer a tal hora. O interrogado respondeu aperrando a clavina, ao qual ato logo se seguira lançar-se a ele de braços o marido de Benedita para lhe arrancar a arma das mãos. Ajunta a testemunha, que os vira cair ambos, e ouvira a voz do seu vizinho exclamar: «Mataste-me, malvado!» e ao mesmo tempo vira erguer-se José Maria, pegar da clavina, e fugir.

O homem que assim depôs mais tarde, fugiu para casa naquela ocasião. Ao interrogatório que depois lhe fizeram sobre o procedimento do seu silêncio respondeu que tinha mulher e filhos, e receava ser assassinado por José Maria, se a justiça não prendesse logo o matador, coisa impossível, atendendo à proteção que ele tinha do padrinho.

Alguns lavradores, que vinham da rega, tropeçaram no cadáver, e bradaram: «Homem morto!» Espreitaram-lhe a cara para o conhecerem; mas a noite era escuríssima, e o mato dos carvalhos, que ladeava o cadáver, não coava sequer a claridade baça das estrelas.

Um dos homens disse que, pela estatura, e chapéu de feltro de grandes abas, o morto parecia ser o António Mendes.

Neste pressuposto foram chamá-lo a casa, e Benedita acudiu ao chamamento, dizendo que seu marido não tinha ainda voltado da feira de Midões. Pediram-lhe uma lanterna para irem reconhecer um homem que estava morto ao fundo do quinchoso, e notaram que tremia extraordinariamente a mão de Benedita, dando a lanterna.

— Morto! — disse ela — quem poderá ser?!

— Vamos averiguar — disse um deles; — mas não está muito longe quem disse que era o senhor António.

— Meu marido! — exclamou Benedita.

E prorrrompeu em gritos agudíssimos, que alarmaram toda a vizinhança, e toda saiu à rua para seguirem os da lanterna, e ela que ia depós eles tirando do peito exclamações pavorosas.

— Tal e qual! — disse um dos homens — é ele, e está coberto de sangue.

Dois lavradores impediram que Benedita se achegasse do cadáver, tomando-a nos braços, e conduzindo-a a casa, dando-lhe cada qual suas consolações, que ela, estrebuchando vertiginosamente, parecia receber como um insulto à sua dor sufocante.

António Mendes tinha o rosto cortado de facadas, e o sangue já coagulado nas lapelas da jaqueta e peito da camisa.

Houveram os costumados gritos de «à d' el-rei!» e pernoitaram os vizinhos alternadamente à beira do morto, onde acenderam uma fogueira.

Meia-noite devia ser, quando passou naquele ponto José Maria com uma rebeca debaixo do braço.

Estacou pasmado do grupo, e perguntou o que era aquilo?

— É o António Mendes morto — lhe responderam.

— Quem o matou? — exclamou José Maria, arremessando a rebeca, e cerrando os punhos.

— Deus o sabe — respondeu uma voz.

Era a do lavrador que testemunhara o assassínio; e acrescentava este, no depoimento, que o sangue do cadáver começou a correr quando o matador se aproximou. A ciência não autoriza isto; mas a ciência não sabe os segredos de Deus.

José Maria foi dali a casa da viúva, que estava em flatos, rodeada de vizinhas. Benedita ouviu-lhe a voz, e estremeceu. Que tremor seria aquele? Horror de si mesma.

Estava ele diante dela, com sereno semblante, perguntando sobre quem recaíam as suspeitas do crime.

— Deus o sabe! — disse de lado o lavrador, que viera descansar, cumprida a sua hora de guarda ao cadáver.

José Maria encarou no olhar e aspeto do lavrador com olhos de terrível desconfiança.

Benedita não podia fitar de rosto o assassino do marido; mas respondia com artificial anseio às perguntas dele.

Ao outro dia foram as autoridades locais levantar o cadáver. José Maria estava presente. Dizia o administrador do concelho:

— Parece incrível que se não conheça ao menos um inimigo do morto, para se poder conjeturar quem o matou.

— Deus o sabe!... — disse ainda o lavrador.

José Maria desta vez não inclinou os olhos turvos ao lavrador; mas entre si resolveu matá-lo, se transpirasse dele alguma outra palavra indiciativa.

A devassa nada surtiu.

Não tinha ainda um mês de sepultura António Mendes, e já em casa de sua viúva estava vivendo José Maria, o afilhado do primeiro amante dela.

E aqui é tempo de quedarmos um instante a olhar nos caminhos da divina Providência, que são de ordinário os mais afastados da trilha por onde nós a procuramos, cegos de nossa miserável razão.

O doutor deixara Benedita, quando o tédio lhe fez parecer longa a caminhada, e escassamente recompensado o sacrifício. Pôs a mira de sua devassidão noutra fita, e para lá gastava as horas dos seus ócios regalados de infâmia e desprezo de todos os respeitos sociais.

Foi indiferente ao fidalgo a sucessão do afilhado, e Benedita pouco tempo se magoou da ausência do compadre; pode mesmo ser que a desgraçada se sentisse melhor na posse dum homem que vergava aos caprichos dela.

Poucos dias depois da morte de António Mendes, foi o doutor assassinado, quando voltava duma excursão noturna. Toda a gente indigitava o matador, alguém mesmo o soubera até à evidência; mas ninguém o delatou, porque o assassino era o marido desonrado de uma mulher, que roubara a Benedita o coração do compadre. O *coração*, santo Deus!... Como a gente arrasta aquela víscera na lama de todas as profanações! Ninguém, pois, indigitou o assassino, que muitos dos que podiam fazê-lo tinham sido afrontados pelo morto, e gemiam acorrentados à sua onnipotência no concelho.

Os herdeiros do doutor apossaram-se dos bens, e despediram o afilhado, malquisto deles, e conceituado cúmplice das impudências do padrinho.

Forçado pela precisão, José Maria buscou o abrigo de Benedita, e alojou-se em casa dela, onde mandava e dispunha.

Ano e meio viveram assim, de romagem em romagem, de festa em festa, gastando à larga, e devastando a casa que o defunto senhor deixara quite de dívidas.

O escândalo campeava desembuçado, revendo sangue. Toda a gente se confrangia ao aspeto da mulher que trazia a seu lado o assassino do marido. Ninguém hesitava em crê-lo tal, desde que o viram senhorear-se dos bens da viúva, e ela rasgar o luto, decorridos poucos meses, e mostrar-se risonha e sécia nas romarias, com um descaro que lhe afeava horrendamente o crime.

Um dia fora, sem ela, José Maria para uma feira, a curta distância de Lamego. Estava aí também o lavrador, que três vezes atribuíra a Deus o conhecimento do assassino.

José Maria, furioso de sua embriaguez, arremeteu, com pretextadas causas, contra o lavrador, e espancou-o com o intuito de o acabar. Tiraram-lho das mãos os vizinhos, e o ferido correu a Lamego, e denunciou ao juiz de direito o assassino de António Mendes. O magistrado avisou competentes autoridades, e a ordem de captura foi no mesmo ponto passada.

José Maria, cortado por caminhos travessios, foi preso antes de chegar a casa da viúva, e conduzido às cadeias de Lamego.

O lavrador denunciante procurou Benedita, e disse-lhe que fugisse, para não ser presa.

Apavorou-se, mas não fugiu. Tinha ao pé de si duas filhas, que choravam ainda saudades do pai, e a cada hora lhe perguntavam por ele. Onde iria ela esconder-se com as duas filhas? Quem lhe daria asilo? Que maior prova que a fuga podia ela dar de sua cumplicidade? Que provas aduziria a justiça contra ela?

Aquietada por estas perguntas, com que se estava mentindo à consciência, e cuidava mentir a Deus, Benedita esperou os sucessos,

e não esperou muito tempo, que, na manhã seguinte, foi presa, e também levada para a Relação de Lamego.

Correu rápido o processo. Testemunha de vista era só uma; todas, porém, juraram que era voz pública ter sido José Maria o assassino, e Benedita a instigadora do crime. Foram condenados à forca, levantada no lugar do delito.

Sucedeu o crime em 1851, e o julgamento em 1853. Em 1860 vivia Benedita na Relação do Porto, esperando que o poder moderador lhe comutasse a pena em degredo perpétuo. José Maria também ali estava, e de relance o vi na enfermaria dos presos.

Será feliz o pincel que relevar na tela um composto de feições tão expressivas de perversidade como eram as dele. Lampejavam-lhe os olhos nas órbitas cavernosas, as quais tinham à orla um disco negro como de ferro. Rapava-se à escovinha na cabeça, e deixava crescer as barbas, desiguais, com clareiras na face, que semelhavam cicatrizes. A pele era búzia, e sarapintada de manchas amarelas. Na estrutura denotava força, pelo largo das espáduas, e pulsos ossudos e grossos.

Entrara na enfermaria com dores de peito; diziam, porém, os presos que ele se fingia doente para poder ver Benedita, que era enfermeira de mulheres, na casa fronteira à dos homens. Disseram-me que, alta noite, a condenada ia colar os beijos à fechadura da porta, e conversava, através duma saleta interposta, para um postigo da porta fronteira, onde estava José Maria.

Uma vez lhe dizia ela:

— Lembras-te daquele tempo em que eu esperava na cama que me levassem o almoço às dez horas? Não posso dormir uma hora descansada, e ao romper do dia tenho de me erguer por força para dar os remédios às doentes.

Disse, uma outra vez:

— Que será feito de minhas filhas? A mais velha, desde que casou, nunca mais me escreveu; da outra não sei nada. Tenho escrito a pedir alguma coisinha; mas não me mandam nada. Na enxovia tive muita fome; aqui dão-me bacalhau, que eu não posso comer.

Esqueceram-me outras lamentações, que eu devia ter escrito, quando mas contaram.

Os presos enganaram-se com a simulada enfermidade de José Maria. Vi-o, segunda vez, e achei-o já desfigurado do que era, lívido, com as fossas orbiculares de todo descarnadas, e a espinha dorsal recurva pelos empuxões da tosse.

Em março de 1861 vieram os perdões, que comutavam a sentença de José Maria em degredo perpétuo com trabalhos públicos, e a de Benedita em degredo para Moçambique com prisão perpétua.

Chegada a comutação, o condenado morreu na enfermaria, em contorções de raiva contra as dores, e contra quantos o cercavam com os benefícios corporais e espirituais nas últimas horas.

Benedita, conhecedora da morte de José Maria, ergueu um pranto, cuja sinceridade corria parelhas com o pranto derramado pelo marido. O que ela, serenada a sua aflição, pediu foi a caixa de José Maria, dando-se como herdeira dele. Duvidou o carcereiro entregar-lha, já porque o defunto era casado, posto que abandonasse a mulher nos primeiros meses de marido, já porque a Santa Casa é a herdeira dos presos falecidos sem testamento. Examinada, porém, a arca, viram que ela nada tinha valioso, além duma faca de larga lâmina, a qual Benedita não quis, porque viu nela talvez alguns laivos do sangue de seu marido. Aceitou, porém, alguns chapéus de palha fina, e trança para outros, arte em que José Maria primava entre os demais presos.

Poucos dias depois da morte do condenado se deteve Benedita na enfermaria. Acordava de noite em estridentes gritos, dizendo que a matavam, e que era José Maria que lhe atirava ao peito uma barra de ferro, e outras vezes o marido que a arrastava pelos cabelos. As doentes espavoridas queriam fugir da enfermaria, jurando que ouviam estrondos horríveis. Espalhou-se a nova em todos os antros da cadeia, e foi essa uma época em que os fantasmas surgiram do escuro de todas as arcadas.

Então se deu o caso de ser avisado o senhor procurador régio da aparição dum vulto no terraço da abóbada da Relação. Diziam

os observadores de fora, que o vulto mostrava a intervalos a cabeça por sobre o ombro daquela Justiça de pedra, que lá está aformosentando a cúpula da fachada. A autoridade mandou de noite uma escolta de municipais ao telhado da cadeia, e, como voltassem algum tanto amarelos do frio, os presos foram de acordo que o fantasma do telhado era um juiz que condenara, há cinquenta anos, um inocente à morte. Não sei que jornal dessa época, noticiando o caso pavoroso, acrescentou que, tendo de vagarem, insepultos no telhado, os juízes iníquos, daqui a pouco seriam por lá mais bastos os fantasmas, que em janeiro os gatos. Acho graça ao dito; mas não me parece coisa de brincadeira isto de fantasmas.

O certo é que a senhora Benedita pediu que a removessem para a enxovia, a ver se assim podia livrar-se da obsessão das larvas que lhe esmagavam o peito e arrepelavam as tranças.

Dói dizê-lo. Não escurecia a face desta mulher sombra de remorso. Falava do marido a olhos enxutos. Dizia-se inocente, e confessava que era tratada por ele com extremos de mimo. Estas revelações denegriam-lhe ainda mais a execrável índole. Das filhas falava com algum pesar e saudade; mas depressa disparava em ódio esse vislumbre d' alma, por se ver abandonada de todos e delas. Daquele apostólico vulto de seu tio abade, raras vezes falava, ou dizia apenas o que podia sentir o coração encodeado pela crusta do sangue do marido, que a providência lhe fizera tragar com a desesperação, com a morte da sensibilidade e da memória da sua inocência.

Antes e depois da morte de José Maria, a perdida sustentava correspondência amorosa com diversos presos, distinguindo com preferência justificada um moço de boa família, que dera em salteador de estrada, e foi depois para Angola cumprir sentença de dez anos. Que gentil figura de moço de vinte e três anos! Que fronte e olhar tão significativos de inteligência e bondade!

Os amores de Benedita, com este e com os outros, aprazavam-se para o degredo. Ainda então não tinha ela cabalmente interpretado a sua sentença. Benedita morrerá dentro de ferros, se não tiver

já morrido. Vi-a sair numa leva de degredados. Cobria um velho capote, e sobraçava uma troixinha de roupa. Nessa ocasião me disse um preso:

— Quando eu vi aquela mulher, na romaria da Senhora dos Remédios, em Lamego, cavalgando um belo cavalo, vestida à camponesa, com o marido ao lado, invejados ambos de tanta gente... mal diria eu que havia de vê-la sair para a África daquele modo, coberta de farrapos e de indelével infâmia!

Venha agora desenfastiar-nos uma historieta alegre. É a do senhor José Bernardino Tavares, lavrador de Santa Maria da Feira, leão daquelas terras, enjaulado por causa das suas leoninas arremetidas à moral, e também à desmoralização dos seus vizinhos.

Fora o caso que o abade da freguesia do senhor José Bernardino era um cura d'almas, que pedia meças de virtude evangélica ao defunto cura *João Meslier*, e a muitos outros, que o leitor conhece como as suas mãos.

Tinha o padre no presbitério uma espadaúda moça, que era o feitiço de seu amo e dos rapazes. Rentavam-lhe todos, e ela a todos voltava costas de esquiiva, e de soberba das peias em que trazia o coração do abade.

José Bernardino tirou-se de seus cuidados, e fez dois dedos de namoro à sécia. Agora, agunte-se, se pode, nas suas tamancas, a senhora Felícia, que o negócio é sério! Com o senhor José Bernardino não há Lucrécias de abades.

Sentiu logo a moça alguma coisa nova que lhe puxava pelo coração para aquele lado donde José Bernardino a mirava e remirava! As carícias do abade como que lhe cheiravam a simonte. Os colóquios ao lar com ele, nas noites grandes, faziam-na tosquenejar, bocejar e dormir sobre a roca. O tratar-lhe das peúgas, da égua, da chimarra e das galhetas, já lhe parecia aborrecida tarefa.

Estava a moça, como o outro que diz, entre as três e as quatro, por não dizer, com o outro anexam, entre a cruz e a água benta, que mais vividoira e vermelhaça nunca ela estivera!

Aquela casta de mulheres, quando adregam de amar, criam sangue novo, espanejam-se, enramalham-se, são como leoas na selva, quando o rugido do leão lhe sacode os músculos.

E que leão não era o senhor José Bernardino! que rugidos em cada olhar! que solavancos ao coração da moça, a cada nota da *Cana-verde*, que lhe assoviava de noite, ao rondar-lhe a casa!

Ergue-se o abade, uma bela manhã, e pede a tigela do leite, porque não vai dizer missa naquele dia. Ninguém lhe responde.

— Traz o leite, Felícia!

Berra e reberra o pastor daquela tihosa ovelha, que àquela hora estava já tresmalhada e cisada no aprisco do senhor José Bernardino.

Saltou o abade do leito, correu a casa em cata de Felícia, buscou-a no seu quarto, e deu logo fé de que a arca da roupa dela também tinha ido.

— Deixa-te ir com a breca! — murmurou o abade — não faltam mulheres!

Isto dizia ele da boca; mas lá por dentro aqueles intestinos ferviam como em caldeira de betume. É que o abade amava Felícia com todas as potências da sua imoralidade, da sua compleição, da sua estupidez!

Saiu o padre a averiguar o destino da moça, e fácil lhe foi saber quais garras de abutre lhe empolgaram a rola companheira dos seus gemebundos cantares. Jurou vingar-se, e vingou-se sem estrondo, nem falario, que deslustrasse a seriedade da sua missão.

Sabia ele que José Bernardino estava pronunciado por um crime de brava pancadaria que distribuía em não sei que feira. Sabia mais que o regedor protegia o criminoso, a ponto de o deixar correr livremente a freguesia. Vai o abade ao governador civil, e denuncia a impunidade do criminoso, e a tolerância do regedor. O chefe do distrito obriga o subalterno a prender José Bernardino, e este recebe aviso da trama que lhe urdira o padre, para se resguardar.

O lavrador não era homem de meias-medidas. Resolve dar uma lição monumental ao padre, e prepara para ela uma certa clavina, que nunca lhe falhara em melros de mais amarelo bico.

Uma noite defronta com a residência do abade, e espera que ele saia a tomar a fresca, ou a fazer a resenha de muitas ovelhas, cuja tinha era contágio dele. Abre-se uma porta. José Bernardino enxerga um vulto, e desfecha com ele. O vulto vai a terra, e grunhe um arranco. O assassino foge, alapa-se, e alta noite ouve uma voz, que dizia a outra:

— Não sabes onde se deu esta noite um tiro?

— Sei, foi no burro pardo do abade.

— E mataram-lho?

— Ora! não tugi uma nem duas, e lá tem uma bala na cabeça. É bem feito! O abade é que devia estar na pele do burro.

— Mas isso não tira! — retorquiu o outro — que o burro também está na pele do abade.

— Matei, pois, o jumento pardo! — disse consigo José Bernardino, raivoso do mau êxito da espera.

O abade levantou clamores, à missa do dia, invocando a consciência dos fregueses para lhe declararem quem matou o jumento, e excomungou o burricida.

O regedor, entretanto, aguilhoado pela autoridade administrativa, perseguia o criminoso, dando-lhe assaltos à casa com os cabos de polícia, e José Bernardino, confiado no bacamarte, saía por uma porta quando a polícia entrava pela outra.

É de saber que o abade tinha inimigos, adquiridos pela desmoralização dos costumes e avareza com que ordenhava o rebanho; ao passo que o lavrador, homem de coração lavado e serviçal, tinha muitos amigos.

Resolveram estes vingar o fugitivo, assando o abade.

Uma noite pegaram-lhe fogo à casa, e por um triz que a lavareda não churrisca os torresmos do padre, que estava no primeiro sono, digerindo a farta ceia com que ele sopitava as insónias do amor.

Saiu o abade por uma janela, com o cobertor aos ombros em ar de clâmide, pedindo aos fregueses vizinhos que lhe valessem à égua, e a cem mil reis, que tinha ao canto do baú. Apagou-se o incêndio com a fartura de água que corria à porta do passal, e a égua saiu ilesa da corte, espirrando e escouceando os salvadores.

Extinto o fogo, ergueu o abade a voz, acusando de incendiário José Bernardino, que, a essa hora, estava na feira de S. Miguel, em Basto.

Novo processo foi instaurado contra o lavrador; e, dado que não procedesse à míngua de provas, a situação do homem piorou, e as tentativas de captura redobram.

Estava José Bernardino em sua casa e na sua cama, ouvindo histórias do presbítero contadas por Felícia, quando a polícia, capitaneada pelo regedor, lhe cercou a casa. Levantou-se placidamente o lavrador, tomou a clavina, e abriu uma das portas para sair. Arremeteram com ele alguns homens, que se petrificaram ante a boca do bacamarte. O regedor, porém, vexado da fraqueza dos cabos, saltou à frente, afrontando-se com a pontaria do arcabuz. José Bernardino aconselhou-lhes prudência, e que abrissem filas. Refratários à boa razão, arremeteram com ele, e ouviram o desfechar do tiro. Era de pederneira a clavina, e o cão não ferira lume. Engatilhou segunda e terceira vez debalde o agredido; até que, arremessando contra o chão a arma, José Bernardino exclamou: — Aqui me têm: estou preso.

Conduziram-no à cadeia da Vila da Feira, onde foi julgado pelo crime antigo e pelo novo crime de resistência. Provados ambos, foi condenado em três anos de prisão. Devia José Bernardino cumprir-los na cadeia do seu concelho; mas, como alguns presos arrombassem aquela frágil prisão, foi o sentenciado removido para a Relação do Porto, a cumprir ali sentença.

Nenhum outro preso encontrei ali tão ansioso de liberdade, e ao mesmo tempo tão regalado de amiudadas visitas de valentes e atoicinhadas mocetonas da sua terra! Raro homem se terá gabado de prender às grades duma cadeia os corações leais das mulheres,

que o amaram nos dias fortuneiros! Agora, era uma que lhe trazia um cesto d' ovos; logo, outra com um açafate de regueifas; depois, outra mais guapa com uma cambada de chouriços; e a final a mais estremeçada, que lhe administrava a casa, e pejava o quarto dos mimos da lavoira. E nem assim estava contente o senhor José Bernardino Tavares!

Voltaire devia ser muito amado, quando caiu na Bastilha, e nenhuma das extremosas escravas do seu espírito o visitou!

Fouquet, em dezenove anos de cativo, não viu nas trevas do seu cárcere uns olhos de mulher!

Pellisson também me não consta.

O pobre do Silvio Pellico pregava moral à filha do carcereiro, e às damas equivocadamente virtuosas, que riam dele.

Nenhum destes recebeu de mãos de anéis nem ovos, nem regueifas, nem chouriços.

Como ousava lamuriar-se o senhor José Bernardino do seu infortúnio, que era uma folia em confronto das tenebrosas angústias daqueles ilustres varões!

Disse-lhe eu que se ocupasse em qualquer serviço para aligeirar as horas e distrair o ânimo.

— Em que me hei de eu ocupar? — exclamava ele — Para me entreter já faço o jantar; e, para me ocupar em alguma coisa, como mais do que posso.

Levantou-se um dia de humor de se fazer juiz de um dos salões da cadeia. Comprou o juizado por doze libras ao carcereiro, que negociava neste género de imoral veniaga, e inaugurou o seu reinado embebedando os presos com aguardente... para se entreter. Dias depois, o carcereiro tomou-o entre dentes, e quis mudá-lo de repartição. José Bernardino queixou-se ao defunto presidente da Relação da indignidade do carcereiro, que lhe vendera e tirara o juizado; mas aquele pobre homem, que já mal podia com as dores da agonia lenta, absteve-se de providenciar contra o empregado, em cujo corpo anãzado entrara a alma de João Branco.

Quando Sua Majestade o Senhor D. Pedro V visitou segunda vez o Porto, escrevi ao senhor Tiago de Horta, pedindo-lhe que fizesse chegar às mãos de Sua Majestade a súplica documentada do preso José Bernardino Tavares.

Ao outro dia, indo o Senhor D. Pedro examinar a cadeia, dignou-se dizer-me que vira a minha carta escrita ao seu ministro; e, conquanto não lesse o requerimento, julgava exequíveis os meus desejos.

José Bernardino julgou-se perdoado nos restantes nove meses de prisão, e teve dias mais alegres pela esperança do que talvez os sentiria na liberdade.

Com a morte do soberano, morreram as esperanças do preso. Desvanecidas estavam elas já para mim. A palavra dos reis era sagrada, quando os reis governavam: agora apenas reinam. Um amanuense de secretaria basta a entupir os canais por onde afluí a misericórdia do rei ao povo.

Está ainda o senhor José Bernardino acorrentado pela mão evangélica do seu abade, a quem deve as amarguras de três anos, os catarros de três invernos, o desbarato da sua casa. O abade, porém, diz que o senhor José Bernardino, sobre todas aquelas dívidas, ainda lhe deve a Felícia e o burro.

Enquanto a mim, o senhor José Bernardino está expiando, não a celebrada pancadaria que deu, nem a resistência que fez, nem o rapto de Felícia: é a morte do inofensivo burrinho, conquanto diga o provérbio que as vozes dele não chegam ao céu. Mais difícil acho eu chegarem lá as do abade*.

* O senhor José Bernardino foi perdoado em alguns meses de prisão, quando o Senhor D. Luís I foi aclamado. (*Nota da segunda edição.*)

Os legisladores pagãos, como tivessem por inexecutável o parricídio, não lhe assinaram castigo. Jesus Cristo veio ensinar os homens, depois que os filósofos gregos se abstiveram de os moralizar no tocante ao parricídio. Com o cristianismo, crisol da civilização, surgiram nos códigos as penas contra o filho que mata seu pai, e apareceram os factos, não um em cada século, mas três factos a um tempo, três parricidas conjuntamente no mesmo cárcere.

Se me detenho a pensar nisto, quero dizer, na perfectibilidade do género humano, elaborada pela ação do cristianismo, tamanha desordem de ideias se me faz no espírito, umas em batalha com as outras, que então fujo de mim mesmo, temeroso de pensar desvarios, e mais temeroso ainda de calar na imprudência de escrevê-los.

Mais seriam; mas só conheci três parricidas na cadeia; ou cinco, melhor diria, porque duas mulheres e um moço estavam condenados na morte de seu pai comum.

Eram estes das cercanias de Lamego. A mais velha das duas era moça de vinte e quatro anos, de varonis meneios, mas não sem graça. A segunda teria dezoito anos, e aspeto doentio. O irmão era mudo. Tinham todos sentença de morte, e esperavam o êxito do recurso para o supremo tribunal. Dizia o libelo que a parricida mais velha afogara o pai nas possantes mãos, e a irmã e o mudo a coadjuvaram. A denúncia fora dada por outra irmã, também muda, de quem os celerados não se esconderam.

Outro parricida, que não consumara o crime, era o enfermeiro dos presos, condenado a perpétua e incomunicável prisão. Há seis anos que ali está, e é estimado das autoridades, e dos fiscais da Misericórdia, a quem compete aquela enfermaria. Os doentes, em geral, dão testemunho de sua caridade, e eu mesmo presenciei a brandura e cuidados com que ele assistiu aos últimos dias do pobre Coutinho. Afligiu-me ver um dia o castigo de disciplinas que ele dava a um doente, e censurei-lhe a crueza. Disse-me o enfermeiro que o doente era doudo, e só com o terror se continha quieto. A origem do mal estava na absurda autoridade, que mandou para a cadeia um demente, e no carcereiro, que o lá retinha. Este lançava de si a responsabilidade, dizendo que o hospital da Misericórdia não queria receber doudos, porque não tinha enfermaria especial. Ninguém o dirá do estabelecimento de caridade mais dotado e rico do país! Com uma galeria de bustos, que ali fizeram no firmamento do pórtico, verdadeira enfermaria da arte e do engenho arquitetónico, poderia a mesa da Santa Casa ter criado uma enfermaria de doudos.

Voltando ao enfermeiro, é ele filho dum abastado lavrador, contra quem desfechou um tiro, errando a pontaria. Foi uma alucinação, motivada pela negativa de consentimento paterno para casar-se. O próprio pai lhe perdoou depois da condenação. Ali vem o velho, de vez em quando, ver o filho, e mensalmente lhe remete a mesada, que o preso não gasta. Assim mesmo condenado a prisão infinita, teve o senhor Carneiro quem se namorasse de suas boas maneiras e lhe desse a mão de esposa. É ele, pois, o terceiro marido da senhora Maria, cuja profissão é recovar os remédios da botica do Hospital de Santo António para as enfermarias da Relação. O velho já requereu ao Trono o perdão de seu filho; mas o ministério público pediu a condenação do réu em desagravo da humanidade. O pai perdoa; a humanidade não.

O outro parricida é o senhor António Vieira Mendes, natural de Braga, e o mais antigo inquilino da Relação. Demora ali desde 1845. Três vezes já foi julgado e sentenciado a padecer morte no local do delito.

O senhor Mendes fora um mancebo de regular educação, natural esperteza e más inclinações. O pai era homem de antigas costumeiras, censor rígido das imperfeições do filho, e avaro de seus bens, que não deixava esbanjar. António Vieira Mendes casou cedo e pobre. Encargos de família, desgostos domésticos motivados pela pequenez dos recursos, e a espora duma índole malfadada, incitaram o moço a tentar contra a vida do pai, que teimava em viver na posse dos bens.

Mendes não matou; mandou matar seu pai por facinorosos, que já morreram nas galés. A justiça não vacilou muitas horas em indigitar o promotor dos homicidas. A prova foi cabal, e a sociedade queria que o condenado saísse do tribunal para o patíbulo.

Entrelembro-me de ver há dezoito anos uma péssima litografia em que especulador artista cuidou eternizar o quadro lúgubre do parricídio. Vendiam-se estas estampas juntamente com os repertórios. Lá estava o senhor Mendes ao fundo do quadro, recebendo a notícia da morte de seu pai, e junto dele o sicário, que lha dá. O parricida traja elegante judia, e encosta-se estatuariamente à sua bengala. Cuidou-lhe, a primor, o artista nos bigodes, retorcendo-lhos nas guias com graça espanhola. Era uma maravilha aquele retrato para os meus condiscípulos bracarenses, que conheciam o senhor Mendes.

Tornei a ver o hediondo painel, quando estive preso, e por sinal que me ri da inocência do meu carcereiro. O senhor Mendes tinha injuriado o inofensivo Nascimento, por lhe este não deferir a requerimentos contra a lei regulamentar da cadeia. O pobre velho, ultrajado na sua dignidade, quis tirar uma vingança igual à afronta. Acertara ter-lhe vindo à mão uma daquelas litografias. Nascimento procurou-lhe, desenrolou a estampa, e disse-me:

- Vê isto?
- Vejo, senhor Nascimento.
- É a vida do Mendes aqui pintada.
- Está bonita a pintura.
- Sabe o que eu vou fazer?

— Mandar encaixilhar isto, naturalmente...

— Não, senhor: vou mandar este papel àquele malvado. Quero vingar a humanidade. O homem, quando vir isto, há de morrer de remorsos.

Foi então que me ri.

— O senhor ri-se? — interrogou o carcereiro enfiado.

— Rio das suas crenças em remorsos, senhor Nascimento. Se o senhor lhe manda a estampa, o Mendes não morre, manda copiá-la, e vender a segunda edição correta, a pataco, e talvez aumentada com a figurinha do senhor Nascimento aqui a um lado.

— Que me diz?

— Digo-lhe a verdade, meu bom amigo.

— Mas ele p'ra que havia de meter-me aqui neste painel?

— Por pirraça era capaz de o pintar com o seu fardamento de alferes de veteranos.

— Acho que diz bem, porque ele até sabe tirar firmas!

— Pois aí tem.

Gorou-se deste modo a vingança do carcereiro.

O senhor António Vieira Mendes é de há muito conhecido por *doutor da cadeia*. Sabe de cor as reformas novas e velhas, os códigos, as leis extravagantes, e as milésimas tricas judiciárias. Os tribunais estão pejados de contrariedades escritas pelo senhor Mendes. Na presidência da Relação chovem os requerimentos de sua lavra. E, posto que o êxito das causas, cujo patrono ele é, seja sempre negativo, os créditos jurisperitos do senhor Mendes resistem aos abalos que têm derruído o conceito de muitos letrados de polpa.

Vem a ser a razão disto sucederem-se as camadas dos clientes anualmente, e ser o causídico desconhecido das que vêm.

Tive azo de avaliar a inteligência e fecundidade deste sujeito, quando Sua Majestade veio ao Porto. O senhor Mendes foi o intérprete de sessenta presos, que imploraram a compaixão do benigno rei. Escreveu em dous dias e duas noites sessenta petições, das quais vi algumas não despeciendas em patético de linguagem, e toque

às paixões que se movem espicaçadas pela retórica. Não perdoou o rei a preso algum, precisamente porque teria de perdoar a todos: tão parecidas eram as sessenta alegações dos sessenta inocentes!

Afora esta lícita indústria, o senhor Mendes é dotado do raro engenho de imitar assinaturas. Mediante o seu prestimoso auxílio, fazem-se muitos casamentos com falsas certidões, e adiantam-se ou atrasam-se, segundo interessa, muitas idades. Isto é o menos do muito que a habilidade do insigne falsificador tem prejudicado. Alguns desertores têm ido à cadeia buscar as suas baixas, e alguns presos lhe têm pedido alvarás de soltura. Tem, porém, o senhor Mendes a qualidade não menos estranha de passar os alvarás, receber o estipêndio, e avisar os carcereiros contra a sua falsificação. A meu ver, este procedimento indica vislumbres de veneração à moral pública.

O senhor Mendes também escreve artigos para os jornais, no tocante a coisas de regulamento da cadeia. Escreveu alguns contra mim, que me pareceram irrepreensíveis na gramática e bons de se lerem. Suscitou-me o senhor Mendes a natural curiosidade de conhecê-lo, e pedi ao carcereiro licença para descer à prisão do escritor. Admirei-lhe o escampado da brunida fronte, o olhar perspicaz, uma fisionomia espirituosa, e o espesso bigode já listrado de cabelos brancos. Vestia ele um *robe de chambre* de lã escarlate, que lhe dera José do Telhado, dizendo que os doutores de ordinário vestiam assim. Estava o senhor Mendes fumando por cachimbo de porcelana, com seus cordões de seda, que atavam à carcela do colete.

Vi junto dele uma linda menina de dez anos, que ele me disse ser sua filha.

— E a mãe não o visita? — perguntei.

— A mãe é minha criada há vinte anos, e é quem me serve aqui na cadeia.

— Pensei que esta menina seria filha de sua senhora.

— Minha mulher — replicou ele — voltou-se para a Igreja.

— Quer dizer que está beata?

— Não senhor: quero dizer que vive com um ministro do altar em Braga.

— Para ter mais próximo o ministro da salvação?

— Acho que sim — tornou ele baforando pelo pipo do cachimbo, e fazendo ressaltar o tabaco em chispas e cinzas. — Eu espero um dia poder remetê-los juntos à bem-aventurança.

Em algumas outras ocasiões aproveitei a conversação do senhor Mendes, e mereci-lhe a confiança de me nomear as pessoas, que lhe pagavam os artiguinhos contra mim. Das quais revelações simplesmente inferi que os meus adversários careciam do senhor Mendes para órgão de sua justiça e intérprete de seus ânimos.

O senhor Mendes, prevalecendo-se de sua imaginativa e virulência de linguagem, humilhava os carcereiros e guardas, menos destros que ele em recâmbio de injúrias. O resultado foi vencer, afinal, a força material contra o espírito. Alguns soldados de baioneta calada soterraram o senhor Mendes na mais pavorosa das enxovias, onde nem assim a desgraça lhe amolgoa a inflexível condição reacionária.

Não sei se, alguma hora, o anjo da infância do senhor Mendes o visita em sonhos; se as pálpebras ao entreabrirem-se estilam lágrimas, que se ressecam à luz infernal das tochas, que ladearam o esquife de seu pai. Não sei. Eu tenho do coração humano ideias sempre em divórcio com as ideias comuns. Quero acreditar que há remorsos e saudades naquele homem, que foi filho, que teve mãe, que orou com ela, que a viu morta, que a chorou talvez nos braços do pai, que foi tudo o que são bons filhos, antes de ser parricida.

E, se me eu não enganasse, quem negaria saudades e remorsos naquela alma?

A verdade é que ele repele a arguição de parricida. Uma vez me disse:

— Meu pai morreu tranquilo no seu leito.

— Pois seu pai não era um homem assassinado por um tiro?!

— Não, senhor: meu pai era o general Caiola.

Parece-me que o desgraçado, nesta calúnia, ultrajava a memória de sua mãe inutilmente*.

* Este sujeito foi para África, onde consta que agenceia a sua vida custosamente, visto que lhe é proibido o exercício da muita jurisprudência que aprendeu em vinte anos de prisão. A ciência não habilita! (*Nota da segunda edição.*)

Estava preso nos quartos de malta um santo.

Isto é que ninguém me acredita; e eu acho razoável a ofensa, que o leitor me faz.

Um santo na cadeia! — exclama — Isso é insultar a civilização cristã! É caluniar atrozmente as leis portuguesas remodeladas pelo Evangelho! É aleivosia contra o júri que o julgou, e contra o juiz que o sentenciou!

Exclamem; mas escutem. O santo estava preso por não ter podido pagar uma dívida, nem dar conta do depósito penhorado. Fossem pedir a S. Paulo eremita, ou a S. Simão-Estilita uma dívida, a ver se os pobrezinhos de Cristo a pagavam!... E que santos aqueles!

Diziam mais que o meu vizinho botara abaixo uma orelha a um seu patrício aí da Rechousa. Também S. Pedro cortou à espada uma orelha a Malco, e nem por isso deixou de ser santo.

Setenta anos teria o senhor José da Rocha. Saía raras vezes do seu cubículo, e trazia no rosto um sorriso e uma luz de bem-aventurado. Dois meses lhe faltavam para acabar o seu ano de cadeia, quando eu tive a fortuna de convizinhar das suas virtudes, ali obscuras, em tão mal arejada estufa.

Obscuras, não. De longes terras, raro era o dia em que não vinham a ele ranchos de mulheres e homens cabisbaixos e reverenciosos como caravanas de turcos ao santuário de Meca.

Vinha aquela gente à reza do santo, e a consultas sobre moléstias abandonadas da ciência. Na esconjuração de espíritos imundos é que se extremava a sua principal virtude. Rapariga incubada de demónio saía dali escorreita, como se nunca tal hóspede lhe tomasse conta do corpo, reservado para melhores destinos. Em todas as enfermidades, e nomeadamente na espinhela caída, o senhor Rocha empregava métodos muito outros daqueles usados na ortopedia dos brutais endireitas. Talhava o bicho com a mera imposição de mãos, acompanhando o gesto de algumas palavras, proferidas em toada soturna, enviesando ao firmamento os olhos flamejantes do fogo inspirativo da pitonissa. Também talhava o ar — o que é mais significativo ainda de virtude miraculosa.

Na cegueira da minha ignorância pedi-lhe que talhasse o ar da cadeia, que era pestilencial, a ver se assim o convertia em aromas de cedro e sândalo. O senhor Rocha teve a condescendência de me dizer que só talhava os ares ruins; e eu a pertinácia de replicar-lhe que me não parecia bom o da cadeia. Ao que ele me tornou, com seráfica paciência, que ares ruins eram os que tinham malefício do Diabo.

Fiquei satisfeito.

Alguns dias depois, como eu andasse em suspeitas de ter sido arejado por assopro diabólico, pedi ao meu vizinho se tinha a caridade de me benzer. Anuiu de boa vontade o santo varão, e passou comigo meia hora misteriosa. Leu, trejeitou, defumou-me com alecrim benzido, e estive uns dez minutos em recolhimento. Ao emergir-se daquele letargo, varreram-se as sombras que lhe obumbravam tristemente o aspeto, e voltou à graça jovial, e lucidíssima do seu costume.

— Não é bem definido que eu tivesse ar ruim? — perguntei.

— Não lhe sei dizer — respondeu ele — mas desconfio que sim.

— Porquê, se é possível dizer-me?

— Porque o vi espirrar com o defumadoiro. Fiquei convencido de que o Demónio me tinha bafejado, porque me senti melhor depois dos espirros.

Estava lá outro preso, menos santo, mas muito mais inocente, condenado em quinze anos de degredo para Cabo Verde. Era o senhor Gouveia, do concelho de Armamar. Fora regedor na sua terra, negociante, e proprietário. O funcionalismo administrativo fez-lhe tomar pendor em partidos, e distinguir-se por seu zelo em lutas eleitorais. Numa dessas crises da urna, que algum tempo foram verdadeiras calamidades de rancores fraticidas, o senhor Gouveia foi falsamente indiciado numa tentativa de morte, julgado e sentenciado em três anos de prisão. O ministério público agravou, e a parte também. Era a parte um sujeito rico, abalizado entre os poderosos, e caprichoso no inteiro perdimento do inimigo político. O processo, examinado pelos juizes da Relação, deu em resultado a confirmação da pena; porém o juiz relator, quando o acórdão já estava em poder do escrivão, chamou a si os feitos, rasgou a lauda em que lavrara o acórdão, e lavrou de novo outro, alteando a pena a quinze anos de degredo. A este tempo já as testemunhas que tinham jurado contra o senhor Gouveia estavam condenadas a galés, por terem jurado falso. Pensava o preso que, aduzida tão significativa prova de sua inocência, o supremo tribunal de justiça anularia o processo. Nem assim. A última instância negou-lhe provimento! Gouveia foi para o desterro, depois de cinco anos de cárcere, completa perda de seus haveres, e trinta e oito anos de idade, com os cabelos todos brancos.

Gouveia era muito noticioso de livros portugueses, que folheara incansavelmente durante dois anos de prisão em Lamego. Encontrei-o lendo e decorando João Xavier de Matos, e Dinis, poetas prediletos, e únicos de sua biblioteca. O que ele tinha admirável era a facilidade e limpidez da palavra, às vezes imaginosa, mas sempre invejavelmente ajustada ao pensamento.

Porém o que mais assombrava neste homem era a resignação, e os bálsamos piedosos com que se estava sempre lenindo as feridas da saudade do seu passado, e o desespero na justiça humana.

Tinha um filho de doze anos, cujo ensino lhe ocupava algumas horas. A mãe desse menino era uma criada que o acompanhara

de cárcere em cárcere, e ele fez sua mulher, para premiar-lhe a dedicação, e levá-la consigo ao degredo. Receberam-se no altar da enfermaria, e eu fui um dos convidados para a cerimónia. Não atendi ao semblante dos consortes naquele ato, porque me distraí a contemplar um preso, que arrancava da vida em estertorosas convulsões. Que dois espetáculos ombro a ombro!

Gouveia logo que chegou a Cabo Verde granjeou a estima do governador, e foi empregado em trabalhos da viação, com doze mil reis mensais, e esperanças de acrescentamento. Vi cartas dele escritas de lá. Respiram contentamento e conformidade: nem uma palavra contra inimigos, nem contra a justiça enxovalhada aos pés deles. Parece que há no ânimo daquele inocente, desterrado e pobre, a certeza de que a divina Providência o há de premiar, e fartá-lo em sua fome e sede de justiça.

Não direi o mesmo do senhor Gregório, meu vizinho também.

O senhor Gregório, sujeito de quarenta anos, era um fabricante de tecidos, sócio doutro, que tinha uma filha galante, de vinte anos, e festejada de muitos moços, que a cortejavam a medo, como atemorizados de sua gentileza. Ora, o senhor Gregório tocava viola, e vibrava em melancólicos lunduns as cordas do alaúde, porta-voz de sua alma para a moça, esquivava a finezas e gabos dos rapazes.

O fabricante era casado, e os anos mal o desculpavam da apaixonada doídice; todavia, o amor é tão engenhoso em mágicas travessuras, que vestiu de primaveras a cara do senhor Gregório aos olhos da moça; emborcou no seio dela a ambrósia estragada que lhe embriagou o senso do coração, e no dele a doce peçonha que leva depois muito tempo a sair da pele.

Não há duvidar que a cegueira da menina foi embriaguez, que lhe turvou o coração; porquanto, voltando a si do torpor (oito meses depois que adormecera) e não achando na frente a sua grinalda de pureza, começou a gritar contra o senhor Gregório, e o senhor Gregório foi preso.

Explicava ele o caso, e convencia a gente de sua inocência; mas as testemunhas disseram coisas tão às avessas da inocência dele, e também dela, que em resultado, o senhor Gregório vai, como inocente, para a África; e a loira, também como inocente, já está casada com um moço, que inferiu a pureza dela da condenação do outro. Esta é que é a gente ditosa, não ofendida de ciúmes, de que reza o épico.

A consorte do senhor Gregório era uma sensata criatura, que perdoara a deslealdade ao marido, e lhe levava às suas horas as comidas, e o melhor manjar de seu coração compadecido. Pelos modos, e no entendimento da desvelada esposa, quem devia ir para a África era a menina queixosa, que lhe furtara o coração de seu marido, a ponto de lhe não deixar em casa nem mesmo a viola! O advogado do réu descuroou este argumento da viola, que, a meu ver, era um tópico essencial da defesa.

Em noites estivas o meu vizinho encostava-se à sua grade, e tangia amorosos arpejos, e cantava endeixas duma saudade, que era um ir-se o alheio coração com elas onde o mavioso cantor mandava o seu. Assim se adormecia, David de si mesmo, o encarcerado cantor, e amanhecia ao tear, onde tecia primorosas fitas de seda, que lhe abundavam o passadio.

Era um bom vizinho o senhor Gregório.

O mesmo direi do senhor Teles, lugar-tenente de José do Telhado, lesto jogador de pau, rebequista de força, e alfaiate de obra grossa. Este, em sua opinião, também estava inocente; mas ia purificar-se à África, donde voltará, passados dez anos, a morrer na pátria, mais generoso que o general romano Cipião, lugar-tenente de salteadores mais abalizados — que nem sequer deixava à pátria a posse da ossada.

O criado, que me servia de ferros dentro, estava ali porque a Companhia dos Vinhos lhe imputava o roubo de dezoito pipas de vinagre. Era uma calúnia, que o pobre Pereira me explicou

cientificamente. O vinagre evapora-se das pipas, uns anos mais que outros, consoante o calor atmosférico. Acontecera virem dois estios muito calmosos; e o armazém do vinagre, nesses dois anos, evaporou dezoito pipas em gás. Não há nada mais claro. Se o defensor de José Pereira abre um compêndio de química experimental aos jurados, convencê-los-ia da inocência do seu cliente.

Eu tive sempre o meu criado em conceito de acrisolada fidelidade. Quando me faltavam as camisas, entendi sempre que se evaporavam como o vinagre. A calúnia procede muitas vezes da ignorância. Outra pessoa, menos lida nas propriedades gasosas dos corpos, havia de pensar que as suas camisas eram menos acessíveis que o vinagre à influência atmosférica.

No segundo andar da Relação estava presa uma senhora, vítima da mesma ignorância de química. Arguíam-na de ter comprado o vinagre a José Pereira, e de ter furado o pavimento de sua casa para trasfegar os vinhos do armazém da companhia para os seus pipotes. Cumpriu dois anos de cadeia a pobre senhora, e pôde ainda sair a porto de salvamento daquele dilúvio de vinagre, em que a sua reputação iria a pique, se a química não fosse superior aos juízos dos homens, que a condenaram.

Não me esqueça o senhor Isidoro, idiota de profissão que ali está, segundo ele diz, por *uma ignorância*.

— Por uma ignorância, senhor Isidoro! — exclamei eu — A ignorância de certo o não traria aqui; mas sim ao pináculo das honras. Vossemecê não pode estar aqui por ignorância!

— Palavra d' honra que estou.

— Queira esclarecer-me. Que ignorância foi causa a pronunciar-lo o juiz criminal?

— É porque eu tirei uns lencitos de seda da casa onde estava como caixeiro, e dei-os a outro sujeito, que os vendia.

— E o senhor confessou ao juiz essa sua ignorância?

— Confessei.

— Fez bem, porque foi verdadeiro; mas a verdade nem sempre é a sabedoria. Diz vossemecê muito bem: está aqui pela ignorância de confessar: é o que quer dizer?

— Não, senhor: a minha ignorância foi tirar os lenços.

— Ah! mas isso não se chama ignorância; chama-se furto.

O senhor Isidoro exclamou, chorando:

— Então eu sou um ladrão?!

— É; mas, como diz, ignorava que tirar lenços ao seu patrão é ladroeira. Agora entendi a força oculta da sua palavra. É ladrão ignorante.

Por isso eu disse que o senhor Isidoro é idiota de profissão.

Este pobre homem é de Lisboa, onde teve um estabelecimento de padaria. Fez o seu balanço, e conheceu que estava perdendo. Chamou os credores, embolsou-os de um conto de reis, que lhes devia, ficou pobre, e veio para o Porto, animado por um game-nhosito, que o industriou a furtar objetos do bazar Boa fé, onde conseguira empregar-se.

O proceder honroso com os credores é inconciliável com o roubo; todavia os vícios têm sua hora em que principiam, e os precedentes não absolvem. Este infeliz, depois dum ano de prisão, será julgado, e talvez condenado, se o júri não reparar naquela fisionomia em que o espasmo do idiotismo está pedindo por ele. Relevem-lhe a *ignorância*, para evitarem que ele aprenda a *ciência* na casa onde está.

Darei o que posso aos meus amigos: um capítulo no livro, que relembra uma época de provação de amigos.

Entrei na cadeia, suspeito de que tinha poucos; e saí obrigado a muitos. Os poucos, em que eu fiava, na minha boa-fé, e supina ignorância da humanidade, era uma gente com quem me tinha aliado em dias bafejados da fortuna. Destes, raros vi na cadeia, e mais raros ainda ficaram estranhos ao bando dos meus inimigos. Desculpei-os, quando soube que eles andavam atrelados à dependência de favores, que pagavam com a usura de sua ignomínia. Já nem sequer pasmei quando os ouvi vociferar contra a mão, que tentava quebrar-me os ferros dos pulsos, e estampá-los na cara dos adversários, uns despejados, outros estúpidos, e todos infames. De mim mesmo tenho vergonha quando me eles lembram: não lhes quero maior suplício que o nojo que eles devem ter, em intervalos lúcidos, de sua mesma vilania.

Amigos verdadeiros são os que nos acodem inopinados com valedora mão nas tormentas desfeitas. Esses vêm de Deus, e cumprem a mensagem divina de dizer ao infeliz que o Criador, formando o homem, não estava caprichando no requintar a sua onnipotência em abortos de ferocidade e velhacaria.

Não cabe aqui a lista dos nomes, que eu escrevi para sempre na porção imortal de minha essência, a alma, que, penso eu, leva a Deus a conta dos benefícios recebidos, e lá se ergue em testemunho para o galardão dos benfazejos.

Os dons que mais carece e cativam um homem preso, são o aligeirarem-lhe as horas. As horas da cadeia arrastam-se, como se ali fosse a estância de transição para infernal eternidade, onde não há mostrador de tempo. A noite nasce lá, e desdobra-se dentro em sombras torvas, quando o sol enrubescce ainda as longes montanhas. Ao entardecer as arcadas de granito parece que descem a esmagar a cabeça do preso; e as paredes, a gotear um regelo pegajoso, crereis senti-las bater-vos contra o peito. As noites de inverno começam lá às três horas; e os corredores são alumizados às seis por uma luz única de funeral lampadário, que espirra e bruxuleia.

Aqueles homens, entre os quais me mandaram viver as providências das autoridades, eram muitos deles celerados condenados à força. Pois esses mesmos fugiam à escuridade das abóbadas, e ajuntavam-se em palestra nos quartos, enquanto o toque da sineta os não dispersava.

Era essa, pois, a minha hora de passear nos corredores, ouvindo a soada soturna dos meus passos, e contemplando a chama azulada da lâmpada, que lutava com a frialdade da atmosfera.

Em trezentas e oitenta e três dessas noites, se bem me lembro, duas vezes tive amigos no meu quarto. Os mais deles eram pessoas de boa roda, que tinham suas visitas a cumprir, seus teatros, suas *toilettes* àquelas horas, horas devotadas aos deveres sacratíssimos de deletrearem os cabelos, ou narcisarem-se ao espelho à conta dos colarinhos. Outros, menos curiosos das praxes aparaltadas, temiam-se de entrar ali àquela hora, atendendo a que a cadeia era um covil de ladrões. Não sustenho ainda o riso quando me lembro que tive de confiar a segurança dum amigo, a outros que prometeram defendê-lo das agressões dos salteadores, no trânsito do meu quarto até ao gradão da saída. Era isto de dia. José do Telhado, com as suas grandes e formosas barbas, aterrara o senhor conde de Vila Pouca, cuja visita eu avaliei pela extensão do seu terror.

Outros não temiam o José do Telhado; mas repugnava-lhes passar no recinto escuro, onde foi oratório, e as sombras da luz

remota ondeiam nas paredes negras como túnicas de padecentes ali penduradas. Todos tinham razão, e eu de todo o peito lhes agradecia as horas de soledade que me deixavam.

O aspeto dos amigos, que, primeira vez, lá entravam, não seria mais confrangido de pavor, se me eles fossem anunciar que o carpinteiro estava erguendo o meu cadafalso. Alguns entravam chorando, e saíam rindo do meu contágio de riso. Em lealdade, e com quanta sinceridade posso dizê-lo, invocando o testemunho de meus amigos, aqui deixo gravado à posteridade que eu RI SEMPRE. É meu costume entalar o demónio da desgraça pela cauda, e obrigo-o a trejeitar diante de mim em sarabandas de muita galhofa, dadas todas as cautelas contra as evoluções da cabeça, que essas são perigosas, se não mentem as descrições das lendas infernais.

José Cardoso Vieira de Castro perdeu o seu rubor de alemão, quando os pés lhe escorregavam na eterna lama daquelas escadarias. Nos lábios alvacentos de terror parecia mostrar-se uma dobra da mortalha do seu espírito, fulminado pelo fétido e pelas náuseas. A esse tempo coavam-se duma grade uns sons de voz humana, e a toada melancólica dum piano. Vieira de Castro renasceu para o sentimento, como o rochedo à voz do cantor de Trácia. Retingiu-se-lhe o rosto afável do sangue que estuara nas artérias, e a graça e eloquência das chistosas hipérboles rebentou a froixo em imprecações contra o meu demónio da desgraça, que ele sacudiu pela cabeça, menos timorato que eu.

A poesia sanguinária senhoreou-se dele então, e era doce ouvi-lo pedindo ao infortúnio que me matasse para eu ter *um destino completo e bonito*.

— Que belo espetáculo para a posteridade se tu morresses agora! — exclamava ele, com os cabelos eriçados a repelões de entusiasmo — Que livro no futuro! que romance magnífico! que sepultura tão sagrada a tua! Como os ciprestes gemeriam a tua história, e quantas lágrimas te levariam às cinzas a compaixão de milhares de infelizes! A prisão é uma desgraça vulgar: a morte

seria um relevo, uma imortalidade, um lábaro, sempre ondeante ao vento das gerações vindouras, com o teu nome gravado, como lenda e moto de quantos fossem capazes do teu martírio!

Ouvi maravilhado o meu amigo, e perguntei-lhe se queria almoçar. Depois vesti-me, e saímos a jantar na sua hospedaria.

— *Saímos!* — exclamará a posteridade — Pois o *mártir* saía assim da cadeia a jantar com os amigos!?

Esta interrogação da posteridade há de ser causa a que nem sequer se faça um romance à conta da minha prisão! Bem o dizia Vieira de Castro: era necessário morrer no ergástulo, para que um futuro Byron fizesse *lamentações* em meu nome, igualando-me com o preso de Ferrara. Essas *lamentações* redundariam também em glória dalgum meu inimigo, a quem o poeta emparelhasse com o duque, algoz do amante de Leonor. Que sórdido borrão seria na história tamanha mentira, se as gerações porvindouras tirassem da lama o vulto dum ilustre algoz, para me nobilitarem as dores com a pujança dele!... Morrer assassinado às mãos dum rei, como o duque de Viseu, ou da queda duma tartaruga como Ésquilo, ou duma pedrada dum gaiato como um general assírio, ou dum bago de uva como Anacreonte, é coisa de todo o ponto indistinta.

Se os dramaturgos do século xxv me quiserem celebrar no palco, deitado sobre um colmeiro de palha ferrã, com uma bilha de água à beira, ponham embora em cena o inimigo; mas não o embucem em manto roçagante, nem lhe derrubem na frente o chapéu aragonês. Calcem-no de tamancos, deixem-no ir em mangas de camisa, com uma aguilhada em punho, e um naco de broa no bolso do colete, e uma borracha a tiracolo. Esta é que é a plástica, o *costume*, a verdade, e o cunho da verosimilhança. Façam deste teor o tirano da tragédia, sem pena de humilharem a vítima, se não a crítica literária há de vir nestas *Memórias* cavar-lhe a sepultura da obra.

Estava falando tão folgado e expansivo de amigos, e deixei-me escorregar no atascadeiro: foi que não via onde firmava os pés, quando colhia flores para eles.

E, se eles não fossem, quem me daria azo a jantar com Vieira de Castro? Como faria eu prevalecer a ordem do ministro sobre a judicatura do Porto, que me queria embargar a saída, mandando à justiça que pusesse as costas contra as portas ferradas da masmorra?

Deus me valha com mais brandas inspirações, se não desminto a gravidade do escrito, e fatigo-me em descobrir em certas caras uma fibra intacta onde entalhe a vergoada do látigo, que algumas horas me oferece um génio mau, insultador da minha fraqueza. É preciso que o leitor não encontre aqui o que está procurando desde a primeira página. Sejam sempre Silvio Pellico. O caminho do Céu é esta íngreme ladeira da paciência.

Falarei dum amigo, atraído à cadeia pela simpatia do infortúnio. Raras vezes me avistara com António Joaquim Xavier Pacheco. Estimava-o como a homem de bem, e amante de ler clássicos, e de escrever substanciosos artigos de utilidade geral.

Um dia entrou ele no meu quarto arquejante e esbofado da canseira. Em Pacheco há uma só essência muito maior que o volume do seu abdómen: é o coração, magnífico móvel de todos os seus atos, oráculo que sempre o aconselhou com a linguagem da prudência. Estranha conjugação de virtudes a promanarem da mesma fonte! Raro é aí o homem que não careça de pôr mordança ao coração para que a prudência fale.

— Venho visitá-lo — disse ele — por me lembrar que o senhor me visitaria, se eu estivesse na sua posição.

Daí em diante Xavier Pacheco, rápido avaliador e discreto juiz da minha consciência, achou-me dócil para o conselho, e impressionável aos ditames duma razão, ilustrada pela experiência.

E, como ele soubesse que em dados casos a missão do conselheiro é incompleta sem o benefício, Pacheco convidou-me ao trabalho pela segurança do estipêndio. Comprou-me manuscritos, e chamou editores que os publicaram: ocupou-me as horas, e pagou-me as vigílias, que me forraram a tormentosas insónias.

Da sua abundantíssima biblioteca mandava-me ele bons livros, bons amigos, bons mestres, que praticavam comigo nas infinitas noites de janeiro. Então li e reli volumes, que noutras tentativas, em anos mais irreflexivos, me anojavam e inimistavam com o puritanismo dos quinhentistas. *A Imagem da vida cristã*, de Heitor Pinto; o *Oriente conquistado*, do jesuíta Francisco de Sousa; as *Crônicas da Academia Real das Ciências*, e outros muitos repositórios de linguagem deste tomo, nunca me deram trela ao espírito para examinar quatrocentos volumes de romances, que comprara, e dos quais se admirou o Senhor D. Pedro V, observando que era biblioteca enorme para preso. Nunca me dispendi muito em compra de romances; mas aqueles comprara eu a um curioso que os vendera, em razão de ir comprar nova mobília para o seu gabinete. Comprei-os, pois, como mobília também, para não desfazer na qualificação que o vendedor lhes dera; e, de feito, adornavam as estantes vistosamente as paredes do quarto nuas, a pedaços, do papel que a caliça, aferventada pela humidade, fazia ressaltar com temeroso estalido. Este rompimento estrondoso era muito de ver-se, exceto os enxames de carochas, centopeias e outras alimárias, que espirravam das fendas a infestar-me o pavimento, e a passearem no pavilhão do leito, como se todos fôssemos da mesma casta.

Júlio César Machado, o escritor benquistado, que já se goza, como La Fontaine, da antonomásia de *bom*, não por ter ensinado a sã moral aos meninos com historietas de bichos, mas por ser tolerante com todos os bichos, e andar a repetir aos escritores malfazejos aquela máxima do *Tesouro de meninos* acerca de maltratar os animais: o bom Machadinho, digo, vindo ao Porto, ingrato seria se passasse distraído ao lado daqueles muros pardos, onde o seu amigo de doze anos estava conversando as musas e os facínoras.

Que ele entrasse chorando esperava eu; mas encontrar-me a escrever jocosos nada's num álbum é que ele não esperava. Júlio César cuidou que as decorações do *Trovador* e *Torquato Tasso*, nos atos em que negrejam os cárceres, eram mera visualidade dos

Rambois e Cinnati. Então me confessou que a realidade da Relação do Porto prelevava em horror ao que as lonas infundiam no seu ânimo de romancista, e amante extremoso da liberdade. Cuidava ele também que um preso, encavernado em antros tão sinistros, devia de estar de cócaras a tiritar a um cantinho da sua caverna, com os esgazeados olhos cravados no firmamento, pedindo, como Pellisson, às aranhas o favor de descerem, e de lhe ouvirem os seus menólogos. Uma coisa devia espantar o meu amigo, e era não ver à porta do meu quarto o carcereiro de feroz catadura, com a cambada das chaves à cinta, nem ali perto o carrasco, em sua furna, almejando o pescoço dum padecente, para nessa hora se aquecer a um raio de sol, e sorver um hausto sôfrego de ar puro.

Nem carcereiro de carranca melodramática, nem carrasco, nem padecente debaixo daquele teto de rocha, entre aquelas paredes, cuja humidade daria a um poeta ultrarromântico ensejo de compará-la às lágrimas congeladas dos centenares de desgraçados que ali choraram no discorrer de setenta anos que o edifício tem. O que ele viu foi o escritor sentado à banca do trabalho como ele o conhecera em diversas épocas, há doze anos escrevendo o *Anátema*; há seis, *O que fazem mulheres*; e há três, *O Morgado de Fafe* e as *Abençoadas lágrimas*.

Tive, pois, de adoçar a amargura do meu amigo, e capacitá-lo das vantagens dalguns meses de cadeia para refrescar a memória de desbotadas leituras, e estudar o coração do homem, ali, onde ele se dá nu e ulceroso ao anatomista.

Júlio César Machado achou estúpido este meio de estudar corações e refrescar memórias. Segundo ele, estudar assim é correr o perigo de morrer, como Bichat, sobre os podres cadáveres de sua análise.

Voltou o estimado escritor no dia seguinte, e tirou da algibeira algumas libras, que um editor portuense lhe dera por um romance.

— Tira daí o que quiseres — exclamou ele — a mim pouco me basta.

Convenci a boa alma do moço que me sobrava dinheiro, e sobejo desprezo para o que não tinha. Isto parece episódio dispensável nestas *Memórias*; mas esse nada revela o muito oiro daquele coração de Júlio. Quem lhe escrever a biografia há de restringir os gabos a poucos dizeres, e assingelar as palavras de modo que tudo funda nisto: branduras de coração feminil; infância de afetos; amor a tudo, porque em tudo vê uma face amável; *talento de bem dizer e de benfazer*; excelências antigas em novos feitos; as graças mitológicas enlaçadas nas virtudes cristãs.

José Estêvão encostou-se à grade da minha janela e disse:

— Isto é dum homem partir a cabeça; mas você conserve a sua.

Achou que a temperatura do meu quarto era a mais agradável de quantas encontrara no Porto, e saiu com mostras de me invejar o meu tabernáculo.

O grande orador não se julga estranho a nenhuns desastres naturais ao homem, como o outro de Terêncio. Emplasta e afeição em vultos de arte as mais grandiosas agonias, e as mais ínfimas ridiculezas da humanidade. O meu infortúnio pareceu-lhe *artístico*; creio porém que ele o não classificou na galeria séria das coisas da arte. Filósofo de Zeno, modificado pelas prescrições mais humanas de Mallebranche, o senhor José Estêvão só tem lágrimas em coração de pai, e retira-se enfadado do homem pusilânime que falecer de brioso estoicismo para se afrontar com desgraça. Mas que nobilíssima alma, que entranhas de irmão o devotam às dores da humanidade!

Os amigos dos primeiros anos da mocidade considera-os a velhice perdidos, se revolveram anos sem novas deles.

Manuel Nicolau Esteves Negrão visitara-me em sonhos do cárcere; mas não eram sonhos com o cárcere os meus. Então a alma se remoçava e via entre as flores a abrir de suas esperanças. O idílio dos vinte anos soava das mil bocas da natureza; e as coreias das

ilusões, vestidas e aladas como anjos, punham cerco de danças ao meu espírito, que as amava todas. Falava-me no meu éden a cândida alma de Manuel Negrão, respondendo aos devaneios amorosos com que eu lhe queria explicar a beleza moral da mulher. Eu já então me queria impor como filósofo aos meus amigos; mas toda a minha filosofia era vaporosa e imponderável como o perfume de uma flor. Negrão era o crente, e eu fingia de cético nas palestras, e nuns versos em que raras vezes se encontrava a verdade do sentimento, e menos ainda a correção das sílabas. Ele, o poeta verdadeiro, de si próprio se escondia para aconsoantar os suspiros apaixonados, e mostrava-mos a mim só, com tanta modéstia e pejo, como se eu fosse a dama santificada neles. Era isto assim que me vinha aos sonhos do cárcere.

Se apagais subitamente uma luz, com os olhos fitos nela, por algum tempo vereis nas trevas uns clarões informes. Assim reluz o brilho do passado aos olhos da alma fechados para sempre. No dormir é que as visões reaparecem; e o espírito, sempre novo, como no primeiro dia que veio a nós com suas eternas galas do Céu, desata-se das correntes da matéria envelhecida, e vai-se a voar, como ave descativa, ao mais achegado clima da sua pátria infinita.

Triste seria o despertar, se eu não visse ali, palpável e real, Manuel Negrão. Descera das montanhas onde vive, e contou-me a história de sua ditosa obscuridade. Eu contei-lhe as delícias da minha existência, exposta sobre o tablado das praças às vaías das multidões. Começámos lembrando o primeiro dia da nossa aliança, e demos afinal um adeus, como se no aperto de mão, que eu julgava então o último (e Deus sabe se o foi!) marcássemos a derradeira paragem entre dois túmulos. Este era o amigo que eu não quisera ter visto no cárcere. Este só podia abrir-me o livro da vida, na página feliz. Outros, que a sabiam, tinham morrido, quando o Demónio se constituiu meu cronista nas restantes páginas. Aqueles que a não conheciam, só tinham a recordar-me desgraças: era-me coisa indiferente vê-los.

Cada homem, que sentir em si despeito de não ter sido invocado por seu nome a esta página de gratidão, considere que o livro é um monumento de papel; e que a alma, onde eu recolhi a memória da consolação ou do benefício, é um cofre eterno onde a justiça remuneradora de Deus achará muitos nomes gravados.

XIII

Saí de Coimbra para Vila Real, quando as aulas se fecharam, por motivo da revolução popular de 1846.

À saída de Penafiel, eu e o meu companheiro recebemos aviso de termos pela vanguarda uma guerrilha de realistas, capitaneada pelo tenente Milhundes.

Quis o meu companheiro retroceder; mas eu convenci-o da desnecessidade de fugirem aos realistas dois pobres académicos, que se presumiam política e socialmente indefinidos neste mundo. Fomos avante.

Exatissimamente: lá estava, na quebrada de um serro, densa mó de gente armada, com as armas embandeiradas de escarlata. A tiro de bala, mandaram-nos fazer alto, e nós parámos, fiados na lealdade dos parlamentários, que vieram a nós com as clavinas no braço. Eram dois, com o caudilho à frente.

Milhundes era homem mal-encarado. Cinquenta anos teria, e grisalhas as barbas. Vestia casaco de miliciano com insígnias de tenente, e dragonas de capitão-mor. Trazia a banda a tiracolo, e uma longa espada de misericórdia enfiada num boldrié de coiro de anta.

- Quem são, e donde vêm? — disse ele.
- Somos estudantes, e vimos de Coimbra.
- Quem vive? — tornou ele.
- O Senhor D. Miguel! — respondemos.

— O Senhor D. Miguel *primeiro!* — replicou o guerrilheiro, acentuando a palavra suplementar, como se a nossa profissão de fé, sem a adição, ficasse equívoca.

— O Senhor D. Miguel primeiro! — repetimos, sacudindo os gorros.

— Então, visto que são dos nossos — retrucou Milhundreds — andem lá para a retaguarda, que nós vamos entrar em Penafiel. Precisamos de quem escreva proclamações ao povo, e os senhores, se são estudantes, hão de fazer coisa que se veja.

Consultei a minha bossa das proclamações, e disse:

— Vamos lá!

O meu companheiro estava enfiado, porque receava que o general guerrilheiro o nomeasse chefe de estado-maior. Eu achava extrema graça a tudo aquilo.

Entrámos em Penafiel.

Quando surgimos no cruzeiro, que se ergue ao topo da primeira rua, os moradores da cidade começaram a fechar as portas.

— Que ovação! — disse eu ao meu condiscípulo — Dir-se-ia que somos malta de salteadores que irrompemos das brenhas!

— Se pudéssemos fugir!... — murmurou o meu amigo.

— Cala-te, que isso é sério! — disse eu.

Milhundreds entoou os vivas, aos quais respondemos entusiasmamente. Ao fim da rua engrossaram as nossas forças com três maltrapilhos armados de foices, e defronte da cadeia fizemos junção com um alferes de milícias montado, e alguns pedestres em tamancos.

Repetiram-se os vivas.

— Primeiro que tudo — disse o chefe — vamos à igreja dar graças a Deus.

Era um *Te Deum* económico, com profusão de fervor religioso. Abriu-se de par em par o templo.

E os valentes prostraram-se, e rezaram o *Bendito*, com grande estridor de vozes.

 Evacuado o templo, disse eu a Milhundes:

— É necessário proclamar?

— É; vá vossemecê escrever um edital, e o seu companheiro outro — respondeu o caudilho.

— Onde é o quartel-general? — perguntei.

— Não sei por ora. Vossemecês onde se vão aquartelar?

— Na estalagem do Mulato.

— Pois então é lá. Eu vou nomear autoridades, e lá vou ter. Amanhã vem aqui fazer junção connosco o brigadeiro Bernardino. O Mac-Donell já está em campo, e o Cândido de Anêlhe é seu secretário. Diga lá isto vossemecê na proclamação.

— Muito bem.

Galopámos para o quartel-general.

— Vamos proclamar? — disse eu ao meu companheiro.

— Pois vai, que eu, em chegando ao cimo da rua, enterro as esporas nos ilhais do macho — respondeu ele, com as cores ainda quebradas.

— Pois não achas isto bonito? Acaso estarás mais divertido na tua aldeia? Tiremos partido de tudo, enquanto não cheira a pólvora. Vamos colaborar numa proclamação em estilo bíblico.

— Pois fica, se achas graça a isto: eu decerto fujo.

— Pois então também eu, que me parece estúpida a farsa, se me deixas em monólogo.

Era fácil e segura a fuga; mas honrosa não me pareceu muito. Eu ia envergonhado do meu procedimento, e compadecido do cabecilha. Pareceu-me desgraçado aquele homem, e daí vem o devaneio da simpatia que lhe ganhei. Além de que, de mim confesso sem pejo que me não seria difícil escrever uma proclamação sentida; gramatical não direi. A minha família era miguelista, e festejava, como em sinagoga recôndita, os dias solenes da sua crença. Milhundes seria o bem-vindo e honorificado em casa de minha família. Ia-me por isso a consciência recriminando de mau coração, de covarde ânimo, e de apóstata vilão.

Tudo isto me esqueceu quando cheguei a Amarante, e só me tornou à memória quando vi, em 1861, entrar Milhundres preso nas cadeias da Relação.

Já mal se conhecia o antigo chefe de guerrilhas. Longas barbas, eram as mesmas, mas cabelo preto nem um só tinham. Já o dorso lhe carregava o peito arqueado, e o relaxamento dos músculos da face pareciam descair para o banquete dos vermes.

Desci ao escritório da cadeia para averiguar a sentença e o crime do bravo tenente do exército realista em 1833.

O crime era um roubo de igreja; a sentença eram dez anos de degredo.

Sinceramente me contristei, e fugi de falar com ele para o não obrigar a falar-me de si. Roubo de igreja! Quem o diria, se lhe visse a devoção com que ele entoava o *Bendito* em Penafiel, no templo do Deus vivo!

Milhundres, já pendente aos setenta anos, amava muito a mãe dum filho de três anos, raparigaça de boa cara, e despejada de maneiras e de palavras.

Quando as autoridades acertadamente ordenaram que aos quartos de malta não entrassem mulheres, exceto as que visitassem seus maridos, Milhundres, com os olhos banhados de lágrimas, passava horas encostado de peito a uma grade, donde podia ver, no saguão da cadeia, o filho nos braços da mãe. A criança conhecia-lhe a voz, e estendia-lhe os bracinhos, choramingando e debatendo-se no colo da espadaúda moça.

Vi sair Milhundres para o degredo. Enquanto, entre a escolta, à porta da cadeia, esperava os companheiros, as sentinelas consentiram-lhe que tivesse nos braços o menino. Depois, quando lhe estavam amarrando o braço direito a outro dum degredado, sustentava ele ainda a criancinha no braço esquerdo. Isto era triste!

Outra espécie de compungimento me fez um preso desta leva. Saíra duma das cadeias, chamadas salas, interpostas aos quartos de malta e às enxovias.

Era um moço que aparentava vinte e quatro anos, pelo muito. Conheciam-no os presos pelo senhor Francisquinho. Vi-o, pela primeira vez, já entre a escolta, fumando por um cachimbo de barro. Não mais desfitei a vista daquela graciosa e bela fisionomia de homem. Trajava jaqueta escarlate e boné de veludilho preto; mas nem sob este traje escondia o garbo das posturas. Olhava em redor com altiveza e arrogância, como a rebater os insultuosos olhares de piedade que os circunstantes lhe lançavam.

Inquiri dos crimes deste condenado a dez anos de degredo. Contou-me um seu vizinho que o preso era filho de lavradores ricos da Beira Alta, e de geração nobre por sua mãe. Fora criado à larga, em companhia de tios ricos, que tinha na raia, e lá se afizera a contrabandear em charutos, cobertores, veludos, e outros géneros, que lhe deixavam muito dinheiro para as suas larguezas viciosas. Caiu afinal nas mãos dos fiscais, e seus pais e tios, para livrá-lo, tinham gastado grosso cabedal. Os tios repeliram-no de sua companhia, e os pais acolheram-no desabridamente, atirando-lhe todos os dias à cara com as despesas e empenhos feitos por causa dele.

Francisquinho, habituado a gastar à farta, e privado de dinheiro mesmo para fumar, começou a roubar o pão das tulhas, o fumeiro do caniço, e as carnes da salgadeira para vender aos vizinhos. Deram em casa pelos furtos, e fecharam dele tudo. Quis o pai bater-lhe; mas encontrou resistência; quis castigá-lo judicialmente; mas as lágrimas da mãe embrandeceram a justa vingança do velho.

O moço desapareceu da terra, e abandonou-se numa hoste de salteadores, que lhe delegaram a primazia no comando. Ao terceiro assalto que deu com os seus subordinados, Francisquinho foi preso.

Acaso fora à terra da comarca, onde estava a cadeia, o lavrador, e vira chegar uma escolta de povo armado. O povo corria para ela, exclamando:

— São os ladrões!

O lavrador também foi na chusma, e reconheceu o filho. Quis velar com as mãos os olhos, já quando os braços descaíam exte-

nuados pela síncope. Recolheram moribundo o pai do salteador, e mandaram chamar a mulher, sem outra explicação. Veio a infeliz, e passou diante da cadeia, a tempo que seu filho ia a perguntas ao administrador. Teve de sustar o passo, embargado pela população. Encostou-se a uma parede, esperando que passasse a escolta. O povo viu aquela mulher cair sentada, e apinhou-se em volta dela. Capitularam de flato o acidente, e tentaram levantá-la. Amoldava-se ela a todos os movimentos, que lhe davam. Os mais entendidos, depois de muito se esforçarem em reanimá-la com anti-histéricos caseiros, disseram que a criatura estava morta.

Entretanto o lavrador perguntava por sua mulher, e ouvia dizer que ela não pudera lançar-se ao caminho por ter adoecido rapidamente. Instava que lha trouxessem em cavalgadura, embora ela viesse morrer com ele. Esperou três dias; e ao quarto foi procurá-la na eternidade.

Assim me contou a história uma testemunha presencial dos factos.

Francisco foi condenado. Do património de seus pais nada lhe deram. Dizia ele que, passados dez anos, teria trinta e quatro, e bastante força ainda para pedir contas aos administradores da sua casa. Vivia do caldo e do pão da misericórdia. Enquanto os outros presos se queixavam da insipidez das couves, e despejavam praguejando as tigelas, Francisquinho comia serenamente a sua ração, dizendo, em risota, que nunca as santas tinham sido tão maltratadas como entre a canalha da cadeia! *Santas*, é o nome que lá tem aquelas esmolas, por serem dadas pela Santa Casa da Misericórdia.

Perguntei ao narrador se Francisco dava sinais de remorsos de ter cavado a sepultura dos pais com a sua infâmia.

Não me entendeu a pergunta o homem. Perguntei-lhe ainda se ele mostrava ter saudades da sua infância.

Deu-se ares de pronta compreensão o preso, e respondeu:

— Pudera não ter! Quem não tem saudades da sua terra? Tomara-me eu lá para tirar os fígados pela boca a quem me meteu aqui!

A linguagem dos setenta presos do salão era assim. No meio de tal gente, como salvaria o degredado no coração as fibras do remorso e da saudade, às quais o esteio da reabilitação poderia atar ainda!

O senhor padre Manuel dos Arcos não era pessoa que eu pudesse esquecer, ficando-me ele tanto à mão ali na cadeia, e tendo-o eu lá na conta de homem de mão cheia, e muito de respeitar nas horas em que andava cantando trenos de semana santa nos sonoros corredores.

Padre Manuel teria cerca de trinta e oito anos. Os olhos espelhavam-lhe a alma, que eu sinceramente imaginava má. Fitava-os obliquamente, franzindo o sobrolho, que confinava com a raiz do cabelo.

Estava o padre condenado a calceta perpétua. Não sei de pena mais dura nem mais aviltante!

Perguntei-lhe melindrosamente qual o seu crime, correspondente a castigo tamanho.

— É por causa duma brincadeira — respondeu ele.

Não redargui, por me parecer que o padre estava azoado com a pergunta, e costumava brincar dum modo pouco suave.

Pedi a pessoas conhecidas dele, que me dissessem o sistema de brincar do sacerdote. Responderam-me com esta história, compendiada do processo:

Padre Manuel tinha uns amores com uma mocetona do conce lho dos Arcos; e a mocetona tinha um irmão honrado, contrário a tais amores.

Prevalecia o coração do padre sobre as razões do irmão, e o escândalo sobre os rumores da opinião pública.

O padre era valente e temido; e a moça afoitada por ele, afrontava o desprezo, e ostentava despejadamente a sua concubinação.

O moço pundonoroso, impellido por sua dignidade, arrostou com o terror que protegia o padre. Saiu-lhe uma noite armado, desfechou com ele, e recebeu em retorno uma bala em cheio no peito. O padre saiu incólume da façanha; mas caiu nas mãos da justiça, que o julgou e condenou, agravando-lhe o homicídio com o de roubo sacrílego duma custódia.

Estava padre Manuel nas cadeias de Braga, e entendeu que estava mal.

Em um dia do ano passado, quando as árvores floriam e a passarinhada regorjeava no arvoredado da Senhora-a-Branca e nas Carvalheiras, padre Manuel teve saudades da natureza, e comunicou-as a alguns de seus companheiros. Fora o caso que todos eles tinham amanhecido saudosos das violetas, da laranjeira em flor, e dos arroios trépidos, e das alfombras de esmeralda. Consubstanciados na mesma paixão da primavera, resolveram ir saudá-la sob o seu dossel de céu azul, nas agulhas das serras, e nas pradarias das colinas. O carcereiro não era Teócrito nem Delille que lhes entendesse aquele amor bucólico, para lhes abrir as portas, por cujas reixas a natureza lhes sorria, como amante esquiva, que se quer perseguida e amada com proezas de atrevido amor. A filha do carcereiro, se bem que amava as flores e tinha seus arrobos de poesia, era menos poeta que o necessário para deixar ir espreguiçarem-se na relva aquelas líricas criaturas.

Assim rodeados de bárbaros, que desafinavam de seus maviosos anélitos, resolveu o padre e seus consócios arrancarem as chaves da mão à filha do carcereiro, abafarem-lhe na garganta o ultraje feito às suas aspirações, e saírem ao campo a coroarem-se de murtas e manjerona. O bom êxito sucedeu ao plano.

Saíram quatro ou cinco, sorveram a longos haustos o ar das balsas, beberam de bruços na fonte borbulhosa dos prados, e cada um caminhou para o seu lado, a dizer finezas às flores mais diletas, que não é de finos amantes palestrarem juntos com suas damas.

A primavera usa de tomar às vezes a forma de mulher, ou a enfeitada de seus adornos, e se revê e goza nos prodígios que ela faz, e nas adorações que recebe. Foi o que se deu com o senhor padre Manuel.

Tomou por caminhos travessios, que o levaram aos Arcos, e por ventura surpreendeu a moça fiando e humedecendo a estriga com lágrimas, se não é que a encontrou contemplativa e sentada no rebordo da pia dos cevados.

Que ímpetos, que júbilos, que colóquios não seriam os dele!

Cuidam, por ventura, que ela fez visagens horríveis como as daquela Margarida, cujo irmão fora assassinado pelo Fausto? Tinha que ver, se algum romance pintava a vida como ela é em realidade!

A moça foi à salgadeira, escolheu os melhores salpicões, respigou na horta os mais tenros renovos, e fez a ceia como as mulheres laboriosas de Homero, e ele comeu à tripa forra como os heróis do mesmo poeta, que conhecia melhor o seu mundo e o nosso, que nós outros romancistas, falsificadores do coração humano.

No dia seguinte, padre Manuel, que ouvira provavelmente em sonhos o rugido ríspido da grilheta, afastou-se dos Arcos, e foi dar consigo a casa do fidalgo da B***, aí para as raias do Minho.

O fidalgo, notável por sua riqueza e excentricidade, herdou de seus preclaros avós a costumeira de acoitar criminosos, que o braço justiceiro não ousa ir arrancar de lá. Respeitam-lhe a prosápia as justiças de léguas em torno, e não lhe respeitam menos os obuses, com que tem artilhados os torreões do palácio, e os numerosos servos, e o contingente de criminosos, agasalhados nos palheiros da casa impenetrável.

Disse-me o senhor padre Manuel que eram quinze os companheiros que lá encontrou. Aquela bonita ala de namorados da natureza saía todas as madrugadas para a caça, bem petrechada de vitualhas para o dia, e voltava à noite com perdizes, coelhos e lebres aos centos.

Viveu padre Manuel esta vida patriarcal e sadia, coisa dum mês. Cuidou em passar dali para Espanha, quando lhe pareceram curtos os horizontes do seu destino, marcados pelo voo de uma perdiz, ou pela corrida duma lebre. Susteve-se, porém, receoso de que a infernal invenção do telégrafo tivesse pedido à Espanha notícias dos fugitivos da cadeia bracarense.

Entretanto, saudades da moça dos Arcos o inquietavam. Começou ele de a ver nas sombras do crepúsculo, e nos vislumbres rajados do ocidente. Falavam-lhe dela o cicio da folhagem e o murmúrio dos regatos. O acre-doce das flores silvestres era como o perfume da campesina mocetona. Os medronheiros engrinaldavam-se de corolas rubras como as grinaldas dela. Os melros dos sarçais imitavam o timbre das suas cantilenas. A poupa, a rola e a codorniz gemiam como ela, nas horas da saudade.

Não pôde resistir o padre.

Foi aos Arcos; e, já receoso do assalto, hospedou-se em casa doutro padre, seu companheiro dos bancos escolares, e amigo de infância.

Este padre denunciou-o ao administrador do concelho. Que dignos amigos eram os dois ministros da caridade! Um valia o outro.

O administrador assaltou-o em ocasião oportuna, pondo o peito à clavina, com que padre Manuel se defendia. O dedo que premia o gatilho paralisou-o a mão da Providência. O homicida entregou-se covardemente à prisão, sem ter disparado sobre o adversário, que era um só.

As autoridades, desconfiadas da segurança das cadeias provincianas, remeteram o padre à Relação, onde ele está esperando lhe soldem no pé a grilheta, que há de arrastar por toda a vida, e ante os olhos das pessoas que lhe receberam a bênção, consumado o sacrificio incruento.

Padre Manuel dos Arcos vive folgadoamente na Relação, se é que não se esconde para chorar. Eu receio de dar como certo que este homem não chora. As noites na cadeia têm muitas horas solitárias: se ele

desvela algumas, essas devem de ser dilacerantes. Pode muito bem ser que ele as durma todas, ou cogite em tirar do pé a algema, estampá-la na testa do guarda, e dizer ainda pacificamente a sua missa no novo mundo.

Se nisto pensa, fácil é explicar o uso que ele faz de sua boa voz de tenor, entoando as lições de Jeremias, e as *Glorias*, e o *Ite, missa est*.

Aquele homem tem destinos de garganta a cumprir, contra os quais não há de prevalecer a grillheta.

Ali conheci eu, na cadeia, um alfaiate, condenado também a três anos de trabalhos, como passador de libras falsas.

— Meu pai não me mandou ensinar o ofício de alfaiate — dizia ele — para eu ir agora calçar as ruas do Porto.

Chumbaram-lhe o ferro, e vigiaram-no. Poucos dias volvidos, o alfaiate estalou a grillheta com uma curta alçaprema, e fugiu. Seis meses depois escrevia ele do Rio de Janeiro, participando aos seus amigos que ia estabelecer-se numa província com abono de um seu irmão, e tencionava, passados anos, voltar a Portugal, tão rico que nem os seus mesmos amigos haviam de conhecê-lo.

Isto é que é muito possível.

Quem me diz a mim que eu não hei de ainda chegar-me à portinhola da sua carruagem, para que o mundo me veja nobilitado por um aperto de sua mão?

E quem assevera ao leitor que aquele padre Manuel dos Arcos não acabe por ser um bispo exemplar, e um cristão penitente, menos criminoso decerto que aquele santo Jacobo de quem diz tanta maldade e tanta virtude o padre Manuel Bernardes na sua *Floresta*?!

Quando eu tinha dez anos, e vivia em Vila Real, morava defronte dum procurador de causas, que tinha um filho da minha idade, menino muito sisudo e galante. Se eu o convidava a apedrejar algum transeunte, Leonardo recusava-se a esta camaradagem ignóbil, e escondia-se para não dar suspeitas de cumplicidade nas minhas travessuras de fundibulário. Eu zombava do pequeno Leonardo, quando o via sair muito composto e grave, desviando-se quanto podia do contacto do rapazio, que lhe fazia arruaça por causa de sua seriedade.

Passados onze anos procurou-me no Porto um moço bem-apessoado e mal trajado. Disse-me ser o Leonardo da minha infância; contou-me desgraças, que me já não lembram, e pediu-me dinheiro para transportar-se a Lisboa.

Dous anos depois vi-o em Lisboa, menos mal figurado de trajos; e, se bem me lembro, estava ele empregado numa caserna militar como mestre alfaiate.

Decorridos seis anos, estava eu na Foz, e vi de relance o bizarro Leonardo Capela encavalgando um cavalo preto, e dando upas inglesas no selim.

Entre mim pensei que a fortuna absurda, ou o acaso duma loteria, tinham habilitado o moço a grandes destinos. Recordei, depois, a bondade e juízo da criança que eu conhecera aos dez anos, e tirei daí a possibilidade de ter sido o homem afortunado pelo caminho da virtude.

Ao outro dia procurou-me, na Foz, a senhora em cuja hospedaria eu morava no Porto, e contou-me o seguinte:

— Ontem à tarde foi o senhor procurado por um sujeito bem-parecido e asseado. Disse-lhe que o senhor estava na Foz, e ele mostrou pesar de o não achar. Depois disse-me se eu tinha uma sala com duas alcovas para ele e sua família, que chegava do Douro no dia seguinte. Mostrei-lhe a casa, que eu tinha disponível, e ele achou-a remediável, preferindo a incomodidade ao prazer de estar na sua companhia, quando o senhor voltasse da Foz, porque era um dos seus principais amigos.

— Como se chama? — atalhei.

— Teotónio José de Sousa.

Meditei, e disse à senhora:

— Não sei quem é.

— Decerto não sabe. Pediu um banho, tomou chá, e recolheu-se ao seu quarto.

— Ao meu?!

— Não senhor, ao dele, no primeiro andar, que preferiu ao segundo, apesar de pior.

Esta manhã foi dizer-me a criada que o hóspede tinha saído de madrugada. Entendi que fora esperar as irmãs. Às nove horas entrei no quarto, e não vi roupas na cama, nem objeto algum na saleta, exceto as mesas e as cadeiras.

— Da sua história concluo que está a senhora roubada.

— É verdade. Queria que o senhor me dissesse a quem me hei de queixar.

— Não se queixe a ninguém.

— Pois eu hei de perder a minha roupa?

— Se não quiser perder as despesas que fizer para a ganhar.

Passados três dias, as locais do jornalismo diziam que um cavalheiro de indústria alugara um ótimo cavalo ao Miguel do Bonjardim, para ir a Braga, e fora sem criado por ser freguês da casa, e já ter merecido a confiança do feitor. Acrescentavam os jornais que o cavalheiro, nomeado Tibúrcio de Lemos, vendera em Braga o cavalo, e desaparecera. Davam-se os sinais para que as autoridades o capturassem.

Ao cabo de seis meses, é citada a dona da hospedaria, para ir reconhecer à administração o preso, que dizia chamar-se Teotónio José de Sousa. Foi, e disse ser o próprio, conquanto as barbas fossem diferentes. O alquilador, também presente, reconheceu ser aquele o Tibúrcio de Lemos. E pessoas, que melhor o conheciam, depuseram chamar-se ele Leonardo Gomes Capela, nome que os jornais divulgaram em conformidade com o assento batismal.

Aqui está, pois, no que desfechou aquela sisuda criança dos dez anos!

Leonardo foi ao júri. A dona do hotel foi citada para depor, e absteve-se de jurar, a meu pedido.

Eis aqui como se ele defendeu do roubo feito na hospedaria:

Recolhera ao seu quarto uma infeliz que vagabundeava nas ruas do Porto, cujas lajes eram o seu leito ordinário. Isto dissera Leonardo em tom de pungimento, como quem encabeça um discurso contra a dissolução dos costumes, e contra a imprevidência da civilização e da polícia na miséria das dissolutas.

Ajuntou que, alta noite, a infeliz começara a dar gemidos agudíssimos, queixando-se duma pontada; e que ele, compadecido, saíra à rua a procurar botica, onde comprasse óleo de amêndoas doces, para minorar-lhe a dor. Voltando com o remédio, não achou a mulher, nem a roupa. Saiu arrebatado em demanda da ladra astuciosa, e não a viu. Consultou os seus recursos para pagar o roubo, e achou-os insuficientes. Hesitou entre fugir, ou contar à senhora do hotel o sucesso; temendo, porém, que ela o não visse a toda a luz da sã moral, que o fizera vítima de sua caridade, preferiu não voltar mais.

Ignoro como ele planeou a defesa do roubo do cavalo: o que sei é que foi condenado em cinco anos de degredo Leonardo Gomes Capela.

Estava no Limoeiro esperando saída de navio para a África. Nesse tempo casou o Senhor D. Pedro V, e o condenado foi um dos perdoados entre os muitos a quem Sua Majestade perdoou no ato de seu consórcio.

Leonardo foi estabelecer-se de alfaiate em Bragança, e conseguiu fregueses e amigos, contando a todos contritamente os desatinos de sua infeliz mocidade, e protestando fazer-se digno do perdão de el-rei.

Melhorado em fortuna, começou a jogar, perdeu os ganhos, a estima, a confiança e os fregueses.

Num desses dias aziagos, que sucedem às noites do jogador perdido, Leonardo, sabendo que um mancebo sorteado oferecia vinte e cinco moedas a quem assentasse em cavalaria praça por ele, recebeu o dinheiro, e fez-se soldado.

Dois meses depois, atraído pelas blandícias de uma moça que viera de Bragança para o Porto, desertou, cerceou os bigodes, trocou o fardamento, e permaneceu no Porto, até que um novo crime o denunciou.

O novo crime foi um roubo de cordão e argolas a uma mulher que o admitira à sua confiança sob promessa de casamento.

Preso e julgado, foi condenado em quinze anos de degredo, e permaneceu dois anos no calabouço do quartel de Santo Ovídio, esperando que o relaxassem as justiças civis, para ir cumprir sentença.

Vi entrar na Relação o meu vizinho de infância, e não o conheci. Ouvi-lhe pronunciar o nome, e as circunstâncias de seus crimes: então vi a criança de 1836, e o perpassar daquelas risonhas cenas em que ele me aparecia com gestos de censura às minhas tropelias, e com grandes aplausos e bons agouros da vizinhança, a quem eu era odioso.

Leonardo era conhecido na cadeia pela antonomásia de *Janota*. Este epíteto granjearam-lho os seus coletes brancos e gravatas de cetim, os seus casacos imaginosos com grandes laçarias de alamares, e sobretudo o acume de esmero em que trazia a cabeleira calamistrada e os bigodes anelados.

A sua especial ocupação era cantar árias italianas com excelente garganta e gosto. Se não cantava, discutia questões filológicas com o mestre-escola José Dias, as quais degeneravam em descompostura brava por causa da prosódia. Algumas vezes, de comum acordo,

me fizeram a honra de me nomear árbitro da contenda. Versava ela uma vez sobre o termo *tácito*. Queria o senhor José Dias que fosse *tacito*, e o outro ajustava-se à etimologia latina. Decidi a favor do etimológico, e perguntei ao professor se estava convencido. Não estava, por uma forte razão que me entalou, e era:

— Se dizemos *cábrito* e não *cábrito*, a regra é que se diga *tacito* e não *tácito*.

Minguado de argumentos, calei-me, e perdi um pouco a minha reputação, suplantada pela do senhor José Dias — o que sinceramente estimei para glória do bom homem, e descanso meu, que nunca mais fui consultado em tais matérias.

Andava ligada ao destino do senhor Leonardo uma mulher, que me infundia muita compaixão quando a encontrava sentada nas escadas lamacentas da cadeia, escondendo no capote o delicado e magro rosto.

Esta malfadada acompanhou o degredado a Lisboa para dali passar com ele à África. Leonardo era casado não sei onde; e como não pudesse levar de Lisboa a infeliz sem provar que ela era sua legítima mulher, facilitou o vencimento do obstáculo casando segunda vez, à maneira de mui respeitáveis e santos patriarcas do povo de Deus que fizeram o mesmo, e de grandes reis e senhores que se conchavaram com Roma, antes ou depois de o fazerem.

De hoje a quinze anos tem o senhor Leonardo Gomes Capela cinquenta e um. Pode ser que a velhice o torne bom e honesto como fora na infância.

Que contrastes!

Há dois anos estive eu na modesta casa duma irmã do condenado em Vila Real. Casara ela com um cavalheiro, empobrecido por demandas. Estava rodeada de filhos, e repartia por todos pequenas fatias de pão, e grandes manjares para a alma, admoestações amorosas de paciência, e confiança na misericórdia divina. O pai daqueles meninos, que ali estava encanecido, conhecera-o eu, há vinte e quatro anos, moço abastado, e jactancioso do seu hábito de Cristo herdado de avós.

Que contrastes!

É coisa que me dói cotejar estas desfigurações do tempo; mas iria de vontade nela, se o leitor me não estivesse dizendo que não há que ver entre o cavaleiro de Cristo e a cadeia.

Desci um dia às enxovias da Relação. Demorei-me no antro, onde morava o carrasco, aposentadoria devoluta, desde que o último morreu, em 1833, às mãos do povo.

Nem todos os carrascos ali viviam agrilhoados como tigres necessários à vindicta da humanidade. Um velho executor d'alta justiça, adido ao tribunal da Relação, quando a decrepitude lhe desnervou as pernas, tinha licença de sair a aquecer ao sol de Deus as mãos com que tinha estrangulado dúzias de gargantas de filhos de Deus. Os rapazes assobiavam-no nas ruas, e ele dizia com sorriso de bondade: «Nosso Senhor vos guarde das minhas unhas.»

Nessa visita ocasionou-se-me conhecer o preso, que modernamente se oferecera para carrasco. Era um carpinteiro condenado à forca, homem de cinquenta anos, e maneiras atenciosas e humildes. O governo não lhe aceitou nem rejeitou o oferecimento do seu préstimo.

Era permitido ao senhor Abreu trabalhar no seu officio, e gozava muita liberdade como carpinteiro da casa, a quem pagava a procuradoria régia, e a quem os presos particularmente pagavam pequenas obras por desmesurados estipêndios. O carcereiro-interino, que então governava, compartia dos lucros, e vedava aos encarcerados o direito de chamarem outro operário.

Antes isto, porém, que o funcionalismo da forca.

Amava o carrasco em perspectiva uma presa, mocinha de quinze anos, que para ali viera aos doze, arguida de ladra. Era bonita a rapariga, filha de Avintes, e adornada das sécias graças que a natureza desperdiça por as mulheres daquelas bandas. O ar pestífero da cadeia não impeceu ao desabrocharem as virginais flores da gentileza de Maricas; mas a beleza moral estava derrancada nela, e cancerada em postemas, que a não estremavam das mais desbragadas companheiras.

Era esta a amada do carpinteiro, e amada com a ferocidade com que se amava a si próprio, ele à vida própria, que cuidara salvar da força, ofertando-a para saldar contas entre os criminosos e a sociedade.

A padeirinha respondia-lhe da grade com olhares industriais, e não era mais esquiua às carícias do José do Telhado.

O senhor Abreu, esperançado em tê-la como esposa, no degredo ou no latíbulo dos algozes, tudo lhe dava, quanto apurava de seu trabalho, ora em anéis, ora em cordões, e frequentes vezes em manjares, banqueteadando-se juntos, face a face, à mesma mesa.

A hidra do ciúme mordera o coração de José do Telhado, e não seria milagre se o carpinteiro, nas mãos do ilustre salteador, experimentasse as agonias para cujo ministério ele se achara apto.

Soube o senhor procurador régio das rixas motivadas pela moça, e mandou fechar em sua prisão o carpinteiro, vedar o acesso de José do Telhado à grade da presa, e aferrolhar as portadas das rexas por onde ela assestava os olhos inflamatórios. O carpinteiro rugia como leão cativo; e a padeirinha cantava a *Cana-verde* como qualquer dama, educada a primor, cantaria uma ária, enquanto o seu Werther se morria d' amores dela.

Afinal a moça cumpriu sua sentença, e foi para Avintes bem dourada e dotada com seis anos de trabalho do aspirante a carrasco. Se um dia o homem realiza o almejado encarte, com que raiva se não vingará ele dos ultrajes da moça, nos pescoços dos padecentes?!

Mostraram-me uma lura de cantaria onde antigamente se depositavam as cabeças dos supliciados, reservadas para estudos analíticos dos frenologistas. Resisti à mentira, alegando que a fábrica da cadeia data do último quartel do século passado, e os despojos dos padecentes foram sempre integralmente recebidos pela tumba da misericórdia, cumprida a execução, ou passados os dias da exposição das cabeças, caso excepcional acontecido em 1829. Enquanto a estudos frenológicos, as ciências escolares d' anatomia com anfiteatro no Porto são muito recentes, e os antigos professores em medicina achariam estúpida a congruência do crime com as desigualdades do cérebro.

O suposto repositório de cabeças, a meu ver, era uma das prisões denominadas segredos, e mais nada.

Nesse descendimento que fiz ao inferno da Relação, pude conhecer o famigerado juiz das cavernas de Matosinhos, o senhor António José de Miranda, terror dos seus subordinados, e homem especialmente aceito às autoridades fiscais da cadeia, como denunciante de todas as tentativas de fuga, e destemido bastante a aceitar a responsabilidade da denúncia pérfida, em meio de cinquenta homicidas.

Miranda era caseiro dum proprietário dos arrabaldes de Barcelos. O senhorio foi um dia a sua casa arrecadar rendas em dinheiro, e passou o recibo. Saiu; e logo fora da porta encontrou-se com o seu caseiro, que o matou, e enterrou num prado, auxiliado por um servo. Sobre a sepultura do proprietário passou dois anos a charrua, e enloureceram as messes de feliz colheita. No dizer do senhor Miranda, o torrão adubado pelo cadáver era mais fértil que o restante da cortinha; e, por desgraça, andaria ele cogitando em acondimentar as terras de sua lavra com os cadáveres dos senhorios sucessores do defunto, quando o criado, em vingança de maus tratos recebidos do amo, denunciou à polícia a sepultura do lavrador, cujo destino andava desfigurado por conjecturas diversas. Cavado o local, foram exumados os ossos; e o homicida sentenciado a pena capital.

Recomendou-o a sua ferocidade ao carcereiro, e à presidência da Relação, que, segundo proposta daquele, o nomeou juiz. Se me não doesse a profanação, compará-lo-ia ao profeta na cova dos leões. Rodeavam-no rancorosos homicidas, todos condenados à força, e nem um se arriscava a derramar algumas gotas mais de sangue. Miranda, fiado em sua faca de experimentado gume, passeia entre eles, anediando as barbas, e revolvendo a todos os lados os olhos.

O preso de quem ele mais se acautelava era o façanhoso Favaio, desertor, que merecera em Espanha ser condecorado, honra invalida para salvá-lo da pena última, provada a arguição de quatro assassínios nas encruzilhadas em que ele saía sempre sozinho, para se não desavir na repartição da presa. Dizia, com irónico remorso, que a maldade mais pesada em sua consciência fora matar um homem para se lhe apossar dum burro, em ocasião que ele, o homicida, ia fatigado do jornadear, e com os pés escalavrados dos maus trilhos, onde a perseguição da justiça não ia.

Favaio meditava sempre na fuga, e figurava em todas as tentativas. Dizia que, se um dia conseguisse fugir, não voltaria mais a ferros, sem que o ferro da sua navalha se gastasse em carnificina.

Estava ele, há quatro meses, encostado à porta gradeada da sua enxovia, e notou que a porta estava apenas encostada ao batente. Esta porta abria para o pátio central da cadeia, onde estavam dous guardas em vigia. Do pátio à rua interpunham-se duas portas de ferro, que fariam esmorecer o plano dum preso que não fosse o Favaio, sedento de liberdade, e do sol que não vira nos últimos nove anos da sua vida.

Afastou-se da grade, mudou de jaqueta e calça, bebeu um púcaro de aguardente, coseu com o braço a faca aberta, e esperou que entrassem ao pátio as famílias dos presos, como costumam, na hora da comunicação.

Azado o ensejo, empurrou mansamente a porta, passou por entre os guardas, achou abertos os dois gradões, desceu ao pórtico da cadeia, passou pela sentinela, atravessou a passo lento a praça

da Cordoaria, e seguiu seu caminho, deixando ao fio elétrico a maravilhosa faculdade de transmitir às justiças de Portugal a notícia da sua fuga, e sinais.

Os guardas da cadeia, a quem naquela hora competia a vigilância, foram demitidos.

Ao cabo de três meses era de supor que Favaio estivesse no Brasil agenciando a sua vida, escapada do patíbulo ou da grilheta vitalícia, quando uma escolta o restituiu ao carcereiro, de modo desfigurado que era só reconhecido pela voz. Tinha sido capturado nas vizinhanças da sua terra, que é a vila do seu apelido. Fora para ali, espreitando oportunidade de matar o inimigo, que fora causa à sua condenação; esquecera-se, porém, da seriedade de seus projetos, e na véspera de Natal festejou em demasia o nascimento do Redentor, enfrascando-se até perder o acordo, de modo que fácil foi algemarem-lhe os pulsos, inábeis para a defesa, quando emergiu do letargo da violência.

É credor de não menos especial menção o senhor Luís António de Brito, juiz da prisão de S. José, preso desde 1847. Dizem lá que ele fez dezessete mortes: é calúnia. O senhor Brito apenas matou nove homens, segundo ele confessa, e não há razão alguma para duvidarmos de sua palavra honrada. A mim me disse ele que tinha particular prazer em matar um padre, prazer cujas delícias saboreou quatro vezes. Um dos quatro matara ele, porque uma sua irmã se afeiçoara ao padre, e este a ela. Para justificar o seu rancor à clerezia, disse-me o senhor Brito que um padre lhe empolgara a esposa, logo que a justiça o empolgara a ele. Quando isto dizia, os olhos do senhor Brito tingiam-se de vermelho, e denotavam visivelmente quão abrasada lhe estava a alma das sedes dum quinto prazer.

O único homem que José do Telhado temia era Luís de Brito; e Brito guardava igual acatamento a José do Telhado: está feito o elogio de ambos.

Como juiz, o senhor Brito era um modelo de funcionários, e tinha rasgos de generosidade. Quando o carcereiro-interino, um tal

Guimarães (despedido depois, como ladrão, do serviço da cadeia, pela mesma causa que os seus confrades são levados violentamente para lá) obrigava o preso indigente a vender a jaqueta, sua cobertura única, para pagar a carceragem, o caritativo juiz pagava de seu bolso, ou fintava os presos mais abastados para valerem ao pobre.

O senhor Brito era amado por uma esbelta moça como João Sgobar o fora duma heroína de Charles Nodier. Salta aos olhos que a simpatia da ferocidade contra clérigos os aliançou para vida e morte. Conta-se que a desempenada rapariga espancara dois cónegos, tentadiços a disputarem-na ao preso. Então se convenceu o senhor Luís de Brito que os padres lhe eram fatais, e andavam pactuados em vingar, no que mais caro lhe era a ele, a passagem dos outros quatro para o báratro, de que o senhor Brito era ativo recoveiro, segundo parece.

XVII

Fez-me agradável companhia, nos meus últimos meses de prisão, o senhor José Joaquim da Silva Melo, cavalheiro do Douro, nascido em Sanhoane, na comarca do Peso da Régua.

O senhor Melo, quando juiz ordinário no concelho de Santa Marta, fora pronunciado como fator no assassinio do bacharel Francisco da Natividade de Mesquita e Seixas, subdelegado daquela comarca, morto a tiro na noite de 27 de setembro de 1858.

As bases da pronúncia foram os ciúmes em que andavam mal avindos os dois cavalheiros, à conta duma dama de Lobrigos.

Contava-se que o bacharel seduzira uma menina de tenros anos a fugir de sua família para casa dele; acrescentavam que a convivência de alguns meses enfastiara o possessor da fugitiva; que esta, diziam mais, repelida por maus tratos e insultos públicos, fugira ao anojado amante, buscando o abrigo de parentes, e aceitara os galanteios de Silva Melo.

Até aqui é tudo natural e vulgar.

Ajuntavam mais que Silva Melo, sem embargo de ser casado, se possuía de paixão pela mimosa senhora, e meditou vingá-la das injúrias recebidas, como paga do sacrifício de sua honra e fama. Outros diziam que a senhora D. Ana Amália Peixoto Cabral oscilava entre renunciar ao primeiro amante, e aceitar o segundo, perplexidade que induziu o segundo a desembaraçar-se do rival.

É certo que o doutor Seixas, ao entrar em sua casa, foi varado por uma bala, e levou para a sepultura o segredo do seu assassino, se o viu.

O senhor Melo, porém, conta-me a sua história assim:

— Estive eu na botica de Santa Marta jogando o volterete com o bacharel Seixas e outros. Às dez horas da noite retirou-se Seixas, e eu fiquei até meia-noite, e fui depois para minha casa acompanhado de alguns amigos. Na manhã do seguinte dia recebi, como juiz ordinário, um ofício do juiz eleito, participando-me que o bacharel fora assassinado à sua porta. Fui ao local, interroguei os vizinhos, e nenhum esclarecimento obtive acerca do assassino. Oficiei ao juiz de direito para se proceder ao exame, e ele me encarregou de o fazer eu. Convoquei os parentes para me indiciarem os inimigos do morto; responderam-me que tinha muitos; mas nomeadamente desconfiavam dum feitor da quinta, onde residia o bacharel. Dei ordem de ser preso o feitor; mas não o encontraram.

«Um sujeito da terra, querendo vingar-se de inimigos, foi procurar-me com um rol de testemunhas que culpavam certos indivíduos no assassinio do bacharel. Recusei-me a aceitar-lhas, porque o denunciante não soube esconder de mim a sua infâmia.

«Este mesmo homem divulgou que os assassinos de Seixas eram meus criados, e disto avisaram o secretário-geral do governo civil de Vila Real.

«Foi preso um dos meus criados, e interrogado pelo secretário civil. Às respostas negativas seguiram-se as violências, e o levarem-no em prisão para Vila Real.

«À meia-noite algemaram o meu criado, e conduziram-no a um pinhal, onde o rapaz se encontrou com um homem mascarado, e outro vestido de sacerdote. O mascarado fingia de algoz; o sacerdote devia absolver o padecente: faziam-lhe ao menos o favor de o deixarem ir para o purgatório, mediante a absolvição.

«A vida era-lhe, porém, concedida sob condição de dizer o meu criado que fora eu o matador do Seixas. Hesitava o moço,

e tinha já o instrumento de morte apontado ao peito, quando o padre o mandou ajoelhar para o ouvir de confissão. Ajoelhou o rapaz, e acreditou que estava morto. A autoridade fez-lhe então a suprema interrogação, e o moribundo respondeu: ‘Pois se querem que eu diga que foi meu amo que matou, está dito, foi meu amo’. O verdugo baixou o cutelo, o padre ergueu as mãos ao céu, e o meu criado foi novamente recolhido à cadeia.

«No dia seguinte chegou o governador civil proprietário, chamou o rapaz à sua presença, interrogou-o, e mandou-o soltar.

«Chegou o moço a Santa Marta, e foi depor à administração do concelho os ridículos sucessos do pinhal. A autoridade lavrou auto, que remeteu ao governador civil, e o secretário pediu a demissão, para evitar o vexame de lha darem.

«Era meu dever solicitar uma justificação perante o juiz de direito. Deferiu este ao meu requerimento, e quando eu me estava justificando, o ex-secretário e outras autoridades vulgavam ter sido eu o assassino do doutor, para assentarem a pronúncia na voz pública. O juiz, porém, não aceitava tal base, nem uma falsa carta de amores, que me atribuíam, escrita a D. Ana Amália. Guerream o juiz, a ponto de o fazerem passar a vara ao substituto. Este, já prevenido, pronunciou-me logo, e indiciou comigo a infeliz mulher.

«Fugi.

«Decorridos seis meses intentei livramento como ausente, e consegui ser julgado ao cabo de dois anos: tantos embaraços as autoridades me sugeriram!

«Esgotados os recursos da malquerença, a que as leis se amoldaram, consegui ser julgado e absolvido por falta de prova.

«Caí na indiscrição de vir ao Porto para tratar da apelação, temendo que os meus poderosos inimigos me cavassem aqui o abismo, que não tinham lá podido levar à última profundidade.

«Fui denunciado por dois *amigos* a quem contei o meu destino, fui preso.

«Não tenho mais que lhe contar. Aqui estou esperando o que de mim farão os homens, convencido de que a Providência é estranha a tais acontecimentos.»

Até aqui o senhor Silva e Melo. Agora uma carta, que a senhora D. Ana Amália Peixoto Cabral me derigiu, há poucas horas:

«Estava eu com minha família, em Lobjigos, no dia 27 de setembro de 1858, quando lá chegou a notícia de ter sido assassinado o bacharel Francisco da Natividade de Mesquita e Seixas. Perguntei a quem se atribuía o assassinio: disseram-me que o criminoso suspeito era um feitor da mesma quinta onde residia o Seixas que fora ameaçado.

«O bacharel tinha-me contado as suas desavenças com o feitor, e eu naturalmente lhe disse que se acautelasse das emboscadas. Respondeu-me com aspereza que não temia os seus inimigos. Algumas pessoas que me ouviram estas inocentes palavras tiraram delas a horrível indução de que eu conhecia o perigo em que andava o homem que eu tinha amado, e por quem me perdera.

«Antes de ser sepultado o cadáver fui eu chamada à presença do secretário do governo civil de Vila Real. Antes mesmo de chegar à casa onde me esperavam, soube eu que estava tomada uma cavalgada para me conduzir à cadeia de Vila Real.

«Às perguntas respondi com a naturalidade do espanto que elas me causavam. Perguntavam-me a mim quem eram os inimigos do Seixas, e quem presumia eu que o tivesse morto!

«Queriam que eu dissesse, com a voz pública, ter sido o Melo o assassino. Não pude responder o que a voz pública me não tinha ainda dito. Pediram-me que os desculpasse do incómodo que me tinham dado, e mandaram-me embora.

«Correu depois o boato de que tinha sido eu a causa daquela morte, porque Melo me suspeitava amante de Seixas. O público achou plausível o boato, e a autoridade judiciária requereu querela contra mim. Depuseram testemunhas, e eu mesma fui citada para depor contra o Melo. Temi, como fraca e mulher de vinte anos,

semelhante espetáculo, e escondi-me para não jurar. Longo tempo esteve aberto o auto de investigação, até que eu, solicitada pelo próprio querelado, me apresentei a juramento. No interrogatório sofri dolorosos vexames. Entraram no mais secreto da minha alma, como se me julgassem incapaz de pudor. O juiz condeou-se de mim, e observou ao delegado que certas perguntas eram afrontosas a uma mulher, e inúteis à averiguação do crime. O delegado reagiu, dizendo que o segredo do assassinio o tinha eu. A isto respondeu o juiz que seria melhor darem-me um vomitório. Era preciso, para satisfazer às perguntas, que eu apontasse o Melo como matador, ou dissesse que voz pública o considerava tal.

«Dias depois tive a acerba notícia de que estava indiciada juntamente com o Melo. Fugi para casa de uma parenta, onde estive quinze dias, preparando alguns arranjos para mais distanciar a fuga.

«No dia 22 de dezembro saí com direção ao Porto, na intenção de me assoldadar em alguma casa como mestra de meninas.

«À entrada de Amarante encontrei um homem de cara sinistra, que me examinou atentamente. Palpitou-me de medo o coração.

«Passei a vila, e apeei-me no alto de Pildre, para mandar lançar penso à cavalgadura. Estava eu a chorar o meu destino, quando vi chegar ao pé de mim um homem, que apeou do cavalo, e me perguntou para onde ia. Outro chegou logo depois, dizendo que o administrador ordenava que eu fosse à sua presença. Outro homem ainda chegou com ordem escrita de prisão.

«Voltei para Amarante, e fui miudamente interrogada sobre as minhas intenções, e pessoas que me acompanhavam. Perguntou-me a autoridade pelo passaporte, e porque eu o não tinha, pretextou-se a minha captura e do criado que me acompanhava.

«Meteram-nos na cadeia, onde pernoitei. Passadas vinte e quatro horas requeri a minha liberdade, e foi indeferido o requerimento.

«Três dias depois, às oito horas da noite, fui chamada ao administrador, e interrogada: nada respondi que satisfizesse. Tive uma

particular conferência com a autoridade, em que fui novamente instada para dizer o que sabia, sob promessa de não escrever as minhas respostas. Disse o que dissera sempre.

«Saí d' Amarante presa para a minha terra. Fui levada ao juiz substituto, e novamente perguntada.

«Então chorei muito, porque já não podia sofrer tanto. Pedi que me deixassem, porque estava inocente, e nada sabia da morte do Seixas. O juiz mostrou-se compadecido, prometendo-me uma breve liberdade, e dando-me a escolher a cadeia de Mesão Frio, ou a da Relação de Lamego. Pedi que me levassem para a do Peso da Régua; mas a parte alegou que tal cadeia não era bastante segura para mim, pobre mulher! Fui para Mesão Frio. Tirei folha corrida em toda a comarca, não tinha culpa alguma, e requeri com ela a minha liberdade.

«Despachou o juiz que em férias divinas não havia despacho. Férias divinas eram só para mim. No entretanto o ministério público inquiria testemunhas. Duas testemunhas me culparam: uma dizendo que eu ia fugindo para o Porto, e que a inocência não foge; outra depondo que eram notórias as minhas ligações com o suposto assassino.

«Oito dias depois requeri de novo, e já estava pronunciada. Estive, pois, dezoito dias presa esperando que me culpassem. Parece que a lei o não consentia assim.

«Fui removida para a cadeia do Peso da Régua, e a autoridade judiciária entreteve comigo a sua curiosidade perguntando-me pormenores do meu namoro com o Melo, e tendo a bondade de me dizer que, em caso de precisão de dinheiro, recorresse à sua boa vontade de me servir, com o qual oferecimento sofri muito na minha pobre dignidade de mulher infeliz.

«Novas perguntas me fizeram, às quais não respondi, por ter requerido curador, como menor de vinte e cinco anos.

«A autoridade, que me oferecera recursos, requereu dias depois a minha transferência para Lamego, alegando que os Melos, como

homens de valia e audácia, podiam tirar-me da fraca prisão. Nomeei fiador à prisão, e não mo aceitaram.

«Saí para a Relação de Lamego. Levei algumas cartas para cavalheiros da terra, as quais mandei entregar quando me vi presa entre onze mulheres esfarrapadas na mesma enxovia. Ninguém fez caso de mim: não me serviram de nada as proteções. A minha desgraça fazia nojo aos felizes do mundo, se eram felizes em sua consciência, repelindo o infortúnio suplicante.

«Ali estive quatro dias, e louvei a Deus que me deixassem tomar, como único alimento, algumas chávenas de chá.

«Voltei para a prisão do Peso da Régua, e agravei da injusta pronúncia.

«Três meses e tantos dias me demoraram a cópia do processo para o agravo! Não podia ir mais longe a crueza! Podia, podia. Tiveram-me três meses fechada num quarto, sem poder falar a alguém.

«Alguém se condoeu de mim, e pediu ao delegado que fosse mais humano; que se compadecesse da minha orfandade de pai, e dos meus anos; que bem me bastava a prisão; que me deixassem passear ao menos na sala que servia de tribunal; que já a minha mãe tivera impulsos de ir ajoelhar à autoridade pedindo-lhe que me não mortificasse tanto enquanto o meu delito era incerto.

«O delegado respondeu, que se a mãe lhe tivesse pedido, talvez conseguisse tudo.

«Resolvi, já quebrada de brios pela desgraça, pedir eu mesma; mas alguém me aconselhou que não me expusesse a algum ultraje. Aceitei a continuação dos sofrimentos.

«Vinte dias estive ainda esperando o processo, e escrevi ao juiz queixando-me da malvadez do escrivão. O juiz forçou o mau funcionário a entregar a cópia, viu a injustiça da minha pronúncia, reparou o agravo, e mandou-me dar liberdade em 15 de maio de 1859.

«Dois dias depois vim para o Porto, onde me estava esperando a continuação dos meus infortúnios.

Ana Amália Peixoto Cabral»

XVIII

Aí fica a exposição do réu, e a carta da corré despronunciada.

Já tive ensejo de perguntar ao agente do ministério público, de quem amargamente se queixa a senhora D. Ana Amália, se considerava o Melo o assassino do bacharel Seixas: respondeu-me como devia, asseverando-me que era essa a sua íntima convicção. O juiz, todavia, que despronunciara D. Ana, e absolvera o réu, decerto os julgou inocentes.

Que provas, pois, são essas que inclinam a tão inconciliáveis juízos as consciências dos dois magistrados? Não sei: não as li no processo.

Devia o tribunal da Relação do Porto decidi-las; mas tamanha desventura é a do inocente, ou tão justiceira a Providência contra o criminoso, que, no momento em que Silva Melo é preso no Porto, surge como milagrosamente um homem dinheiroso contra ele, requerendo assinar-se parte, e consegue-o, contra os manifestos artigos do Código Penal. Que não conseguirá este homem, se ele veio rico do Brasil, e para lá voltou, deixando a sua firma valiosa como penhor dos serviços solicitados? Que importava ser ele irmão do morto, se volvesse pobre a pedir justiça? Pai e irmãos tinha o bacharel Seixas; mas pobres, mas desvalidos, mas incapazes de fazerem valer a justiça de suas queixas, ou a prepotência de sua injustiça!

Estava, pois, capturado o réu, e a apelação no tribunal da Relação. Animavam ao preso justificadas esperanças de lhe ser confirmada a sentença do juiz, quando a Relação acordou que o processo estava insanavelmente nulo por não ter sido intimado ao curador do réu o despacho de pronúncia.

Ora a lei não manda aquilo. Os julgadores é que inventaram um *curador*, onde a lei dizia *réu*, e o réu não podia ser intimado, porque era julgado ausente. Além de que, a intenção da lei, quando manda intimar o réu, é toda a favor dele, para poder agravar, e aduzir no agravo novas provas de sua inocência. Ao réu é que importava queixar-se da falta da intimação, e nunca ao autor, a quem são favoráveis as omissões que redundam em desfavor do réu. — Mas a lei não distingue — responde a hermenêutica jurídica; e eu que podia teimar em ver a lei a pernear abafada na toga dos juizes, mando-os a eles, e mais a hermenêutica, de presente ao diabo, e mais ao brasileiro, em cujo corpo está o demónio tentador, que traz energúmenos os julgadores.

Recorreu de revista o senhor Melo, e espera em ferros que o supremo tribunal... o mande amarrado para as cadeias da sua terra natal, e lá o faça julgar novamente. A doença da família dos togados é como aquela peste que ataca os membros de uma mesma família, derramados por diversos pontos. São incuráveis estes tabardões morais, como os outros de que reza frei Luís de Sousa na *Vida do arcebispo*. Caem de podres; mas caem a gargalhar, como na morte duma certa erva da Tessália. Basta de erudição, a propósito destes onagros, que ornejam acórdãos, e se espojam no lameiro, como usam os javalis, encodeando-se de lama para que o venábulo da sátira não ache fibra a descoberto onde lhes crave o tiro.

Inclinemos a assunto a mais simpática tristeza.

A senhora D. Ana Amália é uma criatura que tereis muitas vezes encontrado nas ruas do Porto, sozinha, mais pobre que modestamente vestida, com um véu espesso sobre o rosto. As supremas aflições não lograram ainda delir-lhe os últimos sinais de formosura. A luz dos olhos quasi vai apagada nas lágrimas.

A transparência da pele deixa já de ser bela, porque é árida, e mais serve de mostrar as miúdas formas dos ossos. Tem vibrações na voz; mas é o tremor dos soluços com que o coração não pode. A elegância natural ainda revê nos modos; é certo, porém, que a desgraça desfaz os enfeites da natureza, e o contínuo hábito de suplicar encurva os corpos mais garbosos.

A suplicar vive ou vai morrendo a pobre há três anos, de advogado em advogado, de protetor em protetor. A todos enfada a desventura pertinaz, e todos a aterram com as incertezas da justiça, devassa caprichosa que afivela às orelhas todas as máscaras, e tira dos olhos a venda, para oferecê-la, como corda de estrangulação, aos pobres que não podem comprá-la.

Pobre senhora! Não desamparou ainda as grades do preso. É ele casado; e sua mulher estima a devotada criatura, que solicita a liberdade de seu marido.

Que passado para nenhum futuro! Que noites, na solidão do seu pobre quarto, e que visões dum provável degredo para ele e para ela, se o brasileiro fizer arrastar a justiça por doze dos seus pretos!

José Joaquim da Silva Melo, no dia seguinte ao de sua prisão, era grosseiramente injuriado pela máxima parte da imprensa portuense. Os localistas não hesitaram em denominá-lo *assassino*, e pediram a cabeça do homem como remuneração do estilo pavoroso, que puxaram da imaginação. Como foi preso em casa de D. Ana Amália, escolheram para ela o epíteto mais frisante, e não tiveram de que arrepende-se, porque a desvalida senhora não tinha pai, nem irmão. Eu soube que ela se vira definida nas gazetas, engolira a injúria, e escondera as gazetas do preso, para que ele se não visse cuspidor por entre os ferros, por beijos que ele poderia ter fechado com os gargalos dalgumas persuasivas garrafas da sua adega. Soube-se, depois, que o brasileiro apenas amigos, que derramassem nos escritórios dos jornais a notícia da prisão do *assassino*, em casa da *meretriz*, epítetos que se alugam, e Deus sabe a quem eles se roubam!

Silva e Melo foi encarcerado num quarto de companhia com um ladrão e um homicida. Deu-se pacientemente com os seus companheiros, e aí permaneceu até lhe darem um quarto infecto, onde vive sozinho.

Na véspera de Natal do ano passado conseguiu, mediante o meu valimento com o carcereiro, que D. Ana Amália entrasse ao seu quarto a cear com ele. Um preso adverso a distinções, quis dar um exemplo monumental de igualdade, atirando-lhe ao peito uma facada, que resvalou na roupa. O senhor Melo fechou a sua porta, e disse à pálida conviva do seu festim de lágrimas:

— Ceemos. Na cadeia, uma facada é o mais natural presente que eu podia receber em véspera de Natal.

Que noite de festa!

A pobre senhora lembrar-se-ia das consoadas em casa de sua família?

Veria ela os seus quinze anos?

Parece incrível a profundidade da escala do infortúnio!

A mim o que mais me espanta, é a força da vida humana!

E vive-se daquele viver! Glória a Deus nas alturas! *

* O senhor Melo está ainda preso, e sem esperanças de liberdade. (Nota da segunda edição.)

Um dos meus vizinhos mais próximos era o senhor Cruz, condenado a pena capital, por ter assassinado, nos arrabaldes de Coimbra, um homem, por ordem de certo cavalleiro de estremada linhagem. Não consta do sumário das testemunhas quem assalariasse o sicário: a suspeita infere-se das regalias que o sentenciado goza na cadeia, ministradas pelo timbroso fidalgo.

Se bem que o senhor Cruz, julgado em Coimbra, tivesse padrinhos de alto coturno, os jurados deram-lhe por provado o homicídio, e a Relação confirmou a sentença.

Tive medo deste vizinho, e por muito tempo, ao intardecer, saí sempre armado de meu quarto, como quem se afoita a passar de noite um pinhal infamado de salteadores. Sabia eu que o senhor Cruz era constituinte do procurador, que, esporeado por acicates de ouro, solicitava com feroz zelo a minha perda. Tive de fora avisos, que me preveniam contra um envenenamento, ou ataque pessoal dalgum dos celerados que me cercavam. Sabia, além disso, que o condenado se correspondia com o procurador, e rasgava logo as cartas que recebia. Observava mais que tudo os olhares torcidos do meu vizinho, e as aproximações embaraçadas com certo ar de tímida irresolução. Quer-me parecer que esta concatenação de coisas era capaz de incutir desconfiança ao leitor menos timorato, decerto, que eu.

Ao lusco-fusco de uma tarde entrou subitamente no meu quarto o senhor Cruz. Já dentro da porta pediu-me licença para entrar,

e eu concedi-lha amplíssima, tomando de sobre a mesa o punhal, arma, com verdade, inútil para a grossa véstia de peles do senhor Cruz.

Achegou-se da mesa, sentou-se a meu pedido, e disse-me:

— Tenho minha mulher a morrer em Lisboa, e venho pedir-lhe o favor de me notar um recado para eu saber pelo telégrafo como ela está.

Acendi o candeeiro, espiando sempre os movimentos do consternado esposo. Segui os primeiros raios da chama, e vi que o senhor Cruz tinha os olhos marejados de lágrimas. Acreditou-se algum tanto, para comigo, o homem que chorava. Varreram-se-me as suspeitas e ouvi-o atentamente.

— A pergunta é muito simples — disse-me ele — queira escrever.

Redigi o despacho, e perguntei-lhe se era nova sua mulher.

— Tem dezoito anos — respondeu o senhor Cruz enxugando as lágrimas. — É linda como as flores, e casou comigo há dois anos, quando eu era feliz como aqueles que o são. Fui a Lisboa a tratar de negócios de meu antigo amo, e namorei-me dela, que vivia contente e abastada com seus pais. Apaixonou-se por mim, e casou comigo, que tenho mais vinte anos que ela. Logo três meses adiante caí preso sem saber porque me prendiam. Apareceu um homem morto na estrada onde eu passei, e disseram que o matara eu. Minha mulher, quando tal soube, caiu doente, e foi de mal em pior, até que hoje recebi da mãe dela uma carta, em que me diz que a minha mulher está a passar. Oxalá que um raio me partisse na hora em que eu desinquietei a pobre menina, que tão bonita era, e tanto estava para gozar o mundo!...

Dito isto com sincera mágoa, o senhor Cruz mandou o seu recado à estação telegráfica, e voltou ao meu quarto a contar-me a história do seu processo e condenação com tais cores, que eu acreditei na inocência do sujeito. Esta minha crença resistiu ainda à história que me contaram doutro homicídio dele, o qual expiara em dez anos de galés. Imaginei mesmo que ele podia também ter ido inocente

da primeira vez; porém mais tarde um cavalheiro, empregado no tribunal da Relação, viu o processo a meu pedido, e asseverou-me que o senhor Cruz matara dois homens assalariado.

Voltaram as minhas desconfianças anteriores, instigadas pelas repetidas paragens que o vizinho fazia ao pé do meu quarto. Uma vez comuniquei a José Teixeira do Telhado as minhas suspeitas, e este me disse:

— Esteja descansado. Se aqui alguém tentasse contra a sua vida, três dias e três noites não chegariam para enterrar os mortos.

Pacifiquei-me com este programa de José do Telhado. Não o achei exagerado nem impraticável, nem despedido de interesse dramático. É certo que, daquele dia em diante, ao escurecer, José Teixeira andava sempre passeando nas proximidades do meu quarto. Numa ocasião atravessava eu de noite os corredores, e vi que era seguido pelo Cruz, talvez sem intenção. Parei, e encostei-me à parede para lhe sondar o intento; mas, ao aproximar-se ele de mim, estava José do Telhado a dois passos dele. O Cruz passou, e o célebre sargento da junta disse-me ao ouvido: «Agora parece-me que todas as cautelas são necessárias.» Nesse tempo, em um jornal de Lisboa, apareceu um artigo, onde se aludia ao perigo em que estava a minha vida na cadeia. O senhor Camilo Aureliano, funcionário cujas intenções são sempre boas e honradas, disse que eu estava fazendo romances. Estimei sinceramente que o senhor procurador régio se não enganasse. De feito, eram romances o meu susto; porque é já agora coisa de todo o ponto certa que eu não fui sequer assassinado pelo senhor Cruz.

Procurou-me um dia o meu jubiloso vizinho para me dizer que sua consorte estava restabelecida, e vinha brevemente para o Porto. Elogiei-lhe a dedicação de sua esposa, e o ditoso marido chorou de ternura.

Efetivamente veio a menina, com sua criada e bagagem.

Não lhe encarecera a beleza o marido. Era o fino tipo da lisboeta: alta, airosa, magra e pálida, senhoril em modos, e bem-falante. Constituiu-se paraíso terreal para o senhor Cruz a cadeia.

Recendiam-lhe a beijom aqueles ares, e nem as colunas de missanga dos paços de D. Branca sorriam mais aos olhos do moiro, que as paredes verde-negras do cárcere ao meu vizinho.

Voaram dois meses neste enleio. A esposa alugou casa nas vizinhanças da cadeia, donde o marido a estava vendo costurar à janela ou moirejar na casinha.

Ao termo, porém, de dois meses, imaginou o senhor Cruz que sua mulher amava um guarda da cadeia, e desde então pagou usurariamente à desgraça as alegrias de dois meses.

Contavam-me que ele se lhe lançava a ela de joelhos, rogando-lhe que o não traísse; e ela ajoelhava também, suplicando-lhe que a não ultrajasse com o seu ciúme. Cena bonita, digna de melhor teatro!

Era uma doença o ciúme no senhor Cruz. Nenhuma razão nem prova lhe demovia as suspeitas, víboras do inferno que o espedaçavam, como se outro castigo de seus crimes lhe não quisesse dar a Providência. Se este homem tivesse conhecimento do Moiro de Veneza, taxá-lo-iam de vil imitador; e mais ainda se soubessem no que arremataram aqueles ciúmes, conquanto ele não afogasse a Desdémona nos travesseiros.

Foi assim o caso. A pobre caluniada já não podia com os insultos, e disse ao marido que voltava para seus pais. Esta ameaça exasperou o marido, que exclamou:

— Não hás de ir com vida! Hei de matar-te com este cordão que te dei!

Era um grosso cordão de ouro que ela tinha ao pescoço, e pelo qual ele puxava em frenesis de possesso. A estrangulada gritou; acudiram os vizinhos, e arrancaram-lha das mãos, onde ficou em pedaços o cordão.

No dia seguinte a mais amada das esposas foi para Lisboa duvidosa de que o ciúme seja prova irrespondível do muito amor.

O senhor Cruz, Otelo malogrado, não quis dar mais ansa à tragédia. É crível que vendesse os fragmentos do cordão conjugicida, e os comesse em carneiro com batatas, petisco que saía de suas mãos como da culinária dos anjos.

Nunca me entendi bem com os amores conjugais do meu vizinho.

O que eu de sobra vi foi que ele era mestre no jogo da faca, em exercícios com o José do Telhado, seu émulo em destreza. Ambos eles tinham tirado a prova real na prática de sua habilidade. Diziam, a seu modo, que do vê-lo ao dizê-lo ia muita diferença. Queriam dizer, que as teorias do jogo da faca eram muitas vezes sacrificadas a uma facada menos artística. E então argumentavam com factos inconcludentes para a sua inocência.

Tirado à sorte o herói ou heroína deste capítulo, sai a senhora Joaquina.

Começando pelo princípio, era conhecida em Lamego por *senhora Soaninha*, uma galante moça, filha de artistas. Isto, há cinquenta anos, quando ela tinha dezesseis.

O arcediogo de Lamego (que estas *Memórias* não lembrem ao Diabo os pecados velhos do cónego!) bebia os ventos pela mocinha, e armava-lhe quantas engenhosas boíces inspira o amor a um cónego rico e inerte. Joaquina tinha o defeito de invejar as saias e as plumas das fidalgas de Lamego: e o arcediogo, nos furtivos instantes em que podia azoiná-la, dizia-lhe que ela podia ter plumas e saias de lapim.

Ora o padre não era repelente, nem velho. Muito boa gente, no pensar de Joaquina, aceitaria, às mãos ambas, o que ela rejeitava por uma pouca de má vergonha. Por esta brecha entrou o espírito imundo, e saiu o virginal pudor da moça. Os pais andavam uma manhã à cata dela, e o arcediogo chamou-os à puridade para lhes dizer que remediassem a sua vida com o dinheiro dele, e não dessem à língua, que seria pior sobre ser inútil.

Há cinquenta anos um prebendado de ilustríssima prosápia lamecense calava e convencia assim um pobre mecânico, um carpinteiro!

Teve Joaquina as suspiradas plumas e cetins. Foi muitas vezes às caldas com o arcediogo. Foi a Lisboa às festas da aclamação de

D. João VI. Esteve no Teatro de S. Carlos, e na Rua dos Condes. Voltou a Lamego com ares de corte; e rebateu muitas tentações de fidalgos, que invejavam o cónego. Manteve-se fiel quarenta anos; e acariciou a velhice do padre, que morreu saciado de prazeres, e contente da carreira em que, por pouco, se não encontra com a mitra da sé lamecense!

Herdou Joaninha o grande cabedal do arcediago, e retirou-se a uma quinta de sua herança para se fechar de todo a impressões mundanas.

Era cuidado em demasia para os seus cinquenta e seis anos; mas o seu temperamento lá o conhecia ela.

Conjuraram a tentá-la seis opositores à sua mão de esposa. Joaninha muito pôde consigo, resistindo a cinco. O sexto era um lavrador, maduro de anos, viúvo, vizinho das suas terras, e pai dumas moças, que lhe faziam boa companhia a ela, e prometiam amá-la como mãe.

Casou, pois, a senhora Joana, e levou para sua casa os enteados e as enteadas.

Um daqueles era rapaz que tinha cursado aulas de teologia em Lamego, onde fora reprovado. O outro fora cabo de esquadra, e estava em casa com baixa. Andavam ambos à competência em ruindade de costumes, e destemiam o pai, que já não podia domá-los.

A senhora Joana, quando se viu atormentada por exigências dos enteados, arrependeu-se de ter casado. Pediu ao marido que afastasse de si os maus filhos, e conseguiu impontá-los para o Brasil.

Decorrido um ano voltaram os rapazes, alegando que se davam mal com o clima. A madrastra recebeu-os mal, e o pai carinhosamente, decidindo-se a favor dos filhos nas pendências em que ela andava rixada com eles. Joana lançava em rosto ao marido o dispêndio dos seus bens com filhos alheios; e o marido dizia-lhe que ali não havia *teu* nem *meu*, que era tudo do casal.

— O casal do senhor arcediago! — exclamava ela.

— Tem vergonha, mulher! não digas de quem te veio o casal! — retrucava ele.

— Tu não o sabias? Para que me quiseste?!

— Tentou-me o Diabo. Agora é gemer na cama, que é parte quente, e aturar-te as sovinices e a velhice.

E chamava-lhe *cascata* umas vezes por outras; com o que a senhora Joanhinha se afligia, e provava que era cascata com o enxurro das lágrimas.

Os rapazes, cobrando ousio do exemplo do pai, escarneciam a madrastra, se ela se queixava de lhe roubarem alguma prenda de valor, recebida das mãos do arcediago em horas de saudosa meiguice. Falavam-lhe nos passados amores; e no auge da petulância, chegaram a denominá-la *reverenda arcediaga*, e carunchosa trave do cabido de Lamego.

Chamarem *trave* à pobre mulher que se vira aplaudida de bela no Teatro de S. Carlos e na Rua dos Condes!

Amargurada existência era a da infeliz, que todos os da casa abandonaram!

Pensava ela que abrandaria o seu cruel destino, com o casarem-se os dois rapazes. Deixou vender parte dos seus bens para dotá-los, e fez quanto pôde por conciliar a estima das enteadas e do marido.

Não melhorou. Os rapazes desconchavaram-se com os sogros, e foram com as mulheres para casa do pai. Eram inimigos em duplicado que ela comprara com os seus bens.

Levada de desesperação, a senhora Joana fugiu de casa, e procurou o abrigo de parentes. O marido, citado para divórcio, simulou arrependimento, e obrigou os filhos a pedirem perdão à madrastra.

Joana voltou para casa, e maravilhou-se da mudança. Respeitavam-na, cuidavam dela, não a deixavam levantar antes de almoço, e reservavam-lhe ao jantar os melhores acepipes.

Passados alguns meses sentiu a acarinhada mulher dores fortes de estômago, lembrou-se de que a envenenaram lentamente. Disfarçou as suspeitas, e entrou a rebuscar, em horas seguras, os escaninhos da casa. Como encontrasse um cartuchinho com pó de vidro, escondeu o embrulho, e nunca mais almoçou senão com a família.

Perguntou-lhe o marido porque não almoçava na cama; e ela teve a imprudência de sorrir-se.

Todos os comensais compreenderam o sorriso, e desataram a máscara.

Aos maus tratos antigos acresceu o espancamento, porque a senhora Joana negou a sua assinatura à venda de outras propriedades. Quis ela tentar segunda fuga; mas achou-se vigiada, e rebatida pelos enteados. Quis vencer a violência, e foi arrastada e fechada num quarto, onde esteve alguns meses, esperando a cada instante a morte nas comidas que lhe davam.

Joana pediu que a deixassem falar com seu marido. O lavrador, prevendo a realização do seu plano, foi ao quarto da mulher, e viu-a humilhada e de joelhos, sujeitando-se a tudo, prontificando-se a assinar todas as vendas, contanto que a não tivessem fechada.

Deram-lhe larga na casa; mas espiando-a sempre.

Joana fingiu-se resignada com tudo, e era ela a primeira a sugerir despesas e caprichos a seus enteados.

— Foi ótima a lição! — diziam eles ao pai; e o pai achava graça ao escárnio triunfante dos filhos.

Um dia disse ela a um dos enteados:

— Vou-lhe dizer um segredo; mas peço-lhe por quanto há que o não diga a seu pai nem a ninguém. Dou-lhe o meu relógio d'ouro, se me for fiel.

— Sou — disse o enteado na melhor intenção.

— Eu quero matar-me — tornou ela — Estou farta de viver, e não faço falta a ninguém. Depois que eu morra não se me importa que saibam que me matei. O senhor arranja-me uns poucos de pós dos ratos?

— Eu! ora essa! vossemecê está a mangar! — replicou ele.

— Não estou a mangar; faça-me o que eu lhe peço, que é um segredo que morre comigo. Que lhe custa isto?!

— A falar a verdade, não sei para que vossemecê há de dar cabo de si!...

— Não me faça reflexões. Aqui tem já o meu relógio. Vai buscar-me os pós?

O enteado tomou o relógio, e redarguiui:

— Mas se depois sabem que fui eu?

— Ninguém o sabe. Se eu morrer amanhã, enterram-me depois. Quem há de ir à cova saber de que eu morri?

O diálogo continuou assim até ao definitivo assentimento do enteado. Disse-me a senhora Joaquina que suspeitava ter seu marido sido avisado pelo filho do intento dela: não creio, em vista dos sucessos posteriores.

Obteve o filho do lavrador em Lamego os pós de Joanes, e deu-os à madrastra, que os recebeu com expressões de muito agradecida. Estava à porta a véspera de Natal. As filhas do lavrador, casadas fora, vieram no solene dia ceiar com o pai. Além do vinho de casa, o velho trouxera de Lamego algumas garrafas do velho do Douro para compor o estômago sobre as rabanadas e o arroz doce.

Joana foi à prateleira, e vazou o veneno em duas das três garrafas.

É de uso, nas províncias do Norte, ocuparem a véspera do Natal no cozinhado da ceia, e tomarem as famílias um leve repasto ao meio-dia para terem o estômago desimpedido à noite.

O lavrador, porém, como achasse leveiro demais o bolinho de bacalhau que as filhas lhe deram ao jantar, procurou a compensação no vinho velho, e abriu uma das três garrafas às escondidas dos filhos. Acertou de beber bom trago de uma das garrafas envenenadas, e bebeu segundo para se convencer de que o vinho estava azedado.

Meia hora depois o marido da senhora Joaquina espolinhava-se no sobrado com ânsias de morrer, e gritava que o tinham envenenado.

A herdeira do arcediogo foi à beira de seu marido, e aí podia ser muito mais dramática do que foi. Se isto fosse romance, a senhora Joana devia dizer coisas pavorosas ao ouvido do agonizante, e cruzar os braços, e rir-se sarcasticamente do estertor do marido envenenado por favor de seu próprio filho, e morto nos paroxismos que quisera dar-lhe a ela.

Nada disto. Fingiu-se aflita, se o não estava sinceramente, por ver gorada a sua traça. Era plano dela envenenar toda a família, na hipótese de que as garrafas seriam abertas à sobremesa. Quem diria que ali num cantinho da Beira se estava maquinando um festim de Bórgias!

Morreu o lavrador amaldiçoando a mulher, contra a qual gritou a família inteira, exceto as esposas dos filhos nas horas em que se iam à cozinha a comer às furtadelas os grelos ensopados e os ovos mexidos.

Foi a senhora Joaquina encarcerada nas enxovias da Relação de Lamego, onde se encontrou com a senhora D. Benedita, já historiada.

Negou o crime; mas a prova dispensava a confissão da ré. Foi condenada a pena capital, e de Lamego removida para a Relação do Porto, onde, decorridos anos de prisão, teve comutação para África com prisão por toda a vida.

Falei com a condenada, e requeri ainda em nome dela, pedindo que a deixassem morrer na cadeia, sem o degredo, visto que tinha sessenta e seis anos, e doenças de breve despacho para a sepultura. Este requerimento foi encontrado pela lei, que não dispensava a sentenciada de cumprir sentença.

A senhora Joaquina pudera salvar da naufragada herança do arcediogo um saquito de dinheiro em ouro, de bom tamanho, o qual levou consigo.

É coisa para pensar o destino em que pararam as relíquias dos haveres do arcediogo de Lamego! No cárcere dum presídio africano!... Pessoa mais vezada a esmiuçar moralidades nos acontecimentos podia deste sucesso haurir muitas páginas de religiosas meditações, e exemplaríssimas advertências às moças, para que não aceitem heranças de padres, e aos padres, para que não deixem heranças às moças.

A mim só me basta dizer, que esta desgraçada Joaquina podia ter morrido serenamente no gozo dos bens do arcediogo, se o secreto inimigo das vilipendiosas herdeiras lhe não aparecesse na figura do vizinho, o qual, por ser a figura do Demónio, morreu sem me causar dó.

Era muita gente apostada a fazer criminosa a pobre Joana! Deus sabe quantas agonias a espedaçaram antes d'ela resolver a mortandade de tantas famílias!

Noite alta saí do meu quarto. Os corredores estavam em escuridão cerrada. A luz da lâmpada apagara-se sob a pressão aquosa do ar.

Ouvi o rressonar cavernoso dos guardas, e o fremente assovio do norte nos zimbórios majestosos daquela caverna miasmática.

Passei avante, apegado às arcarias. Escorregavam-me os pés no soalho lamacento, e a frialdade gordurosa das paredes regelava-me as mãos, e filtrava-me ao peito uma dor glacial, angústia indescritível.

Encostei-me às portadas do cubículo, que fora oratório de padecentes, e avoquei à fantasia quantos pavores podiam acender-ma em chama febril.

E o vento, raspando nos ferros exteriores, semelhava os gemidos dos padecentes, conglobados num só gemido.

E passei avante, sofrendo a respiração, para que o menor som daquela infernal e misteriosa harmonia calasse em minha alma.

Não sei que tempo vivi naquelas trevas, nem quantas vezes o brado das sentinelas revoou nas profundas abóbadas.

Súbito, um gemido, longo como o grito estertoroso de vítima, lentamente sopesada em mãos de algoz, me espertou da sepulcral letargia.

Era voz de mulher, se anjo da agonia não vinha assim gemer na Terra, com as notas dos cânticos do Céu.

Acompanhavam-o acordes de música, plangentes como de harpa, dulcíssimos como as melodias dos arrobamentos dos santos, perdidos d' alma na bem-aventurança d' além-mundo.

E fui avante, porque os sons clamorosos, e a música pungitiva vinha do lado em que bruxuleava uma lâmpada.

Dei de face ante uma porta cintada de ferro, e trancada dum ferrolho, que simulava grossa alavanca, suspensa entre anéis.

E esta porta abriu-se de par em par, e os ecos não lhe ouviram um rugido leve dos gonzos.

Estava eu em frente da enfermaria dos presos. Ajustei o rosto à fresta da porta, que os separava do meu recinto, e vinham de lá umas lufadas fétidas, que nauseavam, e me batiam de encontro ao crânio como pancadas surdas de vaivém de ferro.

E permaneci imóvel àquele respiráculo da morte, como se ali fosse pedir àqueles que se estorciam a minha agonia.

Contemplei, e vi.

Ao topo do extenso corredor estava arvorada cruz enorme com a imagem de Jesus Cristo. O escarlate lustroso das chagas reluzia na penumbra da lâmpada. Ladeavam a cruz duas jarras de flores murchas, e mortas ao ar mortal do hálito dos enfermos.

E ouvi o gemer roufenho do arquejar dum agonizante. Nem um padre, nem uma voz humana, nem a consolação dum amigo ou inimigo compadecido.

E ouvi o blasfemar doutro agonizante, que sacudia os braços, e afuzilava nos olhos ao raio frouxo da luz, cujos raios morriam ao pé do seu catre, como se a esperança do expirante houvesse de morrer com eles.

Esperei: e vi trespassar o primeiro. Fugi à visão medonha do segundo, porque o pulmão se me rasgava com a peçonha daquele ambiente.

Pus os olhos fitos nas chagas de Jesus, e disse:

«Oh Cristo! O teu código tem mil e oitocentos e sessenta anos! A justiça dos homens é haurida dos teus divinos preceitos! Contempla da tua cruz, ó Filho de Deus, esses homens que te maldizem, porque ninguém lhes ensina que a justiça, que assim

os mata, não é obra tua, Senhor Deus de Tiberíades, do Cédron, do publicano, da adúltera, de Dimas, e de Madalena!»

E a toada dos anjos e os harmónicos da harpa, coaram outra vez em meus ouvidos.

Voltei o rosto para as trevas fronteiras, e apalpei-as, até encontrar a frialdade dum possante ferrolho.

Abriu-se de par em par a porta, e o canto gemente veio em ondas dum ar infecto como exalações cadavéricas.

Era a enfermaria das presas.

Ali não estava o Cristo, nem lampadário, nem símbolo de piedade. Era tudo simbólico de morte sem esperança, porque as trevas do túmulo não são mais carregadas.

E caminhei entre duas alas de grabatos, que eu pressentia no ressonar alto dumas, e no convulsivo gemer das outras presas.

Na extrema desse corredor estava uma outra porta, por cujas figas azulejavam umas betas luminosas, que pareciam coadas dos interstícios de antigos sepulcros.

Não sei que mutação se fez em minha alma; porque do interior daquele ergástulo saíram resplandores a jorro; e, entre ondas de luz vivida como a do relâmpago, vi dois anjos, em seus envoltórios de éter, tristíssimos no aspeto.

Era um deles o ANJO DA DESGRAÇA, e tinha em suas mãos uma grinalda de espinhos: era o outro o ANJO DA PACIÊNCIA, e tinha em suas mãos a urna das lágrimas.

E os cantares tristes e a soada celestial da harpa vinham dali mui perto, sem que meus olhos pudessem ver os lábios que vibravam gemidos, nem os dedos que pulsavam o alaúde.

«Vem!» disseram os anjos.

E tomaram de sobre uma pobre enxerga, que assentava no pavimento, uma formosa criancinha de três anos, e disseram:

«Temo-la pedido para os nossos irmãos do Céu; mas a mãe chora em nossas mãos, e pede-nos maiores tormentos, para melhor merecer a vida de seu filho.»

E eu ia beijar a criancinha, e o anjo da desgraça afastou-me dos lábios, clamando:

«Não lhe firtres o vírus da tua desgraça. Os teus lábios estão viscosos da taça do crime. Deixa-o dormir, que está vivendo na sua pátria, e entende as alegrias do Céu.»

E o anjo, que falara assim, apertou-me ao seio com amargo transporte, e disse-me:

«Com que amor te hei querido! Que espetáculo vou dar-te como prova extrema de amar-te muito!»

E fendeu-se um véu de trevas, ao fim dum lóbrego passadiço, por onde os anjos me guiavam, sem radiarem sua luz à escuridão circumposta.

E vi uma mulher sentada a um piano, sobre o qual goteavam as abóbadas. Dedilhava nas teclas, e imergia os olhos nos recantos escuros da sua caverna.

E o anjo da desgraça pôs-lhe a mão no seio, e ela chorou.

E o anjo da paciência, recebendo as lágrimas na urna, pôs-lhe a mão na frente, e ela sorriu.

Um anjo dissera: SOFRE.

E dissera o outro anjo: ESPERA.

E o cântico, um instante suspenso, continuou; os lábios diziam estas palavras, que se abriam em minha memória a buril de fogo:

«Ó minha infância! ó meu doce amor das flores, e do céu estrelado!

«Ó minhas irmãzinhas, fugidas pombas, que vos não amerceais de mim no Céu!

«Ó minha mãe, que me deste a tua derradeira bênção, e as tuas derradeiras lágrimas!

«Ó meu pai, que achavas este mundo indigno da tua filha querida!

«Descei, larvas queridas, e dai-me uma dobra de vossa mortalha para eu limpar as lágrimas!

«Vinde, minhas irmãs, e tomai da minha coroa ensanguentada alguns espinhos, e ide com eles a Deus a pedir-lhe misericórdia!

«Vinde ao meu túmulo, se vos não afronta a minha ignomínia! Vinde, virginais corações de minhas irmãs, e ajudai-me a lembrar a minha mocidade! Levai-me ao berço de nossos irmãozinhos mortos, e dai-me flores para eu os coroar para o Céu!»

Calou-se, e aconchegou do seio as mãos geladas, e murmurou:
— Que frio, meu Deus!

E o anjo da desgraça juntou as suas mãos às dela e disse-lhe:
— Aquece-as no incêndio que te devora os pulmões. Cospe nelas uma golfada do teu sangue, que calcina como lava vulcânica.

E a mártir continuou o seu cantar.

Era já outra a voz, e terrível de rispidez o acompanhamento da música.

Confrangeu-se-me o coração, porque era este o dizer dela:

— Foram à minha inocência, e à minha formosura, e lançaram em pregão uma e outra.

«E quando eu pedia que me deixassem uma primavera mais para chorar sobre as minhas flores, mandavam-me soto-pôr o coração a um cofre de ferro em brasa, cheio de oiro e lágrimas.

«E, se eu caía de vergonha diante de mim própria, covarde para a rebelião contra a prepotência de meus pais, levantavam-me do meu abatimento com a ponta do pé, ou queimavam-me as faces com bofetadas para que as lágrimas secassem depressa, e mas não visse o homem que me comprara!»

Aqui, o canto era um desabafar em crebros soluços, e as mãos corriam vertiginosas sobre o teclado, como se em cada tecla chamejasse uma língua de lume.

E o anjo da paciência pôs-lhe a mão na frente, e selou-lhe os lábios. E as lágrimas rebentaram a quatro para a urna, que as evaporava em perfumes a Deus.

E, outra vez, aconchegou as mãos ao seio, murmurando:

«Que frio, meu Deus!»

E vi-a levantar-se já serena, mas hirta como os fantasmas de Macpherson.

Caminhou ao longo do corredor lóbrego, e ajoelhou-se no chão, e debruçou-se sobre o filhinho, que dormia, e sorria, e ciciava umas palavras, que ela parecia entender-lhe.

E, depois, abriu a janela, e encostou a um varão de ferro a frente afogueada.

O horizonte do mar estava rúbido, como os tetos duma cidade em lavaredas.

E o norte vinha de lá refrigerar-lhe a frente, e apagar-lhe no seio os borbotões do sangue fervente.

Mas ela bafejava as mãos, e dizia:

«Que frio, meu Deus!»

E voltou, de golpe, para as sombras do seu antro, murmurando:

«Se eu pudesse dormir!...»

E então lhe disse o anjo da desgraça, tomando-a pela mão:

«Aqui tens a tua enxerga nas tábuas, e a manta da caridade para te cobrires.»

E ela deitou-se, aconchegando da barba convulsa a orla da cobertura.

Eu vi sentar-se ao seu lado o anjo da paciência, e dizer-lhe:

«Dorme!»

E ela adormeceu envolta em uma coluna de luz, que rompia as abóbadas, e topetava com a profundidade dos céus.

Vi-a sorrir adormecida; e eu disse ao anjo da paciência:

«Sorriem estes lábios!?!... Que visão lhe deu à desgraçada o Senhor que te enviou a ela?!»

«Vê as almas de suas irmãs, que descem na coluna luminosa a consolá-la.» — respondeu o anjo.

E eu ajoelhei ao pé dela

Restrugem os ferrolhos nos seus anéis. Acordo. Vejo o dia no meu quarto!

Era um sonho! Mas que magnífico e pavoroso sonho eu tive!

Antes assim, meu Deus! Que feia seria a vossa criação, se, debaixo do vosso trono, fosse possível a desgraça da mulher da minha visão!

Bem hajas tu, chaveiro, que me espertaste daquele pesadelo, em que eu vertia por compaixão da mártir as lágrimas que não tinha para as minhas dores!

Longe de nós os sonhos! Vamos a realidades bem chagadas, bem em carne viva, bem-postas em galerias de painéis, que pintem a vida, o homem, a perfeição, a obra do último dia, após o qual Jeová, vendo que era ótimo o feito, descansou.

Eu é que não descanso a trazer a lume aquelas amostras de perfeição, que demoram obscuras nos seus antros, como se ali mesmo não estivessem por conta de Deus, que paternalmente as fez.

Tem assinalado lugar nestas minhas biografias o senhor A. A. d' A. S., morgado do R***, natural de Entre-Ambos-os-Rios.

Não sei em que árvore de rei goda entronca a vergôntea dos Sodrés, cujo representante ali está na Relação, e de lá irá sumir-se nas areias africanas, como delgado fio de linfa, relíquias de torrente, que veio soberba através dos séculos.

O morgado do R***, filho e neto de perdulários e façanhosos fidalgos, foi fiel às tradições e ao exemplo, dando muita pancadaria, e dissipando à toa o morgadio, já retalhado e ferido de morte.

Parece ter quarenta e cinco anos. Aparenta estrutura débil, e não desdiz das raças apuradas na delicadeza do feitio. As feições são finas e simpáticas. O ar, os modos, este complexo de nadas, que denotam cultivo de boa sociedade, não os tem. Ressabe ao montesinho, e logo se denota como homem de aldeãos costumes e convivência de ralé.

A mocidade do morgado foi borrascosa em desordens de feiras, onde ele campava, não de valente com um varapau nas unhas, mas de destro em desengatilhar as pistolas, companheiras fiéis dos seus coldres.

Casou muito moço com uma senhora, parenta de uma das principais famílias do Porto. Foi casamento de contrato, e de martírio para a sacrificada menina. As famílias daqueles sítios pasmaram de tal consórcio, e lastimavam a vítima, ainda antes de ela implorar a piedade pública, para alívio de secretos desgostos.

O morgado não mudou de vida para melhor; piorou-a em ligações adúlteras com diferentes criaturas venais, ou talvez timoratas da sanha despeitosa dele.

Em uma de suas quintas alojara o senhor S*** uma das mais diletas concubinas, servida de estado e regalias, que negou à esposa. Os filhos dela eram mais estimados que os legítimos. Lá passava temporadas, saboreando-se no amor de família, que o anojava nas carícias da família própria. O melhor dos produtos de sua lavoiria era recadado na casa da mulher vil de nascimento e vil de instinto, que autorizava a flagelação da santa esposa, sem lhe amar o marido.

Nos primeiros tempos de marido foi o senhor S*** culpado num homicídio; mas venceu com dinheiro a vindicta da parte. Este sucesso vingou-lhe créditos de invulnerável à justiça, e a impune arrogância de vencer pelo terror.

No decurso de vinte anos o morgado granjeou fama de todas as ignomínias. Nos arredores do seu solar temiam-no como salteador, arguição não provada em depoimento de testemunhas. Assentava, talvez, a hipótese no facto de ele ter esbanjado todo o seu património, e continuar a possuir bons cavalos, e a despender em custosos caprichos.

Quando, porém, o viram descarnadamente pobre, solicitando empréstimos insolventes de amigos e parentes, o terror que tinham dele disparou em menospreço, e contentamento de vingança.

Mas não era o morgado do R*** homem que desmaiasse de instintos bravios pelo acidente da pobreza, que só debilita os orgulhos postiços, e as almas de todo o ponto baixas.

Contam os seus conterrâneos, que, sendo ele um dia instado em termos desabridos dum credor para pagar-lhe, o morgado pagou-lhe em prata, e disse: «Agora hás de receber o juro em chumbo.» E dizendo, abriu-lhe com uma bala na cabeça larga fenda à vida. Isto contou-mo o reitor da paróquia do senhor morgado, com santo horror do feito, e eu conto a coisa assim para aviso de usureiros, a quem possa descontentar o pagamento de suas onzenas em semelhante espécie.

Contam que outro credor fora assassinado por igual teor; mas eu vacilo em crer todas as atoardas que giram à conta dum homem seguro entre ferros. O morgado caíra em extrema pobreza há dois anos. As colheitas dos pouquíssimos e desamanhados bens escasseavam para o segundo mês do inverno. Em casa não havia um lençol, nem uma cama decente para a infeliz senhora. As famílias principais esmolavam-lhe a ela alimentos e roupas; e a virtuosa repartia do pão e da cobertura com a mãe dos filhos de seu marido, tirando aos seus o que podia esconder de suas lágrimas suplicantes.

Tem a senhora um parente no Brasil. Chegou lá a notícia da pobreza dela. Desde logo o primo, que fora pobre, e a trabalhar enriquecera, lhe estabeleceu mesada de doze mil réis, que ela entregava inteira a seu marido, e hoje do mesmo modo lhe remete para a cadeia.

Quasi atidas a estas migalhas viviam as duas famílias do morgado do R***, quando se não azava o ensejo ao desacreditado fidalgo de enganar algum incauto sobre a presunção de possuir bens hipotecáveis.

Agarrochado por desgostos e insultos, o morgado acolheu-se ao seio da família, como quem nenhum outro refúgio tinha. Porém, a mulher e os filhos, que lhe davam remanso e sossego, não era a mártir, nem os esfarrapados meninos. O espetáculo duma senhora,

ilustremente nascida e educada, assanhava-lhe as impaciências. Três filhos sem educação, sem amor, sem as alegrias que desassombram a tristeza dum pai, eram-lhe incentivos a enojo, e acusação pungente. Dela e deles fugia o morgado, e no estúpido contentamento da mulher prosperada em confronto com o que fora, e dos filhos carinhosos, porque tinham sido acarinhados, é que o amante e o pai desafogava as amarguras, e, para assim dizer, se sentia com bondade e coração. É pois certo que em lagoas infectas vicejam flores de agradável vista; luz, a instantes, a virtude nas escuridades do vício.

Destes filhos o mais velho era uma menina de vinte anos, morena de negros olhos, de estatura robusta, e de se amar deveras por quem sabe achar o belo fora dos moldes pedagógicos que a arte nos incampa. Não era rafaelesca, nem pedia meças às imagens de Murillo ou Tintoretto. Era uma cara portuguesa de lei, minhota de primor, que se não amorenara ao sol da Arábia; mas que, em verdade, devia ter lá dentro tempestades calcinantes como as do *simoun*.

Diletamente a estimava o pai, e a tinha em conta de pura, e pura de *impérvia virgindade*, como diz o oratoriano Bernardes a propósito de grandes santas.

Era ilusória a crença.

Maria queimara-se desde os dezesseis anos, como borboleta doída, na primeira flama que vira em olhos de homem. Atraíçoada fora; mas, ainda traída, quão galharda se saiu na lição que deu ao sedutor!

Iria ela queixar-se ao pai?

Sair-lhe-ia aos banhos?

Publicaria sua desonra, para que o mundo forçasse em clamorosa censura o pérfido a esposá-la? Isso era vulgar para aquela moça, que tinha a distinção da suprema desventura.

Uma vez, após longas noites ansiadas sem vê-lo, convicta do abandono, saiu aforrada de casa, e transpôs sozinha os dois outeiros que os distanciavam.

Sentou-se ao portal do amado, que o era ainda, e meditou. Era a vez primeira que se sentia mulher. Tinha um punhal no seio, e o ferro cortava-lhe primeiro as fibras a ela. O coração arquejava contra o instrumento da morte; mas a víbora da vingança, com maior pungimento, lhe alheava o espírito em ímpetos de raiva.

Quando cogitava aflita, chegou o moço, o benquistado doutras, que por ventura vinha contando com filauciosa infâmia o número das suas triunfadas praças.

Maria levantou-se ante ele e perguntou-lhe porque a não procurava, sabendo que era esperado.

Perguntas destas a enfaziado amante são rebates de remorso, que tropejam contra a vítima.

Respondeu-lhe ironias, porque a surpresa lhe não dera tempo a inventar a mentira. Forçado no extremo reduto, fingiu a seriedade de conselheiro, e encarecia-lhe os benefícios da resignação e do juízo.

Maria não chorou, nem com rogos fez mais feia e menosprezada sua desonra.

Tirou do punhal, quando não tinha já que tirar do peito, exauridas as criminações.

Sorriu-se do feito o amante, e ela, afrontada da mofa, apontou-lhe o ferro ao seio, e descarregou o golpe.

Não lhe valeu a ele o rebatê-lo com o braço. Entrara funda a lâmina, e as pernas do ferido oscilaram como se o golpe o fulminasse.

Maria seguiu impertérrita o caminho de sua casa. Entrou ao seu quarto despressentida, e confessa que lavara com suas lágrimas as nódoas de sangue do punhal.

Ao outro dia contava-se o sucesso. O ferido estava-o gravemente; mas dava a esperar salvar-se. Quem o ferira, ninguém sabia, nem ele. Corria que um vulto, ao perpassar por ele, lhe correrá uma facada.

Foi lento o convalescimento; e, no entanto, Maria emagrecia, insulava-se de todos, falava em morrer, e orava a intervalos com pouca fé, e consolação nenhuma.

Restaurou-se o ferido, e desapareceu da terra. Esporeara-o a vergonha ou o medo? Sabe-o ele; e ele, se quiser, que o diga, quando voltar da América.

A mais se condensaram as trevas no ânimo do morgado do R*** vendo ameaçada de morte a filha, a mais amada, a primeira que lhe sorrira, e por quem mataria um homem, possuidor do pão negado à fome dela.

Suspeitou um enredo de infelizes amores, e instou com ela a contar-lhos, jurando vingá-la.

Maria, sorrindo, dizia:

— Eu me vingaria, meu pai...

Andava o suspeito pai inquirindo da vizinhança se alguma vez suspeitaram de sua filha em namoros ou conversações a desoras. Ninguém o esclarecia; nem um rasto de luz, que ele pudesse cobrir de sangue!

Perguntou a facultativos se sua filha podia assim morrer, sem paixão d' alma. Diziam-lhe uns que a alma não tem que ver com a morte do corpo; outros concordavam com ele na conjectura de algum grande desgosto.

O morgado do R*** abafava de cólera sem fito onde apontar a clavina, respiradouro único de suas ânsias.

Neste comenos chegou, vindo do Brasil, um sujeito a Entre-Ambos-os-Rios.

Voltara moço de mais para ser rico. Sobejavam-lhe, ainda assim, os recursos que andara mealhando com muito labor, e esperança de os desfrutar na pátria.

De pequeno fora o brasileiro muito da casa do morgado, como usam ser os meninos pobres da sombra hospitaleira dos proprietários ricos. Quem ele procurou primeiro, depois de sua família, foi o morgado, que afetuosamente o recebeu, e apiedou com sua pobreza.

O moço valeu-lhe naquela hora, e em muitas. A sociedade queria endurecer-lhe o coração contra o dissipador; ele, porém,

que o estava sempre vendo na prosperidade, em que o deixara, vinte anos antes, esquecia-se das penosas fadigas do Brasil para se despendar em benefício das duas famílias.

Uma e outra já ele conhecia, porque o morgado lhe dera a distinção de falar com a sua estremecida filha, e diverti-la dos pensamentos tristes.

O brasileiro amou Maria. Nunca outra mulher lograra roubar-lhe instantes à canseira de seu viver. Outra alguma não vira, cuja imagem lhe agitasse as insónias, ou dourasse os sonhos.

Devera dizer-lho no primeiro dia, que seria todo coração nas vozes; mas não podia, nem sabia, nem pensara no destino que o forçava à sua confissão.

De o verem frequentar a miúdo a casa, diziam os vizinhos que o morgado mercadejava os únicos domínios que tinha; e iam ao mesmo tempo dizer ao morgado que vigiasse a honra de sua filha.

— Tomara eu que ela vivesse — dizia o pai — que ela se vigiará, quando eu a não vigiar.

Ressaltou espontâneo dos lábios o amor, que trazia as asas entalhadas nos embaraços do pejo. Falou o brasileiro, e Maria ouviu-o com pudor, o segundo pudor, que enrubesce mais a pele que o da inocência, o pudor da paixão que se vê requerida e chamada, sem desar, do coração recôndito.

A morte já não tinha que fazer ali. Maria recobrou o viçor fenecido. Esqueceu-se. Transfigurou-se-lhe o mundo. Aqueceu-a o antigo sol. Relembrou-lhe as cantilenas da infância. Reconheceu as amigas dos brinquedos e das folias. Já os prados lhe davam *malmequeres* para consultar; e a noite de S. João agouros, nas sortes abertas n' água: e nas formas das congelações, no vidro enchido à meia-noite na encantada fonte.

O morgado alegrou-se do efeito; mas converteu em rancor a causa. O brasileiro achava-o outro e mal-assombrado quando o surpreendia a sós com Maria. Humildou-se o amante, e perguntou-lhe porque o via com maus olhos. O morgado respondeu brutalmente

que não pagava suas dívidas com a filha. Envilecida alma que pôde responder assim! Mais baixeza há nisto, que ferocidade nos homicídios de sua passada vida!

Foi Maria repreendida e ameaçada; mas a submissão filial, na moça, não podia ser exemplar, quando havia nela instintos varonis, e arrojos que não tropeçavam no sangue.

Respondeu que amava o brasileiro, e tinha glória nisso.

Redargui o pai, que se ela tinha glória, também ele tinha uma clavina.

Maria pediu ao amante que a deixasse, e calou os receios. Obrigada a justificar-se, confessou que temia expô-lo ao ódio do pai.

O pobre moço entendeu a malquerença do morgado, como de razão era que a entendesse. Pediu-lha para esposa, cuidando ser acolhido com extremoso abraço. O pai ficou-se carrancudo, e disse:

— A filha do morgado do R*** não casa com um homem, que vinha à minha porta pedir o pão.

Desde este dia o brasileiro não voltou a casa de Maria, mas contou à mãe dela a resposta do morgado.

Soube a moça o desfecho da sua ilusão dum ano, e avergou ligeiramente ao quebranto. Estava emancipada para todos os direitos de ser infeliz, e nenhuma força de conselho ou razão lhe impedia os planos. Foi ela procurar o homem, que mais a merecera pela injustiça da injúria, e disse-lhe:

— Leva-me para onde quiseres.

Para esposa é que ele a queria, e Maria respondeu-lhe:

— Não posso ser tua esposa: serei tua amante.

E contou-lhe a breve história da sua desonra.

A revelação espontânea, feita sem lágrimas, valeu no coração do amante como reabilitação de pureza, e nova coroa de virgem para a frente dela.

— Não importa — disse ele — serás minha mulher.

— Nunca! — redarguiu a mulher, que seria absurda, se isto fosse um romance, se eu não tivesse nos ouvidos as palavras

dela. — Se me queres em tua companhia, aqui estou; se me não queres como sou, e devo ser para ti, adeus, e esquece-me; mas, se me aceitas, fujamos desta terra, que meu pai mata-te, ou tu matas meu pai.

Maria não voltou a casa de sua mãe. O brasileiro cuidava em vender as propriedades, que recentemente comprara, para se afastar com a mulher que ele, mais tarde, esperava reduzir à honestidade de esposa.

No entanto o morgado do R*** espiava os passos do suposto raptador da filha. Aconselhavam-o a dar querela contra ele, e o morgado respondia que a ação da justiça era muito demorada.

O brasileiro saía uma tarde de casa dum lavrador, onde legalizara a venda dos bens, e encarou fito a fito no morgado. Proferiu algumas palavras pacíficas, tartamudeando-as ante a clavina que o temeroso inimigo atravessara nas mãos. Animou-se a chegar-se dele para lhe explicar o procedimento desculpável. O morgado fez pé atrás, meteu-lhe ao peito a arma, e traspassou-o com os zagalotes. O brasileiro caiu subitamente cadáver.

O homicida fugiu, galgando sebes das cortinhas próximas; mas os homens, que presenciaram a morte, correram depós ele, cortaram-lhe as evasivas, e prenderam-o. Foi encarcerado na cadeia da comarca; porém as autoridades, receosas da fuga em prisão mal segura, removeram-o para a Relação do Porto, em agosto de 1861, alguns dias depois do assassinio.

Anunciou-se a entrada dum fidalgo, cuja fama viera adiante contando e desfigurando os crimes. Assisti à entrega do preso, e descri da nomeada, que o seu bom rosto contradizia. Trajava jaqueta de pano, e chapéu baixo. Acendia uns cigarros na ponta dos outros, e pedia licenças repetidas para mandar buscar genebra, que bebia copo sobre copo.

— Quer aturdir-se para o suicídio! — disse eu comigo.

Recolheu-se ao quarto que lhe deram: era uma furna de cantaria sem janela, nem mais luz, que a sombra das abóbadas eminentes. Azado sepulcro!

Ao amanhecer do dia seguinte perguntei por ele ao varredor dos quartos de malta. Disse-me que estava na cama, e pedira um cirurgião, se havia um cirurgião que lhe fizesse uma visita por caridade.

Fui ao antro do morgado do R***, ouvi-lhe a consulta dos seus padecimentos, e mediquei-o tão acertadamente, que o enfermo, ao outro dia, estava no uso da sua genebra e aguardente.

Algum tempo depois o senhor S*** remunerou-me a visita e o remédio com uma boceta de morcelas d' Arouca.

E Maria?

Maria é o mais indescritível e infernal episódio desta longa crónica de desgraças, de nojos, de infâmias, e de ferocidade e degradação humana!

Maria seguiu as pisadas do pai para o Porto. Chegou ao Porto, e alugou uma casa térrea, fronteira ao quartel militar de S. Bento, onde o pai podia vê-la. Depois mandou dizer ao pai que estava ali. O pai foi às grades eminentes à casa térrea, e viu a filha sentada no degrau da porta. Maria fincou os cotovelos nos joelhos, e a barba nas palmas das duas mãos, e contemplou seu pai. Em seguida passava um grupo de soldados, e pararam defronte dela. E o pai via tudo com a cabeça entre os varões de ferro. E Maria ergueu-se do limiar da sua porta, e entrou com o soldado numa taverna vizinha. E depois saiu da taverna, e entrou com o soldado em sua casa.

E o pai via tudo com a cabeça entre os varões de ferro.

E depois....

Na lista da prostituição foi inscrito o nome de M*** E*** S***, que disse ser filha do morgado do R***.

Digam lá a um romancista que desfibre com o seu escalpelo o coração desta mulher!

Foi um destino?

Foi uma vingança?

Foi um suicídio?

Foi uma demência?

Não sei. Está ali uma mulher com as faculdades d' alma assinadas nos livros de metafísica.

Se ela for dissecada num hospital, hão de encontrar-lhe coração, baço, fígado, cérebro, sistema sanguíneo, e um qualquer lugar onde a alma esteve por hipótese.

Se submeterem as entranhas de M*** S*** à análise dum fisiologista, há de ele dizer-lhe que viu nelas todos os sintomas de terem funcionado regularmente.

É uma mulher, sem questão, aquela máquina que ali está.

Remontemos. Aqui está a Bíblia, o Génesis, o livro da criação.

E leio:

«Formou pois o Senhor Deus ao homem do limo da terra, e assoprou sobre o seu rosto um assopro de vida; e recebeu o homem alma e vida.»

Não sei mais nada.

Os oficiais de juízo — nome bem-soante que destoa de beleguim, alguazil e quadrilheiro — levaram, um dia, à Relação uma mulher doida, e apresentaram ao carcereiro o mandado de captura, que a culpava de desordeira.

Desceram a mulher à enxovia, e ferrolharam sobre ela o alçapão. A doida olhou para o firmamento escuro do calabouço, e perguntou que porta era aquela que se fechava no teto. Riram as presas; e a juíza perguntou à recém-chegada se ela sabia que tinha de pagar doze vinténs. A doida riu-se, a seu turno, dos direitos consuetudinários da juíza, e pediu de jantar. Ora como as locatárias da enxovia se demorassem em estender a toalha hospitaleira à hóspeda, a presa manifestou o seu desgosto, distribuindo algumas bofetadas sem distinção de pessoa, e sacudindo pelas grenhas a cabeça inviolável da juíza.

Gritaram as presas, e o carcereiro-interino fez baldear a doida pelo alçapão, e reteve-a na «sala livre» enquanto não chegavam ordens da autoridade fiscal da cadeia. Se a autoridade recebesse exatas informações da demência da presa, oficiaria ao juiz que a fez capturar, alegando que a cadeia não é hospital de doidos. O juiz, o administrador, o governador civil, ou quem quer que deva ser, oficiaria à mesa da Santa Casa da Misericórdia, e esta mandaria dar baixa nas suas enfermarias à doida.

O senhor procurador régio, mal informado, mandou fechar a presa num quarto.

Fora ela capturada de manhã, a hora em que provavelmente não tinha ainda comido; passara o dia sem alimento, porque à distribuição do caldo e do pão não estava ainda inscrita, nem tinha tigela. À noite arrastaram-na ao quarto, e fecharam-a.

Para enganar a fome, dormindo, a cama que a presa encontrou foi uma rima de ferragens, como ferrolhos, barras, varões, refugio das obras novas que se haviam feito nas enxovias.

Desde que entrou até ao romper do dia seguinte, a presa distraiu a sua fome, jogando a barra contra a porta e a janela. Durou a noite toda este estrépito, acompanhado de clamores, ora raivosos, ora suplicantes.

De manhã viu a doida a luz quando lhe abriram a porta, e pediu que a deixassem ir ver seus filhos. O carcereiro repreendeu-a do estrondo, e ameaçou-a com as algemas. Rebramiu a doida, atirando-se furiosa aos guardas. O carcereiro mandou-a segurar pelos braços, e lançou-lhe algemas. Algemas, meu sensível e cristão leitor do século da humanidade, são uns anéis de ferro, que roxeiam as carnes e as mordem e deslassam até aos ossos.

A doida sacudiu as algemas, e irrompeu em gritos de dor e desespero. Meia hora de impotente esforço, em mulher quebrantada de fome e insónia, bastou a tirar-lhe o acordo. Ergueram-na desmaiada, e mudaram-na para a enfermaria das mulheres. Os presos, denominados *varredores*, que a transportavam como canastra de lixo, deixavam-na cair e deleitavam-se segundo o som da pancada que o corpo fazia na pedra da escadaria.

Atiraram-na ao catre da enfermaria.

A doida, recuperando os sentidos, saltou da cama e investiu contra a enfermeira. Foi o carcereiro chamado, e mandou amarrá-la de pernas e braços com cordas que lhe sangravam a carne ao repuxarem-nas. A enfermeira e as outras presas doentes, quando assim a viram segura, entraram a espancá-la à competência, e a rirem das imprecações, que a desgraçada vociferava, contorcendo-se nas roscas inflexíveis da corda.

Nesse dia foi à cadeia o Senhor D. Pedro V. Quando o rei apeou, o carcereiro mandou abafar a doida de modo que ela não pudesse gritar, quando Sua Majestade visitasse a enfermaria.

O rei não visitou a enfermaria das mulheres, e por isso foi pouco duradoura a agonia da presa. Não lhe tinham atado mordança; mas apertaram-lhe a voz na garganta com um resto de esparto. Foram uns meros ensaios de estrangulação, que seria executiva, se o Senhor D. Pedro V visitasse a enfermaria.

Neste dia escrevi ao senhor Lemos, juiz do crime substituto, pedindo-lhe que fizesse remover a doida que sua senhoria inadvertidamente mandara para a Relação. O digno magistrado respondeu-me, confessando a sua ignorância da demência da presa, e prometendo-me removê-la dali para o hospital.

Foi o carcereiro avisado para lhe dar soltura; mas reagiu ao alvará, dizendo que sem ordem da Santa Casa a não soltava. Averigui a intenção desta malvez estúpida, e pude saber que o abjeto gaiato, autorizado ou não autorizado, queria reter a mulher na enfermaria, para flagelar uma senhora que vivia num quarto, paredes meias com as presas enfermas. Procurei o carcereiro, e mostrei-lhe com quanta facilidade eu partia uma cabeça dura nas grades do portão. Este argumento, verdadeira lógica de ferro, incutiu juízo no mariola, e a doida saiu. Estes grandes miseráveis são duma covardia ascosa, que os salva de trazerem o corpo negro como a alma.

O senhor procurador régio, quando na imprensa denominou *empregado honrado* aquele homem, enganou-se sem dúvida, e mais tarde emendou o juízo precipitado demitindo-o virtualmente por ladrão. Chamava-se ele *José Francisco Guimarães*. Este nome anda nas secretarias solicitando empregos: honrem-no os poderes públicos; deem-lhe o pão do Estado, e deixem perecer de míngua os requerentes que o serviram. A demência daquela mulher tem uma história breve e triste.

Era filha de lavradores abastados de Avintes. Vinha semanalmente ao Porto, e cativou-se dos afetos de um oficial de ofício, com quem casou contra vontade de seus pais. Abandonada destes, azedou a

pobreza do marido, e caiu depressa no seu desagrado e ódio. Era amiudadas vezes espancada, e muitas vezes saiu com dois filhos a pedir esmola às suas amigas de infância, que vinham ao Porto.

Quando estava em convalescença de seu terceiro parto, o marido, raivoso de se ver pai dum terceiro filho, quando dois caíam de fome, injuriou ferozmente a mulher, e fez mais sensível a injúria com as bordoadas. A enferma teve um acesso febril, e enlouqueceu.

Poucos dias além, o pai dos três meninos foi para o Brasil e deixou-os a pedir pão à doida, que umas vezes os afagava chorando, outras os sacudia de si a repelões vertiginosos.

O lavrador de Avintes levou para si a filha e os netos. Estes lá se criaram, e por lá vivem fartos, se não estimados. A mãe, essa nunca mais volveu à razão, nem se demorou um dia na casa paterna.

É cómica a razão por que a prenderam. As saias-balões das senhoras eram objeto odioso à doida, mormente se as portadoras de tais adornos se lhe afiguravam senhoras postiças, armadas daqueles panos largos que enganam de longe. Uma destas se ia toda peneirando e seciando na Praça Nova, quando a doida, encostada à grade, aquecia o peito nu ao sol. Ao perpassar por ela a inflada dama, sentiu-se agarrada pelos pandos encontros, e logo despojada do merinaque, que a doida, a empuxões, lhe fez cair aos pés.

A senhorita era duma estofa, que fez rir as turbas; mas os cabos de polícia, que a viram apanhando em ânsias as entortadas aduelas do balão, prenderam a iconoclasta doida, que derrubara o ídolo de sua peanha, e a conduziram ao Carmo, e daí à administração, e daí ao tribunal do crime.

É o que sei da pobrezinha que saiu da cadeia com os pulsos em carne viva, e duas vezes doida, para assim o dizermos, pela mortificação das dores.

Que destino de esposa, de mãe e de mulher!

Estas cenas passam-se debaixo do céu, onde está o Senhor!

Glória a Deus nas alturas!

E as bênçãos da paz e do ouro ao esposo e ao pai, que foi para o Brasil!

Eu tive há onze anos, no Porto, um alfaiate, que chamava para minha casa, quando precisava de alguma obra de engenho e imaginação: por exemplo, a miscelânea de três capotes num, um casaco de dez algibeiras, umas botas de briche, ou coisas assim, que só podiam ser gizadas na presença do génio que as concebia.

Duma feita, chamei o senhor Joaquim — penso que era Joaquim — para me fazer umas polainas, e dei-lhe a fazenda e o salário, para ele as costurar em casa. O senhor Joaquim por lá consumiu as polainas, que eu nunca mais o vi, nem elas me viram.

Acaso soube que o artista estava na cadeia expiando gentilezas mais credoras de tal destino, que o esquecimento de me restituir a obra.

O mestre alfaiate era casado, quando foi preso.

Ao mesmo tempo entrou na cadeia a senhora Quitéria de Avintes, a mais bela mulher que ainda viram as enxovias da Relação.

Era também casada a senhora Quitéria.

Viu-a o alfaiate, e a padeira viu também que era contemplada.

Contemplavam-na todos os presos; mas nenhuns olhos lhe disseram o que ela leu nos olhos do meu alfaiate dos capotes mistos!

Amaram-se como aves de longes climas, que se encontram na mesma gaiola, saudosas das suas florestas e ribeiras.

Mas barreira de vida e morte os separava! Ele tinha mulher que lhe trazia o caldo; ela tinha marido que lhe trazia a regueifa.

Viam-se ao menos e conversavam momentos em dias santificados, quando lhes era permitida a fusão nos corredores, fusão de corações em infusão de vinho, que bebiam todos até resvalarem às enxovias respeitivas.

Bons tempos aqueles! Dizem os presos d' agora, coevos das folias domingueiras, que podia estar-se preso por prazer naquele tempo! Eu alcancei ainda os belos paroxismos da idade d' ouro. Aos domingos franqueava-se a saída das enxovias e das prisões superiores. Saía tudo a um recinto, ladeado de fruteiras, de doceiras, de belfurinheiros. Os amigos, conhecidos das encruzilhadas, abraçavam-se e jubilavam como em véspera duma assaltada auspiciosa. Os assassinos contavam ufanamente as proezas que a justiça sublimara às alturas da forca. As mulheres dos condenados riam com eles, como esquecidas das galés.

A onda do vinho banhava, como a onda do Letes, todas aquelas memórias. Alguma vez estrugia na cara dum o soco prometido, ou provocado no momento; mas o alarido era tamanho, e o socado odiava tanto os processos criminais, que se calava com o mimo, e fazia as pazes mediante a meia canada conciliadora. Aí era então o armarem-se paixões entre o preso e a presa, que a um recanto murmuravam seus colóquios, como se, à sombra do salgueiro, remirando-se nas águas, se estivessem à compita de finezas.

Aí foi, pois, que Joaquim e Quitéria se identificaram numa só aspiração ao impossível de se ajuntarem decorosamente sobre a terra.

A consorte do mestre mordia-se de raiva, quando os surpreendia a trocar olhares enternecidos; o marido de Quitéria, mais racional que cioso, ia saber do carcereiro se sua mulher estaria segura na enxovia. Basta filosofia tinha ele para resignar ao coração da gentil esposa: o que ele queria era a incorruptibilidade daquilo que o Evangelho lhe dizia que era seu: «A carne da sua carne, e o osso

do seu osso.» Mestre Joaquim estava condenado a dois anos de prisão, e a senhora Quitéria a quatro. A liberdade lá lhes sorria ao longe; mas a liberdade de se amarem, quem lha daria?

Deu-lha um estupendo acaso. A mulher do mestre morreu de fome, e o marido de Quitéria morreu de indigestão. Em menos de seis meses, ansiosos de infecunda ternura, os dois amantes estavam livres.

Decorridos alguns dias de irrequieto desejo, honesto desejo de se matrimoniarem, legalizaram canonicamente os seus papéis, e receberam-se no altar da enfermaria, onde as testemunhas disseram que nunca ajoelhara noiva de mais chibança!

Desta doce união nasceram dois meninos em dois anos, ao fim dos quais o alfaiate cumpriu sentença, e saiu livre. Quitéria ficou a cumprir a sua, cheia de saudades, que o marido refrigerava com amiudadas visitas, enquanto as autoridades não proibiram a comunicação de maridos, que tivessem sido presos, com as mulheres ainda encarceradas.

Penetrou de morte o coração de Quitéria esta punhalada do mal compreendido arbítrio da autoridade. Requereu ela com a eloquência da paixão, pedindo as consolações do esposo; mas a regra estabelecida não podia ser quebrantada.

Foi um pasmar a rapidez com que desmedrou o sadio semblante de Quitéria! Envelheceu em seis meses. O fel da saudade empeçonhou-lhe a índole, que era dada e benfazeja. Como juíza que era da enxovia, tornou-se selvagem, feroz e intolerável. Para maior suplício, devoravam-na ciúmes do marido, a ponto de lhe arremessar púcaros e garrafas da grade, quando ele parava na rua a fitá-la com lagrimosos olhos. Logo que um acaso lhe deu ansa a confirmar suspeitas, rebentou a bomba em estilhaços que malferiram a reputação da filha dum guarda. Requereu querela contra o marido, e contra a suposta rival. A queixa era tão absurda, ou tão sem esperanças de ganância, que nenhum procurador a tomou a seu cargo. O leal esposo dava-lhe sobejas explicações de sua inocência; mas Quitéria

exasperava-se e batia com a testa nas grades, quando estendia por elas os braços enganados pelo desejo de colher às mãos o pescoço do marido.

Aquela mocetona, cujas carnes roeram os vermes do ciúme, deixou de erguer-se um dia, e foi transferida para a enfermaria.

Foi permitido ao marido visitá-la, e com branduras e carícias cuidou remoçar a criatura, que amava ainda na nublosa imagem do passado, tão perto deles. Dava-lhe para os braços as crianças, que ela afastava com rude gesto. Cuidava em distraí-la da tenebrosa tristeza com as descrições da vida livre, que já vinha perto. Não se abria um riso nos lábios da moça, porque nenhum lampejo de esperança a chamava aos seus anelados prazeres da liberdade.

Há poucos dias que eu entrei na Relação a esclarecer pontos duvidosos nas minhas recordações, e passou por mim, na escada, o esquife da Misericórdia, que levava Quitéria a descansar numa cova d' Agramonte.

Perguntei pelo marido, e responderam-me que estava a expirar, espumando, como ela, o pulmão a pedaços.

— Ó Margarida! minha irmãzinha! onde eu te vim topar!
Clamava uma mulher da rua para a janela da enfermaria.
A sentinela aproximou-se da mulher, e disse-lhe:

— É proibido falar para as grades.

— Mas vejo ali minha irmã, que não via há três anos! — disse ela, com as mãos fechadas em postura implorante.

— Não quero saber de contos: retire-se.

Minutos depois subiu a mulher ao escritório da Relação, e pediu licença para falar com sua irmã.

Foi-lhe concedida. E eu esperei.

Desceu da enfermaria Margarida, e recebeu impassível os abraços e clamorosas exclamações da irmã.

As perguntas que esta lhe fazia eram-me ininteligíveis por serem em segredo. O que Margarida respondia serenamente fazia benzer a irmã.

Separaram-se, uma debulhada em lágrimas, a outra serena como descera.

No dia imediato saía eu da cadeia, e vi no pátio a mulher.

Acerquei-me dela, e perguntei-lhe porque chorava. Levantou-se, e perguntou-me se eu era desembargador. Folguei de me ver assim conceituado pela gravidade do meu aspeto; mas tive de me despir do prestígio aos olhos da criatura.

— Vi-a ontem — disse-lhe eu — a conversar com sua irmã Margarida. Porque está ela presa?

— Oh senhor! — exclamou ela — aquilo é fado!

— Mas, se lhe não custa, diga-me como é que vossemecê ignorava que sua irmã estava aqui.

— Pois eu podia lá cuidar que a nossa Margarida estava nos ferros d' el-rei!...

— Naturalmente fugiu de casa? — adiantei eu para encarrear a história.

— Foi o pecado, senhor! Minha mãe, Deus lhe perdoe, morreu estarrecida, e meu pai não vai longe, e morre de pasmo em sabendo que ela aqui está.

— Ora diga-me: como foi que ela fugiu? Talvez seduzida por algum malvado que a deixou!...

— Não foi isso; antes fosse isso, que enfim, como o outro que diz, umas vezes se cai, outras se ergue a gente.

— Então foi talvez com medo de algum castigo... Conte sem medo o que foi, porque o crime por que sua irmã está condenada sei-o eu.

— Sabe?!

— Sei: é um ano de cadeia que ela há de cumprir, por ter furtado um anel de ouro ao patrão.

A mulher sentou-se de golpe, escondeu no regaço o rosto, e deteve-se em arquejos e soluços.

Quando a vi mais desafogada, instei:

— Descanse, e diga-me o que souber, que há de ficar mais aliviada em desabafando.

A lavradeira encarou-me com muita atenção, e disse-me:

— Olhe, senhor, esta minha irmã, desde muito menina, pilhava quanto podia em casa, e dava tudo por coisas de nada, que não valiam um chavo galego. Depois, deu lá com uma vizinha, que a aconselhou a roubar os lençóis, as toalhas, a carne dos cevados e os franguinhos. Meu pai dava-lhe a bom dar; mas era o mesmo que nada. Assim que visse dinheiro, ou tesoura, ou lenço, era uma limpeza em tudo. Meu pai arranjou a ser presa a vizinha, e lá a teve na cadeia de Ponte do Lima até que a levou a breca. Neste entrementes, a nossa Margarida já não roubava, porque não tinha a

quem dar as coisas. A gente estava sempre a dar graças ao Senhor por lhe tirar aquela ruim inclinação... Nós, graças a Deus, temos muito, e éramos só três; eu, ela e um meu irmãozinho, que quis embarcar para o Brasil, e eu vim despedir, e mais o meu tio do Eirô. Vai senão quando, como eu disse, a rapariga estava outra, que era mesmo um louvar ao Senhor e a sua Mãe Santíssima, que nos fez o milagre, e até à conta disso eu fui à Senhora dos Remédios levar-lhe uma vela de cera, grossa como um fueiro, e minha mãe, Deus lhe fale n' alma, também foi de romaria ao Bom Jesus do Monte. Ali pelo tempo das castanhas, a minha Margarida foi passar uma temporada até à matança dos cevados, com licença de vossemecê, à Portela do Meio, onde está casada uma minha tia com meu tio João do Ribeirinho, que também já lá está. Logo adiante uns dias, veio onde a nós o tio João, e disse a minha mãe que andava em aflições, porque lhe tinham roubado uma caixa de prata, que um homem de Ponte lá tinha empenhada, e mais um dobrão de cinco moedas d' ouro, que lá estava também de penhor. Assim que isto ouvimos, deu-me um toque cá dentro, que mesmo parece que me caiu a espinhela, salvo tal lugar. Minha mãe fez-se vermelha como uma laranja, e meu pai entrou a tremer, a tremer, a tremer como canas verdes. E vai ao depois, minha mãe pega a chorar, e tirar do interior uns ais que era mesmo um clamor. 'Tu que tens, Maria? — disse o tio João — Parece que estás atrigada! Ó mulher, não chores, que eu, graças a Deus, ainda lá tenho uns bezerros, que venda para pagar a caixa a mais o dobrão. Tantos diabos levem quem os levou, como de reais valiam os penhores.' — 'Credo! credo!' — disse minha mãe a caminhar daqui pr' ali, e a dar uns arrancos, e meu pai com as mãos agarradas à cabeça que era mesmo a fim do mundo. E vai ao depois, minha mãe pôs-se em giolhos, e disse à milagrosa imagem do Bom Jesus: 'Meu Senhor Jesus do Monte, levai para vós aquela desgraçadinha, tirai-a deste mundo pelas vossas cinco chagas.' Meu tio João estava assim a modo de aparvalhado sem saber o que vinha a ser aquilo, eis senão quando, meu pai chegou-se a ele, e disse-lhe: 'João, quem te roubou foi

a nossa Margarida; quem te há de pagar sou eu; mas manda-ma amanhã para casa.' Então é que meu tio ficou amarelo como cidra, e benzeu-se com ambas as mãos. Foi-se embora, e voltou ao outro dia com a nossa Margarida. Meu pai fechou-se com ela na casa da eira, e deu, deu, deu até não poder mais. A minha desgraçada irmã confessou que tinha roubado a caixa e o dobrão; mas que tinha tudo enterrado no vão dum pinheiro manso que está mesmo na picota do montado do Manuel da Igreja. Foi lá meu pai, a mais ela, e deu com tudo metido na terra, e coberto de calhaus. Ficou assim muito tempo a rapariga sem roubar nada. A gente andava sempre a esconder tudo dela, que era mesmo uma vergonha para os vizinhos, que sabiam tudo. Ai, senhor, o que é fado há de cumprir-se; como o outro que diz, mais por aqui, mais por ali, quem tem de correr o seu fadário, lá vai bater. Lá na nossa terra há um senhor padre, chamado Amaro, que vai às vezes para Braga, e deixa ficar a chave da casa a meu pai, e leva consigo a moça, que, pelos modos,... sim...

— Entendo: faz favor de continuar. O padre Amaro deixava a chave a seu pai...

— É como diz; e vai, uma vez ele foi, e a chave ficou no prego da casa da tulha. Ninguém deu fé dela faltar; mas o senhor padre, quando veio, mal tinha entrado, pega a barregar que estava roubado. A gente correu lá, e vimos o senhor padre Amaro com as mãos agarradas à cabeça, a clamar que lhe tinham roubado dez peças de oito mil reis em ouro, que ele tinha na gaveta da escrivaninha que estava arrombada. Meu pai salta a correr a casa em cata de Margarida, e não a topa. Vai pelos campos fora e pelo caminho a perguntar por ela; mas ninguém a vira. Andou por lá toda a santa noite, e de Margarida nem rasto. Voltou para casa, e vendeu a égua e uma vitela para pagar as dez peças. Botou editais na porta da igreja a dizer quem soubesse da sua filha lhe desse parte. Foi o mesmo que nada. Ficamos todos em acreditar que ela se botara a afogar; e minha mãe, tal paixão se lhe meteu no interior, que nunca mais endireitou, até morrer passadinha.

Suspendeu a narrativa, embargada pelos soluços, e continuou depois a mulher:

— Nunca mais soubemos dela; eu até botei luto, e meu pai, quando fez testamento, já lá pôs que tinha só uma filha e um filho. E vai agora, quando eu andava a ver a cadeia por fora, enquanto meu tio do Eirô ia comprar uma melancia, dou com a minha Margarida na janela!

Rompeu novamente o pranto a torrentes, e os meus olhos não estavam enxutos.

— Sua irmã — disse-lhe eu — tem a sua sentença quasi cumprida. Pode ser que os trabalhos a tenham emendado, e que ela ainda volte a ser uma sua boa irmã, e filha arrependida, digna do perdão de seu pai.

— Oxalá! mas isso bom é de dizer!... Aquilo é fado, senhor. Se vossemecê ouvisse o que ela ontem me dizia, quando eu estava a chorar...

— Que lhe dizia sua irmã?

— Que não tornava mais para casa, e que havia de roubar enquanto achasse quê.

— E ela disse-lhe por onde passara estes três anos? Um sei eu que o passou na cadeia; mas os outros dois?

— Olhe, senhor, disse-me que andara por aí enquanto lhe duraram as dez peças do senhor padre Amaro; depois... contou-me umas vergonhas tamanhas, que eu não tenho cara de as dizer...

— Perdeu-se? Fez-se má mulher?

— Ora aí está! Olhe vossemecê para que uma mãe cria uma filha ao seu peito!...

Nova e mais ansiada explosão de lágrimas!

— Depois — prossegui eu — foi obrigada a servir para ter que comer?

— Acho que sim.

— E furtou ao patrão o anel, e o patrão entregou-a à justiça.

— Ah! vossemecê sabe isso?

— Suponho que foi isso.

— Pois é tal e qual.

— Boa criatura, peça muito a Deus que dê a sua irmã uma nova alma, porque a justiça do mundo o que faz é matar a possibilidade da emenda.

A mulher não me entendeu.

Neste comenos chegou o tio do Eirô, e subiu com ela as escadas da cadeia para irem falar a Margarida.

À noite cogitei de vagar e com tristeza naquela incorrigível criminoso, no seu temperamento, na palavra *crime*, na palavra *castigo*, no livre arbítrio, no direito de castigar aleijões de organização, e lembrou-me de ter visto na *Reforma das cadeias* do senhor doutor Aires de Gouveia, uma página, que então reli, e reza deste teor:

«Se fordes a Windsor Castle e vos meterdes de gorra com os guardas que mostram o castelo, ouvireis que um dos filhos da rainha tem uma irresistível tendência para a rapina: é uma pega humana.»

Mais abaixo:

«O mesmo que se dava com o filho da soberana inglesa, dá-se também, segundo é voz pública, com o de um ilustre personagem francês.»

E segue:

«Aqui aparece uma criança com inclinação para o furto, ali uma com ela para briga sanguinosa com seus irmãos ou domésticos, acolá outro com propensão para mentiras prejudiciais, além ainda outro com ela para maltratar os animais. Do *nosso rei* D. Miguel» (O *nosso* é coisa particular do senhor doutor: é pronome possessivo no plural como usam os escritores de certo tomo. O entre parêntesis é que é meu.) «se conta que, já mancebo saído da puerícia, se entretinha a maltratar animais, chegando um dia a ser encontrado arrancando as tripas a uma galinha viva com um saca-rolhas.»

Destes e doutros factos infere o senhor doutor Aires que a maneira razoável de castigar os erros da organização, estranhos à

vontade do delinquente, não é matarem-no, é penitenciarem-no. Quer dizer que lhe não cortem a cabeça; mas que lhe mutilem na vida os órgãos todos, todas as liberdades, que lha possam fazer agradável e suportável: a liberdade de mover-se, de falar, de crer, de amar, de repousar, de trabalhar, segundo sua vocação, a liberdade mesmo de esperar sua reabilitação.

— De vagar! — exclama o professor — O criminoso reabilita-se! Não lhe vejo jeito, depois que o senhor doutor nos disse:

«O crime não nasce nunca de vontade diretamente esclarecida; não pode nascer. Dimana exclusivamente e inclusivamente da particular natureza complexa do criminoso, da desarmonia congénita ou adquirida dela. *O delicto é uma necessidade; o delinquente é um enfermo.*

«Completemos o nosso pensamento: o crime para o criminoso é como a virtude para o virtuoso, a feridade para o tigre, o veneno para a víbora, a poesia para o poeta, resultado da sua natureza, &c.»

Se isto tem siso comum — o que não é de todo o ponto averiguado — não se domestica o tigre, nem se desempeçonha a víbora, nem se moraliza o criminoso.

Noutro ponto deste livro me socorrerei ainda dos ditames do senhor doutor Aires em relanços que careçam de avocar a sibila à trípode.

Voltando a Margarida, eu creio que hão de matá-la a pedaços nas enxovias, sem lhe incutirem a ferro em brasa uma nova alma. Não me afoito à absurdez de reprovar o castigo, que o mesmo seria pregoar a impunidade do latrocínio. Ignoro mesmo se Deus deixou remédio para os defeitos das suas obras: confesso só que é um blasfemo atrevimento querer-lhas corrigir.

Buscar o remédio no sistema das cadeias consistiria em reclusão penitenciária, segundo aventa a moderna escola.

Penitenciária!

Se os crimes são involuntários, como se há de penitenciar o delinquente? Com que direito racional se lhe escalpela, fibra a fibra, a vida? Como hei de eu considerar social, humana e justa a lei

que demarcar um túmulo entre as quatro paredes dum cubículo, a Margarida, que é ladra pela mesma razão que o tigre é feroz, e peçonhenta a víbora, e poeta o poeta?

Abundo nas ideias dum filósofo que disse:

«O Criador conserva o homem e a mulher e o mundo, como eles são, por honra da firma.»

Este nosso Portugal é um país em que nem pode ser-se salteador de fama, de estrondo, de feroz sublimidade! Tudo aqui é pequeno: nem os ladrões chegam à craveira dos ladrões dos outros países! Todas as vocações morrem de garrote, quando se manifestam e apontam a extraordinários destinos. A Calábria é um desprezado retalho do mundo; mas tem dado salteadores de renome. Toda aquela Itália, tão rica, tão fértil de pintores, escultores, maestros, cantores, bailarinas, até em produzir quadrilhas de ladrões a bafejou o seu bom génio! Aí corre um grosso livro intitulado: *Salteadores célebres de Itália*. É ver como debaixo daquele céu está abalizada em alto ponto a graduação das vocações. Tudo grande, tudo magnífico, tudo fadado a viver com os vindouros, e a prelibar os deleites de sua imortalidade. Schiller, Victor Hugo, Charles Nodier, se fada má lhes malfadasse o berço em Portugal, teriam de inventar bandoleiros ilustres, a não quererem ir descrevê-los ao natural nos pináculos da república. Apenas um salteador noviço vinga destramente os primeiros ensaios numa escalada, sai a campo o administrador com os cabos, o alferes com o destacamento, o jornalismo com as suas lamúrias em defesa da propriedade, e a vocação do salteador gora-se nas mãos da justiça. Faltava o fio elétrico para tolher que vinguem os génios espicaçados pelo amor ao dinheiro amuado nas arcas dos proprietários, inimigos de empresas industriais, e da circulação monetária, artéria de primeira ordem na prosperidade

dum país. Faltava o telégrafo para matar à nascença as iniciativas auspiciosas. Apenas lá das povoações serranas desce à vila ou cidade a nova dum roubo, o arame palpita de horror, e a cara do ladrão é para logo litografada na fantasia de todos os esbirros sertanejos. A civilização é a rasa da igualdade: desadora as distinções; é forçoso que os bandoleiros tenham todos os mesmos tamanhos, e roubem civilizadamente, urbanamente. Ladrão de encruzilhada, que traz o peito à bala, e o bacamarte apontado ao inimigo, esse há de ser o bode expiatório dos seus confrades, mais alumiados e aquecidos do sol benéfico da civilização. Roubar industriosamente é engenho; saquear a ferro e fogo é roubo. Os daquela escola tropeçam nas honras, nos títulos, nos joelhos dos servís, que lhes rojam em venal humilhação; os outros, quando escorregam, acham-se encravados nos artigos 343, 349, 87, 433, 351, e mais cento e setenta artigos do Código Penal.

Diz algum tanto como exemplo desta lastimável anomalia a história de José Teixeira da Silva do Telhado, o mais afamado salteador deste século.

Vulto de romance não o tem, porque neste país nem se completam ladrões para o romance. Disse-me uma dama francesa de eminente espírito que em Portugal era a natureza, o céu e o ar que faziam os romances. Nem isso, minha senhora. Aqui anda sempre o gume do prosaísmo a podar os rebentões da natureza, mal eles inflorem. Frutos de servir para a novela, levantada da comezinha chaneza dum conto à lareira, nem mesmo os deixam amadurar na fama e nas façanhas de um salteador.

Se não, vejamos:

José do Telhado nasceu em 1816, na aldeia de Castelões, comarca de Penafiel. Seu pai era o famigerado Joaquim do Telhado, capitão de ladrões, valente como as armas, e raio devastador em franceses que ele matava, porque eram franceses, e porque eram ladrões, posto que, na qualidade de membro da nação espoliada, o senhor Joaquim chamasse somente a si o que era fazenda nacional. Um tio-avô de José Teixeira, chamado ele o *Sodiano*, já tinha

sido salteador de porte e infestara o Marão durante muitos anos. Se arripiássemos carreira na linhagem do senhor José do Telhado iríamos encontrar-lhe um avoengo em Roma, com uma sabina roubada no colo.

A infância de José Teixeira correu desassinalada dalgum facto que pressagiasse as porvindouras maldades. O pai escondia dos filhos o roubo e a arma homicida. Voltando das excursões demoradas explicava lícitamente a ausência, e regalava a família de farta mesa e esquisitas prendas do estrangeiro, cujos direitos ele não pagava de certo, nem as tomadias lhe eram encarregadas pelo fisco.

Tinha José Teixeira uma tia, irmã de sua mãe, casada em Lousada com um francês, hábil no lucrativo mester de castrador.

Este francês tinha uma filha, de toda a bizzarria e gentileza, muito estimada, e educada com certos ares de senhora. O primo já de criança a preferia a todas, e dos catorze anos em diante sentiu que o magoava a ausência. Saudoso dela, pediu ao tio que lhe ensinasse o ofício, e o tivesse consigo algum tempo de aprendizagem. O francês anuiu à proposta, e a moça, que adivinhara o segredo, não cabia na pele de contente.

Esteve José Teixeira cinco anos na companhia de sua prima, e desses anos falava ele com lágrimas, quando me contava pueris incidentes, entalhados em sua memória com o buril da paixão. Era a caça o seu emprego nas horas desocupadas; mas, as mais das vezes, o caçador assomava num outeiro, donde avistava a varanda, em que sua prima costurava, e aí estava contemplativo nela até que as sombras da noite, baixando da serra, lhe escondiam o lenço branco da prima, que o chamava a repetidos acenos.

Que era isto senão doce poesia, como ela abrolha nas mais bem formadas almas?

Onde estava o instinto do salteador naquele tempo?

Quando ele, ao descer a última quebrada da serra, colhia flores silvestres para tocar os cabelos da prima, que bom coração de Gessner, que eflúvios do meigo Florian lhe recendiam no ambiente da vida!

Forçado já pelo amor e pela honra, José Teixeira, aos dezenove anos, pediu sua prima ao pai. Negou-lha o francês, dizendo que estivera muitos anos a ganhar dote a sua filha para casá-la com lavrador abastado. O moço, amante e honrado, revelou ao tio a culpa, cujo remédio estava no casamento. O francês recebeu a confissão como insulto, e repeliu de si a violentos empurrões o sobrinho. José Teixeira escassamente pôde dizer a sua prima que lhe fosse leal, e o esperasse até ao dia em que ele pudesse desprezar o património.

Foi o moço para Lisboa, e jurou bandeiras no segundo regimento de lanceiros, denominado o da Rainha.

A esbelta figura de José Teixeira era o encanto dos oficiais. Nenhum camarada caía tão airoso na sela, nem meneava mais garboso a lança. O cavalo entendia-lhe o mais ligeiro tremor de pernas, e enfeitava-se orgulhoso do possante e galhardo moço, que lhe imbridava os ímpetos, para realçar-lhe as soberbas graças.

Na conhecida revolta dos marechais, em 1837, saiu José Teixeira na comitiva do duque de Saldanha, e mostrou quem era nos combates do Chão da Feira e Ruivães.

«Lá ouvi — me dizia ele — a cantiga das primeiras balas, e algumas me queimaram o cabelo, e vinham dizer-me ao ouvido que estivesse sossegado. O barão de Setúbal disse-me uma vez que choviam balas; e eu mostrei-lhe a lança, e disse: cá está o guarda-chuva, meu general: deixe chover!»

Não esqueceu o valente Schwalback o afoito gracejo, quando a derrota lhe desordenava as filas. Como, em remate da luta, tivesse de emigrar para Espanha, o barão de Setúbal levou consigo, como sua ordenança, José do Telhado.

Fez-se a convenção de Chaves, a tempo que o lanceiro recebia carta de sua prima, chamando-o a toda a pressa para se casarem com o consentimento do pai. Requereu o soldado a baixa, e obteve-a do barão de Vilar de Turpim, comandante da terceira divisão militar. Recebeu-o o francês em braços paternais, e dotou a filha com abundantes bens para mediania aldeã.

Ditosos derivaram os primeiros anos deste suspirado enlace. José do Telhado era querido dos seus vizinhos, porque aos ricos nada pedia, e aos pobres dava os sobejos da sua renda e do seu trabalho de castrador. O seu primeiro filho era o complemento daquela conjugal felicidade; e os outros que depois vieram a mais a aumentavam, porque sobrava o pão e o agasalho para todos.

Quem não invejaria José do Telhado há dezoito anos? Quantos, benquistos hoje do mundo e afortunados, olhariam então cobiçosos para o teto do ditoso casal de Caíde?

José do Telhado, em 1845, levado de sua generosa intrepidez, defendeu, na feira de Penafiel, um vizinho perseguido por muitos. Foi luta grandemente desigual, donde ele saiu moribundo, arrancado dentre os muitos que caíram em roda dele. Venceu a morte, ladeado dos carinhos da esposa, que, com suas próprias mãos, lhe curava os ferimentos, e robustecia o espírito quebrantado pelo desaire.

Seguiu-se a revolução popular de 1846.

A populaça carecia de um chefe, e rejeitava os ilustres caudilhos que saíram de suas casas nobres a especularem com o braço do povo. Conclamaram à uma José Teixeira, e quasi o forçaram a comandá-los.

O chefe, conhecendo-se obscuro de mais para aceitar a responsabilidade e prestígio de cabecilha guerrilheiro, convenceu os seus amigos da precisão de se ajuntarem, sob outro chefe, às legiões populares que confluíam para a cidade heroica.

Entrou José do Telhado ao serviço da Junta na arma de cavalaria. Comprou cavalo, e fardou-se à sua custa a todo o primor. Repartia do seu dinheiro com os camaradas carecidos, e recebia as migalhas do cofre da Junta para valer aos que de sua casa nada tinham.

José Teixeira empenhou-se grandemente para satisfazer o que em parte era capricho, e em parte largueza d' alma.

Acompanhou a expedição a Valpaços, e foi dado como ordenança ao senhor visconde de Sá da Bandeira. As proezas cometidas nessa temerosa e mal sortida batalha estão escritas na condecoração da

Torre-e-Espada, que o general por sua própria mão lhe apresilhou na farda. Fora o caso que do cômodo duma ribanceira alguns soldados do regimento traidor apontavam as armas ao general, conturbado pela fumaça das descargas. José Teixeira arranca do cavalo a toda a brida, toma as rédeas do cavalo do general, e obriga-o a saltar um valado. Mal deram o salto, passaram as balas poucas polegadas acima da cabeça de ambos. A este tempo três soldados de cavalaria avançavam desapoderados sobre o visconde de Sá. José Teixeira embarga-lhes a arremetida, e desarma o primeiro dum golpe, fere mortalmente o segundo e persegue o terceiro, que fugia, até lhe arrancar a vida pelas costas. Quando voltou da façção já o general tinha suspensa a medalha, que o valente recebeu com mais delicadeza que entusiasmo de honras.

Feito o convênio de Gramido, José Teixeira arrancou as divisas de sargento e foi para casa, onde o esperava a saudosa e atribulada mulher com os seus cinco filhos.

Como se disse, a casa estava onerada de dívidas, os credores perseguiam-no, e as autoridades, avessas à sua política, esquadri-nhavam disfarces para o aflagirem.

Joaquim do Telhado, irmão de José, mantinha nessa época as tradições de família, saindo à estrada, com um séquito de populares foragidos à perseguição política.

Mal pude estudar o espírito de José Teixeira na penosa passagem de vida honrada para a malta de seu irmão. Averigüei artificiosamente aquela fase de sua alma; mas ele teimava nesta resposta:

— Eu via-me quasi pobre, e perseguido pelos credores e pelas autoridades. Pedi às pessoas importantes, que me sacrificaram, o patrocínio necessário para arranjar uma qualquer ocupação fora da minha terra; mas ninguém me atendeu. Contentar-me-ia com um lugar de guarda do contrato; e, se mo dessem, teria feito muitos serviços, e seria ainda hoje um homem útil e honrado, e teria educado os meus pobres meninos.

José Teixeira nunca proferiu as palavras *os meus pobres meninos*, que se lhe não vidrassem os olhos.

A hoste de Joaquim do Telhado, quando viu a adesão do valente José, nomeou-o chefe, e o irmão submeteu-se.

Estreou-se José Teixeira na noite de 12 de dezembro de 1849, salteando de surpresa uma casa na freguesia de Macieira, que tinha nomeada de rica em dinheiro velho. O proprietário, Maciel da Costa, foi ferido, e arrastado para confessar onde tinha a saca das peças, ao mesmo tempo que o criado, seu único doméstico, gemia amarrado de mãos para as costas, pedindo a Deus que terminasse depressa o inventário dos haveres de seu amo.

Era valioso o tesouro do lavrador, e a repartição foi equitativa.

Poucos dias depois, tirada a devassa, José Teixeira foi pronunciado com seu irmão, se bem que Joaquim já o estava nos célebres roubos de Canelas do Douro, Margaride e Baião.

A mulher de José Teixeira, quando soube que seu marido estava culpado num crime, que a infeliz nem sequer sonhara, tentou suicidar-se, e matar com ela os filhos. Contiveram-na eles, de todo desamparados pelo pai, que resolveu ir para o Brasil depois da pronúncia.

De feito, embarcou o fugitivo com passaporte na barca *Oliveira* em fins de 1849. Apresentou-se no Rio de Janeiro ao cônsul-geral, dando-se a profissão de carpinteiro. Passou à província do Rio Grande do Sul. Tirou em Porto Alegre passaporte para Santa Catarina. Visou-o em S. José, com destino a Sorocaba em marco de 1851, e já em novembro desse mesmo ano assaltava em Portugal a casa do doutor António Fabrício Lopes Monteiro, de Santa Marinha do Zêzere.

O Comércio do Porto, bosquejando uma biografia de José do Telhado, até à data da sua prisão em 1859, escreve que ele «voltou do Brasil, segundo se diz, por ter feito um grande roubo naquele império.»

Perguntei ao preso que razão teve para sair do Brasil.

— Saudades de minha mulher e dos meus meninos — respondeu.

— Mas é fama que o senhor fizera lá um grande roubo.

— É mentira. Eu andei por lá dezenove meses tão aflito do coração, que não parava em parte nenhuma. Cuidei de morrer de saudades, e por isso vim, sem já se me dar de ser preso e enforcado. O que eu queria era estar perto dos meus meninos, e morrer onde minha mulher me aparecesse à hora da morte.

Agora vão em fileira os crimes de José do Telhado, indicados no libelo geral de acusação, depois de sua volta a Portugal.

O assalto de Zêzere, já mencionado, foi infrutuoso por a desesperada tenacidade com que os sitiados se defenderam.

Seguiu-se o vulgarizado assalto de Carrapatelo, à casa de D. Ana Vitória de Abreu e Vasconcelos. Esta senhora estava com visitas, que tinham ido desanojá-la da morte de seu pai, falecido poucos dias antes. Era de noite. Os cães, reclusos em casa, latiam impacientes. Um criado abriu-lhes a porta, e pela abertura recebeu na cabeça um golpe de machado. Penetrou a horda na cozinha, e um dos invasores, para aquietar os gritos do criado, cortou-lhe a voz na garganta com uma bala de pistola. Entraram à saleta onde estavam as espavoridas senhoras, e trouxeram-as processionalmente à beira do cadáver, observando-lhes que teriam igual destino se fizessem motim, e não entregassem o dinheiro que estava em casa. Entregou a senhora sem hesitação o dinheiro e valores que tinha, exceto um anel, que José do Telhado urbanamente lhe devolveu, tirando-o da mão dum subordinado. O facto seria galante, se o chefe não dissesse, no mesmo ponto, que José Joaquim d' Abreu, o recém-morto pai da senhora, tinha trinta mil cruzados em moeda. A dama ignorava que tal dinheiro houvesse em sua casa, e respondeu que só sabia do que entregara. Foram, em seguimento a tal resposta, novamente conduzidas as senhoras ao espetáculo do cadáver, e ajoelharam para receberem a morte.

Neste lance, lembrou-se uma criada que o dinheiro poderia estar no quarto não aberto ainda, desde que o defunto saíra para a cova, e proferiu, em voz alta, a sua conjetura. Ficaram três sentinelas às damas, e José do Telhado entrou ao quarto, arrombou as gavetas,

e senhoreou-se das sacas do dinheiro. Voltando à cozinha, mandou erguer as moribundas senhoras, conduziu-as à saleta, onde as tinha encontrado, recomendou-lhes que estivessem caladinhas, que eram bonitas, fechou-as por fora, e retirou-se a passo mesurado.

Eram sete os quinhões a repartir do espólio, reputado em quarenta mil cruzados; mas, passados três meses, encontramos a mesma malta no lugar de Paradela, em Celorico de Basto, saqueando a casa de Domingos Gonçalves Camelo. Vê-se que tinham ambições arremessadas! Abundava aí dinheiro de remota herança, que a senhora Maria Francisca, amante da vida, denunciou à quarta ou quinta cronhada, que lhe deram, em igualdade com o marido.

Na noite de 22 de maio deu José do Telhado batalha campal à tropa, no local denominado «Eira dos Mouros». O destacamento de infantaria 2 conseguira capturar dois salteadores, e descera com eles a uma estalagem, para descansar. Aí o surpreendeu a horda com o chefe montado em fogosa égua. Chegou ele ao terreiro da estalagem, e exclamou: «Carregai com quartos, rapazes, que está aqui José do Telhado.»

Saiu fora a tropa, e empenhou-se um tiroteio, que rematou pela retirada do destacamento. O chefe sustentou sempre a vanguarda da avançada, fazendo fogo de pistola e clavina.

Estavam os dois salteadores prisioneiros na cavaliariça da estalagem: um fugira, logo que rompeu o fogo, o outro ficara na impossibilidade de erguer-se sobre as pernas cortadas de balas.

— Vem! — disse o capitão ao salteador ferido.

— Não posso: matem-me, que estou sem pernas.

— Faz o ato de contrição — retrucou o chefe.

O ferido resmoneou o ato de contrição, e a estalajadeira verteu lágrimas piedosas.

José do Telhado estirou-a com uma bofetada, e desfechou contra o peito do camarada, dizendo:

— Acabaram-se-te os teus trabalhos, e os meus estão em começo. Adeus! — O cadáver não podia responder a este saudoso *vale* do seu chefe.

O libelo acusatório diz que José do Telhado furtara uma junta de bois em 1853. Dizia-me o salteador que era esta acusação a maior afronta que podiam fazer-lhe. «Eu! furtrar uns bois! — exclamava enraivecido — Eu, que tantas juntas de bois por ali dei de esmola a caseiros pobres!»

Estavam cortadas todas as avenidas da povoação de José Teixeira pela polícia; sem embargo, raríssima era a noite que ele faltava em casa. Quando mais não fosse, beijava os filhos mais novos, tranquilizava a mulher, e ia pernoitar nas lapas conhecidas na serra ou a casa de dedicados amigos, uns de máxima valia, que o temiam, outros de baixa condição, que lhe exploravam as liberalidades.

Numa dessas noitadas cercou a polícia de Mancelos a casa onde ele dormia. José do Telhado aquietou os terrores do seu hospedeiro amigo, vestiu-se vagarosamente, abriu uma porta, e assomou no patamar da escada. O regedor gritou ao vê-lo, e chamou àquele ponto as dezenas dos cabos. O salteador voltou-lhes as costas, e saiu por outra porta, que eles tinham desguarnecido; mas, mal contente com a pirraça, voltou à chusma dos sitiantes, e mimoseou-os com dois tiros, um dos quais entrou nas costas do regedor. Depois subiu à serra, e esperou por lá o arraiaar da aurora.

Noutra noite, cercou-lhe a tropa a casa, estando ele no primeiro sono. Despertou-o a mulher, e ajudou-o a vestir muito de seu vagar. Caminhou para uma porta transversal, e retrocedeu a ir buscar o relógio esquecido, e a dar ordens ao criado para lhe conduzir de madrugada o cavalo a designado sítio. Abriu uma janela, e disse para os soldados:

— Que tal está a noite, rapazes?

Retirou da janela, e abriu a pequena porta, que defrontava com uma cortinha, para a qual relevava saltar por cima dum quinchoso. Aí estavam postados três soldados. José Teixeira aperrou a clavina de dois canos, e disse:

— Agachem-se, que quero saltar. Os dois primeiros que se moverem, passo por cima deles mortos.

Os soldados agacharam-se, e ele saltou. Já de dentro da cortinha, atirou dois pintos aos soldados, e disse-lhes:

— Tomai lá para matar o bicho à saúde de José do Telhado.

E foi seu caminho pacífica e detidamente como se andasse espreitando a toupeira no seu meloal. Teria ele tempo de palmilhar um oitavo de légua, quando lhe deram uma descarga.

Ousara o salteador a audácia de entrar em Vila Meã num dia de feira, e deter-se a provar dum vinho que lhe ofereceram. De repente vem para ele um redemoinho de povo armado. José Teixeira sai do terreiro a passo rápido, encontra fora da feira um lavrador bem montado em travada égua, apeia o lavrador, que obedece pasmado e algum tanto apertado pela mão de ferro, cavalga a égua, e diz um adeus de chapéu aos centenaes de homens, que o corriam e apupavam. A meia légua encontrou um passageiro; apeou-se, entregou-lhe a égua, e disse-lhe: «Pergunte na feira pelo dono desta burra, entregue-lha, e diga-lhe que, se José do Telhado lhe for prestável, não tem mais que mandar.»

Estas investidas assustavam mediocremente o contumaz bandido.

Em 24 de fevereiro de 1859 foi ele visitar com os seus sequazes a senhora D. Ana Ricardina Ferreira Pinto de Carvalho, à sua casa de Senra, no concelho de Felgueiras. Como lá encontrasse uns homens, contra a sua expectativa, enfeixou-os numa corda, e mandou-os estar quietos, como uma gabela de achas. A senhora D. Ana sofreu alguns empurrões, até declarar onde tinha o dinheiro e coisas valiosas, com as quais se despediram, encarregando a dama de desapertar por caridade os jornaleiros que estavam emolhados.

José Teixeira folgava de entremeter incidentes cómicos nas suas assaltadas. A uma dama de Carrapatelo dera ele um beijo na despedida, e à mulher do senhor Camelo perguntara de que lhe servia o dinheiro, se não podia comprar uma cara mais nova e menos feia.

O senhor Bernardo José Machado, muito conhecido comerciante no Porto, ia um dia para Cerva, sua terra natal, e alcançara, a

distância curta do Torrão, um cavaleiro bem-posto no seu corpulento cavalo, e acamaradou-se com ele na jornada. Falavam vários assuntos, e caiu a propósito os perigos de viajar por tais sítios, infestados pelo terrível José do Telhado. O cavaleiro mostrou-se também horrorizado pela hipótese de o encontrarem, e ouviu da boca do senhor Machado a história dos flagícios do célebre bandleiro. Appearam numa estalagem, e jantaram o mais lautamente que podia ser. O cavaleiro mudara de estrada, e despediu-se do senhor Machado, que lhe ofereceu o seu préstimo. Pediu o comerciante a conta à estalajadeira, e soube que o outro sujeito pagara a despesa. Perguntou o viandante quem era aquele cavalheiro, e a mulher respondeu que era o José do Telhado.

É bem de ver que o senhor Machado, em vista do panegírico com que o brindara, não foi muito a seguro de o topar adiante com outra cara, ocasionando-lhe um facto novo para realçar a história.

Em março do mesmo ano, estava o senhor padre Albino José Teixeira esmoendo a copiosa ceia, brandamente refestelado no frouxel da sua poltrona, quando ouviu um grito agudo, vociferado por sua sobrinha Narcisa. Correu à cozinha, e viu um grupo de homens, com a menina filada pela gorja. Gritou o padre, e um salteador desfechou com ele; porém, como a escorva resistisse, o ladrão arrancou dum punhal, e correu sobre ele. José Teixeira susteve o ímpeto do covarde, e sacudiu-o a um lado com aspeto ameaçador. Continuou a gritar o padre, e acudiram vizinhos, que retiraram aleijados de ferimentos. No entanto as caixas e gavetas do padre ficaram disputando o vácuo com a cabeça teológica do seu dono. Consta que fora medrado o saque.

O libelo cerra a meda dos crimes de José do Telhado com a tentativa de evasão para reino estrangeiro sem passaporte.

A morte de José denominado o *Pequeno*, por antífrase, não vem incluída na acusação.

José Pequeno era agigantado de estatura, e o mais cruel da malta, comandada por José do Telhado.

Custava muito ao chefe refrear-lhe o instinto sanguinário; mas com melindre o fazia, porque o parceiro era o único de quem se ele receava em luta de braço a braço.

Andava José Pequeno cogitando no expediente mais azado a livrar-se de perseguições, e tentou-o o Demónio a atraiçoar os companheiros. Foi a malta surpreendida, estando ausente o denunciante. Comandava a força o destemido Adriano José de Carvalho e Melo, administrador do Marco de Canaveses. Carregou tão brava a polícia sobre a chusma dos ladrões, que lhes foi remédio a fuga. Aí recebeu José Teixeira uma bala nas costas, a qual, segundo ele diz, o fizera saltar dez passos avante contra sua vontade. A bala produziu-lhe na coluna vertebral um choque elétrico meramente.

Ao outro dia José Teixeira teve de evidência que o seu companheiro o denunciara. Ao anoitecer foi à Lixa, onde pernoitava o traidor, entrou-lhe em casa, e disse-lhe:

— Não te quero matar à traição; previne-te como quiseres, que um de nós há de morrer aqui.

— Ou ambos! — disse José Pequeno, lançando mão da faca.

— Ou isso! — redarguiu José do Telhado, sacando duma tesoura — E acrescentou: — Hei de cortar-te com ela a língua.

A primeira arremetida que se fizeram, apagaram a luz da vela, e arcaram peito a peito. Revolveram-se na escuridade um quarto de hora, rugindo alternadamente injúrias e pragas ferozes. José Teixeira já tinha um braço rasgado; mas José Pequeno expedira o último rugido pela fenda, que as tesouras lhe abriram na garganta. O chefe ergueu o joelho de sobre o peito do cadáver, quando os dous gumes da tesoura se encontraram ao través da língua, que o denunciara.

O homicida apareceu na Lixa ao outro dia, e disse à multidão parada à porta do morto:

— Se não sabem quem matou este traidor aqui o têm.

E passou adiante, obrigando o cavalo a garbosas upas.

Coisa é digna de reparo que o ministério público não desse querela contra o assassino. Bem pensada a irregularidade, dá de

si que a moral pública, representada pela polícia criminal e administrativa, propôs um voto de gratidão ao matador do formidável celerado da Lixa.

José Teixeira deixou com vida muitos traidores, deliberando a final fugir para o Rio de Janeiro. Dois de seus sócios o denunciaram quando ele veio aforrado ao Porto, e se acantou na dispensa da mesma barca em que tinha ido para o Brasil, onze anos antes.

Não valeu ao mais cúmplice dos delatores salvo-conduto da denúncia. Foi ele o morgado de ***, que eu vi preso na cadeia de Penafiel, moço de vinte e cinco anos donosamente apessoado, com belas barbas negras e vestido com jaleca de alamares. Já então estava condenado a degredo por dez anos com trabalhos públicos; e José Teixeira, alguns meses depois, passando para o Marco de Canaveses, onde foi julgado, pernoitou na mesma prisão! Nenhum deles se deitou. Velaram a noite inteira, espiando-se, e esperando cada qual o ataque do outro.

José Teixeira, já nesse tempo amolgado pela desgraça, afeito às injúrias e aos desprezos, teria escassamente coragem para a defesa.

Disseram-me que o morgado de *** morrera na cadeia em agosto do ano passado.

O pavoroso caudilho de salteadores, encontrado de cócaras sobre três quintais de bolacha, no escondrijo da barca *Oliveira*, foi entregue a dois soldados da Municipal, que o conduziram pacificamente ao Carmo. Aí amarraram-lhe as mãos, e mandaram-no entre trinta baionetas para a cadeia, ladeadas de cavalaria.

Ridiculíssimo aparato de força para o homem inerte, que se deixara guiar por dois soldados! Não seria maravilha se José Teixeira os tomasse debaixo dos braços, e fugisse com eles.

Nos primeiros meses concorriam os curiosos a conhecerem o bandido. O escritório da cadeia era o tablado do espetáculo, em que o carcereiro exhibia o preso, sem lhe avaliar a dor daquele mais ignominioso lance da sua vida.

José Teixeira entrou para a Relação com seiscentos mil reis. Deu largas ao seu antigo prazer de esmolar necessitados, e em volta dele todos o eram. Alimentou e vestiu o parricida Mendes, seu secretário, advogado e particular amigo. Às levas de degredados distribuía grandes esmolos; e presos indigentes doutras repartições da Relação acharam sempre nele a ardente caridade que seria a glória e o Céu dum justo. Algumas vezes o visitou a mulher no cárcere, e rogava-lhe de mãos erguidas que dispendesse menos para ela poder com os rendimentos da mesquinha casa alimentar os filhos. O pai chorava com ela; mas parecia ter adotado filhos todos os presos famintos e nus.

A final empobreceu. Algum tempo ainda lhe mandou a mulher uma pequena mesada; mas a justiça sequestrara-lhe da casa o bastante para pagamento de custas. Adoeceu a golpeada mãe, quando seus quatro filhos lhe pediram inutilmente pão. O mais velho estava já no Brasil, enviado pelo pai, e prosperamente ocupado no comércio. Este, porém, nascido naquele feliz tempo, naquele ambiente da família honrada, nem respondia às cartas do pai, nem queria ouvir proferir-lhe o nome. José Teixeira dizia que o filho ingrato estava sendo o seu primeiro carrasco.

Cessaram as mesadas, e o preso sentiu a fome. Os favorecidos viram nele um preso de sua condição, logo que o sentiram pobre. Pediu ao parricida seis moedas, que lhe emprestara, e o devedor, que lhas não podia pagar, vingou-se denunciando-o como cúmplice numa tentativa de fuga.

As autoridades removeram-no para um quarto de malta, incommunicável e sem luz.

Bramia urros medonhos o infeliz naquela injusta e bárbara flagelação. Deram-lhe ao segundo dia a liberdade de ver a luz. Falei-lhe duma grade próxima, animei-o, e desde aquele dia fiz quanto pude para quebrar os espinhos da sua expiação, que não era a da lei nem a da caridade.

Chegou a véspera de ser levado ao tribunal do Marco de Canaveses, e não tinha dinheiro para suas despesas de jornada, nem vinte

e cinco moedas para pagar a defesa ao doutor Marcelino de Matos, com quem no princípio se ajustara por cinquenta. Escreveu-lhe esta carta, cujo autógrafo conservo, porque há nele vestígios de lágrimas:

«Dou parte a vossa senhoria que até agora nada pude arranjar. Mande empenhar a minha roupa. Se alguma coisa arranjar, participarei; se não, mande-me vossa senhoria os papéis para eu os entregar ao defensor, que o for por caridade. *Etc.*»

Marcelino de Matos defendeu gratuitamente o seu cliente. Querer dar-lhe a liberdade era um paradoxo; querer salvá-lo da pena capital era um arrojo. E salvou-o! Não foi o sofisma que embaiu os jurados; foi a sincera e comovida eloquência, que os pungiu a lágrimas. Muitas deviam ser necessárias para lavar tanta nódoa de sangue acusador! Acaso iria o patrono, ladeando os abismos daquele facínora, até o encontrar sentado à beira do berço de seu primeiro filho, refletindo aos lábios da esposa amada o sorriso da criancinha dormente? Vê-lo-ia no viso do outeiro, onde ele ia aos dezoito anos, com imaculada alma, colher as flores para os cabelos negros daquela menina, que ali estava enferma e decrépita nas escadas do tribunal, com a face encostada ao rosto descarnado de seus filhos famintos? Relancearam-lhe no espírito os feitos ilustres daquele réu nos momentos em que, ao relâmpago dos pelouros, ele cuidava ver o caminho da glória e da honra dos valentes?

Marcelino de Matos venceu muito; fez que José do Telhado fosse julgado como réu de uma única morte sem premeditação, e como caluniado na maioria dos roubos arguidos. Fez muito ali, onde estavam as testemunhas, os roubados, os feridos, a multidão que o vira, ou só o vira pelos olhos do seu terror!

José Teixeira foi condenado a degredo perpétuo com trabalhos públicos.

A meio caminho, quando voltava ao antecipado inferno da reclusão incomunicável, encontrou sua mulher, que lhe saiu a despedir-se... para sempre!

Lembrariam eles os anos de sua infância? As alegrias dos primeiros dias em que se amaram? O júbilo doido com que ela

lhe escreveu a chamá-lo de Chaves para se casarem? A paz, a probidade, e a fartura de oito anos com os seus cinco meninos asseados, nutridos, e quinhoeiros dos contentamentos de seus pais? Se as lágrimas daquela mulher coaram ao coração do marido, será absurdo dizer que lá geraram remorsos, e os remorsos iriam a Deus numa oração de agonias, oração que, piedosamente cremos, Deus não enjeita?

O condenado sofreu ainda alguns dias a soledade no cárcere. Depois a crueza fatigou-se de esmagar a desgraça, o onagro compadeceu-se do leão moribundo, e recolheu as ferraduras contundentes. Foi concedido a José do Telhado passear nos corredores, com privação de entrar nos quartos dos presos. Entrava no meu, tremendo do castigo cominativo. Eu aquietava-lhe o susto com aceitar a responsabilidade da transgressão, e o pobre homem já não tinha senão lágrimas para conversar, e um desejo sincero de morrer.

Um dia, quando eu já era livre, foi-lhe intimada imprevista ordem de embarcar para Lisboa. José Teixeira entroixou a sua pequenina bagagem, desceu a entrar na escolta, estendeu os pulsos às cordas, e pediu a um preso circunstante um vintém de esmola para cigarros. E recebeu a esmola mais alegre do que tinha recebido, em Valpaços, uma condecoração por ter salvado a vida ao *Bayard* português.*

* Os jornais têm contado façanhas de José Teixeira do Telhado contra a negraria. O comércio d' África deve-lhe muito, e espera muito mais daquele braço de ferro, e sede de sangue. Os pretos é que pagam os agravos, que os brancos lhe fizeram cá. Se José Teixeira for esperto, pode morrer, pelo menos, rei daqueles sitios. (*Nota da segunda edição.*)

Eu tive, há nove anos, um barbeiro na Foz, que era mesmo um D. João de Marana, na alma somente, que no corpo dava a lembrar o fabulista da Frígia, que as mulheres amaram muito.

O senhor Tomé, sobre ser expansivo, era jactancioso de suas conquistas, que fatuamente me contava. Uma vez me revelou, meio orgulhoso, meio compadecido, tal qual o faria um elegante de primeira plana, que uma criada de servir fora despedida por causa dele, e outra espancada pela ama por ter deixado esturrar a calda do arroz — tudo no mesmo dia!

Não pensem, porém, que o senhor Tomé fosse sempre ditoso naquele seu viver de rosas. As muitas rosas afogam, às vezes, os seus sibaritas, como aconteceu no festim de Heliogábalo.

Quando ele tinha vinte anos, trinta e quatro antes da época em que o conheci, casou com uma treda, que lhe fugiu com um cabo de esquadra. Sofreu muito por espaço de uma semana o senhor Tomé, e depois fez-se cínico. Nunca vi nada mais parecido com os grandes heróis dos grandes romances, desculpados em sua devassidão pelas injúrias que receberam quando creram e amaram. A história do senhor Tomé é a de Byron, é a de Werner, é a de Fausto, é a de Alfred de Musset, é a de Espronceda, e a de muita gente obscura, que não conta as suas maldades.

Contava já os seus cinquenta e quatro o senhor Tomé, e tinha ainda na alma basto fel, que cuspir à face da sociedade. O Demónio

sabe que satânico júbilo foi o do energúmeno, sabendo que a cozinheira apanhara por deixar esturrar a calda do arroz, à conta dele! Para maiores represálias estava sedento aquele coração de vítimas, o coração do senhor Tomé, que era um recetáculo de víboras, uma forja de frechas, onde um sujo cupido, gerado no orco, se aninhara para opróbrio e desgraça das criadas de servir.

— Senhor Tomé! — dizia-lhe eu há nove anos — Vossemecê não há de ter bom fim! Perdoe ao mundo a afronta que lhe fez uma mulher, e deixe as outras em paz com a sua inocência, e as cozinheiras com as suas obrigações. Nesse andar, vossemecê, qualquer hora, perde o aprumo do seu lombo, se não for de todo deslombado. Agradeça à fortuna selvagem e estúpida dos felizes chegar a essa idade com a sua cabeça normal; agora perdoe e descanse. A geração nova o irá vingando, se tem sede de vingança.

O senhor Tomé, ao dia seguinte destas e doutras que tais admonendas, vinha contar-me que endoidecera uma fruteira, e trazia debaixo d'olho uma vendedeira de pastéis de Santa Clara e manjar branco. Quinze dias passados a fruteira arrepejava a dos pastéis, e esta era despedida do serviço das freiras por ter deixado esborrachar alguns manjares no calor da luta.

Era fatal o senhor Tomé! Noutro país, e com algum dinheiro, andaria já em romances, como o Saphy e o Vautrin. Em Portugal, e entalado na esfera de sua arte, morrerá barbeiro obscuro, e terá simplesmente a glória de entrar no Inferno com grande cortejo d'almas precipitadas lá por ele.

Poucas horas depois que entrei na cadeia recebi um bilhete, que dizia: «Tomé, o barbeiro que o serviu na Foz, pede humildemente a graça de o escanhoar na cadeia.»

— Que venha — disse eu ao portador, cuidando que ele morava d'ali perto.

Veio, e disse-me:

— Ainda me conhece?

— Está muito acabado, mestre!

— Se lhe parece!... Três anos de ferros!

— De ferros! pois vossemecê está preso?

— Aqui me trouxeram os meus trabalhos... A final acabou-se a sorte!

— Pois que foi, mestre? Algum desafio por causa da rapariga dos pastéis?

— Não, senhor. Eu estou aqui inocente, em minha consciência.

— Coisas d' amor, não é verdade?

— Ora! isso é de ver.

— Conte, senhor Tomé, conte, que vossemecê tem direito a ser ouvido perante a posteridade.

— Estava eu na Rua da Rainha como oficial dum barbeiro que tinha uma filha de treze para catorze anos, bonita como um cravo, e benfeita como uma imagem. Fiz-lhe dois dedos de namoro, e a pequena não andava muito fora da razão. Fui indo, indo, e quando mal me precatei estava apaixonado. Se eu fosse solteiro, palavra de honra que a pedia ao pai; mas um homem casado, quando adrega de apaixonar-se, ou mar, ou terra, como diz o ditado. A paixão é cega. Quando o coração pode mais que a cabeça, meu amiguinho, faz-se muita soma de asneira. Tanto faz dar-lhe, como não: um homem há de ir com a cara pr'a diante, e mostrar que é homem. Um dia tentou-me o Demónio, e eu dei um beijo no rostinho da pequena, e ela pegou a gritar pelo pai, e a dizer que eu lhe dera um abraço. O pai rompe contra mim, dizendo que eu lhe tinha inviolado a sua filha. Prenderam-me, e tiveram-me aqui oito meses sem me julgarem; e julgaram-me depois para me condenarem a três anos de prisão. Aqui tem a minha triste história!... Esta só a mim acontece! Ainda ontem no *Braz Tisana* li uns versos em que o autor pede um beijo a uma menina, e não me consta que o pai da menina querelasse do poeta. Por um beijo três anos e sete meses de cadeia. Veja o senhor com que consciência os jurados me provaram o crime do beijo.

— Mestre! — exclamei — A Providência não é mentira. Vossemecê foi castigado por crimes que ainda clamam justiça, e o beijo foi o pretexto de que lançou mão o oculto juiz das consciências.

Lembre-se da moça que deixou esturrar a calda do arroz; lembre-se daqueles manjares brancos esborrachados; lembre-se da fruteira que esmagou o melhor melão do gigo. Curve a cabeça penitente, e ofereça as suas dores em desconto doutras maiores, que o esperavam nas trevas inferiores, onde há o ranger dos dentes, mas decerto não há navalhas tão ásperas como as suas.

Tomé afiou a navalha na palma da mão, e disse:

— Deixe-me sair da cadeia, que eu me desferrarei. Então é que ela há de ser falada!

Das conversações que tive, no decurso dum ano, com o senhor Tomé, concluí que nenhuma cozinheira está livre de ser imolada à sua vingança. A injustiça que lhe fizeram foi uma nova enchente de peçonha que há de forçosamente sair em seduçções, raptos, adultérios, violações e impudicícias de todo o tamanho.

O senhor Tomé saiu da cadeia em novembro do ano passado. Não sei que estragos tem feito, nem quantas vítimas giram penadas em volta daquele astro fatal!

XXVIII

Paula, rapariga de dezesseis anos, pálida, triste como a imagem da desgraça, e indiferente às torturas, como as santas, que não sentiam o martírio, entrou um dia no escritório da cadeia entre dois soldados, deu o seu nome e ocupação, e desceu serenamente à enxovia. Vinha arguida de infanticídio. Dezesseis anos! formosa! mãe! e infanticida!

— Saiba-me a história dessa rapariga — disse eu a um guarda. Voltou o guarda, passados dias, e disse-me:

— A rapariga não conta nada. Está sentada a um canto da enxovia, com a cara entre os joelhos, e não chora nem fala.

À segunda semana de presa foi levada à enfermaria, onde morreu quinze dias depois.

À cabeceira dela chegara algumas vezes uma voz compassiva, que lhe pedira o segredo da sua morte. Paula não tinha mais que dar em paga dos bens que recebera senão a sua história, que se cifra nisto:

Viera da Vila da Feira servir para uma casa do Porto quando tinha treze anos. Seus amos eram marido e mulher casados recentemente. Tratavam-na menos como serva e muito como amiga. A senhora enfeitava-a de suas roupas usadas. O patrão, a ocultava da esposa, anediava-lhe os cabelos, e gostava de a fazer purpurear com os beijos. Paula era inocente como os anjos, antes que os anjos pleitearam igualdade com Deus.

Da inocência dos beijos passou insensivelmente à inocência da desonra, e da desonra à imerecida punição da maternidade.

Não sabia a pobrezinha ainda chorar a sua queda; se soubesse, bastariam as lágrimas a denunciá-la.

Foi o tempo que a descobriu diante da esposa. Caridade para tais ultrajes, perdão para tais inocências, há de ainda nascer dos anjos a mulher sublimada a tais virtudes.

A esposa interrogou-a. Paula contou uma história tão simples, que azedou em dobro a ama. Era assim: Estava uma noite costurando, e esperando os senhores, que tinham ido ao teatro. Às dez horas entrou o dono da casa sozinho. Sentou-se à beira dela, beijou-a, falou-lhe uma linguagem nova, e ela ficou em silêncio. Acabe agora o período o padre Manuel Bernardes, apostólico varão, que me há de forrar da pecha de indiscreto: *E ainda que este mesmo silêncio era suficiente resposta para se entender que o empenho neste caso não era seguro, todavia cegou-se a razão: e a mesma razão dita que tomemos aqui a empréstimo o silêncio, de quem ocasionou a ruína.**

Interrogou a dama seu marido. Este respondeu confessando a culpa, fazendo um ato de contrição, com grande penitência de carinhos.

A criada foi expulsa na mesma hora, e a bonança voltou com o esquecimento.

Paula foi procurar a casa de sua mãe; achou-a fechada. Sentou-se no degrau, e esperou.

— Que fazes aí, Paula? — perguntou uma mulher que passava.

— Espero minha mãe.

— A boas horas, menina! Há oito dias que se deu à terra. Vem para minha casa; não chores.

Paula seguiu a amiga de sua mãe, e no dia seguinte foi procurar o abrigo de uma irmã casada num lugar distante.

* *Floresta*, lenda da mulher marinha, liv. 1.º, pág. 403.

A irmã encarou nela d'alto a baixo, e disse-lhe:

— Vieste aqui envergonhar-me!? Ainda bem que nossa mãe morreu antes de te ver assim. Filhos bastam-me os meus. Arranja-te lá onde puderes.

Paula voltou sobre seus passos, e pediu numa casa rica de sua terra que a tomassem para criada.

A ilustre dama olhou-a com reparo, perguntou-lhe quantos anos tinha, fez um trejeito de enojo, e disse:

— Não me serves: vai-te embora, e tem juízo, se quiseres ter pão.

Tornou Paula ao Porto, e passou numa rua onde estavam mulheres alegres e bem trajadas sentadas em cadeiras, ou debruçadas nas janelas. Uma chamou-a, e disse-lhe palavras de horrível significação. Paula seguiu seu caminho, e gastou os últimos vinténs, porque tinha fome.

Perguntou, na taverna onde comera, se alguém a tomaria por criada.

Mandaram-na a casa duma inculcadeira, que lhe respondeu:

— Passado algum tempo volte, que eu tenho incumbência duma ama-de-leite; e se quer cá estar eu a irei sustentando por pouco.

Paula ficou, e começou a vender a sua roupa.

Acaso vira um bom velho da sua terra; chamou-o, e contou-lhe a sua vida. O velho foi para a aldeia, e convenceu a má irmã a dar casa e um caldo a Paula. Foi a moça para casa de sua irmã, onde a esperavam os despezos e insultos do cunhado. Saiu humilde e grata à irmã, e foi à casa onde sua mãe morrera, e pediu ao velho que lhe emprestasse o aluguer do cardenho.

Fechou-se dias e noites sem pão nem luz; mas às vezes o caridoso ancião mandava-lhe o jantar, que ela repartia em três.

Uma noite sentiu-se atribulada; estava só; corria dum a outro canto da casinha, impelida pelas guinadas das dores.

Ouviu-a a vizinhança de madrugada, arrombaram a porta, e viram uma criança morta no pavimento térreo, e a um lado, sobre uma enxerga, Paula sem sentidos.

Ergueram o menino, e mostraram umas às outras as moleirinhas do crânio esmagadas.

— Matou o filho a desalmada! — disseram todas.

Chegou a nova ao regedor, e entraram facultativos a examinar a criança, e decidiram que tinha sinais de morte violenta.

Paula ignorava tudo, ou o idiotismo e a febre a deslembrou de tudo.

Saltou da enxerga para a rua num acesso. Era de noite, e andou léguas até ao dia. De madrugada encontraram-na sem alentos uns lavradores, e deram-lhe casa, cama, alimentos e socorros da medicina.

Convalesceu Paula, e fez caminho para o Porto. Procurou uma casa onde servir, e encontrou-a. Estava no fim da primeira semana, quando a prenderam como infanticida.

Já sabem o restante.

E devem também imaginar que o cavalheiro, marido da dama que expulsou Paula, é um moço feliz, que estava ontem no teatro lírico de binóculo posto para um camarote, em que sua mulher lhe mostrava um vestido de senhora muito mais rico e adornado que o seu.

Glória a Deus nas alturas.

Estava na Relação um sujeito conhecido pelo *homem elástico*. Principiara a vida comercial no Porto, e prometia boa saída, porque era mui azougado para o negócio, ágil, videiro, e propenso a ardis que, mal definidos, giram com o nome de velhacarias.

Este moço, para tirar proveito de tudo, e assim gratificar à Providência os dons que recebera, fez o melhor uso que podia da sua extrema magreza, introduzindo-se nos armazéns da alfândega por não sei que orifício, incapaz de dar passagem a uma ratazana das grandes.

Não sei se à saída ou à entrada foi preso o moço; o certo é que foi julgado e sentenciado às galés.

Era de esperar que o elastério, aproveitado para entrar na alfândega, lhe continuasse a servir para fugir da cadeia. Da primeira sortida saiu-se prosperamente nas dificuldades aparentemente insuperáveis; quando porém o julgariam livre todos, caiu nas mãos das sentinelas. Na segunda tentativa venceu impossíveis, escoando-se por grades onde mal entra a cabeça de um homem. Era intenção sua descer ao saguão da cadeia, e evadir-se ao abrirem-se de manhã as portas de comunicação para o pátio.

A façanha só pode espantar quem conhecer a altura dos quartos de malta ao saguão central, e o nenhum ponto de apoio que sirva de passagem duns andares para outros. O ardente desejo da liberdade não dá garras de ferro ao fugitivo para suspender-se das

cornijas, e cair a prumo sobre outras, que apenas formam relevo nas paredes lisas! Pois resvalou dumas às outras, até poder fazer o salto ao coberto do altar. Nesse salto, porém, tão desamparada foi a queda, que o preso desistiu da fuga, atalhado pelas dores. De madrugada foi encontrado no oratório, e reconduzido à enfermaria. Em breves dias removeram-o para Lisboa: mas tão ferido e canceroso da perna, que lhe cortaram logo.

Neste estado moveu o moço à compaixão as autoridades fiscais do Limoeiro, e obteve que a sentença de degredo lhe fosse comutada em prisão na cadeia do Porto.

O infeliz impressionara vivamente o Senhor D. Pedro V, na sua segunda visita aos presos. Dobrara ele o joelho único ao rei, pedindo-lhe a liberdade. Sua Majestade mandou tomar nota do nome e da espécie do crime. O perdão não chegou; mas a esperança, enquanto lhe não morreu com o rei, deu-lhe dias de alegria, que o fortaleceram para resistir ao desengano.

A maior injustiça que eu ainda vi desenfreada e às soltas na face da Terra foi a que prendeu os senhores Almeida e Manuel Caetano, a propósito duma tentativa de roubo ao senhor Lobo da Reboleira.

Vinham aqueles inofensivos cidadãos pelo seu caminho, mansos e quietos, e desprendidos de cobiça. Passaram à porta do capitalista no momento em que o senhor Lobo escorregava nas escadas íngremes e oleosas de sua casa, gritando que andavam ratoneiros lá dentro. O senhor Almeida, quando tal ouviu, receou que o tomassem por um dos salteadores, e estugou o passo. O senhor Manuel Caetano, menos amedrontado das suspeitas, mas temeroso de ser chamado como testemunha, fugiu também. Os vizinhos do senhor Lobo, vendo fugirem dois homens, e ouvindo os gritos da criada do milionário, correram atrás deles, e, auxiliados pela guarda do Banco, apanharam-os. São o queixoso e sua criada convidados a reconhecer os ladrões, e não os conhecem. São chamados os vizinhos, que os perseguiram, e asseveram a identidade das pessoas.

Aqui está a história contada pelos presos, únicos, a meu ver, que a podem contar como ela foi.

Mais haverá de oito meses que eles estão esperando que os julguem. Tomou cargo da defesa Marcelino de Matos.

Se o júri provar a inocência destes dois homens, qual é o artigo da lei que impõe ao ministério público o sacratíssimo dever de os indemnizar?

Devo crer que a mais pungente impressão, que recebi no cárcere, foi o senhor Almeida que ma deu.

Vivia ele num quarto escuro, onde a custo penetravam os olhos de quem passava. Um dia chegara-lhe a notícia de estar moribunda sua mulher. Trouxera-lha uma loira filhinha de oito anos. Almeida estava chorando com a menina sobre os joelhos; e ela com as pontas do seu lenço alimpava-lhe as lágrimas, consoante lhe escorregavam na face.

Encostei-me à parede donde não podia ser visto dele, e ouvi-lhe dizer à filha:

— Que será de mim e de teus irmãos se a mãe te morre?

Passados minutos a menina entrou ao meu quarto, e beijou-me as mãos, com os lábios ainda quentes das lágrimas agradecidas do pai.

Perguntei-lhe que doença tinha a mãe. A menina relanceou os olhos em redor, como receando que o pai a ouvisse, e respondeu-me:

— É fome.

Se Marcelino de Matos lesse esta página, e a tomasse como texto para a sua eloquência de caridade e de lágrimas, bem pode ser que o júri dissesse: «Ainda na suposição de que este pai de famílias, numa hora de impaciente fome, tentasse pedir com ilegal soberania ao milionário algumas migalhas para mulher e filhos, basta-lhe à expiação o sentar-se todas as manhãs dum ano de cárcere na sua enxerga, e perguntar a Deus quem lhe daria o pão do almoço a si e sua família!»

Havia naquele tempo ali um preso, que cumpria sentença por não sei que culpas. Era o meu alfaiate, e ótimo alfaiate, que tinha

seus oficiais, locatários da enxovia. Era um pasmar a pontualidade com que os retalhos da fazenda me eram restituídos! Duvido que ela fosse maior num mosteiro de monges beneditinos quando os monges exercitavam os ofícios necessários à ordem.

O quarto dos saraus era o do engenhoso artista, que tinha baralhos e dominó para os presos, e na tábua da mesa entalhados a esmero os nomes dos mais egrégios parceiros. Ali era também o local dos festins, quando algum novo preso entrava. É lá costume aceitar o recém-chegado das mãos do mais graduado um barril, conhecido por nome de *Joaninha*. Este barril há de vir tantas vezes cheio da taverna, quantas ele for vazio às mãos do preso. São alguns presos excetuados desta iniciação; mas não aconselho aos excetuados que aceitem a distinção, podendo remi-la a dinheiro, para se dispensar da formalidade de tomar o pipote. É bom cativar a estima daqueles vizinhos que de pouco se prendem. Os mais humildes são os maiores desgraçados, quando as consciências ilibadas se não pejam de descer até ao abismo deles. Agradecem-vos a consideração, e não abusam dela. Cuidam que os julgais suscetíveis de se reabilitarem para a honra, e nesse pensar já a índole lhes vai melhorada, e perde a pouco e pouco a sua fereza.

Eu descobri uma porção incorrupta em cada uma das almas que deixei bosquejadas. Abstenho-me de dizer que seria possível restituí-las sanadas à humanidade, porque desadoro utopias, e sinto-me convictamente materialista na perversão de certos indivíduos. Direi todavia que o descaridoso gravame que flagela o preso, se uma justiça misericordiosa o não aliviar, a cadeia continuará a ser um como fogo a que se aquilata a extrema maldade do criminoso. Assim é matar-lhe a alma, se os legisladores creem na alma. É roubar a Deus o que é de Deus, na hipótese de que o Criador há de chamar a si o que deu de sua imagem ao homem, quer este se chame santo, quer demónio.

Nos quatro últimos meses que precederam a minha apresentação na cadeia, experimentei o que é esterilidade, paralisia e ceguidão intelectual. Baldaram-se as obstinadas diligências que fiz, em diferentes lugares onde estanciei, acolhido por amigos ou parentes. Solicitara de mim a versão de um drama italiano a senhora Emília das Neves, artista, cujo merecimento obriga todo o escritor que pode aquinhoar das suas glórias. Traduzi a primeira cena em Briteiros, na quinta de Francisco Martins. Para mais de três meses andou aquele *tesouro literário* no meu saco-de-noite. Instou a estremada atriz pelo traslado do seu mimoso drama. Arremeti denodado à obra, e verti a segunda cena. Andava eu cobrando ardimento para a terceira, quando o senhor comissário régio dos teatros me fez saber que a tradução fora cometida ao senhor José da Silva Mendes Leal. Nunca as boas letras ganharam tanto com a inércia dum escritor, empedrado pelo infortúnio!

Já noutro relanço disse que os meus primeiros trabalhos na cadeia foram a tradução do *Ensaio sobre a arte de ser feliz*, de José Droz, e artigos de política, política inocentíssima, política de estilo para *O Nacional*.

Ao terceiro mês de prisão senti-me revigorizado para o trabalho, e com bastante sossego para prender o espírito às transformações da fantasia. Ensaiei-me, como quem começa, pelas leituras aturadas de livros portugueses. Quando a alma fugia das ideias alheias para

se infernar nas suas, lá ia a paciente razão arrancá-la, e de lá a vinha chamando com a luz da esperança que parece alimentar-se do mesmo óleo santo, que flameja e arde na lâmpada da religião.

Da leitura passei à escrita. Tracei alguns capítulos do romance *Anos de prosa*, para *A Revolução de Setembro*, e traduzi uma novela, muito aprazível e consolativa, para *O Comércio do Porto*. Convidado pelo editor Gomes da Fonseca, pus em linguagem a *Fanny* — romance esquisito que só tem os méritos de sua maliciosa voga, popularidade sobremodo significativa do derrancado paladar dos franceses e das francesas. Fez-me triste impressão saber eu que o senhor Fonseca publicava deslealmente o meu trabalho num *jornal de anúncios*, com não sei que fito ganancioso. Abaixo daquilo não sei onde está o paradeiro dum escritor decaído! Ri primeiro de mim, como quem se é de si próprio espectador nas farsas de sua vida; depois ri da benquerença dum jornalista, que fizera do jornal de anúncios a rasa campá da minha reputação, com o romance vertido, por epitáfio.

Escrevi *Revistas do Porto* nos jornais de Lisboa e parece-me que também escrevi *Revistas de Lisboa* nos jornais do Porto. Era de mais para quem não via nada! Formei parte duma redação programática para *O Nacional*, que esteve por um cabelo a ombrear com o *Times* em tamanho corpóreo e intelectual. Saíram-lhe os fados esqueléticos, e apenas se manteve em igualdade com o seu cofre de pagadoria.

Tomei parte na redação do *1.º de Dezembro*, jornal anti-ibérico, o qual valeria um Nuno Álvares e um Pinto Ribeiro se o iberismo não fosse um fantasma, e os apóstolos da nacionalidade uns terroristas, que já escassamente se aturam, de enfadonhos que são no palco. O jornal calou-se, há dias, deixando acamadas algumas resmas de mau papel e maus artigos, como pirâmide monumental de seu patriotismo. De crer é que não tenham outro padrão os preclaros heróis de 1640.

Escrevi também um epitáfio a pedido dum venerável sacerdote, que me julgou em maré cheia de inspirações fúnebres. Descreveu-me

as virtudes do morto em duas horas, pedindo-me que as mencionasse todas, incluindo nas virtudes ter sido grande gramático o defunto. Engenhei uma oitava, que era uma biografia completa. No dia seguinte veio o padre buscar sua encomenda, e chorou a jorros, principalmente no verso em que eu dizia que o defunto teria inventado a gramática, se ela não existisse antes dele. Encareceu-me o poemeto, comparando-o às melhores inspirações de Nicolau Tolentino, e isto era estreme e liso de intenção epigramática.

Depois doutras duas horas de glosas às virtudes aconsoantadas na oitava, o panegirista meteu a mão à algibeira, e estendeu-me o braço na postura desempenada de quem tira do bolso do colete um império.

— Aqui tem para almoçar! — exclamou.

Abriu a palma da mão, que parecia abater debaixo do peso de cinco tostões, e acrescentou:

— O que é bom paga-se bem!

Ora eu, que sempre fui entusiasta admirador dum quadro em que Hipócrates rejeita os tesouros de Artaxerxes com magnífico gesto de repulção, remedei exatamente o velho de Cós na atitude escultural.

— Padre! guarde os seus tesouros! — clamei com ênfase — Os gênios, quando se abrem, são gratuitos, como as nuvens que chovem a abundância do céu, e também fazem a lama na terra.

Respeitou o padre a independência da poesia, e foi-se nas boas horas.

Fui igualmente honrado com as remessas de álbuns, cujos donos acharam bonito possuírem uma página datada da cadeia. Poderei apenas nomear um dos cavalheiros que me enviaram o seu álbum, onde eu escrevi algumas linhas que falavam da amargura de minha alma. Se o leitor as lesse contristava-se, e, sendo-me inimigo, indultava-me de seu ódio. Pois o cavalheiro, cujo capricho delicadamente eu servira, aconteceu depois ser um dos sessenta jurados que deviam julgar-me, e um dos doze que me haviam de condenar, se eu o não recusasse, apenas lhe ouvi o nome: tão

manifesta fizera ele a sua ruim tenção, apregoando-a nos corredores do tribunal. Creio que era ourives, e apelidava-se Santa Ana o sujeito que eu denominei cavalheiro, por achar que lhe concerta o epíteto. Aí fica uma revelação que há de acarear-lhe amigos, e satisfação de sua dignidade e lavada consciência, porventura de quilate igual ao do seu ouro.

Do livro publicado com o título *Doze casamentos felizes* escrevi seis ou sete na cadeia. Senti prazer naquelas ficções, e orgulhei-me de ter nelas imaginado a vida como ela podia ser, sem desbarato do divino engenho que bafejou o lodo dos corações. Dediquei o livro ao senhor António Rodrigues Sampaio, que exercita a virtude da amizade, como se esta de per si abarcasse todos os ditames do Evangelho.

Coordenei em seguida os apontamentos, que me havia dado o falecido António José Coutinho, na novela intitulada: *Romance dum homem rico*. É o livro a que eu mais quero, e a meu juízo, o mais tolerável de quantos fiz. Estava ao meu lado um coração que eu ia desenhando naquela *Leonor*, da mão da qual eu me deixaria cair no abismo, se para cada homem pudessem abrir-se as fauces de dois abismos. Aquele padre, como todos os bons padres dos meus romances — e creio que os fiz sempre bons para andar sempre ao invés da verdade —, copiei-o duma exceção, como outras exceções, que o leitor conhece. É um padre António, que vive obscuríssimo numa aldeia chamada Samardã, em Trás-os-Montes, aldeia que Francisco Manuel do Nascimento, lá de Paris, metia a riso, quando queria dar terra a um selvagem, ou a um brasileiro. Para que me não tomem de esguelha o asserto, dou-lhe o exemplo em nota*.

* CONTO

*Saiu da Samardã certo pedreiro
Faminto de ouro, em busca da fortuna;
Embarca, vai-se ao Rio, deita às Minas,
E lida e fossa, e sua, arranca à terra
O luzente metal, que o vulgo adora.
Vem rico à Samardã; vinhas, searas,*

Nesta Samardã passei eu os descuidos e as alegrias da infância, na companhia de minha irmã, que ali casou, e daquele padre António d' Azevedo, alma de Deus, missionário fervoroso, que me podia ensinar tanto latim, tanta virtude, e só me ensinou princípios de cantochão, os quais me serviram de muito para as acertadas apreciações que eu fiz depois das primas-donas. Bem se via que eu tinha a prenda. Aquele santo homem ignora que eu escrevo novelas, nem cuida que a humanidade gaste o seu dinheiro e tempo a ler histórias estranhas à salvação. As raras cartas, que me envia, são todas a desandar-me deste caminho errado para o do sacerdócio, em que ele me promete cruces e alegrias, penitências e bem-aventuranças. Lá irei quando a sensibilidade, marasmada para as dores de hoje, carecer de mais afiado gume das dores futuras.

O romance escrito em seguimento daquele, foi o *Amor de perdição*. Desde menino que eu ouvia contar a triste história de meu tio paterno, Simão António Botelho. Minha tia, irmã dele, solicitada por minha curiosidade romanésca, estava sempre pronta a repetir o facto, aligado à sua mocidade.

Lembrou-me naturalmente, na cadeia, muitas vezes meu tio, que ali devera estar inscrito no livro das entradas, e no das saídas para o degredo. Folheei os livros desde 1800, e achei a notícia com

*Casas, móveis, baixela compra fofo;
Brocados veste, vai-se nos domingos
Españejar à igreja,¹ acompanhado
De lacaíos esbeltos; vem o cura
Saudá-lo co' a água benta.... etc.*

O brasileiro vai viajar a Paris e

volta enfadado

À sua Samardã....

exclamando:

*Gabam tal gente
De polida? Oh! mal haja quem tal disse!
Corri casas, palácios, corri ruas,
Não vi um só, nem grande, nem plebeu,
Que, ao passar, me corteje c' o chapéu.*

¹ Na Samardã não há vinhas, nem igreja, nem cura. Aqui está como são os poetas!

pouca fadiga, e alvoroços de contentamento, como se em minha alçada estivesse adornar-lhe a memória, como recompensa das suas trágicas agonias e afrontas em tão breve vida. Sabia eu que em casa de minha irmã estavam acantoados uns maços de papéis antigos, tendentes a esclarecer a nublada história de meu tio. Pedi aos contemporâneos que o conheceram notícias e miudezas, a fim de entrar de consciência naquele trabalho.

Escrevi o romance em quinze dias, os mais atormentados da minha vida. Tão horrorizada tenho deles a memória, que nunca mais abrirei o *Amor de perdição*, nem lhe passarei a lima sobre os defeitos nas edições futuras, se é que não saiu tolhiço incorrigível da primeira. Não sei se lá digo que meu tio Simão chorava, e se o leitor chorou com ele. De mim lhe juro que...

Agora me ia fugindo a alma com a pena para uma needade, que seria pueril e perdoável, se esta curva, que faço sobre a mesa, me não estivesse admoestando a retomar o prumo vertical em frente da desgraça.

Escrevi na cadeia outro romancinho, motivado por uma história que duas senhoras me haviam, de muito, pedido que pusesse em livro. Era muito para isso a história; mas faleciam ao bom desempenho dela as intenções, que só as masmorras podiam dar-me, sendo que a maior parte do entrecho decorreria naquela cadeia.

Folheei de novo os livros dos assentamentos, e achei o nome da senhora, que era a alma golpeada da tragédia, que as suas amigas me disseram.

Aqui é, pois, onde vem a propósito o romance, que releva ser lido, como se algumas sepulturas se abrissem ante o leitor, e os mortos lhe contassem, uns as flagelações, outros os remorsos, com que lá desceram.

Entrem de coração na seguinte página.

XXXI
MARTÍRIOS OBSCUROS

Passaram quarenta anos. Memória da mártir nenhuma há aí. Ninguém lhe conhece a sepultura em Santa Marinha de Gaia.

Os algozes passaram também. Pode a indignação ou a piedade falar deles sem temor de criar inimigos — terríveis inimigos os amigos dos celerados poderosos!

E o céu arqueia-se azulado e esplêndido sobre nossas cabeças. A nossos pés tapizam-se verduras de mil esmaltes. Rimos a tudo, quando pequenas contrariedades nos não enfadam.

Onde estão os mártires?

Quem é que sofre?

A nós, se o há, que nos importa o martírio?!

Ontem, hoje e sempre corremos essas ruas, e de nenhuma casa coou um gemido que nos chamasse o ânimo embebecido nos sublimes cálculos de acrescentar uma cifra ao valor que a sociedade nos dá. Os nossos amigos recebem-nos alegres no grémio de suas famílias risonhas e preocupadas no teatro de ontem, e no baile de amanhã.

Homens que eu já vi protegidos à sombra escura do seu plebeísmo, perpassaram por mim, há pouco, levantados em coxins de faetontes, tirados por urcos fumegantes. Outros, os indigentes, que sujavam o formoso quadro da universal alegria, deliu-os da face da Terra a esponja da morte. Se há miseráveis, eu não os vejo.

A vida é linda!
Onde estão os mártires?

Era cônsul espanhol no Porto, em 1816, D. Francisco de la Cueva. Aceitem da discrição do autor este apelido, que não é o verdadeiro, mas é o conveniente.

Casara D. Francisco em Vila Nova de Gaia com uma senhora de família comerciante, e por paixão casara, como em vulgar se diz, se o casamento é o resultado final dum namoro de seis meses, durante os quais os namorados se conversam seis vezes, e se escrevem todas as semanas, de modo que, na última carta, já mal sabem como variar as frases da primeira.

Isto se chama casamento de paixão.

Chamava-se Adelaide a senhora que tão despatrioticamente se dedicara ao castelhano, devotando-se do coração a um iberismo, o mais fatal de quantos há, se damas portuguesas seguissem o exemplo daquela.

Castigado foi o estrangeirado coração de Adelaide.

Era o cônsul moço, gentil, dado a amar com escândalo criaturas isentas de escrúpulos.

A esposa fora ciosa das rivais imaginárias, quando as não tinha. Convencida, porém, da deslealdade do marido, excedeu o exemplo das mais intolerantes esposas. Já no primeiro ano de casada fugiu à casa marital, e recolheu-se à dos pais. Decorridos meses conciliou-se com o marido, e voltou a casa, mais bravia que nunca, amargurando, já por hábito, a vida do espanhol, sem mesmo justificar as demasias do seu ciúme.

Eram ambos desditosos, como se tivessem casado por ódio, como se o contrato nupcial fosse o despedaçarem-se mutuamente.

Repetiu-se a fuga, e logo depois a reconciliação. Pessoas valiosas tomaram a peito congraçar as duas almas devoradas de impaciência, esperando aquietá-las com o tempo, que a pouco e pouco vai esfriando os ardores do ciúme, e o das deslealdades simultaneamente.

Terceira fuga ainda, por simplíssima causa. Recovaram a Adelaide que seu marido brindara uma dançarina espanhola com um par de castanhetas laçadas de fitas, onde se lia bordado a ouro o seu nome. Era calúnia. De crer é que D. Francisco de la Cueva admirasse os boleros de sua patrícia; mas, que eu saiba, castanhetas não lhe dera nenhuma.

O resultado da intriga foi Adelaide fugir, e atirar-se ao seio maternal, contando entre soluços o horror das castanhetas, que tão graciosas já foram aos olhos dum pontífice!

Desta feita anojou-se D. Francisco, a ponto de pedir licença ao seu governo, e retirar-se temporariamente para Madrid. Deu vasto brejo à calúnia para espojar-se semelhante passo. A sociedade, conhecedora do facto, deu razão à esposa, confirmando os amores com a dançarina sobre o acaso dela sair do teatro, cumprida sua escritura, e seguir a Madrid, onde tinha os pais.

Finda a licença voltou o cônsul para o Porto, e viu que o recebiam de má sombra as famílias suas conhecidas e de sua mulher, sendo que algumas pessoas de alto porte o ameaçavam da perda do consulado. Forçado pelo medo solicitou pazes com Adelaide, e aceitou as forcas caudinas de ir ele mesmo requerer-lhe a condescendência à casa paterna.

Voltou Adelaide.

A sociedade, esquisita em seus juízos, começou a rir da comédia; e o espanhol continuou a rir dos deveres conjugais; e a esposa traída relembrou as costumadas invetivas com que se ia mal pagando da perfídia.

Acontecera orfanar-se uma menina pobre, bem-educada, prima de Adelaide. Os parentes, cuidando que a solidão de Adelaide lhe era causa a cismar no seu mal recompensado amor de esposa, lembravam-se de aconselhá-la a aceitar em casa a prima pobre, que lhe seria excelente companheira, e doce contentamento de ação caridosa.

Anuiu Adelaide; e o cônsul, na esperança de amaciar assim as asperezas da consorte, condescendeu sem resistência.

Tinha uns dezenove anos formosíssimos Delfina. Se olhos e cabelos negrejassem menos tomá-la-íeis por fina beleza de Inglaterra: tão de cetim era a pele e o melindre das feições. Contra o engano de quem lhe inglesasse a beleza, protestava a correção de todas as formas, realçando a primor a dos pés e mãos, porções essenciais da mulher que só atinge o belo, quando vem amoldada nas formas perpetuadas por Milo ou Rafael.

Neste composto de beldades faltava o ar, o movimento, o clarão da alegria. Era melancólica Delfina como alma contínuo alanceada por presságio acerbo. Dava a pensar que o anjo de seu destino lhe estava sempre segredando fatalidades decretadas no Céu.

Diziam que eram saudades de pai e mãe as lágrimas dela. Delfina já se escondia para chorar, temerosa do bálsamo que vem agro como fel, quando a chaga é outra.

Já Adelaide dizia que a convivência da prima, em vez de adoçar, lhe exasperava as amarguras. Ora D. Francisco simpatizava com a tristeza de Delfina; mas escassamente a confortava, receoso do escrutar dos olhos da mulher. O que ele podia fazer, sem incutir suspeitas, era lisonjeá-la com quantos indiretos cuidados o coração lhe sugeria.

O coração?!

Era o coração; espantem-se; mas creiam. O espanhol amava-a, porque era linda, porque era meiga, porque era pobre, porque era humilde, porque era virtuosa, porque juntava à formosura a desgraça, a desgraça à pureza, e a pureza às lágrimas.

Amava-a ainda mais, porque não dizia, porque nunca pudera dizer-lhe que a amava.

Algumas vezes a prevenida esposa o surpreendeu, contemplando a prima. E o marido, conturbado pelos olhares da mulher, que eram flechas, mais se denunciava. O homem que ama é um tolo sublime.

Só de ânimo frio a gente sabe furtar-se a olhos de mulher ciosa. É o amor uma criança, que nos faz crianças em todas as idades. Uma sexagenária apaixonada arripia a carreira através de quarenta

primaveras, e volve aos seus vinte anos, e chega a purpurear-se como rosa, quando lhe tocam, de propósito ou de acaso, a fibra sensível remoçada. Homem de quarenta anos, devastado, encahecido, laureado por cem conquistas ou cem tolices — que diz o mesmo — se acerta de amar deveras, e inflamar-se, como lampeja a luz em finais clarões, torna-se menino, tem os sobressaltos dum galã, as ridiculezas da mocidade, e tudo o mais que vem em prova de que o amor, salvas as legítimas consequências do matrimónio, nunca pode ser ato sério, por mais sério que se nos ele incampe no romance e na tragédia.

Logo que Adelaide desconfiou das deferências do marido a sua prima, não havia que esperar milagres de prudência daquela afogueada alma. Saíram logo em baldão as indelicadezas, grosserias e desprezos contra a órfã.

Sofria paciente Delfina os maus gestos da benfeitora, não sabendo a que atribuí-los. Presumia que eram azedumes com o marido, e precisão de desabafar.

Um dia disse Adelaide à sua hóspeda:

— Meu marido tem-te dito algumas palavras, que eu não saiba?

— Não, prima! — respondeu a órfã — Que me há de ele ter dito que tu não ouvisses?

— Eu sei!... Meu marido é um doido, e tu és galantinha, Delfina... Que mais é necessário?

— Não entendo, prima... Que tem que eu seja bonita?

— Ora! não te faças criança! — replicou Adelaide risonha — Tens vinte anos, e estás farta de saber que meu marido gosta de ti, como todo o homem que tem olhos.

— E tu queres que teu marido não seja meu amigo? O que eu continuamente peço a Deus é que ele e tu sejam meus amigos para se não enfadarem de me ter em sua companhia, e me darem o abrigo que meus pais me não deixaram. O primo D. Francisco nunca me disse senão o que tu tens ouvido, prima! Uma vez pergunta-me a causa de minha tristeza; outras diz-me que vá contigo ao teatro,

e passar as noites a casa de nossos parentes e relações. Bem sabes as minhas respostas. Vivo triste, porque é este o meu génio e não por sentir o peso da dependência que o teu coração me faz suave. Deixo de ir ao teatro e às visitas por ver que a minha companhia te não é precisa. Se o fosse, iria, Adelaide; mas se me deixas ficar no meu quarto a trabalhar, ou ler, dás-me os raros prazeres que o meu triste génio me concede.

— Mas — atalhou Adelaide — o D. Francisco nunca te falou às escondidas de mim?

— Nunca.

— E uma noite que ele veio do teatro a casa ficando eu lá...

— Nem o vi. Perguntei à criada quem tocara a campainha, e ela disse-me que o primo viera ao escritório buscar uns papéis.

— Acredito-te, que já a criada me disse o mesmo.

— E é necessário que a criada to dissesse para me acreditares, prima?

— Não... isto é um modo de falar — disse Adelaide, sem perturbar-se com a censura humilde à sua desconfiança, e prosseguiu sempre aferroada pelo seu demónio do ciúme: — Se ele alguma vez te disser alguma coisa, contas-ma?

— Contarei, prima.

— E se te escrever?

— Se me escrever!?! Para que há de ele escrever-me?!

— A dizer-te que te ama... Olha que inocência!...

— Estás doida, Adelaide!

— Não estou, não; já te disse que D. Francisco é um perdido com mulheres, e tu mesma, sem querer, és capaz de lhe enlouquecer a cabeça.

Delfina meditou alguns momentos, e disse:

— Nunca pensei em tal, prima... Parece-me sonho o que me estás dizendo! Bem sabes que eu pouco sei do mundo. Vivi na aldeia desde que meu pai morreu. Passei oito anos a conversar com minha mãe, que só me falava da falta de meu pai, e do triste futuro que me esperava, se algum parente me não acudisse com

recursos para eu entrar num convento. Principio a abrir os olhos agora para ver que são possíveis coisas horrorosas que minha boa mãe me não disse, porque talvez as não soubesse. Disseste que me não fingisse criança, porque já tenho vinte anos. Tens razão... É preciso adivinhar tudo aos vinte anos. Agora sei que posso ser amada por teu marido, e posso ter a má condição de vir causar-te maiores desgostos, em paga dos benefícios que me tens feito.

— Não disse tal... — atalhou Adelaide — Conheço meu marido, e adivinho-lhe os pensamentos. Creio que serás sempre digna da minha confiança e amizade; e por isso te peço me digas o que eu não puder adivinhar. A minha ideia, priminha, é salvar-te de alguma grande desgraça, e poupar-me a um desgosto, que me havia de matar, se eu soubesse que tu, por inocência ou por amor, lhe alimentavas a paixão. Não vás tu cuidar que são infundadas as minhas suspeitas. Já agora hei de justificar-me. Um destes dias meu marido disse ao criado que lhe fosse lançar a correspondência ao correio. O criado pegou das cartas e pousou-as sobre aquela mesa enquanto acabava de sacudir os tapetes. Reparei no sobrescrito de todas, e vi uma dirigida a um espanhol, amigo íntimo dele, que já o tem cá vindo visitar. Não sei porquê, tive o pressentimento de que naquela carta se falava de ti, porque, demais a mais, sabia eu que D. Francisco não tinha segredos para o tal sujeito. Guardei a carta sem o criado dar fé! Abri-a,... e não me enganei... Espera um pouco, que eu vou buscá-la.

Enquanto Adelaide foi, Delfina amparou a face entre as mãos, e reteve a custo as lágrimas.

— Ei-la aqui! — disse Adelaide — eu leio-ta, que está escrita em espanhol.

E leu:

«Não te falei ainda dum anjo do Céu que alumia a escuridade da minha vida íntima. É uma prima de Adelaide, órfã, que se acolheu a minha casa, guiada pela Providência, que se compadece de mim... Tu nunca viste mais formosa mulher em Sevilha, em Granada, no

Aranjuez, na Porta-del-Sol! Os olhos lhe bastariam para a fazerem rainha do universo pela beleza; mas são tantos os encantos, que difícil é designar qual deles lhe dá a soberania! Ajunta a esta excelência de formas a mais bela alma que possa imaginar um santo; a humildade, que a diviniza; a melancolia, que a faz parecer anjo desterrado a esperar o chamamento de Deus!... Vê se podes conceber agora com que paixão adoro esta singular criatura! A voz me treme se lhe falo; mas ela é pura; nunca seus olhos viram noutros a paixão; nunca seus ouvidos ouviram expressões de amor, nem sabe quando o trémulo da voz e o silêncio do respeito significam amor que emudece, e que muitas vezes (e esta será uma delas!) depressa vai da mudez do respeito à mudez da campa!... Delfina é o nome da fada da minha existência!... Porque vi eu esta mulher? Que tremendo instrumento de expiação me é ela nas mãos de Deus? Que significa esta tortura diante do infernal IMPOSSÍVEL da nossa situação? Impossível de certo, ó meu amigo! Que te direi eu amanhã de mim? Não sei. Ante meus olhos há tormentos nublosos, cuja duração não sei antever. A desgraça é inevitável, qualquer que seja a saída desta funesta paixão. Aconselhares-me? para quê! seria inútil. O coração perde-me: não sei o que é salvar-se honra e dever nesta infernal luta. Fugir-lhe? Não posso, meu amigo... A morte que venha decidir do meu destino!»

— Aqui tens, prima, a carta de meu marido — continuou Adelaide, dobrando vagarosamente o papel. — Tu me dirás agora se é despropósito perguntar-te eu se meu marido teve contigo alguma conversação de que a tua inocência não suspeitou o que eu saberia esclarecer-te...

— Já te disse que eu nunca falei com o senhor D. Francisco na tua ausência. Eu não tenho a menor culpa dessa carta.

— Também assim o penso; mas noto que a ouviste serenamente, prima! Parece-me que semelhante carta devia afligir-te!

— Eu só me aflijo com as desgraças irremediáveis. Só a minha situação, o meu desgraçado futuro me arrancam lágrimas. O que a ti te desgosta não pode ser-me agradável, prima; mas, razões para

me afligir nunca Deus mas dê maiores. O meu dever, Adelaide, é remediar desgostos maiores que por minha causa possam sobrevir. Desde que fiquei sem mãe o meu pensamento foi entrar num convento, a não poder entrar na sepultura dela. Desgraçadamente o espólio de meus pais era insuficiente para as despesas. Pedi aos meus parentes ricos uma mesada de esmola, e só consegui que a tua caridade me abrisse os braços, que muito foi. Cuidaste que fazias uma boa ação, e saiu-te dela um desgosto. Não te aflijas, minha prima: a carta de teu marido nada importa. A minha ausência vai sarar o mal, que bom remédio tem. Lugar de criada não há de faltar num convento do Porto ou da província. Tu podes com as tuas amizades obter-me este refúgio. Consegue-o sem dizer nada aos nossos parentes. Não vamos envergonhar pessoas ricas, que me deixariam morrer de fome, contanto que se não soubesse que eu sou sua parenta...

Chorava Delfina em tanto aperto, que não pôde continuar; e como ouvisse os passos de D. Francisco, foi de corrida para o seu quarto.

Conjeturou o espanhol do rosto de sua mulher alguma cena extraordinária.

— Não estava contigo a prima? — disse ele.

— Estava. Queres que a chame? — respondeu com desabrimento irónico.

— Não, menina. Admirei que ela se retirasse à minha chegada!

— Quem te disse que ela se retirou?

— Ouvi-lhe eu os passos.

— Como trazes os ouvidos apontados aos passos dela!...

— Forte admiração! Não é preciso apontar os ouvidos para ouvir passos a pouca distância dos meus.

— Será isso... será... — disse, soltando uma risada seca e áspera.

— Esse riso que quer dizer? — perguntou o cônsul mal encajado.

— Quer dizer que me estou rindo da tua inocência.

— Fazes bem, que eu também me rio da tua parvoíce.

— Isso é que não, meu amigo. Da minha parvoíce é que nunca te rirás, apesar da tua muita velhacaria. Eu leio-te na alma.

— És esperta!

— A tua consciência o diz... E tu, que não sabes enganar-me, que és? Tolo.

— Modera-te!

— Mais ainda!! Se soubesses que provas te estou dando da minha moderação!...

— Excelentes! Ninguém as daria mais tocantes! À quinta vez que fugires de casa és canonizada por merecimento de tua angélica paciência...

— Basta de ironias! Se zombas de mim temos que ver!

— É melhor não ver nada. Boas noites.

— Boas noites.

Que cordial palestra! Eram dois rolos gemebundos, que se tinham casado por paixão!

No dia seguinte, a horas de almoço, Delfina faltou à mesa, e Adelaide, como indiferente à falta, não mandou chamá-la.

— Tua prima não almoça? — disse o espanhol.

— Não sei.

— Mas é um dever perguntar-lho.

— Já não há deveres.

— O quê? já não há deveres?!

— Não, desde que deste o exemplo desprezador dos mais sagrados.

— Não percebo.

— Percebo eu, e basta.

— Quero explicações! — tornou D. Francisco, levantando-se de golpe e deixando cair a chávena da mão trémula.

— Modera-te. As explicações são piores que o silêncio. Almoça. Aqui tens outra chávena. É a da prima Delfina. Decerto não te repugna tomares chá por esta xícara.

O cônsul retirou-se da saleta, e esporeado pela cólera, saiu de casa.

Adelaide foi levar a sua prima o almoço, e encontrou-a costurando sobre um estofo, húmido de lágrimas.

— Almoça, Delfina.

— Desculpa-me, prima, que eu não posso... Estás resolvida a fazer-me a esmola que eu te pedi? Arranjas-me lugar de criada num convento? Lembra-me as recolhidas de S. Lázaro. Não poderás tu obter que eu lá entre como mestra de primeiras letras e costura? Eu sei marcar e bordar. Sirvo pelo sustento, se me lá quiserem. Com pouco trabalho, livre das horas obrigadas, ganharei com que me vista.

— Pensaremos nisso... Descansa, que eu faço-te justiça.

— Bem sei; mas eu sou aqui muito infeliz, e tenho direito a implorar esta graça da tua bondade. Não spaces a tua boa resolução. Se puder ser amanhã, poupas-me a um dia de suplício.

— Pois eu mortifico-te, prima?

— Muito. Enquanto eu aqui estiver não haverá instante de paz entre ti e teu marido. Desculpo-te, Adelaide. Eu seria o mesmo na tua posição, se tu estivesses na minha.

— Se assim queres, irás para um convento como senhora, e não como criada.

— Antes como criada. Se posso entrar sem incomodar parentes, deixa-me ir com a independência que pode dar-me o trabalho. Isto não é soberba, prima: Deus sabe que não é. Ser senhora ou ser criada bem sei que são coisas muito distintas ao parecer do mundo; mas eu sou insensível aos juízos do mundo. Tanto se me dá que me respeitem a posição de senhora, como ser humilhada por estar ao serviço alheio. Acho prazer em ganhar a minha vida. Daqui a dias ninguém falará de mim; os nossos próprios parentes, cada um em sua consciência me achará nobre de proceder, embora esta minha nobreza não sirva para eles alardearem. Isto é o que eu sei da sociedade e do coração humano, porque minha mãe mo dizia, farta de o saber e experimentar em dez anos de infortúnio, que seguiram a falência de meu pai. Se a gente é a mesma de há dez anos, eu devo esperar que os meus parentes sejam os de minha mãe.

— De mim — interrompeu Adelaide — certamente não tens razão de queixa...

— Nenhuma, prima, e perdoa-me se te não excetuei...

— A prova de que te sou sincera amiga é não poder eu consentir que vás ser criada num convento.

— Essa prova quisera eu aceitá-la no valor que lhe dás; mas deixa-me ser, minha única amiga, o que posso dignamente ser.

D. Francisco fora sincero na carta ao amigo. Pensava ele que a sua primeira paixão era aquela. O que eu posso afirmar é que era a última na escala das datas. Agora, se nenhuma outra lhe desvariou tanto o juízo, isso oferece dúvidas. Estou em crer que a mais funesta paixão de sua vida foi a que lhe embaciou os olhos da razão até à catarata de não ver a índole de Adelaide. Enquanto a mim, o espanhol inflamava-se por todas as mulheres amáveis; mas uma só respeitara, se respeito deva chamar-se o acanhamento que senhoreia o homem na presença da mulher que o endoidece.

As avançadas ciosas da esposa exasperaram grandemente aquele sentir, que poderia conservar-se mais ou menos puro no silêncio e na serenidade. Pode ser que o afeto pecaminoso deixado a si se legitimasse pela amizade sem nódoa, e pelos honestos desejos que por vezes subtilizam o amor até o sublimarem aos enlevos do amor divino. Muito haverá quem ria destas conjeturas, que muito há quem supra com a mofa a míngua de sentimentos delicados. Para o nosso caso nada monta o riso. O leitor zombe das minhas ingenuidades de menino velho, que eu, sejam quais forem as desgraças porvindouras neste bosquejo dum magnífico e sentimental romance, teimarei sempre em dizer, que as mais deliriosas paixões desfecham em afetos brandos, se o excitação das contrariedades as dessempecem de florescer, e ficar sempre em flor e aromas que não ofendem o olfato da sociedade.

D. Francisco, se bem que nas veias lhe girasse sangue árabe, sangue que escalda e enfurece a grandes pecados — (dos quais Deus toma contas à alma e não ao sangue) — parece-me que devia ser, pouco mais ou menos, o que são todos os homens,

aqueles mesmos que se me afiguram ter orchata, e não sangue, nas veias. Se Adelaide procedesse paciente, discreta e tolerante como a minha leitora certamente procederia, o resultado era estiar em ideal e silencioso arrobamento a paixão do marido. Delfina, cônica ou insciente do amor de seu primo, manteria sempre sua dignidade, ou o seu anjo da guarda lha manteria, conquanto eu não seja dos mais crédulos em anjos da guarda, em razão de sua pouquíssima vigilância ou facilidade na derrota. A final o espanhol viria a ser um mero e extremoso amigo de Delfina; e quem sabe mesmo se, por amor dela, se faria a conversão do homem naquele mandamento, que sua mulher, por novo teor apostólico, lhe queria insinuar na alma depravada, à força de maus tratos e escandalosas fugidas!

Depravada e condenada estava aquela alma de espanhol a suplícios deste social inferno, em que não falaram as religiões, e a filosofia racional nos está mostrando a cada hora do dia e da noite em que paramos a contemplar o prêmio da virtude e o castigo do vício.

A Inquisição quisera queimar-te, ó Bocage, porque disseste:

É castigo do vício o próprio vício.

Teremos sermão com seus embrechados de heresia? Não se apavorem das longitudes das minhas divagações. Eu já sei onde está o defeito dos meus escritos. O leitor quer a história desenfronhada de refohudas glosas. Há de tê-la.

Voltando o cônsul à hora de jantar, não viu Delfina. Sentou-se à mesa Adelaide, e esperou que o marido a servisse. D. Francisco de la Cueva cruzou os braços, e fitou os olhos na terrina, como quem se extasiava na paisagem sobre pó-de-pedra.

— Então?! — disse Adelaide.

— Que é?

— Come-se ou joga-se os sisudos?

— Coma, se quer; eu dispenso que teimem comigo em minha casa.

— Também eu — disse Adelaide, servindo-se de sopa, que deglutiui o mais desentaladamente que imaginar-se pode.

D. Francisco encarou na mulher, e disse:

— Onde está essa sua desgraçada prima?

— No seu quarto.

— Porque não vem jantar? porque não veio ontem ao chá, nem almoçou hoje?

— Não quis.

— E tem comido no seu quarto?

— É natural: sem comer não se vive.

— Mas a razão de não vir qual é?

— Pergunte-lho.

— É o que vou fazer — disse o espanhol, erguendo-se e caminhando em direitura ao quarto de Delfina.

Ergueu-se Adelaide impetuosamente, e segurou-o pelo braço, exclamando:

— Alto! no quarto duma senhora não entram homens!

— Largue-me, que eu vou mandá-la chamar à sala. Dispenso e desprezo as suas lições de delicadeza... Estudei-a nos salões de Madrid, e não nos armazéns de Vila Nova. Deixe-me!

— Diz-me isso em tom ameaçador! — replicou Adelaide, soltando-o e recuando.

— Não sei como lho digo... Preciso saber que misteriosa intriga se passa em minha casa. Sua prima há de dizer-me que ofensas lhe fiz, que motivo lhe dei para que ela me fuja.

— Se tem muito interesse nisso, eu lho direi, senhor!

— Diga-o já.

— Desça ao seu escritório, que eu lá vou ter.

Desceu D. Francisco, e a mulher seguiu-o.

Ficou ele em pé, com os braços cruzados, esperando que Adelaide falasse; e, como ela se detivesse mais do que a sua impaciência consentia, exclamou:

— Fala?

— Falo! — bradou ela com subitânea cólera — esta carta falará por mim!

E, dizendo, tirou do seio a carta que o leitor conhece.

— Carta! — exclamou o castelhano.

— Sim! a carta em que o senhor confessa sua deslealdade, sua desonra e seus malvados intentos!

— Deixe ver.... — bradou ele, lançando mão à carta, que Adelaide retraiu — Deixe ver essa carta!

— Quer rasgá-la? quer tirar-me esta prova do seu crime? Não lha dou! não sou tola! Desta vez tenho provas, que até hoje minha família me pedia, e eu só pudera dar-lhas em lágrimas. Veja-a de longe; reconheça-a; e envergonhe-se, se não tem remorsos de ultrajar-me assim, e calcar aos pés os sagrados deveres da hospitalidade.

D. Francisco, tremente de raiva, com os dedos ora recurvos, ora fechados em ameaça, cresceu sobre a mulher, que lhe fugia já enfiada de medo. Seguiu-a escada acima, e segurou-a pelas saias, tirando por ela com tamanho ímpeto, que a fez cair desamparada no patamar do escritório. Depois quasi a rojo a levou para dentro, e fechou a porta à chave. Adelaide gritava quando o marido lhe apertava os pulsos, e dentre os dedos roixos da pressão lhe arrancava a carta a pedaços.

— És mulher muito infame! — bradou ele — És a mais odiosa serpente que o inferno lançou a este mundo! A minha vingança era arrancar-te esse coração diabólico!

Adelaide redobrava a gritaria, e arquejava sobre um canapé, para onde a arremessaram os braços convulsivos do espanhol.

Acudiu Delfina aos brados, batendo à porta do escritório, e chamando ansiadamente a prima.

Caíra Adelaide em síncope. D. Francisco, porventura arrependido do excesso de sua cólera, contemplava o rosto contuso da esposa, e ouvia o falario de pessoas que se agruparam à porta da rua, atraídas pelos brados. Delfina, no entanto, chamava mais aflita a prima, empuxando à porta com desesperado esforço. O cônsul abriu a porta, deu passagem a Delfina, e saiu de casa.

Tomou a órfã sua prima nos braços, exclamando:

— Isto que foi, Adelaide?! Teu marido bateu-te? Fala, minha querida prima, pelo divino amor de Deus!

Adelaide estremeceu, fitou nela os olhos, repeliu-a desabridamente, e vociferou:

— Larga-me, demónio, que és a causa da minha desgraça!

— Eu!... — disse soluçante Delfina — Eu a causa da tua desgraça!... Que mal te fiz?!

— Deixa-me, que fui sovada aos pés do teu amante! Sou miserável aos meus próprios olhos, e devo já valer muito pouco aos teus. O infame queria matar-me para te dar a ti o que eu hei de disputar até à última gota do meu sangue. São os meus direitos! — continuou, saltando para o meio da casa, e ferindo o chão com o pé, e a escrivanhinha a murros fechados — São os meus direitos, que eu defendo, e nem à força do punhal hei de ceder-tos a ti!

— A mim!? pois eu que te peço, prima? Que injusta tu és com esta desgraçada!... Torna à tua razão, Adelaide! Lembra-te que ainda há momentos me disseste que eu era inocente nos desgostos que te causo.

— Não sei o que és — bradou em crescente fúria a dama, que de relance vira no espelho a cara macerada — Não sei o que és; sei que estou ferida, pisada, e ensanguentada por tua causa! Foi Satanás que te trouxe aqui!

— Pois Deus me levará; não te consumas; por caridade te rogo que me perdoes... que eu mesmo agora vou sair de tua casa.

— Vais procurá-lo?

— Procurar a quem?

— Ao teu amante... ao homem que me arrastou e calcou aos pés!

— Vou procurar o trabalho, a honra e o sossego, minha prima, e quer Deus que eu leve a consciência tranquila da inocência dos teus infortúnios. Os meus nunca te causem remorsos, sejam eles quais forem. Desculpo-te e perdoo-te, minha prima, porque me parece que é a desgraça que te faz injusta comigo.

— Aquele patife! — bramia Adelaide, arrepelando-se e rasgando-se — aquele vil galego espancar-me por que a minha dignidade de senhora não tolera escândalos de portas a dentro! Eu me vingarei, malvado; eu me vingarei de ti e de todos!

E abrindo as janelas do escritório, pouco eminentes à rua, onde estavam discorrendo acerca dos brados alguns indivíduos, disse em altos gritos:

— Sejam-me todos testemunhas de que meu marido me espancou por eu não consentir que ele seja amante de minha prima!

— Jesus! — exclamou Delfina — tende piedade de mim! Levai-me para vós, minha mãe!

As pessoas invocadas a testemunhar os vestígios das pancadas acercaram-se da janela em que Adelaide expunha a cabeça desgredenhada, e o seio despeitorado pelos repelões do frenesi.

A compaixão, menos abelhuda que a curiosidade dos espectadores, animou a vítima a prosseguir no tom declamatório.

Que asco de mulher! Que envilecimento! Que inútil vergonha, e que feiíssimo espetáculo!

É incalculável o termo onde pode ir com sua raiva a mulher criada entre as regalias de esmerada educação! Nada vingam estas a enfreá-la. É quasi certo que havemos de vê-la emparelhada com a mulher feita entre as celhas do peixe, quando idêntica paixão as impulsa. O ciúme iguala todas as condições. Uma duquesa de Portugal manda vazar fora os olhos de bonita mulher que seu marido ama, e oferece-lhos a ele como acepipe na mesa comum do jantar. A peixeira descalça o tamanco, e leva-o à cara da rival que lhe disputa o amante na taverna. Uma rainha portuguesa teria dado menos ignominioso exemplo de indecoro, se por ciúme movesse divórcio, que assoalha sua ínfima desonra e a do marido. Maior vilipêndio a instigava ainda: o amor incestuoso. Oh! que baixos moldes estes em que Deus enformou o barro da criatura, rainha dos seres criados, e feita para subir a anjo!

Delfina deixara a prima imprecando e trejeitando como possessa. Subiu ao seu quarto. Ajuntou no baú os vestidos e insignificantes

valores de prendas de sua mãe. Pediu ao criado da casa que chamasse um carreteiro, e saiu.

À descida entrou no escritório, onde sua prima andava apanhando alguns pedacinhos da carta incombináveis, sem dar tino de si naquela insensata diligência.

Entrara Delfina chorando. Adelaide encarou-a desabrida, e disse:

— Que mais queres?

— Dizer-te adeus, e agradecer-te a caridade de me receberes em tua casa. Não te fui ingrata; posso de cara descoberta dizer a ti e ao mundo que, se a paga dos benefícios é o reconhecimento, nenhuma mulher foi mais agradecida que eu. Bem sabes que a desventura nunca me irritou contra a mão benfazeja. Vim humilde, e humilde vou onde a vontade de Deus quiser que eu vá. Disseste às pessoas, que te ouviram, uma falsidade, minha prima. Teu marido não era meu amante. Bem sabes a verdade. Que precisão tinhas de me caluniar e perder na opinião dessa gente? Posso dizer que vou mais pobre do que vim, porque vou desconceituada, e amanhã toda a gente dirá que sou amante de teu marido. A uma mulher pobre é crueldade tirar-lhe o seu património, a boa opinião de sua virtude; mesmo às perdas é uma caridade encobri-las, e deixar a Deus o castigá-las, se lhes não basta o opróbrio deste mundo. Isto não é acusar-te, Adelaide. Tudo te perdoo, porque hás de ter uma hora de remorso; e, se eu fosse vingativa, bastar-me-ia a tua dor dessa hora. Adeus, prima. Oxalá que vão comigo os teus desgostos.

Adelaide sofria. A injustiça é de sua infernal natureza covarde, e tem uns desmaios, os quais, nas almas de bons instintos, às vezes tornam em saudável reabilitação. Não assim no ânimo de Adelaide. Como se visse avergada sob a paciente doçura da órfã, avultou ao febril espírito a imagem do marido arrastando-a, e as contorções dos pulsos. O mesmo foi restituí-la ao seu demónio, e abrasar-lhe o coração em sedes de vingança.

— Deixa-me! — exclamou ela — Estou farta de te ouvir. Não engulo araras. Segue o teu destino, e deixa-me morrer no meu

posto, que é este. Quando eu tiver morrido, então vem tomar conta desta casa; e guarda-te de ser expulsa por alguma órfã, que te peça um talher à tua mesa.

Delfina, entalada de novo pelos soluços, respondeu ao novo insulto:

— Deus te perdoe, Adelaide!

E saiu, escondendo o rosto na mantilha, para furtar-se aos olhares cobiçosos da vizinhança, e da vadiagem, que ainda estanciava nas proximidades da casa.

Achou-se a infeliz na rua sem saber que destino tomasse. Lembraram-lhe os parentes de Vila Nova, já não como almas caritativas que lhe dessem abrigo, mas como pessoas valiosas a lhe darem arrimo num mosteiro. Foi a Vila Nova, e contou os sucessos, menos as frases insultantes da prima. Os parentes ouviram-a com pasmo e desconfiança de mau agouro. Ao pedido instantâneo do convento responderam que escusava procurá-los para tal diligência, visto que para tão pouco era bastante o apresentar-se ela na portaria, ou incumbir semelhante negócio a uma inculcadeira de criadas.

No entanto, consentiram em que Delfina ficasse, até os parentes resolverem o mais acertado.

Horas depois chegou uma carta de Adelaide, contando os sucessos caluniosamente, e de modo que a culpa deles recaía sobre a órfã. O pai de Adelaide foi sem detença a casa de sua filha, e voltou a dizer à sobrinha que desalojasse quanto antes de sua casa.

Pediu de mãos erguidas a órfã que a não condenassem sem a ouvirem. Balbuciou em gemidos sua justificação, invocando o testemunho de Deus. Baldaram-se lágrimas, se é que o Senhor justiceiro as não tomou para a balança do dia final.

Foi Delfina caminho de S. Cristóvão, aldeia vizinha de Vila Nova. Morava aí uma antiga criada de sua mãe. Pernoitou a órfã no pobre catre da tecedeira, e madrugou com a intenção de vender alguns poucos enfeites de ouro, que tinha de sua herança, alugar um baixo no Porto, e trabalhar de costura, ou ensinar meninas, até que Deus lhe deparasse asilo no recolhimento. Assim o fez na

parte que dependia de sua atividade. Alugou casinha na «Torre da Marca», trastejou-a pobrementemente, e escreveu uns anúncios de costureira e mestra de meninas, os quais ela mesma grudou nas esquinas da cidade. Esperou oito, esperou quinze dias, e um mês, e nenhuma menina, nenhuma encomenda de costura lhe apareceu. Os pouquíssimos recursos estavam quasi exauridos. Foi ao Mosteiro de S. Bento, e perguntou à porteira se alguma religiosa a tomaria como criada. Todas as religiosas estavam servidas. Em Santa Clara carecia-se de criada; mas não admitiam alguma sem fiança. Quem abonaria a desvalida menina, que ninguém conhecia?! Em Monchique foi rejeitada, por ser muito delicada de formas. No convento das domínicas de Vila Nova nenhuma freira a receberia como criada, tendo seus parentes ali, e sendo, de mais a mais, já notória a ingratidão e desonestidade com que a órfã respondera à caridade de sua prima, segundo o teor por que os parentes vulgavam o sucesso.

Desanimada, e sem inspiração que lhe sugerisse meios de vida, acolheu-se à sua casinha, e principiou a vender ao desbarato os melhores vestidos, o pouco bragal, e depois os objetos mais necessários ao modesto amanho do seu abrigo e compostura.

Virá a Providência divina a tempo de a fome a não violentar à desonra, ou ao suicídio?

Esperemos.

Entretanto D. Francisco de la Cueva abandonara a própria casa desde o dia em que entrara disposto a reconciliar-se com a esposa, e soube que Delfina fora expulsa, ou obrigada a sair por maus tratos.

Adelaide ao fim de três dias fechou as portas, e foi para os pais. O espanhol fez arrombar as portas, e senhoreou-se da casa.

Enquanto Adelaide instaurava ação de divórcio, motivada por espancamento, em que depunham os vizinhos e os caminheiros, inimigos de Castela e do castelhano, este, prevalecendo-se da sua posição e da espionagem inerente aos consulados, indagava a residência de Delfina. O condutor do baú fora o denunciante até

ao ponto dela entrar em casa dos parentes de Vila Nova; outro denunciou a ida para S. Cristóvão. A velha que a hospedara uma noite, e a servira no trastejamento da casinha da Torre da Marca, dissera o resto.

Alcançara D. Francisco os últimos esclarecimentos, quando Delfina já tinha fome. Chamou à sua confiança a velha de S. Cristóvão, e fê-la portadora de dinheiro para a órfã, induzindo-a a dizer que os seus parentes lho remetiam.

Aceitou Delfina, e ao cabo de três meses de socorros abundantíssimos julgou-se obrigada a ir agradecer a beneficência aos seus tios.

Foi a Vila Nova, e não lhe consentiram entrada na casa. Disse ela ao escudeiro o fim a que ia, e este, condoído da senhora, asseverou-lhe que a sua família não lhe dava nem um ceitel, e que tomaram eles poder vê-la na força.

Delfina obrigou a criada a confessar de quem recebia os socorros, sob pena de despedi-la do seu serviço, como traidor instrumento de alguma tentativa contra a sua honra, desprotegida pela pobreza.

A velha foi verdadeira, e Delfina comoveu-se à caridade do marido de sua prima, e achou nobre e virtuoso o procedimento dele.

A inocência é assim.

As pérfidas intenções só as aventam as falsas virtudes fartas de serem tentadas pela serpente, e com os dentes já gastos de morderem no pomo fatal.

Sabedor destas ocorrências, D. Francisco escreveu a Delfina uma carta como devera escrever-lha um irmão. Em duzentas linhas não se lia a palavra *amor*. Era como uma carta mística dirigida por fr. António das Chagas às suas irmãs espirituais.

A segunda carta, em réplica aos humildes votos de gratidão da órfã, era uma lamentação, em que o espanhol, menos ditoso que Jeremias, não tinha sequer a quem mostrasse as suas lágrimas. *Amor*, porém, era palavra banida da segunda carta.

A terceira, em resposta à segunda, toda consolações e aspirações aos bens, que a Providência reserva aos seus eleitos de sofrimento, era vulcânica de desespero, e tratava a questão do suicídio, segundo a norma deixada por Rousseau na carta de Saint-Preux a Heloísa.

Eis aqui um período:

«Eu abomino a minha alma, porque a desgraça me conserva nela a reminiscência para me exacerbar o suplício. Se há Inferno, quero lá despenhar-me com ela, se à porta do Inferno ficam as esperanças, e também ficam as saudades. Estou só, como o maldito que a humanidade expulsou do seu seio. Assim morre-se a pedaços, e revive-se infernalmente. Não me fale em Deus, prima. Dê essa palavra sem ideia aos venturosos, a quem é indiferente o crime e a virtude, e o prémio e o castigo. Um desgraçado, com o meu destino, não tem que ver com a religião, cujo sacerdócio está confiado a homens. A minha religião era o amor...»

Aqui temos a fatídica palavra, pela primeira vez nas cartas. Se Delfina corou ao lê-la, não afirmo. Como romancista era-me dever imaginá-la e descrevê-la corada ou pálida; como historiador, porém, o meu officio é dizer o que sei.

A correspondência continuou, já por parte do castelhano, mais amorável, menos eriçada de apóstrofes à morte. Numa das cartas tivera ele a sinceridade de confessar que queria viver, já se vê, na religião do amor, e morrer nela, como todos os milhares de heróis de Lope de Vega e Calderón de la Barca.

As respostas da órfã denotavam ininteligência das perguntas delicadas, que o cônsul fazia acobertadamente ao coração dela. Respondia pedindo a Deus que reformasse o génio de sua prima para restituir a felicidade ao marido extremoso, ao cavalheiro digno dum anjo.

Presumo que estes votos eram medianamente uniformes com os do marido extremoso; pelo menos, o génio intratável de Adelaide, e o desejo da reforma eram cláusulas alheias às cartas dele.

Recebeu, um dia, Delfina uma carta que lhe deu que pensar e sofrer. Pedia-lhe licença o espanhol para a ver, não em casa

dela, que seria dar ensejo à difamação; mas num sítio retirado em algum dos arrabaldes do Porto. Respondeu com perplexidades, que significavam desejo e receio. É como a inocência responde.

Instou o homem sinceramente apaixonado, simulando o contentamento na serenidade e bom juízo das palavras. Foi designado o ponto em Matosinhos. Encontraram-se, e foram de passeio até às praias de Leça. Sentaram-se nas fragas, e conversaram das suas desventuras. Era poeta o espanhol; e, se o não fora, daquele batismo das águas aspergidas da onda, sairia poeta, como ele se estava sentindo. E então de natural se elevaram a meditações, que refinavam em espiritualismo. A palavra Deus entrava em todas, e ingenuamente acudia aos lábios dum e doutro. Ocorreu a tese do amor. Trataram misticamente a questão que os romancistas rebaixam a profanidades. Nem teólogos, nem ideologistas profundaram com mais subtileza o destino das almas, antes de chegarem a uma final conclusão. Querem eles que as almas desligadas neste globo pela fatalidade se despenem com a morte, e se esposem em eternas núpcias, celebradas pelo sacerdócio dos anjos. Pode ser que isto seja assim. Coisas muito mais absurdas se têm dito e escrito, com aceitação dos concílios e dos santos padres. À beira-mar é natural e possível adivinhar os segredos da criação, porque a voz do Criador, naquele bramir das águas, e no estrondear que faz no recôncavo das penhas, parece que nos está ensinando a pensar. *A Cidade de Deus* de Santo Agostinho foi meditada à beira do mar d' África. Michelet escreveu um grande livro em presença do oceano, livro de sibila, que só pode bem ler-se e entender-se à beira-mar. Há maravilhas ditas e escritas à vista do formidável elemento; mas, sem desfazer nas outras, entendo que as mais gratas ao leitor, se lhas eu pudesse repetir, seriam as que D. Francisco de la Cueva disse a Delfina, naquela tarde de Leça da Palmeira.

A órfã passou a seguinte noite em intermitências dum dormir agitado por estranhos sonhos.

Acordava em palpitações do seio, como o susto as causa nas compleições nervosas. Ouvia a longínqua toada das ondas, e cuidava ouvir também o murmúrio da voz maviosa do castelhano.

E porque vinha à imaginação da inquieta menina, não só a voz, também a imagem?

Porque recordou ela, quando as julgava esquecidas, as principais frases daquela carta, que Adelaide lhe lera?

E o repeti-las a si, no silêncio da noite, que queria dizer, e donde lhe vinha a magia de semelhantes reminiscências?

Ajude-me o leitor a deslindar estes segredos, e forme o seu juízo, que eu, seja ele qual for, aceito-o como bom.

É assim que a inocência se despenha.

Defrontando com os rochedos marítimos, em que D. Francisco e Delfina se haviam sentado, estava uma casinha baixa, construída de pouco, e formosa à vista de poetas e amantes. Um inglês aborrecido da vida e dos guinéus parara ali, quando viajava, e mandara edificar aquela casa para descansar dois meses, e esmerilhar a antiguidade do Senhor de Matosinhos. Passado o termo dos seus estudos foi pascer o seu tédio a outras regiões, e deixou a chave da casa ao cônsul espanhol, único homem da península com quem falara em Portugal, porque o seu patrício Byron infamara os portugueses, e elogiara os espanhóis nas peregrinações de *Child-Harold*.

Estivera a casa desocupada um ano. Algumas vezes D. Francisco aí passara horas, e duma assentada estivera os três dias que andou fugitivo da casa em que sua mulher vivia.

Um mês depois dos sucessos do último capítulo, viram os pescadores, num belo dia de sol de dezembro, uma senhora encostada ao peitoril da janela mais alta do edifício, com os olhos postos no horizonte do mar.

Acercaram-se os mais curiosos ao longo do baixo muro que servia de sebe à casa, e disseram que ela tinha o rosto lavado em lágrimas.

Viram depois apear um cavaleiro a curta distância, e entrar na casa, a tempo que a dama enxugava o pranto, e se voltava com um sorriso a receber o hóspede.

Eu creio nestas informações dos pescadores, porque os pescadores não fazem estilo.

O que eles não sabiam contar é que a senhora da casinha inglesa era Delfina.

«*Delfina!*»

Ó leitores, não se finjam espantados! Guardemos para os salões os nossos pontos de admiração sobreposse. Quando ninguém nos vê ler os escândalos que os livros nos contam, podemos ser naturais e sinceros como Deus nos fez.

Era Delfina a dama lagrimosa da casa inglesa.

Era D. Francisco de la Cueva o cavaleiro que tinha direito a ser recebido com rosto sem lágrimas.

Perguntam-me se está, pois, perdida aquela boa rapariga?

Não sei se está perdida. Perdida sei eu que ela estava no conceito do mundo, quando Deus sabia que ela era pura, como tinha sido na sua divina mente a ideia duma criatura, antes que Ele a denominasse mulher.

Era Delfina, a Delfina que quisera ser criada dum convento, ou costureira, ou mestra de meninas.

A Delfina que nenhum convento quisera;

Que nenhuma obra obteve na sua indignação;

Que nenhuma educanda procurou para lhe dar o pão da honra a troco do ensino.

Era a Delfina injuriada, caluniada, e perdida no conceito do mundo, quando lhe batia na cara a porta dos parentes a quem ela ia agradecer a suposta esmola.

Era Delfina, mais desgraçada que nunca, porque aquela formosa casa era o debruçar-se sobre um abismo, abismo de perdição e de agonias que hão de ter nome, quando o Inferno nos fizer presente do seu vocabulário, que principia a ser adivinhado pelos legisladores, pelos moralistas e pelos

algozes togados e não togados deste caos de hipocrisia, crueza e devassidão.

Decorreram dois anos.

Adelaide prosseguia no pleito do divórcio, que o marido não impugnava. Mais por capricho ferino, que por ambição, apressava ela o processo. O casal a dividir era pequeno, que também o era o dote dela, e difícil de liquidar o património do marido em Espanha.

Caminhava o litígio, quando Adelaide soube que seu marido ia todos os dias a Leça, e lá pernoitava frequentemente. Pôs em campo a espionagem que seu pai lhe ministrou, e soube que Delfina era a locatária da casa inglesa, e seu marido a visita quotidiana da mulher teúda e manteúda. Com a proteção de seu pai apresentou-se ao desembargador encarregado da polícia, queixando-se de sua prima, que lhe roubara o marido, e vivia com ele escandalosamente em Leça.

Como o demónio da raiva lhe espremia as glândulas lacrimais, o magistrado condoeu-se das lágrimas da esposa traída nos seus extremos pela mulher indigna, que misericordiosamente recolhera em sua casa. Condoer-se e passar ordem de captura, foram atos contínuos.

Apresentou-se à porta de Delfina, ao romper da manhã, um escrivão do crime e três esbirros.

Apenas a criada abriu a porta assaltaram de súbito a casa, perguntando pela moradora. Saiu-lhes à saleta Delfina com uma criança de seis meses nos braços, perguntando o que lhe queriam.

O escrivão Crispim Caetano da Costa tirou lentamente do estojo de marroquim os óculos de prata, assoou-se antes de os montar no nariz, que parecia farejar os cantos da sala, sentou-se, desdobrou meia folha de papel, fitou Delfina por cima dos vidros, e disse:

— Chama-se a senhora *** Delfina ***? *

* Para não substituir o nome e apelido por outros supostos, preferimos designá-los com os asteriscos.

— Sim, senhor.

— Sinto muito dizer-lhe que está a menina presa à ordem da intendência geral da polícia.

— Presa!... — exclamou ela — Presa porquê?

— A requerimento da senhora D. Adelaide ***. Já a senhora sabe por que está presa. Faça favor de não demorar a diligência, que temos pressa.

Delfina chamou a criada, e disse-lhe em voz baixa, que corresse ao Porto; e, voltada para os esbirros, continuou:

— Hão de esperar que eu mande esta notícia ao Porto.

— Ao Porto! — exclamou o escrivão, enquanto os alguazis riam às gargalhadas — Para o Porto vai a senhora, e lá dará a notícia a quem quiser. Assim como assim à ida para a cadeia já ninguém lhe vale; e então não ganha nada em mandar avisar alguém. Não se demore.

— E o meu filho? — disse ela apertando ao seio a criança.

— O seu filho não tem ordem de prisão — respondeu irónico o escrivão — mas se o quiser levar, leve-o, e lá na intendência lhe dirão o seu destino.

— O seu destino há de ser o meu! — bradou Delfina.

— Pois será: nós cá não temos que ver com a criança. Arranje-se, se quiser, e arranje o pequeno.

Delfina saiu da saleta, e o escrivão disse aos companheiros:

— Vão vocês dar um passeio em volta da casa, que isto de mulheres põem-nos muitas vezes o sal na moleira, e esta creio que é velhaca pelas recomendações que me deram.

Vestiu Delfina o primeiro vestido que teve à mão e agasalhou a criancinha, em cuja face caíam, quatro a quatro, as lágrimas da mãe.

— Então? — dizia de instante a instante o chefe dos esbirros — vamos embora? Não é preciso ir vestida de veludo, menina!

Delfina já estava preparada; mas detivera-se a contemplar insignificantes coisas do seu quarto, memórias em que lhe ficava o coração. Depois ajustou a face à janela que olhava para

o mar, e embaciava os vidros com o hálito febril. Dali voltava o rosto para o filhinho, que bracejava e chorava sobre o leito: aconchegava-o do seio para acomodá-lo, e a criança chorava mais, como se lhe amargasse aquele leite, que já levava em si a peçonha da morte.

Poucos passos pudera dar Delfina fora de casa. O escrivão mandou alugar uma cavalgadura, estipulada a condição de pagá-la a presa. Depois, de combinação com os esbirros, ordenou que seguissem o caminho do areal, e não a estrada direita, para evitar encontros desagradáveis.

Fácil é de ajuizar que o escrivão receava encontrar-se com o cônsul, ou levava já do Porto as instruções para evitar o encontro.

Chegou a presa ao tribunal da intendência, e foi asperamente injuriada pelo magistrado.

— Não tem vergonha de trazer essa criança nos braços? — bradou-lhe ele.

— Não tenho vergonha de trazer meu filho nos braços — respondeu ela serenamente.

— Seu filho! o filho adúlterino! a prova viva do crime! Que desfaçatez! Vem confessar diante do mundo que é mãe desse filho do crime! Vamos! veja que destino lhe dá! A senhora vai para a Relação e seu filho não pode ir consigo.

— Pelas cinco chagas de Cristo não me tirem o meu filho! — exclamou ela ajoelhando.

— Ponha-se a pé: eu não quero comédias. Vá ajoelhar à sua boa e virtuosa prima, a quem a senhora pagou com infâmia e com a desgraça o pão da caridade.

— Isso é falso, senhor! — balbuciou Delfina sufocada.

— Falso! Falso! — urrou furioso o intendente — Já viram maior pouca vergonha na negativa! Pois esse pequeno não é filho do cônsul espanhol?

— É, sim, senhor.

— E o cônsul espanhol não é marido de sua prima?

— Sim, senhor.

— Então que atrevimento é o seu de desmentir sua prima, a opinião pública e a mim?

— Mas eu fui caluniada, senhor intendente! Eu perdi-me no bom conceito do mundo, quando minha prima me tinha já desacreditado e reduzido a uma posição em que só a mão de Deus podia salvar-me da queda.

— Cale-se aí, impostora! Já lhe disse que isto não é teatro. A mim já me consta que a senhora lia novelas, e cuida que a vida se leva com novelas. Está enganada. A lei é que cura as manias e as doidices das noveleiras. Vamos a acabar com isto. A quem dá essa criança?

— Eu não a dou a ninguém, senhor. Este menino tem seis meses; sou eu que o crio ao meu peito; a quem hei de eu dá-lo?

— Dê-o a uma ama que o crie, ou mande-o para os enjeitados.

— Para os enjeitados! por piedade, senhor intendente! Eu pagarei a uma ama; mas não me lancem à roda meu filho!

E com tanta ternura e aflição a pobre mãe comprimia ao coração a criancinha, que o desembargador voltou o rosto para resistir à piedade do espetáculo.

— Vá alguém à roda — disse o intendente — perguntar se lá está uma mulher que se queira encarregar de amamentar uma criança enquanto se procura uma ama.

Saiu um esbirro, e Delfina foi mandada com a criança para outra sala.

Eu não sei dizer como foi aquela meia hora de Delfina com os olhos cravados no filhinho, de quem ia separar-se. A farta intuição que eu tenho das dores alheias, modeladas pelas minhas, não alcança tão longe. Se consulto mulheres, que são mães, acerca desta agonia, respondem-me a chorar. A chorar deve estar a mulher de maternais entranhas, que me está lendo estas linhas, de que eu vou fugindo, porque a tortura não é dádiva que a leitora deva agradecer a um escritor.

Veio com o alguazil uma mulher mal entrajada, que disse aceitar por quinze dias a criança, se lhe pagassem a tostão por dia, e lhe dessem os arranjos necessários para o ter com limpeza.

Delfina chamou a mulher de parte e disse-lhe:

— Pelo amor de Deus trate-me bem o meu filho. Vá vossemecê com ele procurar o senhor cônsul espanhol, que há de receber dele tudo o que lhe for necessário, e uma boa gratificação. Vá logo que sair daqui, sim?

— Vou, vou, senhora — disse a ama — Então o pequerrucho é filho do senhor cônsul espanhol?

— É, sim, é.

— Então nada lhe há de faltar, se Deus quiser. Nesse caso, se a senhora estiver contente, eu fico com o menino, e acabo de o criar.

— Pois fale com o pai, que tudo se há de fazer; mas trate-o com amor, sim? Ele é muito doentinho; agasalhe-o bem, que lhe não há de faltar roupa.

— Eu vou lá de caminho. Dê cá o meu fidalguinho, que é lindo como os amores!

Delfina deu os últimos beijos no filho, que se debatia e chorava nos braços da ama. Já a estavam chamando à ordem do intendente. O escrivão teve a piedade de a tirar por um braço à contemplação do filho; mas, ao desaparecer a ama, a desgraçada senhora caiu com uma vertigem nos braços dalguns circunstantes, ali atraídos pelos estridentes soluços dela.

Meia hora depois Delfina entrava nas cadeias da Relação do Porto. Aqui damos o traslado do assento de entrada, copiado da pág. 155 do livro que compreende nominalmente os presos de 1817 a 1819:

*Em 13 de novembro de 1818 veio presa *** Delfina, que assim disse chamar-se, e ser solteira, e viver da sua agência, natural de Vila Nova de Gaia, idade vinte e dois anos, filha de ***, e de sua mulher ***, já defuntos; estatura ordinária, cara comprida,*

*olhos castanhos**, e cabelo preto; vestida com um vestido de guingau amarelo[†], a qual entregou o oficial Ribeiro por ordem do desembargador encarregado da polícia, para ficar presa à ordem do ilustríssimo intendente geral da polícia; e mandei fazer este assento, que assinei. — Joaquim Teixeira de Lima.

Na margem direita deste assento, lê-se:

Recomendada por ordem da intendência geral da polícia de 24 de outubro do corrente ano. — Escrivão, Crispim.

A prisão destinada a Delfina denominava-se a «saleta». É um quadrado de doze passos de parede a parede com uma janela gradeada, que defronta com a Igreja de S. Bento. Por cima da abóbada desta prisão era o oratório dos condenados; debaixo do pavimento estava o antro do carrasco.

Algumas presas ocupavam o mesmo recinto. Eram mulheres que podiam dar maior percentagem ao carcereiro, e livravam-se assim dos horrores da enxovia. No pessoal das companheiras de Delfina predominavam as infanticidas, e duas delas haviam matado com veneno seus maridos. O restante eram ladras, ou colarejas, que cumpriam sentença correcional, por levarem fora do alcouce a impudência da sua linguagem.

A chegada de uma presa, trajada limpamente, com jeito de senhora, e um ar de pavor, que mais parecia nos olhos um suplicar de piedade, fez estranheza nas outras encarceradas, estranheza que passou ao riso e ao trejeitar de mofa.

* Pessoas que conheceram Delfina, e a trataram intimamente nos últimos meses de sua vida, asseveram-me que eram negros os olhos dela, e de estatura alta, posto que magra. À luz coada por ferros não admira que o carcereiro se enganasse na cor dos olhos da formosa encarcerada.

† Naquele tempo o guingau era estofado de preço não vulgar. Disse-me uma amiga de Delfina que ela saíra para a cadeia sem mudar de vestido; duvida, porém, que fosse amarelo o guingau, afirmando que a sua desgraçada amiga vestira sempre de escuro.

— É de espavento! — dizia uma, arregalando os olhos, e alongando os beiços.

Outra, torcendo a boca em careta, afeiada pela cária dos dentes, resmoneava:

— Olha que mãos tão brancas! Não há de cá estar muito tempo, que as ventas são bem boas!

— Ela está pasmada! Queres tu ver que não acha bonita a casa! — acudiu outra com seriedade de farsista.

O carcereiro falou pelas grades à juíza da prisão, e disse:

— Ó Tomásia Pitorra, trata bem esta menina, que não é da vossa igualha, canalha bravia.

— Cá trata-se bem quem pinga — disse a senhora Pitorra, que deixara medrar a rataria em casa para ministrar ao seu defunto marido os pós, que bastariam a devastar as ratazanas do Montfaucon, em consequência do qual descuido estava condenada à pena capital, e esperava em ferros, havia quinze anos, a comutação da pena para degredo perpétuo. E encarando na presa com uns biocos de zombeteira compaixão, disse-lhe:

— A menina não traz cama?! Olhe que isto cá são tarimbas, e faz frio como na rua. Sempre mande vir uns lençóis e alguns cobertores, se não quer tocar castanhetas com os queixos.

Delfina sentou-se numa caixa de pinho, e rompeu em pranto desfeito.

As presas ora a contemplavam com ar de pena, ora se olhavam umas às outras, trocando sorrisos.

A mais nova, moça de dezesseis anos, quando muito, e a menos criminosa de todas — que o seu delito era teimar em residir numa rua de gente honesta, sendo ela o reverso da honestidade — essa não seria, nem desfitara ainda os olhos compassivos da nova companheira.

Como a visse em ânsias e sufocações de gemidos, chegou-se a ela, e pediu-lhe licença para desapertar-lhe os colchetes do vestido. Tão meigamente lho disse, que Delfina, relanceando-lhe os olhos, e vendo-a lagrimosa, conheceu uns longes de consolação. Pouco basta a consolar na extrema desgraça.

- Quer que a desaperte? — repetiu a presa.
- Pois sim, faça-me esse favor — disse Delfina.
- Quer uma gota de água?
- Queria, se é possível.

A presa, que a honestidade pública aferrolhara no cárcere, foi buscar um pequeno copo d' água, que chegou aos lábios de Delfina.

Depois acrescentou:

- A senhora deve estar em jejum, não está?
- Não me lembra isso...
- Eu vou mandar buscar café e biscoitos.
- Muito agradecida, menina, eu não posso comer.
- Há de comer, minha senhora — instou a moça — O melhor que a gente pode fazer nestas casas é não morrer. O seu crime não há de ser grande; e, mais hoje, mais amanhã, a senhora vai para a rua, e depois o passado passado.

- É prognóstica! — disse uma das infanticidas.
- Lérias sabe ela a dar c' um pau! — disse a outra.
- A fazer-se senhora!... — murmurou uma das ladras.
- Lá palavreado tem ela, a melada de não sei que diga! — ajuntou a juíza.

A moça, que houvera alcunha de *Levandisca*, ouvira indiferentemente os remoques das presas, e sorriera a Delfina, quando esta mostrava sofrer com os apartes das condenadas.

— Deixá-las — murmurou a Levandisca — são umas desgraçadas, que nem coração têm, quanto mais vergonha!

E foi mandar buscar o café, dando à servente costumada um lenço de seda para ela o deixar em penhor ao botiquineiro.

D. Francisco dormia ainda, quando o despertaram para lhe darem aviso de ser procurado por duas mulheres. Era uma a criada de Delfina, e a outra a ama com o menino.

Ouviu o espanhol a notícia da captura, saltou do leito, e vestiu-se. Ordenou à ama que ficasse na casa, e saiu. Foi à cadeia, perguntou ao carcereiro se podia falar com a presa recentemente capturada, e o

carcereiro mostrou-lhe por escrito a ordem do intendente, que punha Delfina incomunicável com pessoas suspeitas que a procurassem, e nomeadamente com o cônsul espanhol D. Francisco de la Cueva.

Levantou o cônsul a voz, bradando contra as leis deste país de bárbaros, e ameaçando o carcereiro. Este, porém, medianamente disposto para resistir em pessoa às agressões do castelhano, disse que tinha a seu arbítrio pedir força ao comandante da guarda da cadeia.

Saiu raivando o cônsul, e foi ao intendente, que o recebeu com má sombra, e o ameaçou de o fazer prender e remeter às justiças de Castela como adúltero, ou pelo menos fazê-lo exautorar do consulado, e submetê-lo às leis do reino, onde praticara o crime.

D. Francisco achou extrema seriedade neste prospeto, e amoleceu-se mediante os emolientes da paciência, que amolecem os mais rebeldes ânimos.

À custa de maneiras mais compostas conseguiu o cônsul que a presa pudesse ao menos ver seu filho. O intendente, comovido à lembrança do conflito, piedoso da separação que presenciara, consentiu que o menino fosse à cadeia todos os dias, e se demorasse lá uma hora.

Aqui está a ordem textual, que o cônsul apresentou ao carcereiro:

*Pode o carcereiro das cadeias da Relação consentir que a presa *** Delfina receba diariamente a visita duma criança, que diz ser seu filho, ficando fora da prisão a ama que a conduzir: isto por uma hora somente, guardadas rigorosamente as ordens dadas para todos os mais efeitos. Porto, intendência da polícia, 13 de novembro de 1818. — O desembargador, servindo de intendente.*

Nesse mesmo dia foi o menino à cadeia com a ama à hora do jantar. Demorou-se uma hora, em que a pobre mãe o não tirou do peito, oprimido por dores causadas pelo regurgitamento dos seios.

Delfina pernoitou entre as presas aquela noite de cruelíssimas vigílias. Ao amanhecer caíra em torpor; mas logo espertou ao

rangido dos ferrolhos e ao estrondo das pancadas dos alçapões. Não tem nome aquele abrir d'olhos às trevas da masmorra, cuja janela a mão do guarda não viera ainda abrir. Vinte e quatro horas antes ainda os primeiros raios do sol tinham dourado o pavilhão do seu leito, donde ela via pratear-se o mar, e enfunarem-se as velas dos pescadores. Tudo lhe lembrou, e mais que tudo o filho que, ao despertar-se, ela encontrava sempre adormecido sobre o seu braço esquerdo.

Sentou-se no enxergão que pousava sobre o pavimento, e desatou-se em pranto e gemidos, pedindo a Deus que lhe tirasse a vida. Humanaram-se as presas menos sensíveis, e rodearam-a dizendo cada uma suas palavras de consolação, que eram mais para exasperar a dor.

A *Levandisca*, quando as outras lhe deram lugar, aproximou-se do leito, aqueceu entre as suas as mãos glaciais de Delfina, e disse-lhe:

— Chore, chore, minha senhora, que o chorar é alívio. Eu também chorei muito quando me vi perdida e abandonada. Fez-me tão bem o chorar, que passados dias estava esquecida da minha desgraça.

Às nove horas deste dia recebeu ordem o carcereiro de remover a presa Delfina para um quarto separado no último andar da cadeia, sendo permitido à presa escolher uma das encarceradas na saleta para acompanhá-la e servi-la.

Transmitida a ordem a Delfina, escolheu esta a *Levandisca*, e saiu depois que, intimada pela juíza, pagou oito vinténs de propinas àquela autoridade do cárcere.

Estava já modestamente mobilado o quarto que lhe deram. Aí respirou ela, porque tinha ar em abundância, que lho dava uma janela gradeada sim, mas aberta sobre a Praça da Cordoaria.

Faltava-lhe o filho para radiar de alegria aquele recinto. Satisfez-lhe Deus esse desejo com a chegada da criancinha, e uma longa carta de D. Francisco, não animadora de esperanças de liberdade, mas afetuosa pela tribulação de ânimo que parecera ditá-la.

Nesse mesmo dia soube Adelaide que sua prima nem estava incomunicável, nem na enxovia, nem a pão e água no segredo. Enfureceu-se e disse mal da sua sorte, da inércia do seu procurador, e da corrupção dos magistrados. Como naqueles tempos a imprensa não era ainda um suplemento respiratório aos pulmões dos aflitos, a esposa ciosa, para não abafar de todo, foi passear no Largo da Cordoaria, a ver se entrevia a prima nas grades da janela para debaixo lhe fazer algumas caretas vingativas.

De feito, Delfina aproximando-se das grades para olhar ao longe o horizonte do mar, viu a prima debaixo daquela árvore central, que ali foi plantada no dia em que os taverneiros foram enforcados à ordem do marquês de Pombal. Recuou a tremer, e inutilizou desta vez o desabafo de Adelaide.

Os solicitadores da querela empenharam-se com a intendência para angustiarem a prisão de Delfina, alegando que o atormentá-la seria o mais eficaz meio de dissuadi-la dalgumas criminosas esperanças. Ao mesmo tempo o cônsul, mediante os amigos fiéis no infortúnio, malograva as influências dos inimigos, e conseguia que se não alterassem as ordens.

Perguntem-me se há palavras com que possa definir-se o estado moral de D. Francisco de la Cueva. Respondo que há. D. Francisco de la Cueva tinha lição do seu Tirso de Molina, e simpatizava com o carácter daquele D. João Tenório que o leitor leu traduzido em Molière, e degenerado em Byron, e refundido em Malefille, e de todo estragado nuns Tenórios que por aí enxameam nos botiquins e nas lojas das luveiras.

D. Francisco tinha imaginação vulcânica e nada mais. Nele, o coração era o que a fisiologia diz que ele é realmente: o órgão central do sistema sanguíneo, um agregado de membranas fibrosas e válvulas, cuja contratilidade recebe e expelle o sangue, cujos elementos procedem do ar e do estômago.

Que ele amava Delfina, isso para mim é ponto de fé. Se digo que foi com o coração que ele a amou, arrisco-me a que me

redarguem que o meu modo de ver o amor é uma questão fisiológica, um fenómeno sanguíneo. Tal não direi, porque sou duma escola de idealistas que vai caindo em desuso, e está a passar ao «ridículo».

Amou-a com a sua candente imaginação. Coloriu-a com cores do céu; adornou-a com enfeites dos anjos. Acontece, porém, que as coisas do céu, transplantadas ao nosso globo, descoram e desmaiam apenas este impestado clima as toca. E daí vem que os amores, puxados da imaginação, mais hoje ou mais amanhã começam a decompor-se. O que é perfume vai para o céu donde veio. O que é verdadeiro, sensível e tangível fica na terra, porque é barro, e não sairá jamais do barro.

Barro, e grosseiríssimo barro era o espanhol, tanto mais quebradiço, quanto se ele estivera endurecendo ao fogo em que o padre Gabriel Teles formara aquele mau sujeito que recebia convidados de pedra.

A isto convém ajuntar uma circunstância que parece, à primeira vista, frívola: Delfina estivera dezesseis meses na casinha pitoresca de Leça, e fora quasi quotidianamente visitada pelo arrobado amante, que, ao cabo dalguns meses, se retirava pasmado de achar a casinha fastidiosa, a moradora sempre com o mesmo riso, o mar já fastidioso com o seu eterno rugido, e os caminhos péssimos, particularmente de inverno.

Quer isto dizer que os anjos tinham levado para si o que a imaginação do poeta castelhano lhes pedira de empréstimo. Como a casa de Leça não mudava de arquitetura, nem Delfina de semblante, nem o mar de voz, nem as estradas alcançavam para si o exclusivo de um perpétuo estio, D. Francisco aborreceu-se, e tornou à conta de obrigação andar naquelas caminhadas, que o não indemnizavam da crítica da sociedade.

A prisão de Delfina penalizou-o. Bem viram que ele foi à cadeia, e disse que as leis dos portugueses eram bárbaras. Está provada a sensibilidade do homem; mas o coração do amante não.

Pois que havia de fazer ele?

Parece-me que devia lutar para arrancá-la de lá. Inutilizada a luta, devia tomar um quinhão da dor e da ignomínia dela. Depois, esgotado irmãmente o cálix, morrerem ambos.

O que me falta é saber que o leitor se está rindo agora!

A mim pouco me faltou para chorar, quando ouvi dizer que D. Francisco, temendo que lhe tirassem o consulado, abandonou à compaixão dos magistrados a sorte de Delfina, e nunca mais solicitou a liberdade dela. Dava-lhe meios, dava-lhe dinheiro; mas que é dinheiro para a mulher que pede amor? É o vitupério mais grosseiro, quando a mulher, desprezada de todos, se concentra em si, e em seu pundonor se refugia.

Dinheiro à nobre alma, que só conhecia o valor da pureza de consciência que perdera para mais realçar o quilate da paixão que dava e da paixão que lhe deviam!

Acostumou-se Delfina ao cárcere, ou a porção mais sensível do coração se desfizera em lágrimas.

Como tivesse consigo uma hora o filho, cobrava alentos para contar minuto a minuto as vinte e três horas de cada dia e noite de vigílias, ou dormitação sobressaltada por maus sonhos.

As cartas do espanhol foram declinando da veemência da paixão para a frieza do raciocínio; e, como as máximas da razão são poucas, e o cônsul assim mesmo as não sabia todas, com o andar do tempo nem já raciocínios lhe mandava. Delfina queixou-se sem irritação. D. Francisco redarguiu com desculpas fundadas no melindre da sua posição, e no risco em que estava de perder o emprego por sugestões da mulher inexorável, e na impossibilidade em que ficaria de sustentá-la na cadeia, ou no convento em que os seus parentes queriam encerrá-la.

Delfina não replicou a semelhantes razões; mas devolveu-lhe, no fim do seu quarto mês de prisão, a mesada que o espanhol lhe mandava pela ama.

Remeteu-lha outra vez, com uma carta enternecida, o condoído amante; mas a presa, sem assomos de orgulho nem sequer ironia, pediu ao pai de seu filho que revertesse em favor da criança os

benefícios, que ela podia dispensar, visto que tinha consigo objetos de valor, cuja conservação lhe era inútil.

E começou a vender para seu sustento algumas prendas e vestidos que ela não esperava usar mais.

Neste tempo morreu no Alto Douro uma irmã de sua mãe, cujo espólio valeria quatro mil cruzados. Metade desta herança coube a Delfina, e foi-lhe logo entregue a instâncias de Adelaide, que assim cuidou salvar o casal do encargo de sustentá-la. A não ser este egoísmo, a herdeira seria roubada pelos parentes, ou excomungada dos direitos de sucessão sob qualquer pretexto fundado no crime que pendia dos tribunais. A miúdo a lei é capa de ladrões sagazes, e de infelizes tolos que lhe pedem proteção.

Delfina devia ter um destino. Os parentes não a queriam sentenciada, porque não o podia ser sem que o corrêu fosse entregue à justiça de Espanha. Cuidavam, portanto, em sentenciá-la, condená-la e executá-la sem intervenção da lei.

O recolhimento das Órfãs de S. Lázaro, naquele tempo, era uma casa de suplício. A cruz do Senhor estava ali arvorada a cada canto para significar que era ali o Gólgota. As meninas sem pai, que a Santa Casa da Misericórdia mandava lá recolher, aceitavam alegres o pão da caridade; mas as reclusas por violência morriam ali abafadas, ou recuperavam o ar vital por lances de desesperação, dos quais eu sei de um exemplo que hei de contar brevemente, e já prometi contar n' *A filha do arcediago*.

Conseguida a licença para a reclusão de Delfina, sem previamente a consultarem, e prevenida a regente do recolhimento com o odioso da verdade e o odioso da calúnia, foi a presa intimada para se preparar que ia sair da cadeia.

Cuidou-se livre a pobre senhora, e exultou e festejou a nova que lhe ia restituir seu filho para todas as horas do dia e da noite.

— Deus queira — disse a *Levandisca* — que a senhora não tenha ainda saudades da cadeia! Ninguém vai para melhor, minha senhora. A gente quando começa a ser desgraçada vai sempre a pior.

— Pois eu não vou ser posta em liberdade?! — disse Delfina.

— Eu ouvi dizer que a senhora ia para um recolhimento onde talvez a não deixem ver o seu menino.

Delfina, atribulada pela horrível suspeita da sua criada, desceu da prisão ao escritório onde a esperava o escrivão que a prendera, portador da ordem, e perguntou para onde ia.

— Vai para o recolhimento de S. Lázaro — disse o esbirro impassível.

— E meu filho?

— Seu filho fica onde está.

— E não há de lá ir?

— Eu sei cá! A senhora pergunta-me a mim se seu filho há de ir ao recolhimento!? Isso é lá com a regente da casa.

— Pois eu não saio daqui sem a certeza de que meu filho pode entrar no recolhimento.

— Não tem remédio senão sair — retorquiu o senhor Crispim Caetano da Costa, amiudando as pitadas calmantes da sua cólera.

— Veremos! Arrastem-me daqui! — exclamou Delfina, sentando-se num daqueles dois bancos de castanho, que o autor curioso pôde ver no salão da cadeia, mesmo porque os ilustres padecentes de 1829 ali se assentaram com as suas túnicas brancas quando iam para a forca.

O escrivão encarou na presa pertinaz com olhos coruscantes de raiva, e disse:

— Olhe que eu chamo dois soldados que lhe peguem pelos braços e a metam na cadeirinha! Não brinque comigo! O que a senhora D. Adelaide devia ter feito era fazê-la sentenciar, e mandá-la tomar ares em Angola. A senhora há de ser sempre ingrata até ao fim! Dão-lhe por piedade um recolhimento onde estão meninas muito fidalgas, e a senhora ainda se faz de manto de seda!...

A mulher do carcereiro, que visitava e consolara Delfina algumas vezes, interveio com as suas lágrimas e razões, persuadindo a desgraçada a entrar no recolhimento, como meio de alcançar mais depressa o seu perdão, e poder ter ainda uma boa parte de

vida feliz na companhia de seu filho. Por outro lado, agourou-lhe o ruim futuro que podia seguir-se à sua resistência, sendo que Adelaide irritada daria querela contra o marido, obrigando-o a sair de Portugal, e a expatriar-se de Espanha para não ser preso e sentenciado como ela.

Delfina ouviu silenciosa as prudentes razões da mulher do carcereiro, e entrou, quasi em braços dela e do marido, na cadeirinha que a levou ao recolhimento de S. Lázaro.

Esteve Delfina encarcerada sete meses e catorze dias, como consta da seguinte nota, escrita à margem do assentamento da entrada:

Solta, e entregue ao escrivão Crispim Caetano da Costa para a fazer recolher no recolhimento das Órfãs de S. Lázaro, em 27 de junho de 1819.

Saltou Delfina da cadeirinha impetuosamente no pátio do recolhimento, porque vira o filho nos braços da ama. Tirou-lho num como repelão de doida, e beijou-o com tal sofreguidão de abraços, que a criança parecia estranhá-la, e chorava espavorida. Não balbuciava sons articulados a pobre mãe: gemia e soluçava tão alto, que a regente e porteira já estavam à porta, não condoídas, mas espantadas do espetáculo indecoroso debaixo das abóbadas sagradas.

O escrivão Crispim, que tinha que fazer, interveio satanicamente no grupo miserando, dizendo a Delfina que não viesse para ali fazer lamúrias, que estava a escandalizar as senhoras da casa, e tirar-lhe a ele o tempo. Delfina fitou os olhos esgazeados no vilão, passou o filhinho aos braços da ama, e pediu forças a Deus para o trance horrível. Não quis Deus ouvi-la, ou de mais a ouviu, porque lhe tirou o sentimento.

Foi Delfina levada em braços para dentro, e posta sobre um escabelo de pau, sobre o qual estava a imagem de Jesus. Ninguém se sentou à beira dela, ninguém lhe amparou a cabeça desfalecida.

Do lampadário que pendia aos pés do retábulo de Jesus caía-lhe sobre o rosto um reflexo avermelhado; e as lágrimas, como cristalizadas no rosto da padecente, rebrilhavam aos revérberos daquele lampadário.

Nem uma voz caridosa lhe falou, nem houve mão de mulher que lhe corresse um lenço sobre as lágrimas!

E, contudo, estavam ali algumas *santas*, a quem cá de fora se pediam orações nas grandes calamidades do reino e das famílias; e sobre a cabeça da desgraçada estava a imagem do Senhor das Misericórdias, com quem aquelas *santas* tinham colóquios tão arrobados, que, no dizer da porteira, não era raro o Senhor falar com elas em português chão, subirem-se ao ar em corpo e alma, e ficarem suspensas dois côvados acima do pavimento!

Chamava-se a regente D. Ana Quitéria da Chaga do lado.

Chaga do lado! Que poesia tão mística tem o epíteto! Que predestinação do Céu nos está encantando na piedosa suavidade daqueles apelidos nobilíssimos na genealogia dos mártires! *A chaga do lado!*

A porteira, que escondera o rosto para se não escandalizarem seus olhos daquela cena de mãe beijando o filho do crime.... oh!... como se chamaria a porteira?

Chamava-se a senhora Inocência! *Inocência!* não podia deixar de ser assim, a não poder chamar-se a senhora Pudicícia, ou a senhora Honestidade!

Voltando a si, Delfina viu as velhas e algumas pensionistas, que a fitavam dum modo diferente das velhas.

— Venha para o seu quarto, senhora! — disse secamente a devota da Chaga do lado.

— Eu não tenho forças, minha senhora — murmurou Delfina — Peça-lhe a esmola de me deixar estar aqui um bocadinho.

— É melhor ir descansar no seu quarto — replicou a regente — e o mais acertado seria ir a senhora ao coro rezar e pedir a Deus que a faça entrar na sua consciência, e aceitar o castigo na Terra, para ter menos que penar no Inferno.

Delfina abriu os olhos espavoridos, encarou com as austeras carantonhas da criatura da Chaga do lado, e recaiu na síncope, exclamando:

— Ó meu pobre filho, que estás sem mãe!

— Cale-se, mulher! — exclamou a regente convulsiva de piedosa fúria — não me venha cá dizer diante destas meninas que tem filhos!

Delfina já a não ouvia.

A regente prosseguiu voltada para as circunstantes:

— Vão-se daqui, meninas! não quero que ouçam as blasfêmias desta pecadora!

E as pensionistas retiraram lentamente e tristes, exceto uma, que teimou em ficar.

— A menina não ouviu? — disse a regente.

— Ouvi sim senhora; mas não há de ficar sozinha esta pobre criatura.

— E que lhe importa à menina a criatura?!

— Importa, porque tenho coração, e sou cristã.

— Aqui sou eu que governo! Eu que a mando sair, é porque sei que essa mulher não está em graça de Deus.

— Pois por isso mesmo — replicou a pensionista — é que mais direito tem à nossa caridade e assistência, a ver se assim conseguimos restituí-la à graça de Deus.

— Não me dê sentenças, senhora D. Maria Pacheco! — bradou a velha da Chaga do lado.

— Isto não são sentenças, são obrigações da nossa religião, senhora regente. Se nesta casa se não professa a religião de Jesus Cristo, abram-me a porta, que me quero ir embora.

— Que a menina se quer ir embora sei eu; mas há de ir quando seu tio quiser. A sua religião bem sei eu qual ela é!... Estávamos aviadas se todas lêssemos pela mesma cartilha...

— Pois olhe que a sua, senhora regente, não há de levar muita gente ao Céu! Aqui faltam só as fogueiras da Inquisição.

— Cale-se! — bradou a velha — Olhe que eu acuso-a ao senhor provedor da Misericórdia!

— Que me importa a mim o senhor provedor da Misericórdia, não me dirá? Como à minha custa, e não recebo favores nenhuns da Santa Casa! Eu é que lhos faço em pagar um péssimo quarto e péssimos alimentos por bons cruzados novos.

Delfina, recuperado o alento, ouvira a última parte daquele edificante diálogo, tomado ali ao clarão da lâmpada do Senhor, na casa de caridade das meninas pobres, e da educação das meninas ricas.

Convém saber quem era esta D. Maria Pacheco, que tão altiva e desabusada contendia com a regente. Diga-se de corrida.

Era sobrinha dum fidalgo portuense, e filha dum rico abade irmão daquele fidalgo. Como se deixasse cativar dos galanteios dum moço de baixo nascimento, a ponto de entender em matrimoniar-se, o tio, para resguardar o seu brasão dalguma mascarra, convidou arditosamente a sobrinha a dar um passeio de sege, e parou à porta do recolhimento, sob pretexto de cumprimentar a regente. A inexperta menina foi com o tio. Apenas se abriu a porta sentiu-se ela impelida de fora, e puxada para dentro tão à pressa, que não lhe deram tempo de pensar na resistência.

E lá ficou bem petrechada de adornos para o seu quarto, bem servida de criadas, e com abundantes meios. Isso, porém, não tirava que ela todos os dias verberasse de língua a regente, a vice-regente, e a porteira, a senhora Inocência, que, não sabemos se amestrada por ela, já dizia palavradas, que era um regalar-se o porco sujo de ouvi-las.

Esta menina, com alguns anos de reclusão, esqueceu o amador constante, e conseguiu ir a caldas. Nas caldas sentiu novas febres d' amor, e desforrou-se da repressão em que lhe tiveram os melhores anos da mocidade. Nem mais voltou ao recolhimento, nem cuidou de saber que júzo formavam dela as fidalgas suas parentas. Há poucos anos que ela vivia numa cidade do Minho, muito amada de seus filhos, e mal vista na sociedade, que duvidava da legitimidade dos filhos. É porém coisa notável, que esta mesma sociedade aplaudiu o tio de

Maria Pacheco, quando ele a inclausurou no recolhimento para ela não casar com um homem de quem poderia haver muito honradamente filhos legítimos.

A sociedade é respeitável e adorável em suas esquisitices!

— Eu dou-lhe o braço, minha senhora, e acompanho-a ao seu quarto — disse Maria Pacheco a Delfina.

A regente relanceou os olhos para o retábulo de Jesus, como se dissesse: «Perdoai-lhe, Senhor, que ela não sabe o que faz.»

Delfina apoiou-se no braço da pensionista, e entrou na sua cela.

Era esta um cubículo escuro, que recebia a luz coada por uma fresta de grades, redobradas por outra grade de arames, aberta na parede em tamanha altura, que nem a dobrada altura duma encorpada mulher bastaria a lá chegar.

Delfina aterrou-se, e disse:

— Aqui falta-me o ar, meu Deus! Não vivo nesta furna vinte e quatro horas!

— Tem aqui vivido muita gente — disse a regente — Aqui só não vive quem está abandonada da graça de Deus.

— Se o sofrimento e a expiação é a graça de Deus — replicou Delfina — eu tenho muito que esperar da misericórdia divina, minha senhora.

— Primeiro há de arrepender-se, e conformar-se com a divina vontade — redarguiu a senhora D. Ana Quitéria da Chaga do lado.

— Estou conformada com a divina vontade — balbuciou afogada por gemidos Delfina. — Aqui é morrer... e eu morrerei contente.

— Tenha resignação, menina — disse Maria Pacheco — Aqui há corações com humanidade. Olhe bem para mim, que também fui aqui arrastada pelos cabelos, e vivo, e quero viver, porque, se as lágrimas não apagam este inferno, a força de vontade, tarde ou cedo, nos deixa vencer o despotismo e a infâmia dos algozes.

— Que linguagem é essa, senhora D. Maria Pacheco?! — clamou a regente.

— É a linguagem que a senhora me tem ouvido muitas vezes. Para que se está a fingir estranha? Posso falar assim diante desta senhora, que não é nenhuma inocentinha que eu possa estragar, como a senhora diz que estrago as meninas.

— Proíbo-a de estar neste quarto — retorquiu a regente trémula de raiva.

— Pois proíba! mande chamar a mesa da Santa Casa. Grite às armas, a ver se o general cá vem com a tropa! Bem me importam a mim as suas proibições! Se me cá não quer assim, abra-me a porta, que eu prometo não olhar para trás.

— Bem sei, bem sei..

— Pois se sabe, melhor.

Retirou-se a da Chaga do lado, e fez reunir em comunidade as órfãs para lhes proibir que entrassem no quarto da pensionista Delfina, ou tivessem com ela conversações fora do quarto, sob pena de castigar com o tronco as desobedientes.

O tronco era um túmulo de granito sem luz nem ar, com uma enxerga sobre uma tábua, e um alçapão no teto, por onde as castigadas recebiam o pão e a água.

Neste tronco penou alguns dias uma senhora, a quem devo a máxima parte do entrecho desta história, porque um dia, compadecida de Delfina, colocou uma cadeira sobre uma cómoda, e subiu à cadeira até poder, com uma tesoura, cortar uns arames de modo que a infeliz pudesse, pelo escasso orifício, ver o filho, que passava com a ama defronte do recolhimento, na pedreira que hoje se chama o Jardim de S. Lázaro.

Deu-se este facto posteriormente à época, que vamos historiando, alguns meses.

Estreitaram-se intimamente em amizade Delfina e Maria Pacheco. Nunca esta conseguiu, porém, desanuviar o semblante da infeliz, atormentada por saudades do filho.

A respeito de D. Francisco, nunca lhe ouviram palavra. Presumo que o não amava, porque não podia amá-lo. Lá tinha o amor de mãe para encher-lhe o coração, e coração bastante nobre para

se deixar morrer aos golpes da ingratidão. Não me digam que outras mulheres são feitas de outro barro, porque eu, nem como romancista, admito absurdos, e muito menos imposturas. Cuida muita gente que as lágrimas da mulher abandonada são o soro do coração amante. É outra coisa: é a ferida da ingratidão que sangra; é o arrependimento da cega e ultrajada confiança, que chora. Ao fogo, que por fim requeima no seio estas lágrimas, ordinário é acendram-se as culpas, e sair a contrição com grandes virtudes, virtudes que pendem de pouco: — basta o esquecimento da injúria recebida da mesma mão, que inflorara o abismo da mulher, e o despenhara nele.

Cá vêm as delongas aborrecidas! Ruim vezo é este da velhice!

Entretanto, D. Francisco de la Cueva conseguira que algumas cartas suas chegassem astuciosamente à mão de Delfina. Em cada sábado recebia ela uma bandeja com dois pires de geleia, enviada pelos seus parentes. A porteira, que era a Inocência em nome e pessoa, acreditava na legítima procedência do presente, e mandava-o à pensionista sem exame. Debaixo de um dos pires ia a carta do espanhol.

Poucas semanas logrou D. Francisco o seu ardil. Descoberta a velhacada nunca mais foi recebida a geleia, e Delfina sofreu duras repreensões, que seriam mais pungentes, se Maria Pacheco não saísse sempre em defesa dela.

Algumas criadas do recolhimento foram despedidas por suspeitas de receberem dos seus parentes, comprados pelo espanhol, cartas para Delfina. Uma destas criadas, quando foi despedida, disse à pensionista que escrevesse depressa uma carta, que ela iria pessoalmente entregá-la ao cônsul. Delfina entregou-lhe umas poucas, escritas em sucessivos dias, versando todas sobre o filho. A ladina moça cingiu-as entre as meias e as pernas; mas a mais ladina regente fê-la despir as meias, e achando a papelada, mimoseou a criada com alguns bofetões, e lançou-a a empurrões à rua.

Foram lidas as cartas em consistório, e decidiu a virtuosa da Chaga do lado, que à vista dos termos amorosos com que a pecadora ainda falava ao pai do filho, o mundo não podia durar muito, e o reinado do anticristo estava a bater.

Delfina, baldados quantos esforços sugerira Maria Pacheco para ver o filho, ou ao menos ter cartas do pai, desanimou.

Se até ali, por vezes, o génio divertido de D. Maria Pacheco lhe tirava ao semblante um ar de graça e de resignação, depois as mesmas provocações ao riso a molestavam de modo que Delfina mal podia disfarçar o desgosto.

Com a tristeza sem desaforo vieram os primeiros sintomas de doença mal-encarada. Ânias de coração, dores profundas, tosse a intervalos, e expetoração ensanguentada, com grandes aflições do aparelho respiratório.

O doutor Alão, médico do recolhimento, foi logo chamado por Maria Pacheco; como quer, porém, que a regente o iniciasse primeiro nos precedentes da enferma, ouviu ele a exposição da moléstia, meditou alguns segundos, e disse a Delfina:

— Tenha juízo, senhora, e terá saúde. O seu mal é todo do espírito, e o seu espírito está desvairado. Juízo, juízo é o que há de curá-la.

— Mas — disse Maria Pacheco — se o senhor doutor fizesse ver a conveniência desta senhora ir a ares, talvez que ela se restabelecesse.

— Não são ares que ela precisa; juízo, juízo, já disse. Os ares acabavam de enlouquecê-la. Não tenho mais que lhe diga.

— E se ela morrer!? — atalhou irritada a sobrinha do fidalgo portuense.

— Se morrer! — tornou com faceto espanto o médico — se morrer há de ressuscitar no dia do juízo, se as Escrituras Sagradas não mentem.

— As Escrituras Sagradas são uma grande mentira — redarguiu colérica a Pacheco — na boca da regente, e na boca dos médicos que por miseráveis migalhas tomam o partido do forte contra o fraco.

— Parece que quer insultar-me, senhora D. Maria?! — disse ofendido o doutor.

— Tome lá como quiser o dito.

— Mas é que eu vou queixar-me.

— Queixe-se! E veja se consegue que eu seja expulsa desta casa.

— Expulsa não; mas nesta casa há castigos.

— Isso sei eu, e os algozes são certos sujeitos como o senhor, e como os membros da mesa chamada da *Santa Casa*, que se chama *santa* por isso que a Inquisição também era *santa* quando assava o corpo na Terra, e mandava assar a alma do pecador ao Inferno!

— E a senhora — tornou o Alão, limpando as camarinhas do suor — se nascesse há cem anos lá iria com bem mais razões que muitos outros tiveram para lá ir.

— Também me parece que sim; e o senhor doutor naturalmente era o encarregado de acender a fogueira!... Como não pode ser oficial da Inquisição é médico do recolhimento; e às infelizes, que cospem sangue, porque não têm ar, manda-as ter juízo... Tanto faz uma cousa como outra...

Foi dali o doutor Alão procurar a regente, e expôs em tom declamatório a sarabanda que lhe deu a filha do abade.

A regente benzeu-se três vezes, e, segundo ela disse, sentia vontade de desmaiar. Queria porém o médico que a regente, em vez de desmaiar, fizesse uma formal queixa de Maria Pacheco ao provedor da Santa Casa, a fim de que ele a mandasse recolher ao tronco. A regente, recobrada das ameaças do seu desmaio, disse que as pensionistas não podiam ser castigadas com o tronco; mas sim despedidas por incorrigíveis. Replicou o Alão que em tal caso fosse despedida a desenvolta mulher, ou ele se demitia de médico da casa. Então a senhora D. Ana Quitéria da Chaga do lado, entre soluços e flatulências, confessou que o tio de D. Maria Pacheco dava quatro vezes maior pensão para aquela casa, contanto que lhe aturassem a sobrinha. Que além disso tanto o senhor Diogo Leite, provedor, como o senhor doutor João Pedro

Gomes d' Abreu, escrivão da Santa Casa, respeitavam muito o tio da pensionista, e já por vezes, queixando-se ela regente, eles lhe tinham dito que a virtude da paciência era a mais segura âncora para aferrar o porto do Céu; que tivesse ela para com a sobrinha do fidalgo todas as contemplações possíveis. Acrescentou por fim a paciente senhora, que desde muito ela tencionava falar ao senhor provedor, a fim de aumentar o ordenado do médico, e o fazia na certeza do aumento; e por isso lhe pedia a ele doutor Alão que continuasse a ser o médico da casa com mais cinquenta mil reis de ordenado.

Punziu-se o doutor à última parte do discurso, e cedeu a ficar, pensando que a virtude da paciência, tanto nas regentes dos recolhimentos, como nos médicos, era a mais segura âncora para aferrar o porto do Céu.

Delfina piorava a rápido progresso.

E, desde que um dia conseguiu ver o filho pelo ardil que ficou dito, — com tão duro castigo para a menina órfã que cortou os arames — raras vezes saiu do leito.

Aconselhada por Maria Pacheco, escreveu a seus tios, sujeitando-se a ir viver na aldeia, que eles escolhessem, com seu filho e com os seus recursos. Não lhe responderam.

Escreveu também a sua prima Adelaide, pedindo-lhe perdão da ofensa, confessando com sincero arrependimento o seu crime, e sujeitando-se a ir para onde a mandassem com seu filho.

Adelaide fez alarde desta carta para confirmar a razão com que se estava vingando. E o mundo entendeu que razão de sobra tinha ela para vingança maior.

«É tão desavergonhada, que confessa!» diziam as senhoras da intimidade da família.

Era, portanto, uma desgraça sem respiradouro.

D. Francisco não podia valer-lhe, nem sequer animá-la com cartas, nem falar-lhe no filho. A cada hora estava ele esperando, com susto, a sua exoneração do emprego, e a querela instaurada.

Chegara ele a ter o pensamento vil de reconciliar-se com a mulher para aquietar os sustos, e planear com sossego uma vingança clandestina, ministrada pelo veneno.

Neste pressuposto foi a Espanha para consultar não sei que raça hereditária das Locustas e Bórgias. O êxito desta diligência poderia ser bom; mas, como o sucesso não provou nada, eximo-me de aventurar hipóteses descaridasas, sobre desnecessárias.

O que sei é que Delfina aos oito meses de reclusão nenhuma esperança dava de vida, ou de juízo, como dizia o sábio Alão. Amargura incessante, definhamento acelerado, o pulmão cuspidos a pedaços, e as agonias, que sendo tantas, lhe não valiam a distrair-lhe do coração o sangue que saía em lágrimas: foi o seu viver até ao fim do duodécimo mês de recolhimento.

E, no entanto, dizia-se cá fora:

«Está no recolhimento de S. Lázaro a morrer uma desgraçada senhora, que morre de saudades de um filho que lhe arrancaram quando a recolheram judicialmente.»

Havia humanidade na voz que dizia isto; mas em redor da pessoa que tal notícia dava, vinte vozes, a um tempo, diziam:

«É bem feito. A humanidade quer-se vingada. São necessários os exemplos.»

Destas vinte pessoas, consentâneas em votar à morte a infeliz, uma era uma senhora que deixara morrer de indigência sua mãe, porque seu marido não queria para sogra uma mulher que ilegitimamente se prestara a dar à luz uma menina que ficou herdeira de seu pai, e se nobilitara matrimonialmente pela herança.

A outra era uma adúltera, que levou a mal que seu marido se mostrasse compadecido de Delfina.

A outra era uma viúva, que defraudava o património das filhas, esbanjando-o em brindes que faziam suportável, mas dobradamente ridícula, a decrepitude do seu vício.

A outra era uma antiga criada de servir, que ajudara a matar com desgostos a ama, e casara com o amo, ileso da difamação pública.

A outra era uma religiosa franciscana, que pedira licença para tomar ares, e medrava admiravelmente no ar pestífero das lagoas pontinas da devassidão.

A outra era uma brasileira, chegada recentemente de Pernambuco a título de buscar saúde em clima temperado; mas a verdadeira causa da sua excursão à Europa era estar culpada de enorme roubo de joias feito ao comerciante que falecera quando ela lhe administrava a casa e educava as filhas menores.

Outra....

Imaginem o que quiserem, na certeza que não se enganam.

Onde estão vinte pessoas reunidas em pregão de insulto ao infortúnio, aí, sem dúvida, estão acobertados vinte crimes. Do elo da libertinagem ao elo da ladroeira preenchem a cadeia com os fuzis que faltam. Dispensa-se a imaginação e engenho para a obra.

O médico Alão foi um dia à cela de Delfina, voltou à da regente, e disse:

— A pensionista não vive três dias. Sacramentem-na, que é tempo.

Maria Pacheco tomou à sua conta dizer a Delfina que estava em risco de morte.

A enferma ouviu as redundâncias da sua melindrosa amiga, e respondeu:

— Estava farta de o saber, minha amiga. Estou pronta para receber o confessor; mas não me será permitido confessar-me lá fora, e sacramentar-me em sítio onde possa ver o céu e despedir-me do meu filhinho?

Foi Maria levar este recado à regente.

A regente disse que não dependia dela a saída da enferma, senão com a melhor vontade lhe abria a porta. E, dizendo, pôs a mão sobre o coração e os olhos no teto, à falta de céu, que costuma testemunhar impassivelmente muitas apelações blasfemas e sacrílegas.

Maria Pacheco saiu murmurando:

— Corja de hipócritas!

— Que vai dizendo a senhora? — exclamou a da Chaga do lado.

Maria retrocedeu ao limiar da porta da regente, e disse em voz sonora e vibrante:

— Corja de hipócritas! foi o que eu disse.

— Isso é comigo? — tornou a regente.

— É sim, senhora.

— É muito malcriada, senhora D. Maria Pacheco!

— Mas não negoceio com a religião, senhora Ana Quitéria.

— Veja lá como fala, e com quem fala! — bradou a regente, ultrajada pela elipse do *dom*.

— Sei que falo com a senhora Ana Quitéria, que antes de ser D. Ana da Chaga do lado era a senhora Aninhas, filha da senhora Rosa, doceira de Cima-de-Vila.

A regente sentou-se, porque sentia desarticularem-se-lhe os joelhos, e esbofava e suave.

Maria saiu majestosa como rainha, e jubilosa da sua vingança, como quem saldou contas com um inimigo e com a sua consciência.

Ó raça das nobres e soberbas mulheres, nunca tu te extingas, para que a humanidade possa admirar em si o melhor que o divinal engenho do Criador lhe deu!

Voltou Maria ao quarto da moribunda, e disse-lhe:

— Não tens licença para sair, anjo. Bebe o teu cálix até às fezes.

— Beberei — disse Delfina.

Saiu Maria chorando, e mandou chamar seu tio.

Veio logo o fidalgo, a quem ela contou o estado da sua amiga, pedindo-lhe encarecidamente que fosse ele implorar aos parentes que a deixassem morrer ao ar livre, e despedir-se do filho.

Foi o velho a Vila Nova. Pediu, instou, e conseguiu que Delfina sáísse do recolhimento, e se abrigasse numa casa situada no Candal, pertencente aos seus parentes.

Era a casa onde ela tinha nascido, quando seus pais, abastados e regalados de confortos, ali iam passar o estio.

Voltou o fidalgo com a licença do juiz do crime sobre a licença de Adelaide.

Maria deu a nova à sua amiga. Delfina lançou-se fora do leito, exclamando:

— Ar! ar! meu Deus! vou ver o meu filho!...

E lançou-se aos braços de Maria.

A regente, vendo-a a pé e animada, segredou à vice-regente:

— Olha como ela já tem forças! A velhaca andou a enganar-nos com a doença... O que ela queria era sair.

Estava a este tempo sem sentidos a infeliz. Casualmente passava o médico, e tomou-lhe o pulso.

— Será bom sacramentá-la — disse ele.

Perguntou Maria a Delfina se queria tomar os sacramentos antes de sair. Respondeu Delfina que sim.

Sacramentou-se, depois que pediu a todos perdão do escândalo que a sua desgraça lhe fizera dar naquela casa. Choravam muitas meninas.

Maria Pacheco fitou os olhos na cara da regente, e murmurou:

— Nem uma lágrima! É de ferro a alma desta mulher!

A da Chaga do lado não retrucou. Disse que ia pedir a Deus que desse saúde à enferma, ou a glória eterna à sua alma.

E foi para a cela fazer a conta relativa aos dias do último mês que Delfina estivera no recolhimento, e comer umas sopas tiradas da olha da panela, com os quais cilícios a beata cingia os rins às onze horas da manhã, para evitar a queda da espinhela, a que era atreita.

Sacramentada Delfina, chegou uma carruagem à porta. Era a carruagem do tio de D. Maria Pacheco.

Momentos antes mandara Maria um bilhete ao cônsul, dizendo: «Delfina vai sair. Mande o menino esperá-la à ponte.»

A mulher forte, Maria, ao dar o extremo abraço na penitente, sucumbiu.

— Nunca mais ver-te, mártir! — exclamou ela, e desfaleceu.

Foi Delfina levada em braços à carruagem.

— Os cavalos que vão muito devagar — disse o médico Alão.

E partiu, a passo de saimento, a sege.

Delfina não pôde suportar a luz do sol. Era num dia de julho. Defendeu os olhos com o lenço enopado em lágrimas, e correu as cortinas das vidraças.

À entrada da ponte abriu-as, e viu sentada a ama com o menino no regaço. Fez parar a sege com um grito estridente, que o boleiro julgou ser o arrancar da morte.

Chegou-se à portinhola a ama, e curvou-se Delfina para tomar o filho.

— Como estás lindo! — exclamou — Como te deixo lindo, meu querido anjo!

A criança encarava nela com assombro, e levava as mãozinhas à face onde a mãe lhe deixava o fogo dos lábios febris.

— Conheces-me, Francisco? — dizia ela, enxugando as lágrimas que lhe turvavam a luz. — Conheces tua mãe?

O menino relanceava os olhos entre a mãe e a ama.

E a ama disse à criança:

— Esqueceu-se do que lhe disse o papá, menino?

— Que te disse, filho? — exclamou Delfina.

— Que abraçasse muito a mamã — balbuciou o menino.

Delfina abraçou-o com delirante fogo, e de súbito afastou-o de si impetuosamente, dizendo em voz convulsa:

— Estou a matar-te, filho! Tenho a morte na garganta! Parece-me que já ardes da minha febre. Tome-o, tome-o, ama... Fuja com ele de mim... Preciso ter quem me chore no futuro... Fuja, fuja, ama. Diga ao pai deste anjo que o ame sempre por amor do que eu padeci... Diga-lhe que me não lastime desta hora em diante... Adeus!... Outro beijo, o último, meu filho... e adeus até ao Céu!

Retirou-se a ama afogada em lágrimas. E a carruagem caminhou lentamente. Delfina ainda lançou a cabeça fora da portinhola, e viu o filho nos braços da ama.

Acenou-lhe com o lenço, e a criancinha abriu e fechou os dedinhos enquanto avistou a carruagem.

Além da ponte estava um servo dos tios de Delfina, que devia guiar o boleiro.

Subiram os cavalos a encosta de Vila Nova. No topo estava a casa destinada.

— Pare aqui — disse o guia.

O boleiro apeou, e pediu uma cadeira para a doente firmar o pé, e foi abrir a portinhola.

Reparou que a senhora estava toda reclinada a um canto do respaldo da sege.

— Minha senhora! — exclamou ele, ousando tocar-lhe nas mãos. — Não responde — disse, voltado para o criado. — Acho que vem sem sentidos... Mas as mãos estão a arrefecer!...

A este tempo acercou-se da sege um homem ofegante de cansaço, puxou para si o corpo de Delfina, chamando-a com voz dilacerante.

Era D. Francisco de la Cueva.

Delfina não lhe respondeu.

As postas da eternidade não se ouvem aqui.

Quando às vezes aperto a mão do filho de Delfina, sinto vontade de lhe dizer:

— Acaso sabe o senhor a história de sua mãe?

ISTO PRECISA SER COMPLETAMENTE ARRASADO. São palavras do Senhor D. Pedro V, ao sair das cadeias da Relação, quando, primeira vez, as visitou.

Que tinha visto o rei? Tudo, as extremas misérias que nunca viram monarcas. Se alguma vez rei de Portugal entrou às enxovias, não o dizem crónicas. Pedro V foi o primeiro príncipe que se afrontou com a face mais cancerosa e repulsiva da humanidade. Parece que os horrores lhe eram deleite. Contemplava sereno a agonia dos coléricos: a face do moribundo tem uns como resplendores da alva da eternidade; mas o aspeito patibular do parricida parece que tem como esculpidas as contorções da agonia da alma.

Não foi a curiosidade artística, nem a cobiça de sensações, que encaminhou o rei ao interior daquelas paredes cintadas e chumbadas de ferro. Foi a presunção de encontrar ali homens mais castigados que as feras, engaioladas e alimentadas por Fausto, embora elas tenham devorado tribos nos seus sertões.

O rei apareceu inopinadamente à porta da cadeia. O carcereiro era um alferes de veteranos, que naquele momento perdeu todo o seu espírito militar e marcial desassombro. Como eu estivesse no escritório, contemplei o espasmo do velho soldado do Rossilhão, o qual, a saber ler, morreria marechal de campo; e para ser aos quarenta anos sargento, aprendeu a escrever o nome com a mais imaginosa das caligrafias.

Era de supor que o senhor Nascimento (já lá está na presença do Rei dos reis), à chegada do monarca, descesse ao palco a recebê-lo. Assim o teria feito se o deixassem pensar, se o avisassem quinze dias antes. Esperou o rei no seu escritório, e à pergunta: «Quem é o carcereiro?» respondeu:

— Saberá Vossa Majestade que sou eu, à falta de homens.

D. Pedro V correu-o com os olhos, e disse:

— Conduza-me às enxovias.

Abriram-se os alçapões dos calabouços. O carcereiro, querendo ser menos urbano, teria descido adiante para guiar nas precipitosas escadas, e na quasi escuridão do recinto, o rei que lhe media a profundidade. Porém o aturdido velho estendeu as mãos, e arqueou o dorso, como quem cede a honra primacial da entrada. Sua Majestade desceu rapidamente, como se pisasse os tapetes das marmóreas escadarias dos régios paços. À sua chegada uns presos petrificaram, outros ajoelharam, e alguns, voz em grito, pediam a liberdade. Transluzia no cândido rosto do soberano a compaixão de espetáculo tão atrozmente necessário às relações do homem com o homem, do filho de Deus com os seus irmãos. Da primeira passou a outras enxovias, recebendo de todas, ao abrir os alçapões, o hálito pestilencial da respiração e da imundícia de centenaes de presos.

Foi ao calabouço das mulheres, uma das quais, de mãos postas, rezou o padre-nosso, enquanto outra dizia ao rei:

— Mande-me Vossa Excelência dar liberdade, que eu não torno a cair noutra.

O rei sorriu, e a custo se desatou da mulher que lhe abraçava as pernas.

Entrou depois nos salões do segundo andar, em um dos quais todos os presos caíram estrondosamente em joelhos à voz do parricida Mendes. O rei disse a um dos guardas da cadeia:

— Diga a esses homens que me recebam de pé.

Passou entre as alas, e instado a aceitar requerimentos de muitos, disse:

— Mandem-mos ao paço, que eu farei o que puder.

Subiu aos quartos de malta, e entrou ao limiar de todos os cubículos, perguntando a cada preso o seu crime.

Respondiam quasi todos por uma voz:

— Moeda falsa.

Sua Majestade, ao quinto preso por moeda falsa, sorriu para o senhor Tiago Horta, e murmurou em secreto algumas palavras.

Um moço ourives, que ali estava arguido de roubo, respondeu sinceramente:

— Estou preso por furto.

— Começou muito cedo — disse o monarca.

Saí fora do meu quarto para cortejar o rei à entrada.

O senhor Tiago Horta proferiu o meu nome, e Sua Majestade fez um gesto de admirado, e disse:

— Não esperava encontrá-lo aqui!

Mas àquele gesto seguiu-se outro de reflexão e assentimento em que eu vi que o rei achara nas suas reminiscências o motivo da minha prisão.

— Há quanto tempo aqui está? — perguntou.

— Há dois meses e meio.

— Entretém-se em escrever?

— Apenas tento entreter-me.

— Diz bem: o local é impróprio para trabalhos de espírito. Deve aqui haver muita bulha.

— Creio que os primeiros quinze minutos de silêncio nesta casa são os que Vossa Majestade aqui trouxe.

O rei deu alguns passos no meu quarto, e reparou um instante num livro aberto, que era um Plutarco, na vida dos varões ilustres.

Observou-me fitamente, e disse-me:

— Estimarei que se livre cedo.

— Isto deve estar a terminar — disse o senhor ministro das obras públicas.

— Começa agora — respondi eu.

El-rei olhou-me com visível compaixão, relanceou os olhos às abóbadas, e saiu, repetindo:

— Estimarei que se livre cedo.

Passou Sua Majestade à enfermaria dos presos, e à das presas em seguida.

Na extrema desta há uma porta que abre para o quarto duma senhora, que ali estava presa.

— Que é ali dentro?

— Saberá Vossa Majestade — disse o carcereiro — que é o quarto da senhora D. ***.

O rei entrou, e a senhora foi chamada do corredor onde tinha o seu asilo de trabalho.

Com a senhora veio um menino nos braços de sua ama.

D. Pedro V cumprimentou a presa, perguntando-lhe o tempo de sua prisão. Reparou no menino, e acarinhou-o, perguntando-lhe o nome e a idade. A mãe respondeu pela criancinha, e o rei deteve-se a contemplar a infeliz. Ao lado do monarca compungido estava o senhor marquês de Loulé, pensando, por ventura, que naquele dia tinha de banquetear-se no palácio duma irmã daquela encarcerada.

Saiu Sua Majestade, e, ao descer as escadas, proferiu as palavras iniciais deste capítulo: ISTO PRECISA SER COMPLETAMENTE ARRASADO.

Meses depois voltou Sua Majestade à cadeia. Receava-me eu de ser malvisto do monarca, à conta de uma imprudente carta que estampeei nos jornais. Revivo com desprazer a causa. Dissera-se que eu recebera dois contos de reis, dádiva do soberano. Os meus amigos perguntavam-me se eu os recebera, como certíssimos de que eu os enganava, respondendo negativamente. Dei o boato como inventado no Porto, e ponderei-o como todas as calúnias que por aqui me assaltam, e eu esmago entre a sola e a lama. Quando, porém, um respeitável cavalheiro e amigo, António Joaquim Xavier Pacheco, me asseverou que vira uma carta de Lisboa, dizendo que o senhor Conde da Ponte me ia enviar dois contos de reis por ordem do

rei, apressei-me a desmentir a calúnia, ou a rebater a esmola sem mais vaidade que a do trabalho, que a si se basta.

A minha carta era necessária; as frases é que pecaram de leviandade de orgulho. O rei, que entre as suas máximas virtudes preluzia na delicadeza, que doura todas, certamente não mandaria esmolos ao homem que tinha a fácil coragem do suicídio, antes da angustiosa fraqueza de as pedir.

Ora eu sabia que nenhum escrito de certos jornais era estranho a el-rei, e a minha carta fora publicada em alguns, e encarecida noutros como briosa ação.

Disto me acometia o receio de ter-me malquistado com a primeira benevolência do rei.

Enganei-me. O senhor D. Pedro V era um anjo: não sei dar-lhe outro nome.

Foram estas as suas palavras:

— Ainda aqui está?!

— E estarei amarrado com correntes de ouro àqueles varões de ferro.

Deteve-se a pensar, e olhou para dois cavalheiros que estavam comigo.

Depois me disse o que já referi concernente ao preso José Bernardino, com um jeito de tamanha bondade, que eu, a não ser preso, dobraria sem pejo o joelho para beijar-lhe a mão.

A minha livraria estava cercada dum biombo com vidraças, através das quais Sua Majestade observou os livros, notando com risonho gesto, que era copiosa bastante para preso. Eu disse a Sua Majestade que apenas tinha ali *numerosas insignificâncias*.

— Este quarto é mau! — disse o rei, encarando no papel que rebordava da parede em rolos, formando caprichosas laçarias e cornijas.

— Vive-se aqui — respondi — Viveu neste quarto alguns meses o senhor duque da Terceira, e...

Sustive a frase para deixar em silêncio e em desmemória o açougue de 1829.

— Agora deve estar a terminar o seu infortúnio? — disse Sua Majestade.

— Hei de ser julgado em outubro.

Saiu o rei, e correu de novo as enfermarias, e retrocedeu quando se abriu a porta da prisão onde estava a senhora, mãe do menino, que vinha pela mão do general Caula.

El-rei chamou de parte o senhor infante D. João, naturalmente a dar-lhe a causa de não entrar naquele quarto, onde a senhora, expondo-se à mera curiosidade de quem quer que fosse, ajuntava a humilhação inútil ao infortúnio insanável. O rei constitucional não podia repetir as palavras de Jesus de Nazaré.

Sua Majestade, ao sair segunda vez da cadeia, disse:

— SEMPRE A MESMA MISÉRIA!

«Desgraçado Portugal, que não tens um ministro!» declama o senhor doutor Aires de Gouveia, pungido de dó, e engulhoso do enojo que nossas cadeias lhe causaram, e nomeadamente a da Relação do Porto*.

Razão teve de enojar-se e doer-se; mas assim mesmo sua excelência, a ser menos poeta, iria da cadeia com menos náuseas e pungimentos de sua feracíssima fantasia.

Contou o florente e ramalhudo escritor ao país uma historieta de grão pavor a propósito da Relação. Bom seria dá-la textual, a fim de que os leitores saboreassem a nata de lusitanismos, que, passados e agorentados na minha fieira chã, hão de sair chilros e insossos. Olhando, porém, a não avolumar o livro, sumariaremos o essencial. Conta o catedrático que os presos nas enxovias travam *brigas horríveis em que se esfaqueiam e até se matam, sem que os soldados das sentinelas se aventurem a descer a esses antros*. Então se abrem os alçapões, e *um ou dois sacos de cal são de chofre despejados; esta, batendo no chão, ergue-se em nuvens sufocadoras*, e os presos ficam prostrados.

Isto é que é rasgar baetas de poesia crespa e horrente!

Aconteceu uma vez, há muitos anos, aplacarem-se os presos mediante o despejo da cal: facto único, não mais repetido. Raro

* *Reforma das prisões.*

mesmo se tem dado a necessidade de entrarem soldados às masmorras para aquietar os desordeiros; e memória de homicídios, procedentes de brigas, não há nenhuma. Os presos brigões são removidos para outras enxovias, quando recalcitram às admoestações das autoridades. Presenciei mais de um ano decorrido, sem mediano distúrbio. O procurador régio, se suspeitava de rixas entre presos, prevenia as desordens separando-os.

O carcereiro não *espolia os presos caprichosamente*, conchava-do com o juiz da prisão, como assevera o senhor doutor Aires. O preso usa, quando lhe praz, o direito de petição, e mensalmente as autoridades percorrem as cadeias para ouvi-lo: creio que nunca os juízes foram arguidos de espoliadores, nem os carcereiros de os autorizarem. Uma vez única observei que um preso mandava vender a jaqueta para pagar a carceragem; mas o carcereiro dessa época era um funcionário interino que, antevendo a demissão, nenhuma infâmia quis deixar excetuada na sua gerência. Dois carcereiros conheci que davam as suas roupas usadas aos presos indigentes, e resignavam aos emolumentos, se eles espontaneamente lhos não pagavam.

Os carcereiros não ganham *cem reis* por dia, como afirma o senhor doutor Aires. O ordenado e emolumentos orça por seiscentos mil reis o mínimo, e nalguns anos sobe a novecentos mil reis.

Apavorou-se o escritor de encontrar em domingo de Páscoa os presos *comendo, bebendo, e galhofando*, quando cá fora *tudo é paz, hinos nos templos, amor nas famílias, e orações para Deus*.

Isto é bonito em estrofes; mas num livro de reforma de prisões é esquisita poesia!

O dia de Páscoa, fora da cadeia, é um dia em que o vinho corre a frouxo, e os estômagos se repletam a estoirar. Os presos comiam, bebiam e galhofavam, não tendo outros expedientes de solenizar o dia. Aquele *ruído satânico de blasfêmias, de pragas, de injúrias*, que o doutor ouviu, é uma história. Se comiam, não blasfemavam; se

bebiam, não praguejavam; se se divertiam, não injuriavam. Parece até, no dizer do doutor, que os pobres homens se estavam amando uns aos outros naquele dia, porque se *abraçavam e gesticulavam*, e andavam *às cabriolas*.

Conta o senhor doutor:

A minha presença trazia-me chascos aos ouvidos, este pedia-me uma esmola, aquele despegava do magote para vir medir-me d' alto a baixo.

Que milagre! O senhor Aires é pessoa muito de medir-se d' alto a baixo, e o preso sente naturalmente a intuição do belo e do maravilhoso.

Pena foi que as autoridades, prevenidas do ilustre hóspede, não impusessem aos presos e suas famílias o jejum naquele dia, e os não mandassem cantar hinos no templo, e orarem em comunidade, como cá fora se faz!

No tocante a chascos à pessoa do senhor doutor, aqui há pincelada negra no quadro feito a capricho. Os presos são tão humildes, que se perfilam em alas à chegada dum estranho. Entrei diversas vezes nos salões, e admirei a compostura e seriedade de centenaes de homens, que por mim só tinham a deferência que devemos a quem se compadece de nossos infortúnios.

Estava o *José do Telhado em meio da turba... Isto é um pandemónio, um inferno!* — exclama o doutor, espantadiço de coisa tão natural. Onde queria o reformador que estivesse José do Telhado? A ler a Bíblia, ou a cantar hinos no templo. Os reformadores poetas são como os reis filósofos de Voltaire.

O senhor doutor Aires quer que se remova dali a cadeia, e se edifique outra nos arrabaldes do Porto. Alvitra que se venda o mosteiro das freiras beneditinas, a cujo muro tem sua excelência encostado o solar, que há de ficar vistoso, derrubado o muro. A razão primaz do seu alvidramento é que as cadeias, *erguendo-se em meio da labutação industrial do povo, ao lado d' habitações todas honestas e pacíficas, alertarão incessantemente a consciência pública em lembrar-lhe a ideia do crime.*

E ajunta:

Isto não tem nada de proveitoso. Julgais intimidar com a vista do edifício prisional, e colheis em resultado, com ter esperto o conceito do delito, uma quebra constante na tranquilidade social, que tão benéfica é para o seu adiantamento.

Os alemães que entendam estas maravilhas; mas sempre é bom não alertar incessantemente a consciência pública em lembrar-lhe a ideia do crime, pressuposto que o crime é um engodo, e a cadeia uma paisagem convidativa. Tem ideias!

No tocante ao local da construção, opina o senhor doutor Aires de Gouveia que o muro da prisão *seja construído invencível muralha da fortaleza da cidade, afundado exteriormente com largos valos, para que a cadeia se torne, ao vir a necessidade, inexpugnável castelo e primeira defesa da cidade.*

Isto sim, que é reter ali nas muralhas um seminário de patriotas, uma legião de bravos! À primeira fenda que uma granada abrisse no baluarte, os presos saíam todos por ela, arremetiam aos agressores, e voltavam carregados de troféus.

O senhor Aires, quando poetava em mais comezinhos assuntos, aventou o plano dum grémio de bardos, e elegeu, como local, o convento da Serra, por estar mais achegado ao céu, donde desciam as inspirações. As suas ideias florem todas, e desde muitos anos, numa estufa onde não entra o ar comum, que aviventa o restante da humanidade.

Agora direi o que é atualmente a cadeia, reformada por imediata inspeção do senhor Camilo Aureliano da Silva e Sousa, procurador régio.

A serventia das enxovias deixou de fazer-se por alçapões. Há portas de comunicação para o pátio central, onde saem os presos a receber os alimentos, e onde entram as famílias dos presos à hora permitida. A comunicação exterior, das grades para as ruas, cessou com a reformação interna.

Os presos que têm ofício trabalham e vivem juntos como em vasta oficina de ocupações mais semelhantes. Os operários em

esparto estão em comum; alfaiates e sapateiros trabalham à parte daqueles; os carpinteiros têm os seus bancos em cada prisão; os presos que entram sem ofício aprendem a trançar chapéus, a fazer escovas, ou outros mesteres de menos difícil aprendizagem.

As tarimas foram ou vão ser reformadas, segundo os ditames de melhor higiene, que nunca será a precisa, porque a ventilação da casa é má e irremediável. Os presos necessitados recebem vestimentas da procuradoria régia ou da Misericórdia. A limpeza corporal requer reformas fundamentais, que a simples fiscalização das autoridades administradoras da cadeia não basta a fazer. Ainda assim os presos se não andam lavados, é porque já fora da cadeia gostavam de andar sujos. A água é abundantíssima; lá estão algumas tinhas à disposição dos presos.

Ao atual procurador régio se deve a iniciativa de muitas obras, se não perfeitas, o mais que podiam sê-lo em conformidade com a localização e os recursos. Em obras de segurança, merece louvores a autoridade, até mesmo pela superfluidade de ferro que manda cintar em portas, e triplicar nas janelas. Em corredores devolutos vão construir-se quartos particulares para presas que os queiram pagar. A enxovia está sendo o recetáculo comum de todas. Há poucos dias vi eu, no escritório da Relação, uma senhora acusada de envenenar e matar o marido, pedindo com lágrimas que a tirassem da enxovia, ou a mandassem matar. O carcereiro não podia sequer fazer-lhe o favor de a matar. Está a criminosa condenada a pena capital. Esta sentença é um ludíbrio para os criminosos que desejam morrer. A padecente há de agonizar alguns anos em enxovias, e depois será levada à sepultura d' África.

Tanto bradar contra a pena de morte! De que esteios de esperança pende a vida daquela mulher? Quem cuida em morigerá-la, e reabilitá-la pelo arrependimento? Onde encontrará ela o sacerdote que lhe acenda o fogo interior do remorso purificante, e depure alguma porção da alma que a sociedade repele, e Deus misericordioso aceita?

A pena de morte devia ser exterminada quando ao condenado se concedesse a vida com a esperança de resgatar-se da pena, pela expiação, ou da justiça eterna, pelo pesar, se a justiça humana fosse inexorável.

FIM

ÍNDICE

7	PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO
9	DISCURSO PRELIMINAR
45	I
51	II
57	III
69	IV
79	V
89	VI
99	VII
115	VIII
129	IX
135	X
143	XI
151	XII
161	XIII
169	XIV
175	XV
181	XVI
187	XVII
195	XVIII
199	XIX
205	XX
211	XXI
219	XXII
231	XXIII
235	XXIV
239	XXV
247	XXVI
265	XXVII
269	XXVIII
273	XXIX
277	XXX
283	XXXI
339	XXXII
345	XXXIII

Um falsário que conta histórias,
mais a biografia do famigerado Zé do Telhado,
além de parricidas e infanticidas e ainda
o homem que matou o burro dum abade:
uma coleção de desgraçados, incluindo o próprio romancista,
como sempre preso na maior vocação,
falar dos outros.

Abel Barros Baptista